

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DIEGO PEREIRA DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE DE PROFESSORAS NA
CARREIRA UNIVERSITÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS) (1994-2020)**

Paranaíba/MS

2022

DIEGO PEREIRA DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE DE PROFESSORAS NA
CARREIRA UNIVERSITÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS) (1994-2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Educação

Orientadora: Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti

PARANAÍBA/ MS

2022

DIEGO PEREIRA DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE DE PROFESSORAS NA
CARREIRA UNIVERSITÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS) (1994-2020)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 15/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Estela Nátalina Mantovani Bertoletti
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientadora



Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profa. Dra. Rosane Michelli de Castro
Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília-SP) - Participação por videoconferência

S579d Silva, Diego Pereira da

Desenvolvimento profissional docente de professoras na carreira universitária e suas contribuições na constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) (1994-2020)/ Diego Pereira da Silva. Paranaíba, MS: UEMS, 2022.

172f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba.

Orientadora: Profa Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti.

1. História das instituições escolares. 2. Formação de professoras. 3. Desenvolvimento profissional docente. I. Silva, Diego Pereira da. II. Título.

CDD - 23ed . 370.98171

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira – CRB1º/1783

AGRADECIMENTOS

“Ouve, ó Deus, a minha voz na minha oração; livra a minha vida do horror do inimigo. Esconde-me do secreto conselho dos maus [...]” (SALMOS, 64)

O Salmo 64 citado foi a minha primeira leitura e a Bíblia Sagrada o meu primeiro livro, deste então eu vislumbro-o em minha vida. Por mais que eu seja criticado por estar em uma religião que tem como referência sujeitos que disseminam preconceito e machismo, descobri, lendo a bíblia que a fé é sem forma e individual, e cada um irá praticar da melhor maneira que lhe apraz. Desta maneira sou grato à fé¹, aos ensinamentos e princípios que guardei praticando-a, por tanta sensibilidade a meu favor, zelo e por ter colocado pessoas que me deram as mãos em minha caminhada acadêmica, social e privada.

Nessa sensibilidade e retornar a caminhada para externar a minha gratidão, mais uma vez comprovo que não cresci sozinho; encontrei pessoas que me ouviram, sentiram e perceberam a minha evolução até o presente momento como, por exemplo, eu sou grato aos professores que atuam ou atuaram na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, seja no curso de Direito, Pedagogia, Ciências Sociais ou da Pós-Graduação em Educação...como me conhecem como “Amadinho da UEMS” - cada palavra de reforço de minhas expectativas, me fizeram evoluir e até as pedras no caminho foram de extrema grandeza para meu crescimento profissional.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) pela bolsa em minha trajetória acadêmica na pós-graduação. Aos professores que se dispuseram em ler meu trabalho na qualificação a professora Doutora Rosane Michelli de Castro e o professor Doutor Ademilson Batista Paes e na defesa, professora Doutora Rosane Michelli de Castro e professor Diogo da Silva Roiz, minha gratidão e respeito.

À minha amada orientadora, professora Doutora Estela Natalina Mantovani Bertolletti, que me possibilitou “um novo horizonte” - a pesquisa, o ensino, a extensão, a docência, o comportamento, a fala, a conduta, a moral, a ética e os elogios, entre outros fatores para a construção do meu eu; a quem serei grato por toda a minha vida e será lembrada por mim, em todos os lugares que eu ocupar.

Ao querido professor Doutor José Antônio, obrigado por compartilhar suas experiências comigo; a coordenadora do Mestrado professora Doutora Maria Silvia, cada encontro um momento inesquecível, gratidão. Meu amado professor Doutor Reginaldo Peixoto, meu amigo

¹ Em respeito as outras religiões denomino a trindade no qual eu acredito, como Fé.

querido e conselheiro; professora Doutora Ângela Duran que observava as minhas “bagunças” quando ministrava suas aulas no curso de Direito e me enviava beijos. A doce professora Doutora Lisandra Martins, quantos encontros nos corredores da UEMS? Inesquecível; preciso ser grato aos copos de café permitidos pelo professor Doutor Isael (acho que eu era o único aluno que ele permitia que pegasse café na sala dos professores; em suas falas eu batia à porta, pedia permissão se poderia pegar um pouquinho de café, diferente dos demais).

Aos profissionais do corpo Técnico do Mestrado, Divânia, Neuzeli e a secretária do Centro de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação (CEPEED), a doutora Rosimar Pires; três mulheres incríveis que torcem por mim (acredito eu rsrs), sempre dando aquelas puxadas de orelha. Obrigado, meninas, por me alocarem em meu lugar de direito, vocês floresceram a minha trajetória da UEMS, comemoramos aniversário, lanchinho da tarde e foram coerentes até em momentos que eu diria “indelicados”.

Ao corpo técnico da graduação dos cursos da UEMS de Paranaíba, Ane Caroline, Barbara, Cássio, Michel e Tia Sandra; uma turma inesquecível que guardarei na tábua do meu coração (fui convidado por eles, para participar da confraternização de final de ano da UEMS).

A gerente da Unidade, minha amada Sheila Villa Rosa; conhecida por mim como Sheiloca. Nos tornamos grandes amigos e companheiros de lutas, na defesa de minha permanência na UEMS, já ouviu tantas reclamações (risos); acabava tornando rotina em seu trabalho diário...obrigado, gerente!

Não poderia deixar de mencionar sobre os profissionais da limpeza, Abadia, seu Lino, a Nega, Tia Sônia, Tia Rosângela; era cada ajuda de café escondido? Hum...e, quando nos reuníamos para sorrir? Comer...gratidão, meus amores!

E, a turma do Mestrado? Aos colegas Carla Araújo que tentava fazer com que eu entendesse Marx; Márcio por achar que eu deveria ser sujeito de alguma pesquisa científica por ser totalmente fora do padrão formal e ter conseguido ingressar no mestrado na primeira tentativa; Sônia e os cafés em sala de aula; Raíssa minha amiga desde a graduação; Suellen pelo respeito. Pelos poucos momentos vivenciados, paralisado pelo início da pandemia, tenho certeza de que foram ótimos.

As professoras Celi Corrêa Neres, Doracina Aparecida de Castro Araújo, Maria José Alves de Jesus Cordeiro e Silvane Aparecida de Freitas; obrigado por tanto carinho e por aceitarem embarcar nessa jornada de minha formação. Aqui eu faço um agradecimento especial, a professora Doutora Doracina Aparecida de Castro Araújo, ainda no processo de formação na graduação, foste a primeira a enxergar o meu potencial na área da educação. Deu –me a primeira oportunidade de ser bolsista na UEMS e de participar de um evento de cunho científico. Além

de me cativar em suas aulas, me ensinar a ir avante; a nossa relação interrompida pela aposentadoria (eu sofri muito à época pelo afastamento) tornou-se o motivo pela minha paixão pela História de professoras. A sua força, postura e conversas informais, guardei na tábua do meu coração e somos juntamente com as contribuições em minha vida, da professora Estela e demais profissionais. Obrigado, Dora! (Mãezinha).

Agradeço a Escola Municipal Major Francisco Faustino Dias em que atuei como professor do Ensino Fundamental I; foi sem dúvida meu alicerce como professor iniciante, em especial, a minha amada Janete que lutava pela minha permanência na escola e me ensinava, com amor e cuidado e “topava” todas as minhas criações, enquanto professor de teatro, e a coordenadora Maria Aparecida, conhecida como Cida...a minha primeira regência e foi de uma orientação que com certeza levo em minha atuação como profissional de Ensino.

A Escola Municipal Liduvina Motta Camargo, ali eu tive a certeza absoluta de que meu lugar é na sala de aula, principalmente quando eu quebrava alguns protocolos por acreditar em uma educação humanizadora, consciente e libertadora e como consequência, elogios e compreensão de um trabalho pedagogicamente consciente a favor da aprendizagem do aluno; ao corpo docente da escola em que fazíamos festas de tantas risadas na sala dos professores, as minhas regentes Cidinha, Glenda Mara, Jéssica Ribeiro, Joice de Paula, Maria Aparecida e Suely Cruz (eita) um grupo de professores sensacional. Ah! Não posso deixar de mencionar Juscelino Machado que dialogava comigo nos bastidores e citava minhas evoluções como exemplo.

O corpo administrativo da escola Claudete, Katia e demais foram sensacionais. As diretoras Weima e Eleta... coitadas! Elas me conheciam pelo andar no corredor da instituição. Quero agradecer a minha coordenadora Cleidimar Pires, por toda atenção, em especial, a professora Alvarenga, Cristiane Alvarenga, como eu disse em nosso “feedback” - o suporte que eu precisava para suprir as necessidades pertinentes na questão da aprendizagem de meus alunos, eram salientados em pequenos momentos de reunião com a amada, que levarei para vida.

Nesse ambiente da educação, encontrei outras mãos que me acompanham, orientam a todo instante. De ambiente formal e culto me levaram para vida e nos tornamos amigos. Como esquecer da Professora Lidiane Malheiros e Carina Maciel; ambas professoras doutoras que atuam nas escolas da cidade de Paranaíba. Minhas amadas, me conquistaram e eu em troca entreguei a parte do amor, do respeito e da gratidão.

Raquel Marques, professora terapeuta! Minhas mudanças neste tempo de mestrando em Educação, suas contribuições foram importantes para minhas evoluções, conseguiu concentrar

as ‘minhas emoções e sentimentos e me ensinou a comandar e aceitar algumas situações em minha vida, a assumir responsabilidades de minha trajetória e compreender o “tudo bem”.

As minhas amigas pessoais professora Franciele Leal, professora Juscelaine de Freitas, o trio da “bagunça”. Foram tantos os momentos meninas, que é difícil escolher um para citar. Foi com vocês que eu pude conhecer outras pessoas que tornaram muito importante para mim; como Marcela Rios, Renata Rios, que entraram na minha vida sem permissão de sair (risos). Obrigado a todos vocês!!

Da minha família quero agradecer a minha irmã Raiscléia Lopes Silva, por nunca esquecer de mim. Faz questão de me entender, compreender mesmo com sua limitação; ao meu cunhado Moisés e a minha sobrinha Nayra que mesmo pequeninha me dá um sorriso tão lindo, que me motiva. A minha mãe Cleidlene Lopes de Oliveira a quem preciso louvar a vida e ser grato, pois meus primeiros meses de vida se não fosse a sua dedicação comigo, não estaria aqui fazendo história e a minha mãe Rosa Aparecida Ferreira Alves... *“Mãe, aqui neste agradecimento, lhe dou o resultado parcial de minha construção, do Diego seu filho.”*

E, por fim, meus queridos discentes. Vocês são incríveis e fazem com que eu me reelabore enquanto profissional do ensino.

Aos demais que não foram citados e que contribuíram de alguma forma, o meu respeito.

RESUMO

Este texto apresenta resultados da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível Mestrado, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, vinculada à linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, cujo objetivo é o de contribuir para a produção de estudos no campo da História da Educação e História da Formação de Professores, a partir da análise do desenvolvimento profissional docente de professoras na carreira universitária junto a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Este estudo insere-se no campo da História da Educação, História das Instituições Escolares, História da Formação de Professores no Brasil e História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Adotou-se como metodologia o mapeamento de fontes documentais para localizar professoras efetivas que atuaram nos cursos de licenciaturas, em especial, de formação de pedagogos nos primeiros tempos da criação da UEMS, que permaneceram após concurso público de professores no ano de 1998 ou que ingressaram após o concurso de 1998 e fizeram história em suas ações em prol da universidade. Foram selecionadas quatro professoras que foram entrevistadas. Como resultados, obteve-se: que as professoras ingressaram na UEMS, com título de especialistas, com exceção de uma docente que ingressou na universidade apenas graduada. Atuando na UEMS, as professoras buscaram formação *stricto sensu* - mestrado, doutorado e pós-doutorado -, e desenvolveram-se por meio de pesquisa, ensino e extensão além do desenvolvimento profissional em cargos administrativos. Com isso, conclui-se que as quatro professoras desenvolveram-se profissionalmente, buscando identidade profissional de professoras universitárias, formação coletiva e individual e elevação de patamar, conforme os estudos de Marcelo Garcia (2009). Nesse processo, contribuíram, em via de mão-dupla, para a constituição do lugar que ocupam/ocuparam, qual seja, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Palavras-Chave: História das Instituições Escolares. Formação de Professoras. Carreira universitária. Desenvolvimento Profissional Docente. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This text shows the results of the research developed in the Graduate Program in Education, Master's degree, of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, associated to the research line History, Society and Education, whose objective is to contribute to the production of studies in the field of History of Education and History of Teacher Training, based on the analysis of the professional development of professors in the university career at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS). This study is part of the field of History of Education, History of School Institutions, and History of Teacher Training in Brazil and History of the State University of Mato Grosso do Sul. As a methodology, the mapping of documentary sources was adopted to locate effective teachers who worked in undergraduate courses, in particular, in the formation of pedagogues in the early days of the creation of UEMS, who remained after a public tender for teachers in 1998 or who entered after the 1998 contest and made history in their actions in favor of the university. It had been four teachers interviewed. As a result, it was obtained: that the professors entered the UEMS, with the title of specialists, with the exception of one professor who entered the university only as a graduate. Working at UEMS, the professors pursued stricto-sensu, master's, doctoral and post-doctoral training, and developed through research, teaching and extension, in addition to professional development in administrative positions. Therefore, it is concluded that the four teachers developed professionally, seeking professional identity of university professors, collective and individual training and elevation of level, according to the studies of Marcelo Garcia (2009). In this process, they contributed, in a two-way street, to the constitution of the place they occupy/occupied, that is, the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS).

Key words: History of School Institutions. Teacher Training. University career. Teacher Professional Development. State University of Mato Grosso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Silvane Aparecida de Freitas.....	56
FIGURA 2- Maria José Alves de Jesus Cordeiro.....	60
FIGURA 3- Doracina Aparecida de Castro Araujo.....	64
FIGURA 4- Celi Correa Neres	68
FIGURA 5- Mapa das cidades das unidades da UEMS em MS	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Nome da cidade que recebeu a UEMS e os cursos ofertados (1994)	41
QUADRO 2- Aprovados no concurso público de 1998 (UEMS)	45
QUADRO 3- Aprovação de Mulheres no Concurso público de 1998, por área.....	46
QUADRO 4- Números de mulheres que atuaram na UEMS (1994-1998)	48
QUADRO 5- Nome de professoras aprovadas no Concurso Público da UEMS (1998)	48
QUADRO 6- Nomes das professoras que entraram na UEMS em 1994 e mantiveram-se por concurso público em 1998	52
QUADRO 7- Nomes das professoras que ingressaram na UEMS em 1998.....	53

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Publicações referentes aos anos de funcionamento da UEMS (1993 e 1994) ...	40
TABELA 2- Formas de regime de trabalho de professores e professoras (1994)	42
TABELA 3- Números de mulheres que atuaram na UEMS (1994e 1998)	47

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	22
1 FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL: UMA HISTÓRIA CONSTITUÍDA POR MULHERES PROFESSORAS	35
1.1 História das Instituições Escolares e Instituições Educativas	35
1.2 No início, a movimentação de contratação e cedência de professores na Fundação UEMS	38
1.3 Com o concurso, a primazia das mulheres professoras	45
1.4 As professoras eleitas	56
1.4.1 Silvane Aparecida de Freitas.....	56
1.4.2 Maria José Alves de Jesus Cordeiro.....	60
1.4.3 Doracina Aparecida de Castro Araujo	64
1.4.4 Celi Correa Neres	68
2 NA UEMS, O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE MULHERES PROFESSORAS: DO INÍCIO DA CARREIRA AO COMPROMISSO COMO AGENTES DE MUDANÇAS	72
2.1 Formação de professores e desenvolvimento profissional docente	72
2.2 As professoras e sua carreira na UEMS	77
2.2.1 A entrada na UEMS e os primeiros desafios: a mudança de professora de ensino fundamental para professora universitária	77
2.2.2 A atuação das professoras.....	81
2.2.3 Constituições das professoras ao perfil universitário.....	88
2.2.4 A consolidação dos perfis.....	92
3 A CONSTITUIÇÃO DA UEMS COMO UNIVERSIDADE PÚBLICA E AS CONTRIBUIÇÕES DAS PROFESSORAS	98
3.1 A história da UEMS por meio da história das professoras	98
3.1.1 A professora Silvane e suas contribuições para a divulgação científica.....	100
3.1.2 A professora Maju e suas contribuições para as políticas afirmativas.....	102
3.1.3 A professora Doracina e suas contribuições para a pós-graduação.....	103

3.1.4 A professora Celi e suas contribuições para a educação especial.....	104
3.2 O olhar das professoras sobre as próprias trajetórias.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE A: ENTREVISTA TRANSCRITA DA PROFESSORA DOUTORA SILVANE APARECIDA DE FREITAS.....	117
APÊNDICE B: ENTREVISTA TRANSCRITA DA PROFESSORA DOUTORA MARIA JOSÉ DE JESUS ALVES CORDEIRO.....	127
APÊNDICE C: ENTREVISTA TRANSCRITA DA PROFESSORA DORACINA APARECIDA DE CASTRO ARAUJO.....	141
APÊNDICE D: ENTREVISTA TRANSCRITA DA PROFESSORA CELI CORREA NERES.....	150
ANEXO 1: FOLHA DE ROSTO-PLATAFORMA BRASIL.....	164
ANEXO 2: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	166
ANEXO 3: CARTA-CONVITE.....	169
ANEXO 4: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	171

APRESENTAÇÃO

Quando eu estou aqui, eu vivo este momento lindo [...] São momentos que eu não esqueci, Detalhes de uma vida, histórias que eu contei aqui [...] sei tudo que o amor, é capaz de me dar Eu sei já sofri, mas não deixo de amar Se chorei ou se sorri O importante é que emoções eu vivi. (

Como na letra da música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos (1981) em epígrafe, por vivenciar muitas emoções em minha vida, gostaria de apresentar minha trajetória pessoal e acadêmica e os motivos pelos quais ingressei no Mestrado em Educação, junto a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)/Unidade Universitária de Paranaíba, e elegi como tema de pesquisa a formação de mulheres como professoras universitárias no sentido de seu desenvolvimento profissional docente. Com uma trajetória de impossibilidades na vida, quero registrar a minha história aqui, para no futuro influenciar outras pessoas a não desistirem de buscar o conhecimento científico, pois mesmo com pouca força, mas de mãos dadas com professoras, é possível conseguir a formação sonhada.

Nasci na cidade de Paranaíba/MS; sou filho de mulheres guerreiras². Na infância, eu sonhava em mexer com papéis, trabalhar em local tranquilo, confortável e limpo. As possibilidades de estudar foram poucas e o lugar em que passei a minha infância e a escola não tinham muitos significados; nessa, o máximo era a obrigação de ir. A minha família tem poucas habilidades com as letras e muito discurso de senso comum; às vezes, por sonhar demais, diziam que eu queria ser uma pessoa que eu não sou, mas eu não queria aquela vida para mim: muitos dizeres de que tem que trabalhar, mas poucos para o estudo.

Vivenciei o abuso sexual e me sentia estranho e culpado por aquilo. Descobri um pouco do que era aquela situação aos dez anos de idade na delegacia de polícia e, por não entender nada, me sentia mais envergonhado - na rua, trabalhava como vendedor ambulante para ajudar no sustento de casa -; era um terror por achar que todos sabiam o que eu estava vivendo. Era cada fala, do tipo “Qual valor da sua rosquinha? A sua rosquinha está queimada?”. Na escola era pior, me sentia prisioneiro dos meus sentimentos, andava com as meninas por não me enquadrar nas rodas dos meninos; fui chacota de brincadeiras; sempre o mais “burro” da sala. Tornei-me indisciplinado: era muita emoção que não conseguia controlar e por isso encontrei na dança formas de expressar o que eu sentia.

²Refiro-me à minha mãe biológica e à mulher que me criou.

A igreja também foi fundamental neste processo e orava para Deus, pedindo os porquês da vida, mas quase nunca com respostas. Eu sabia no fundo de toda situação que com o estudo tudo poderia mudar, mas o “não” para essa vontade era tão constante, que não me dedicava a ele. Lembro-me de ir à biblioteca das escolas e ler contos e gibis (eu repetia quase todos os dias os mesmos livros de leitura, pois o final era lindo demais e me dava sonhos). Queria fazer computação, aula de inglês, queria dar orgulho, talvez para meu pai, mas ele nunca entendia meu desespero que se tornava raiva e ódio naquele momento. As oportunidades não são as mesmas para todos!

Quando houve a separação da mulher que cuidou de mim e de meu pai, sofri. Tentei morar com meu pai, mas não dava e então tentei voltar a morar com a mulher que me criou que infelizmente não me quis naquele momento por falta de condição. Então morei com várias outras mulheres, como tias, avós, amiga; mas por minha falta de controle das emoções, acabava sendo desastrosa nossa relação.

Em partes, a escola era minha felicidade. A única vez em que foi necessário chamar algum responsável para conversar sobre meu comportamento, no qual as professoras entenderam minhas atitudes, foi no momento após a separação do meu pai com a mulher que me criou. Era carismático, delicado e sensível, e nunca reprovei e nem ficava de exame. Qual fosse a minha dificuldade, de alguma forma, conseguia cumprir as obrigações e finalizar com êxito.

Aos 17 anos finalizava o Ensino Médio e aos 18 concluí o curso Técnico em Comércio. Aos 19 anos, ingressei pela Política de Ações Afirmativas no curso de Pedagogia na UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba. Ingressei sem entender os objetivos do curso, nem o para quê, uma vez que apenas queria meu diploma de Ensino Superior. Trabalhava em uma loja tradicional na cidade, o que então tornava um pouco cansativo. No primeiro ano, não entendia muito bem o que era estar em uma universidade pública, e além de envolver-me em discussão com alguns professores por ter um comportamento inadequado, fiquei de exame de duas disciplinas. Queria muito desistir do curso por minhas limitações, mas com apoio de minhas colegas (fizeram um grupo de estudo para me ajudar), consegui aprovação no exame tirando a maior nota na prova.

No segundo ano, era pior! Meu comportamento era de agressor por ter um pouco de rejeição, tornando-me o pior aluno da sala, inquieto, inconsequente, tagarela. Mas neste processo, duas disciplinas despertaram meu interesse, a saber: Didática II e Linguagem e Literatura Infantil. O jeito das professoras me conquistou: a professora de Didática II era “chata”, pontual e observadora, mas foi uma foto que transformou tudo. Em uma apresentação

de um vídeo sobre a ação do professor e, com certo atrevimento, eu pedi para uma colega tirar uma foto, pois me sentei ao lado da professora. A partir desta abertura, me dediquei à disciplina e a professora foi uma inspiração.

Na disciplina de Linguagem e Literatura Infantil, a professora, ao iniciar a aula fazia leitura de histórias e até que um dia retirou todo encanto do “felizes para sempre”. Fiquei tão chocado imediatamente que não me contive e desabei a gritar com ela. Após, com sutileza, delicadeza e uma bela explicação, acalmei-me. A esta mesma professora, no final do ano, em diálogo, pedi que me avaliasse e com sabedoria ela respondeu que eu precisava apenas de amadurecimento. Aos poucos e de mãos dadas com as professoras, fui aprendendo a ser educado, a ouvir cada conselho para a vida. Agora, eu desistia de tudo, menos de estudar.

A vida foi me dando oportunidades: consegui ser bolsista no Programa Vale Universidade (PVU) e Programa de Iniciação à Docência (PIBID); transformei a UEMS em minha casa e comecei a enxergar um novo mundo que não conhecia. As bolsas ofertadas na UEMS permitem ao pobre sonhar, ter conhecimento; não é fácil permanecer até o final. Ocupei a sala da gerência, sala da coordenação dos cursos, sala dos professores, sala da administração, a biblioteca, os corredores, a cozinha... Tornei-me “amadinho” da UEMS.

Os funcionários da UEMS me abraçavam, e tudo que eu precisava naquele momento era de abraço. Por ser bolsista do PVU, iniciei estágio na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação, na instituição, e ali aprendi a trabalhar, a ter compromisso; mesmo errando, a forma com que me tratavam era diferente; era uma correção com amor, carinho. A UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba me possibilitou outros sonhos nunca sonhados por mim. Mesmo com pouca preparação cultural e intelectual, a oportunidade alcançou-me.

No meu último ano do curso de Pedagogia, precisava começar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e eu sabia o que eu queria pesquisar, mas não havia nada escrito. Solicitei a uma professora que me orientasse e com delicadeza e gentileza ela disse “não”. Mas ao explicar os meus motivos e mantendo a ética, aceitou, desde que eu conversasse com o orientador e explicasse o motivo da ruptura. Foram apenas três meses de orientação em que pesquisei a trajetória acadêmica de uma professora universitária na UEMS. Na pesquisa, percebi que a docente buscava o melhor para o desenvolvimento da Universidade e a sua busca pela formação continuada trouxe pontos positivos para as necessidades daquele tempo.

Na arguição da banca, foi-me dada sugestão de pesquisa futura, caso tivesse interesse de cursar uma pós-graduação. No primeiro semestre de 2019, ingressei como aluno especial do Programa de Pós-Graduação, Mestrado acadêmico em Educação, da UEMS, na disciplina Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação (Historiografia da Educação Brasileira,

Arquivos e Fontes), ministrada pela professora Dr^a Estela Natalina Mantovani Bertoletti, a qual me possibilitou condição para prestar o processo seletivo de aluno regular. Finalizando a disciplina, fui aprovado no processo seletivo/2019 do Programa, na Linha de Pesquisa “História, Sociedade e Educação”, sendo o primeiro aluno cotista negro bolsista do Mestrado em Educação, da UEMS, de Paranaíba. Iniciei os estudos no segundo semestre de 2019 e juntamente com a minha orientadora, professora Dr^a Estela Natalina Mantovani Bertoletti, após sessões de orientações e definição do tema de pesquisa, o Desenvolvimento Profissional Docente de mulheres professoras universitárias na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), entre 1994 e 2020, passei a buscar situar-me no campo de estudo: História da Educação e História da formação de professores no Brasil.

No Mestrado, cursei as disciplinas de Pesquisa em Educação; Seminários de Pesquisa em História, Sociedade e Educação; Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação (Historiografia da Educação Brasileira, arquivos e fontes); Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação (Edgar Morin: temas e procedimentos para a pesquisa em educação); e Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação (Pedagogias contemporâneas, relações de gênero e história das mulheres). Participei dos seguintes eventos: XIII SCIENCULT: Panoramas do Século XXI: Questões Jurídico-sociais Indígenas e trabalhistas; Seminário de Pesquisa (on-line); I Encontro Sergipano de História da Educação em Evento (on-line); 17 anos de cotas na UEMS: trajetórias de acadêmicas/os e egressas/os; XII Jornada Nacional de Educação de Naviraí: diálogos sobre formação docente, práticas e pesquisa; XIII Seminário de Educação e o VIII Colóquio de Pesquisa: Pensamento de Paulo Freire para a educação versus Projetos de Brasil na atualidade: o que defendemos?; XII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação; VII Seminário Interno de Avaliação da Pós-Graduação *stricto sensu* da UEMS; Ciclo de Debates SBHE e Reunião de estudos do Diretório/Grupo de Pesquisa.

Tive publicados os seguintes textos oriundos dos resultados da pesquisa realizada no Mestrado. O artigo intitulado “Aspectos da formação e atuação da professora Doracina Aparecida de Castro Araújo na constituição da Pós-graduação na UEMS de Paranaíba”, publicado nos Anais Digitais XII Seminário de Educação e VII Colóquio de Pesquisa que escrevi em coautoria com a minha orientadora, professora Doutora Estela Bertoletti (UEMS); o trabalho completo intitulado “Mapeamento de Professoras Pioneiras na Constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), 1994 e 1998” nos anais de trabalhos completos do XII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação; e em parceria com as discentes da pós-graduação Aline Machado e Raíssa Pinto tivemos publicado nos anais do XIV

Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade o artigo intitulado “Protagonismo de Mulheres na História da Educação: Entre uma poetisa e algumas professoras”.

Enviei para publicação um texto completo publicado como capítulo de livro na coletânea da disciplina Pesquisa em Educação organizado pela professora Doutora Estela Bertoletti e professora Doutora Tania Zimmermann, intitulado “Diário Oficial como Fonte de Pesquisa Histórica: busca de vestígios sobre a constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em seus primeiros tempos e no ingresso das primeiras professoras” e um artigo completo denominado “História das Mulheres: O protagonismo de professoras universitárias e suas contribuições na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul” publicado nos anais do XIII Seminário de Pesquisa e VIII Colóquio de Pesquisa.

Particpei do Projeto de Extensão intitulado **Jornada das Profissões da UEMS**, coordenado pela professora Doutora Adriana Fugliari da UEMS, de Dourados, e que resultou em artigo publicado na **Revista MultiAtual**, intitulado “Jornada das Profissões de uma Instituição Pública do MS: uma estratégia por meio da extensão”, em coautoria com colegas do projeto.

Contudo, é preciso mencionar que embora tenha cumprido todos os requisitos obrigatórios para minha formação acadêmica no mestrado em publicação de artigo e participação de evento de porte internacional, sofri muito com o distanciamento obrigatório da universidade e de minha orientadora devido a pandemia³. Tive que transformar meu quarto em sala de aula, aprender a lidar com as emoções e buscar recursos como a terapia⁴. Houve momento com tantas informações e lutas constantes de âmbito pessoal que não consegui me equilibrar e afetou a minha escrita e a minha pesquisa.

A minha orientadora foi reelaborando alguns significados precisos para que eu pudesse continuar a escrever e a desenvolver a pesquisa. Eu dizia que sentia muita falta da presença, da voz, dos gestos e pelo *Google Meet* era muito difícil ter as sensações⁵ primeiras que eu sentia quando ingressei no mestrado. Consegui me qualificar em novembro de 2021 e, ao meu ver, consegui evoluir e finalizar a escrita de meu texto.

Mesmo com a dificuldade e um pouco de esforço entendo que o tema é relevante e preciso neste tempo de escassez na área da educação; a formação de professoras e seu

³ Conforme a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (S.D), em 11 de março de 2020, o termo “[...] “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.” A COVID-19 é uma cepa, nunca identificado em seres humanos que podem causar variedade de condições, do resfriado comum a doenças mais graves.

⁴ A terapia foi paga com a bolsa de permanência no qual me auxiliou muito em minha trajetória acadêmica.

⁵ Ao ingressar no mestrado, eu estava feliz, cheio de esperança, animado.

desenvolvimento profissional nos coloca a inquietação de repensar o trabalho docente, o desgaste emocional, as renúncias que foram necessárias para conseguir êxito e uma formação de qualidade e muito me inspira a continuar pesquisando e desenvolver esta temática.

Um pouco mais maduro, encerro a escrita de minha apresentação informando aos futuros leitores que vale a pena almejar uma formação de qualidade. No mestrado, consegui crescer como profissional de ensino e aprimorar o pesquisador. Pude-me superar nas reuniões do projeto e averiguar as ações pensadas e desenvolvidas por mim; ter dado resultados positivos e sentir o orgulho de minha orientadora nas sessões de orientações e ao observar meus trabalhos nas escolas em que eu atuo. O Diego da graduação, tagarela, de difícil acesso tornou-se um professor pesquisador que entende que aprender é para a vida toda. Sem mais delongas deixo transcrito o poema de Francisco Bugalho (1905-1949) intitulado “Dúvida”:

Eu corro atrás da memória
De certas coisas passadas
Como de um conto de fadas
De uma velha, velha história
Tão Longe do que hoje sou
Que nem sei quem recorda
Foi aquele que as passou
Ou se apenas as sonhou
E agora, súbito, acorda

Aqui, eu encerro a minha apresentação pessoal e profissional de quem nunca sonhou tornar-se um educador e de quem não se arrepende hora nenhuma de ter ingressado neste universo científico.

INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa delineado na Apresentação desta dissertação pode ser considerado bastante atual no cenário brasileiro em que a profissão docente é desvalorizada pelos governantes e no cenário acadêmico no qual, até o momento, foi notada ausência de trabalhos realizados por meio de abordagem histórica sobre o desenvolvimento profissional docente de mulheres professoras universitárias na história da UEMS. Nota-se, entretanto, que existem pesquisas sobre a temática.

No *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), na busca geral com as seguintes palavras-chave “Mulheres-Professoras Universitárias – História- Educação”, encontrei o quantitativo de 38 trabalhos produzidos sobre o tema, sendo 28 dissertações e 10 teses⁶. Ao ler a introdução dos trabalhos, apenas duas dissertações e três teses possuem aproximação com esta por se tratar de pesquisas sobre mulheres professoras universitárias, a saber: Fabbro (2006), Machado (2011), Quadros (2015), Loor (2018) e Euclides (2017).

A dissertação de Fabbro (2006), intitulada **Mulher e Trabalho**: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade discute como a mulher-mãe-professora concilia a carreira/trabalho ao lado do exercício da maternidade.

O estudo de Machado (2011) intitulado **Professoras Negras na UERJ e cotidianos curriculares, a partir dos primeiros tempos do acervo fotográfico J. Vitalino** busca por meio de fotografias recontar a trajetória de professoras negras na instituição nos anos de 1950 a 1970 e focaliza a pesquisa na trajetória de uma professora negra, dialogando com a discussão sobre preconceito racial de cunho biológico e religioso, movimentos sociais e ações afirmativas.

Na mesma vertente, Quadros (2015), em sua pesquisa de mestrado denominada **Vidas de mulheres negras, professoras universitárias da Universidade Federal de Santa Marina**, discute a trajetória de professoras negras, os percursos vivenciados por elas até chegarem à docência no Ensino Superior. A autora destaca a minoria de professores negros nos quadros das universidades do Brasil. Percebe-se que as duas pesquisas de mestrado discutem sobre mulher professora universitária negra, mas não aborda o desenvolvimento profissional docente destas profissionais docentes.

A pesquisa para titulação de doutorado de Loor (2018) nomeada **Verdadeiro baluarte da universidade e o professorado! Mulheres professoras universitárias no Equador:**

⁶ Levantamento realizado em 2019.

Discursividade professoral, identidades profissionais e trajetórias docentes no campo científico tratou dos vários discursos atribuídos no campo científico à constituição de identidades profissionais das mulheres professoras universitárias do Equador mediante as trajetórias docentes recuperadas e interpretadas a partir dos sentidos das formações discursivas em que se inscrevem os sujeitos da pesquisa que atuam em diferentes áreas do conhecimento.

A tese de Euclides (2017) que contém o título **Mulheres Negras, Doutoradas, Teóricas e Professoras Universitárias**: desafios e conquista destaca a atuação de professoras negras em universidades públicas do Ceará buscou compreender o racismo institucional vivenciado pelas professoras e os desafios encontrados pelo caminho para se legitimarem neste espaço acadêmico.

Embora neste texto, a escolha dos sujeitos da pesquisa seja mulheres, é pertinente destacar que foco da pesquisa é a trajetória de formação e a atuação profissional de professoras em uma instituição pública localizada no interior do estado de Mato Grosso do Sul (MS). Desta forma, o campo História das Mulheres deu-me condição de justificar os motivos pelos quais não escolhi outros sujeitos que fazem parte da História da Instituição UEMS, como funcionários administrativos, professores do sexo masculino, que poderiam ser visibilizados neste excerto.

A História de mulheres como a de professoras é importante por trazer ao protagonismo, sujeitos invisibilizados pela historiografia, por possuir uma “obscuridade do tema”, “ausência de registros” e um “silenciamento” (PERROT, 2007); por notar a presença feminina nos acontecimentos e discurso historiográfico “[...] Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante.” (RANGO, 1995, p.81)

Para encontrar registros para escrever sobre a história da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, realizei a busca de teses e dissertações no *site* do IBCT com as seguintes palavras-chave: “UEMS-História” tendo localizado 18 trabalhos atribuídos ao tema, sendo dez dissertações e oito teses. Ao ler a introdução, averigui que não há até o momento trabalhos sobre a história da UEMS nesse *site*. Há trabalhos relacionados ao corpo docente de professores da UEMS e a contribuição da UEMS no ensino ofertado para desenvolvimento regional do estado de Mato Grosso do Sul, com trechos ou capítulo com apanhado histórico da instituição, mas não se trata de pesquisa histórica.

Desta forma, optei em usar outras ferramentas que me dessem suporte para escrever a história de uma instituição educativa situada no estado de Mato Grosso do Sul e história de trajetórias de formação e contribuição de mulheres professoras em seu desenvolvimento

profissional e intelectual para construir a história da instituição UEMS, como o *Google Acadêmico*. Encontrei outros trabalhos relevantes que contribuíram para desenvolvimento desta pesquisa, relativos à história da UEMS, a saber: a dissertação de Silva Filho (2008) e o livro comemorativo **UEMS 25 anos: uma história contada por todos** (2019), mas até o momento não encontrei trabalhos que conjuguem a história de professoras e suas contribuições para o crescimento da UEMS, no sentido de Universidade, como proponho neste estudo.

A partir das leituras selecionadas, foi possível notar que a UEMS é uma universidade pública conquistada após a divisão do estado de Mato Grosso em dois: Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS). Após longas propostas de implementar uma universidade pública no novo estado de Mato Grosso do Sul, foi autorizada em 21 de dezembro de 1993 (MATO GROSSO DO SUL, 1993) a publicação da autorização da instituição e em 23 de dezembro de 1993 (MATO GROSSO DO SUL, 1993), o decreto que instituía a Universidade no interior do estado. Dessa forma, a UEMS apresentava seus primeiros moldes diferenciando-se de outras universidades existentes à época, sobretudo ao fundar a sede no interior do novo estado, na cidade de Dourados/MS.

Na fase inicial da constituição da universidade, averigua-se a presença da mulher professora na instituição assumindo além da docência, cargos administrativos e, com isso, postos de liderança⁷. Percebe-se, pois, na história da UEMS, na fase inicial e ao longo de sua história, as mulheres assumindo a docência e os cargos de gestão contribuindo para que houvesse abertura oficial da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em julho de 1994. (SILVA FILHO, 2008). Desta forma, justifico a escolha dos sujeitos selecionados na pesquisa desenvolvida, a mulher professora.

É importante destacar que a inserção da mulher no magistério é uma vitória dos vários movimentos feministas⁸ existentes. Segundo Almeida (1998), o magistério foi uma das maiores conquistas para ingresso da mulher no mercado de trabalho, “[...] era aceitável que a mulher desempenhasse um trabalho, desde que este significasse cuidar de alguém” (ALMEIDA, 1998, p 32); a mulher tornava-se, então, “salvadora da pátria” com seu trabalho de professora.

Para Almeida (1998, p.38), a educação representava para a mulher a quebra de paradigmas:

Para as mulheres, educar-se e instruir-se, mais do que nunca, representaram a forma de quebra dos grilhões domésticos e conquista uma parcela do espaço público. Para isso, procuraram, mediante o conhecimento e o trabalho adequar-se às normas sociais

⁷ Farei expansão dessa ideia no Capítulo 1 desta dissertação.

⁸ A mulher do século XIX de acordo com Almeida (1998) vivia sobre pressão das doutrinas da igreja católica, de seu conjugue pais ou irmãos na ignorância. Com a primeira onda e intensificando-se para segunda e até momento atual, as mulheres puderam reivindicar seus direitos, a educação e o trabalho fora do âmbito doméstico.

e ao mundo novo que se descortinava e principiava a selecionar os mais preparados. Possuidoras de saberes domésticos e privados sobre o mundo dos homens, desejavam o saber público, mesmo derivado do saber masculino e referendando com seu selo oficial. Esse saber público tornava-se a via de acesso ao poder e era passível de confronto com os sistemas de desigualdades e de opressão.

Partindo desta inquietação, a hipótese deste trabalho é de que o desenvolvimento profissional docente de mulheres na carreira universitária na UEMS e o desenvolvimento da instituição são concomitantes, uma vez que para escolha das professoras pesquisadas levei em consideração aquelas que fizeram parte da história inicial da universidade, que nela permaneceram e, com isso, cresceram profissionalmente e contribuíram com suas iniciativas e competência para manutenção e crescimento da UEMS, buscando melhorias para a instituição.

A concepção que alicerça a escrita acadêmica ora proposta, situa-se no campo da História da Formação de Professores no Brasil, no Desenvolvimento Profissional Docente (DPD) de Marcelo Garcia (2009), o qual compreende a ação docente como processo individual e coletivo e que se concretiza no local em que se contribui como agente de mudança, nesta pesquisa, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Esse conceito foi modificado nas últimas décadas⁹, sendo pensado como identidade pessoal, definição de “si” e do “outro”, construção do “eu profissional” ao longo de uma carreira. É importante mencionar que para ocorrer o desenvolvimento profissional docente é necessário que o professor renove seu compromisso na ampliação e no aprofundamento do conhecimento, melhorando sua competência e habilidade profissional e pessoal, porém não é qualquer pessoa que consegue ser “professor eficaz” ao longo dos anos. (MARCELO GARCIA, 2009)

Contudo, em geral, entende-se o desenvolvimento profissional docente, como processo a longo prazo, reconhecendo a aprendizagem docente ao longo do tempo; assume-se como um processo que tem lugar em contextos concretos e está relacionado com os processos de transformação da escola, na reconstituição da cultura escolar; o professor é visto como prático-reflexivo, alguém detentor de conhecimento prévio e que vai adquirindo mais conhecimentos a partir de uma reflexão acerca da sua experiência. O desenvolvimento profissional é concebido como um processo colaborativo que pode adaptar diferentes formas em diferentes contextos. Em suma, no desenvolvimento profissional docente mais do que a evolução profissional e o investimento na carreira, considera-se o compromisso docente como agente de mudança, tanto

⁹Outros autores abordam o desenvolvimento profissional docente com diversas nomenclaturas, como aponta Marcelo Garcia (2009), como a formação permanente, formação contínua, formação em serviço, desenvolvimento de recursos humanos, aprendizagem ao longo da vida, cursos de reciclagem ou capacitação (BBOLAM & MCMAHON, 2004; TERIGI, 2007 apud MARCELO GARCIA, 2009). Neste trabalho, adoto desenvolvimento profissional docente, de acordo com Marcelo Garcia (2009).

dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem quanto o próprio lugar onde a carreira é construída. (MARCELO GARCIA, 2009).

Ainda com o mesmo autor, o professor torna-se o sujeito que aprende e que ensina no mesmo instante, assume-se então como em processo de desenvolvimento, prático-reflexivo e que ganha experiência, sabedoria e consciência profissional. Poderá sofrer influência da escola, do contexto político ou de seu compromisso pessoal (MARCELO GARCIA, 2009). Desta forma, o professor assume uma identidade que, segundo o autor, não é inata, mas sim, constrói-se ao longo dos anos.

Para tanto, é preciso dissertar que o desenvolvimento profissional docente é o processo de “tornar-se professor” (MARCELO GARCIA, 2009), de transformação da sua prática, do eu pessoal e das ações para contribuir com o local em que se está. Magalhães (2004) compreende que este “tornar-se professor”, “supõe” uma mudança ao mesmo tempo em que a história da Instituição de Ensino modifica-se e o trabalho e a profissionalização docente também se transformam de acordo com as necessidades, como se pode observar ao longo da produção desta pesquisa que resultou neste texto, em cuja formação e profissionalização as professoras contribuíram para reelaboração e constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

É preciso ressaltar que profissão docente ou profissionalismo docente citado ou descrito no decorrer do texto possuem dicotomia em seus termos. A palavra "profissão docente" para Lüdke e Boing (2004, p.1160), aos olhos dos "observadores" remete a ideia de "precarização", "perda de prestígio" e "de poder aquisitivo"; "[...] de condições de vida e sobretudo de respeito e satisfação no exercício do magistério hoje."

Gorzoni e Davis (2017), em seu trabalho sobre profissionalidade docente, trazem, por meio da revisão bibliográfica, entendimento para responder à inquietação pertinente sobre o que caracteriza o trabalho docente e o que é específico desta profissão; observam pelos estudos que a centralidade principal desta profissão é o professor e este carrega a responsabilidade de conduzir o papel educacional; e que lhe acarreta outras "dimensões" como o papel moral¹⁰, compromisso profissional¹¹ e a competência profissional¹². Desta forma, compreendem com

¹⁰ Segundo Gorzoni e Davi (2017), baseados em Contreras (2012), este papel está ligado com a ética profissional do professor.

¹¹ Remete ao compromisso e valorização do conhecimento e reconhecimento do discente enquanto sujeito em aprendizagem (GORZONI, DAVI, 2017)

¹² De acordo com Gorzoni e Davi (2017, p.1401) remetem "[...] O compromisso com a comunidade está relacionado à possibilidade de equacionar as expectativas sociais ao currículo, mediar conflitos e lidar com questões sociopolíticas que interferem no ofício de ensinar. Devido à responsabilidade pública da profissão docente, a prática profissional deve-se constituir de forma partilhada, e não isolada"

Contreras (2012) que a profissão "[...] está intimamente ligada às condições sociopolíticas, pois a educação escolar é valorizada por sua importância cultural e social." (apud GORZONI, DAVIS, 2017, p.1403)

As autoras concluem que o conceito de profissionalidade docente é entendido como habilidade do docente de aproximar experiências práticas e sociais a políticas e reelaborar "metas educacionais" com demais profissionais docentes.

As pesquisas de Ambrosetti e Almeida (2007, p.01) corroboram com esta investigação, pois entendem que "[...] Investigar o trabalho docente na perspectiva da profissionalidade implica compreender os professores como atores sociais que, agindo num espaço institucional dado, constroem nessa atividade, sua vida e sua profissão".

Embora compreenda a necessidade da discussão sobre profissão e profissionalismo docente, neste texto, o termo que utilizarei para compreender a ação das professoras e sua prática docente que vai além da sala de aula denomina-se Desenvolvimento Profissional Docente, que engloba em meu olhar de historiador a pesquisa, o ensino, a extensão e a gestão.

Portanto, compreende-se o ofício do historiador como uma atividade humana que consiste na produção de conhecimento, constituída e mediada pela linguagem e que possui especificidade (MORTATTI,1999). É preciso “[...] refletir sobre esses conhecimentos, estabelecer relações, categorizar, abstrair e articular coerentemente teoria e empiria como atividade que lhe propicie ser sujeito de um discurso e seu sentido” (MORTATTI, 1999, p. 72). Em vista disso, busquei a junção da história da instituição UEMS e a história das professoras universitárias que contribuíram para o desenvolvimento da universidade e o seu autodesenvolvimento, reconstruindo a história, selecionando documentos que me permitiram escrever a trajetória das professoras na universidade, enquanto pesquisador historiador.

Nesse sentido, essa abordagem pode ser compreendida como reação aos problemas existentes e a reconceitualização de “certas teorias” culturais que fizeram com que os “[...] historiadores tomassem consciência de problemas novos ou até então ignorados, e, ao mesmo tempo, criassem por sua vez novos problemas que lhes são próprios.” (BURKE, 2008, p.47).

Dessa forma, para Fonseca (2003), a História Cultural apresenta-se como um campo historiográfico caracterizado

[...] por princípios de investigação herdados das propostas inauguradas com movimentos do Annales e dotado de pressupostos teóricos-metodológicos que são próprios (mesmo que alguns deles tenham se originado com outros campos do conhecimento, como antropologia ou a linguística). Por isso a História Cultural é reconhecida pela utilização de determinados conceitos, como representação- visto como central para este campo- e o imaginário, e por uma relação específica com a

temporalidade, não mais vista linearmente (como a história tradicional) e nem apenas na longa duração [...] É neste sentido que ela tem se mostrado de forma diferenciada em relação à tradição [...] ao mesmo tempo em que se volta para os chamados “novos objetos”, pode também renovar alguns dos “antigos”, como vem ocorrendo já algumas décadas com a história da política, por exemplo. (FONSECA, 2003, p.56-57).

Concordando com Mortatti (1999), a atividade do pesquisador é um ato investigativo, interpretativo, que envolve a constitutividade e mediação da linguagem, ou seja, produção de significados e sentidos do ler e escrever, portanto demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação. Destaco ainda que as fases da pesquisa histórica em educação, em especial, na área das ciências humanas, a atividade do pesquisador é um ato investigativo que “[...] envolve a produção de significados e sentidos, desde os processos de recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais até a produção do texto final da pesquisa.” (MORTATTI, 1999, p.72).

Portanto, selecionei e analisei fontes documentais escritas encontradas até o momento que trouxeram informações sobre a história da UEMS: Conceição (n.d); Diário Oficial (1994); Pistori e Almeida (2004), Silva Filho (2008); Rodríguez, Rocha e Valdez (2017); Mazini e Rosa (2019) e UEMS (2019). Encontrei também vídeos, entretanto, quase todos eles têm caráter comemorativo e memorialista, não se tratando de pesquisas acadêmicas do ponto de vista histórico.

Para eleição das professoras como sujeitos da pesquisa realizei mapeamento¹³ de nomes de professores que ingressaram na UEMS, no ano de 1994 e 1998, contidas nas publicações de Diários Oficiais Eletrônicos de Mato Grosso do Sul, sobre a instituição. Em seguida, utilizei a Plataforma Lattes para averiguar quais professoras estiveram na UEMS e se desenvolveram profissionalmente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e que fizeram parte do quadro de professores da UEMS em toda sua carreira universitária.

Após esses procedimentos, submeti o pré-projeto de pesquisa, para apreciação do Comitê de Ética dos Seres Humanos. Após a aprovação em 02 de abril de 2020¹⁴, comecei a seleção de sujeitos para compor a pesquisa. Busquei na Plataforma *Lattes* o nome de todas as professoras que estavam dentro dos critérios estabelecidos no projeto aprovado, em seguida, busquei analisar o nome de professoras que atuaram nos cursos de licenciaturas, efetivas, e que assumiram funções relativas ao desenvolvimento da UEMS a partir do documento mencionado. Informo que alguns nomes sobressaíram- se aos demais, devido as minhas experiências na

¹³ Informarei detalhes deste mapeamento no capítulo 1, desta dissertação.

¹⁴ Certificado de aprovação de apreciação ética de número 29240820.8.0000.8030

UEMS, por ter ouvido falar da importância de algumas professoras na constituição da instituição universitária.

Como resultado final, restou o nome de seis professoras. Em conversa com a minha orientadora, selecionei duas professoras que considerei importantes devido a minha relação em sala de aula e como bolsista do Programa Vale Universidade, em que trabalhei na administração da pós-graduação e ali, ouvia os nomes destas professoras que se destacavam em sua atuação como professoras universitárias e para o desenvolvimento da Unidade, enquanto parte da UEMS. Enviei por *e-mail* a carta-convite (ANEXO 3) e ambas aceitaram o convite.

A terceira selecionada neste procedimento, recusou o convite. Por ser minha orientadora, agradeceu o convite e achou melhor manter sua ética profissional. A quarta selecionada decidi, em consenso com a professora Estela, descartá-la, pois estava concorrendo ao cargo de vereadora e achamos melhor não transformar o trabalho científico em talvez uma possível campanha política. Com a quinta e a sexta professora selecionada realizei o mesmo procedimento das primeiras professoras, enviando por *e-mail* a carta convite e após o aceite, escrevi o roteiro da entrevista (ANEXO 4).

Assim, foram selecionadas e aceitaram o convite, as professoras: Silvane Aparecida de Freitas, Maria José Alves de Jesus Cordeiro, Doracina Aparecida de Castro Araujo e Celi Correa Neres.

Inicialmente as entrevistas estavam previstas para ser realizadas presencialmente de acordo com a disponibilidade de cada professora, conforme descrito na carta-convite. Com a pandemia mundial iniciada no final de 2019, devido a COVID-19, e compreendendo a necessidade do cumprimento das restrições, busquei reelaborar a forma de realizar as entrevistas, optando por continuar com esta técnica, porém em formato remoto. Entrei em contato novamente com as professoras e agendei as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada uma.

Entre em contato com todas as professoras a serem entrevistadas, por e-mail, informando do procedimento da entrevista e optamos em utilizar o aplicativo *Skype*. A primeira entrevista ocorreu em 29 de julho de 2020, às 12h0110min¹⁵, com a professora Dra. Doracina Aparecida de Castro Araujo (APÊNDICE A). No primeiro momento me apresentei, informando meus antecedentes, motivo pelo qual decidi fazer a Pós-Graduação e objetivos da pesquisa; lembrei à docente que a qualquer momento a professora poderia interromper as gravações, se não se sentisse bem. Após este diálogo e autorização da professora, iniciei a gravação da

¹⁵10 Informo que os horários são do fuso horário de Mato Grosso do Sul.

entrevista em 12h27min e finalizei a entrevista às 13h13min. Informo que houve problemas de conexão, como oscilação da internet. Tentamos mudar de aplicativo e optamos em usar a plataforma *Google Meet*, porém não tivemos êxito na conexão e retomamos e finalizamos a entrevista pelo *Skype*. A professora estava sorridente, entusiasmada em lembrar sua trajetória; para algumas perguntas não se lembrava dos acontecimentos e em outros momentos preferiu não dizer. Agradeceu o convite e se colocou à disposição para qualquer dúvida.

A segunda entrevista ocorreu em 02 de julho de 2020, no período vespertino, com a professora Dra. Silvane Aparecida de Freitas (APÊNDICE B). Entrei em contato com a professora, informando minhas origens e motivo da escolha de cursar o Mestrado em Educação. Informei que a qualquer momento se não estivesse confortável poderia paralisar a gravação e após a autorização daria início às gravações. Desta forma, comecei a gravação às 13h55min e perdemos a conexão às 14h17min. Realizei a segunda tentativa de conexão às 14h21min e encerrei a gravação às 15h19min. A professora estava séria, percebi que durante suas falas havia muitas lembranças que lhe fizeram feliz, mas ao mesmo tempo muito sofrimento para conseguir concluir seus objetivos. Ao finalizar a entrevista, a professora agradeceu o convite e se colocou à disposição.

A terceira entrevista aconteceu em 11 de julho de 2020, com a professora Dra. Maria José Alves de Jesus Cordeiro. Como houve problemas de conexão nas entrevistas anteriores, enviei uma mensagem à professora no aplicativo *Skype* às 13h36min, e combinamos de iniciar a entrevista às 14 horas. Iniciamos no horário marcado a conversa, realizei o procedimento de apresentação e após autorização da professora iniciei a gravação, às 14h15min. Perdemos a conexão, às 15h58min e restabelecemos a conexão às 16h. Finalizei a entrevista com a professora às 16h15 min. Percebi que durante as falas desta professora há uma trajetória de muito esforço, a qual se orgulha em contar, uma resistência ao percurso da vida e muitas inquietações da própria que foram pertinentes para a escrita da dissertação.

A quarta e última entrevista realizei em 19 de fevereiro de 2021, às 13h40min com a professora Dra. Celi Correa Neres. Informei os procedimentos da entrevista e solicitei autorização da gravação. Após o aceite, iniciei a gravação às 14h04min e finalizei às 15h13min. Não houve problema de conexão, a professora atenciosa respondeu a todas as perguntas. Em suas falas, percebi uma paixão pela profissão embora tenha havido um silenciamento de algumas situações que abordarei na escrita do capítulo 2.

É necessário comentar que ao fazer a transcrição das entrevistas, devido a oscilação da internet, não foi possível obter qualidade na escrita das três primeiras entrevistas. Eu consegui recuperar o máximo que pude, utilizei a ferramenta *Web Captioner Interface Language*. Tive

uma pausa no decorrer da escrita, devido a situação vivenciada na pandemia, falta de contato com a universidade presencialmente, por mais que a minha orientadora fosse presente eu sentia falta de ter o contato e conversas formais e informais como era acostumado presencialmente.

Mesmo adaptando o meu quarto em sala de aula ou a sala de estudos do Mestrado em que o Programa de Pós-Graduação em Educação, da UEMS, Unidade de Paranaíba oferece, eu percebi que o meu rendimento foi diminuindo, como já mencionei; devido a barulhos, situações particulares, eu tinha que trocar o dia pela noite. Eu preciso mencionar que a minha orientadora, hora nenhuma me abandonou, pelo contrário me entendeu quando havia necessidade de compreensão, exigiu um pouco mais quando via que eu daria conta, nunca faltou com respeito comigo, enxergou além do que eu enxergava as minhas potencialidades e me motivou a prosseguir com os meus estudos mesmo com algumas inquietações a serem sanadas no decorrer da escrita.

Com base em todas essas considerações, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em:

- Contribuir para uma história da formação de quatro professoras universitárias e da história da constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, mediante a análise do desenvolvimento profissional docente de professoras universitárias dessa instituição.

Os objetivos específicos são:

- Contribuir para a produção de estudos no campo da História da Educação e História da Formação de Professores, mediante a compreensão da evolução, dos investimentos na carreira e o compromisso de professoras da UEMS eleitas para este estudo, que se caracterizaram como agentes de mudança, em busca tanto de aprimoramento da carreira universitária e profissional e dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem, quanto da própria UEMS.

- organizar dados sobre a história da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e das professoras que se desenvolveram profissionalmente na carreira universitária no âmbito da UEMS;

- registrar a trajetória de formação de quatro professoras universitárias, pela análise do desenvolvimento profissional docente para a escrita da história da instituição UEMS.

- analisar as contribuições de professoras eleitas como sujeitos dessa pesquisa para constituição da UEMS, como Universidade, aliadas à história dessa instituição.

Este estudo desenvolveu-se mediante abordagem histórica da pesquisa em Educação, pesquisa documental, bibliográfica e a técnica de entrevista.

A pesquisa de abordagem histórica em Educação caracteriza-se, para Mortatti (1999), como um tipo de pesquisa científica, que possui particularidades próprias. Do ponto de vista

teórico-metodológico, abordagem histórica é a abordagem “[...] no tempo - do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação.” (MORTATTI, 1999, p. 73).

Na pesquisa documental foram mobilizadas fontes variadas escritas sobre a história da UEMS e sobre a vida e o desenvolvimento profissional docente dos sujeitos da pesquisa. Le Goff (1990, p. 538) destaca que o “[...] conjunto de palavras (provas, instrumentos, testemunhos, etc.) que tentam reunir os novos métodos da memória coletiva e da história, ao desejo de, por um lado provar cientificamente, o termo ‘documento’ colocar-se-ia em primeiro plano”. Já Mortatti (1999), compreendendo a afirmação de Le Goff (1990) de que documentos são textos produzidos, consciente e inconscientemente de alguma época, destaca que:

[...] pode-se tomá-lo como portador de testemunhos de época, denatureza diversa - textos escritos, objetos, fotografias etc. -, e, simultaneamente, como elaboração histórica resultante de escolha motivada pelo ponto de vista do pesquisador, que elege, dentre um conjunto disponível, determinados documentos como fontes de investigação. (MORTATTI, 1999, p. 73)

Entendendo que Mortatti (2015) classifica os documentos em tematizações, normatizações e concretizações, utilizei nesta pesquisa, os documentos classificados como tematizações que são: Currículo Lattes das professoras selecionadas; vídeos informativos sobre a História da UEMS, panfletos e jornais sobre a UEMS, relatos de experiências das professoras selecionadas, memórias orais ou escritas e similares das professoras; e os documentos classificados como normatizações são: Constituição Estadual de Mato Grosso do Sul, Decretos, Estatuto da UEMS, Leis, Pareceres, Portarias, Regimento Interno da UEMS, Regulamentos e outros encontrados nas publicações no Diário Eletrônico Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul. Busquei, nesta seleção, o movimento de mudanças para a compreensão do desenvolvimento da Universidade e o papel das professoras. Não utilizo documentos relativos às concretizações.

Para localização das professoras, consultei Diários Oficiais do Estado de Mato Grosso do Sul, publicados no ano de 1993, 1994 e 1998, observando nome de professoras que se desenvolveram profissionalmente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e que fizeram parte do quadro de professores da UEMS, a partir de 1994; professoras que foram aprovadas no concurso público de 1998, passando a fazer parte do quadro efetivo de professores; professoras que atuaram nos cursos de licenciaturas, para formação de professores, e que tenham tido iniciativas e exercido funções e cargos relevantes para a constituição da UEMS, como Universidade. Não fazem parte desta pesquisa professoras que têm vínculo

temporário com a UEMS, professores do sexo masculino, professoras efetivas que foram contratadas recentemente. Servidores administrativos, técnicos não fizeram parte do desenvolvimento da pesquisa pelo fato de não serem profissional docente.

Desta forma, selecionei - como já informado- quatro professoras para serem sujeitos desta pesquisa, a saber: Silvane Aparecida de Freitas, Maria José Alves de Jesus Cordeiro, Doracina Aparecida de Castro Araujo e Celi Correa Neres¹⁶; todas professoras efetivas na UEMS, que construíram sua carreira universitária durante o desenvolvimento da UEMS e seu alcance do *status* de universidade.

Em decorrência dessas opções, elegeu-se o período de 1994 – ano de início da implantação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e ingresso das professoras nesta instituição -, a 2020 – ano de encerramento da coleta de dados.

Para a pesquisa bibliográfica utilizo para justificar a escolha o campo da História da Educação, História da Formação de Professores no Brasil e História das Instituições educativas.

Quanto à técnica da entrevista, fez-se necessário delimitar critérios para escolha das professoras mencionadas. O primeiro referiu-se ao fato de que as professoras pesquisadas pertencem à composição do quadro de funcionários contratados ou cedidos para a UEMS em 1994; o segundo está relacionado com a aprovação das professoras no concurso público de 1998, nos cursos de licenciaturas, para formação de professores; o terceiro é a permanência delas na instituição, perfazendo toda a carreira na UEMS; o quarto foi o fato de terem assumido funções e cargos que, ao mesmo tempo em que constituíam a universidade, se desenvolviam profissionalmente. Devo destacar que a carreira das professoras eleitas foi voltada à área de Educação, e que embora tenham exercido funções e cargos relevantes para constituição da UEMS, como universidade, continuaram na docência.

As fontes documentais escritas e orais produzidas por meio de entrevistas foram analisadas a partir de princípios do método da configuração textual, desenvolvido por Mortatti (1999):

Dessa perspectiva, o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?).(MORTATTI, 1999, p.71-72)

¹⁶ É oportuno destacar que outras professoras – e também professores – poderiam fazer parte desta seleção, entretanto foi necessário um recorte e para tal seguiram-se os critérios já explicitados.

As entrevistas tiveram o foco na formação e desenvolvimento profissional docente de professoras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e sua contribuição para a constituição do sentido de Universidade, no qual o fim é entender como o ser professora, ser mulher e ser profissional dialogam entre si, e a relação com a UEMS em suas iniciativas e transformações ocorridas ao longo tempo.

Considerando o tempo limite para a conclusão da dissertação, foi necessário selecionar após o resultado final de um mapeamento quantitativo de professoras que ingressaram na UEMS (69 professoras), as que permaneceram e construíram a carreira universitária na UEMS e desenvolveram-se tanto na docência, quanto nos cargos para a constituição da universidade; houve uma escolha pessoal, em que considerei aspectos das professoras e o desenvolvimento da UEMS como concomitantes. Para Certeau (1998), o pesquisador poderá fazer escolhas próprias a partir dos conceitos de estratégia e tática. A estratégia “[...] são cálculos (manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder [...]” pode ser isolado. (CERTEAU, 1998, p.98). Ainda com o autor, a estratégia “[...] postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio.” Já a tática é “[...] ação calculada que é determinada pela ausência do próprio. Então nenhuma condição de fora fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão no outro.” (CERTEAU, 1998, p.100).

Na primeira seção, conceituo o que são instituições escolares, trato da criação e do funcionamento da UEMS no movimento histórico de seus primeiros tempos quanto à constituição de seu corpo docente: contrato, cedência e concursos dos primeiros professores com destaque para as professoras. Destaco as professoras pioneiras, funções, cargos e iniciativas delas neste período e apresento as que foram eleitas como sujeitos deste estudo.

Na segunda seção, a partir de uma discussão sobre o Desenvolvimento Profissional Docente, busco compreender o desenvolvimento profissional das professoras eleitas como sujeitos da pesquisa, os motivos que as levaram a sua evolução e transformação; a formação em serviço e outros investimentos na carreira e o compromisso com a UEMS e com seus alunos, como agentes de mudanças.

Na terceira seção, trago as contribuições das professoras específicas para constituição da UEMS, e, por fim, trago as considerações finais em que analiso as ações das professoras como agentes de mudanças para constituição da UEMS.

Na sequência, apresento as referências bibliográficas usadas para construção deste texto, fruto da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS, Unidade de Paranaíba; os apêndices que denominei alfabeticamente e os anexos.

1 FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL: UMA HISTÓRIA CONSTITUÍDA POR PROFESSORAS

Neste capítulo, apresentam-se considerações sobre a história das instituições escolares e das instituições educativas, com foco nos tempos de criação e primeiros anos de funcionamento da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Há, também, a escrita do percurso das professoras que ingressaram na instituição UEMS e permaneceram, com especial visibilidade para a apresentação das professoras eleitas como sujeitos desta pesquisa.

Entretanto, é preciso considerar que a Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, surgiu devido a necessidade de um tempo e de um lugar social que Certeau (1982) descreve como lugar de produção socioeconômico, político e cultural, que possui particularidades e sua função é de instaurar métodos em "[...] que se delinea uma topografia de interesses que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam" (CERTEAU, 1982, p.66).

1.1 História das Instituições Escolares e das Instituições Educativas

Pelas leituras realizadas para a escrita e compreensão sobre História das Instituições Escolares e das Instituições Educativas, foi possível notar que uma instituição é construída para atender a demandas humanas específicas. Concordando com Saviani (2007), as instituições são criadas para legalização de ação exercida na informalidade e espontânea e que possuem características específicas como o ato de se auto produzirem para manutenção das próprias condições de trabalho e da autonomia que lhe confere a designação como instituição.

Denomina-se como instituição, portanto: escola, família, sindicatos, igrejas, partidos, associações de diferentes tipos, leigas e confessionais, e instituição preceptora do trabalho educativo. Nota-se por meio dos estudos de Saviani (2007) que as maiores instituições que se destacam pela oferta da educação formal são a Igreja e o Estado.

As instituições consideradas “escolares” ou “instituições educativas” referem-se a cultura da escola¹⁷; nascem das particularidades da educação formal e informal. Nosella e Buffa (2005, p.04), em seus estudos sobre instituições escolares, analisando as pesquisas realizadas sobre a temática entendem que este conceito favorece a conceituação sobre cultura escolar. Apoiados em Dominique Júlia (2001) definem a “cultura escolar” como conjuntos de normas para “definição do conhecimento” e conjunto de práticas para “transmissão desse

¹⁷ “[...] A escola como organização faz parte da cultura escolar” (OLIVEIRA e JUNIOR, 2002, p.03), logo entende-se que as Instituições escolares são instituições educativas.

conhecimento”, “[...] considerando a sua materialidade e nos seus vários aspectos”. (NOSELLA, BUFFA, 2005, p.04). Os autores compreendem que as normas e as práticas são “complexas” e que variam de acordo com “espaço” e o “tempo”.

Saviani (2005) compreende, por sua vez, que “Instituição Educativa” é a institucionalização da educação; um sistema que possui métodos e que está em “construção” pelos seus próprios agentes, os que produzem e reproduzem a ação “exclusiva” e “pedagógica” “[...] que a forma se expressa na escola.” (SAVIANI, 2005, p. 29).

Pelo olhar de Magalhães (2004), Instituição Educativa é traduzida na construção de uma “identidade cultural e educacional”, para centrar-se na dimensão sociocultural. Parte dos “[...] normativos externos no que se refere ao funcionamento e aos objetivos gerais da instituição, apresentam uma estrutura física, uma estrutura administrativa e uma estrutura sociocultural”. Ainda com o autor, sua concretização se dá pela propagação da cultura científica e tecnológica e “[...] pela formação de hábitos e mudanças de atitudes e pela interiorização de valores.” (MAGALHÃES, 2004, p.146).

Notei que há outros estudiosos que pesquisam sobre a temática abordada como os estudos de Sanfelice (2007, p.77) que indicam que as instituições escolares ou educativa “[...] é uma síntese de múltiplas determinações de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica etc.) que agem e interagem entre si [...]”. Essa dialética entre os fatores mencionados resulta em uma identidade institucional. Entretanto, o autor sugere que “[...] nenhuma instituição manifesta sua ‘identidade plena’ apenas pelo seu interior de seus muros, por isso é fundamental olhar para seu entorno¹⁸”

Magalhães (1998) observa que há uma dialética entre educação e instituição e considera este espaço como “[...]local, tradição e representação, [...] contexto, [...] materialidade[...] apropriação [...] campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos” (MAGALHÃES, 2004, p.67)

Foi a medida em que as famílias, as comunidades de bases e outras estâncias de enquadramentos e mobilização foram perdendo a sua capacidade de representação e ação que as instituições escolares e para escolar esses desenvolveram, para gradualmente se tornarem estruturas centrais no plano educativo (Lobrot). Projetada e gerada no privado, prolongando a ação das famílias, a escola viria (sic) a substituir a família e a sobrepor-se à esfera familiar e ao privado, enquanto instrumento público confiada ao Estado. (MAGALHÃES, 2004, p.67)

¹⁸ O autor informa que esse “entorno” poderá levar o pesquisador para uma dimensão macro, mas que é preciso que o pesquisador, ao transitar neste mergulho sobre as instituições, com a mesma intensidade que ele observa a totalidade desse lugar, possa observar o micro, pois as instituições e seu interior não estão “dadas em si mesmo” (SANFELICE, 2007, p.79).

Observei que as instituições educativas são resultado da relação do público e da comunidade na qual se constrói uma identidade específica, demarcada por espaços geográficos, contextos históricos e por fatores culturais. Nestes espaços institucionalizados há grupos sociais que problematizam e tomam decisões na perspectiva de futuro. (MAGALHÃES, 1994). Por este ângulo, Oliveira et al (2002) dissertam:

[...] no seu percurso histórico, uma instituição educativa como totalidade a ser construída, sistematicamente compõe sua própria identidade. Nessa composição, ela produz sua cultura escolar, que vai desde a história do fazer escolar, práticas e condutas, até os conteúdos, inseridos num contexto histórico que realiza os fins do ensino e produz pessoas. (OLIVEIRA et al, 2002, p.75)

Desta forma, é possível frisar que as instituições escolares ou as instituições educativas se constroem a partir de uma análise de necessidade humanas, que vivenciam relações dialéticas entre as esferas social, econômica, política, cultural e educacional, denotado por Magalhães (2004, p.169) que “[...] não há histórias sem sentido, é preciso considerar os acontecimentos, ligá-los, descobrir os nexos, menos visíveis”.

Diante do exposto, neste texto, adotei o termo “Instituição Educativa” para compreender a constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a partir da formação, trajetória e contribuição de professoras que se desenvolveram profissionalmente na UEMS, na busca de nexos e sentidos para uma identidade institucional e de docentes universitárias.

Para tanto, foi preciso responder indagações primeiras sobre o que é esta Instituição Educativa denominada de Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul? Quais os transmisses legais para a sua abertura enquanto universidade pública no estado de Mato Grosso do Sul? Quem foram as professoras pioneiras a ingressarem na UEMS? Quais as formas de regime de trabalho existentes nos primeiros tempos de funcionamento desta Instituição pública? Todas as professoras que ingressaram no primeiro tempo de criação da UEMS, permaneceram na instituição contribuindo de modo significativo?

Por fim, é preciso considerar que para a escrita deste trabalho, foi preciso articulação de laços impensáveis como o *real* e o *discurso*. Apoiando-me em Certeau (1985, p.11) notei que há uma nova forma do fazer história; há necessidade de modificação de “termos” para além de leituras interpretativas e de usos de procedimentos próprios da “historiografia”.

A seguir, descrevo sobre a movimentação de contratação e cedência de professoras e professores na Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em seus primeiros tempos (1994-1998).

1.2 No início, a movimentação de contratação e cedência de professores na Fundação UEMS

A UEMS é uma instituição pública localizada no interior do estado de Mato Grosso do Sul (MS), com sede na cidade de Dourados.

A história desta fundação é a história de muitos profissionais, principalmente de mulheres professoras que contribuem (íram) com suas atuações, quase sempre em regime de “dedicação exclusiva”¹⁹, para que ela alcançasse o *status* de universidade como tem nos dias de hoje. Pelo viés político, a história da UEMS, conforme Silva Filho (2008, p. 14), “[...] é um enfrentamento entre o poder político e o intelectual, e que às vezes se confundem pelas mudanças da democracia, onde políticos se tornam intelectuais e vice versa.”

A criação da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul ocorreu após determinações políticas para desmembramento do estado de Mato Grosso, criando um novo território brasileiro, a 27ª unidade da República Federativa do Brasil, Mato Grosso do Sul, no ano de 1977²⁰. Naquele tempo, o “novo”²¹ território, já apresentava defasagem no ensino público, sendo uma “herança” do antigo estado, como salienta Silva Filho (2008, p.29): “[...] tais problemas eram tão evidentes que era visível que a função docente estava sendo colocada à prova [...]; com grandes perdas salariais.”

À época, criar uma universidade não atendia às necessidades do sistema educacional, pois não favorecia a maior parte da população sul-mato-grossense, uma vez que, na análise de Silva Filho (2008), se entendia que o intuito desta criação era beneficiar a camada privilegiada da época, os filhos dos oligarquistas e latifundiários. É importante destacar que a maior parte da população em MS, em 1984, não possuía acesso ao 1º e 2º graus²², “[...] uma vez que existiam mais de 100.000 crianças analfabetas” (ADUFEMS, 1984, p. 4 apud SILVA FILHO, 2008, p.63). Segundo levantamento realizado por Bertoletti (2017), no ano de 1990, no estado de Mato Grosso do Sul, havia crescente índice de evasão e repetência; no final da década contabiliza-se em números de crianças fora da escola na faixa etária de 7 a 14 anos, o total de 343.541. Dessa maneira, o embate para não instalação da UEMS tornou-se intensivo inclusive como pauta nas greves de docentes. Outros motivos surgiram para não implantação da

¹⁹ Formas de contrato de trabalho por prazo determinado estabelecido no ano de 1994.

²⁰ Segundo o Portal do Governo do Estado de MS (2016), deu-se em 1977 a criação e 1979 a implantação do novo estado.

²¹ Mato Grosso do Sul foi criado pela Lei Complementar de nº 31, de 11 de outubro de 1977; art. 1. “É criado o Estado de Mato Grosso do Sul pelo desmembramento de área do Estado de Mato Grosso.” (BRASIL, 1977, p.01)

²² O primeiro grau nos tempos de hoje, é definido como Ensino Fundamental I e II e o segundo grau como o Ensino Médio.

instituição e um dos fatores determinantes foram as discussões políticas, ou melhor, “jogo de interesse” (SILVA FILHO, 2008, p.115).

Desta forma, a criação da universidade no estado de Mato Grosso do Sul que apareceu na primeira Constituição Estadual de Mato Grosso do Sul, em 1979, e foi reinserida na Constituição de 1989, tendo sido publicada no Diário Oficial nº 2658-A, ano XI, em 05 de outubro de 1989, no artigo 48, com sede na cidade Dourados, teve registrado que sua “[...] instalação e funcionamento deverá ocorrer no início do ano letivo de 1992” (ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, 1989, p.14). Mesmo com as publicações autorizando a instalação da Universidade, nesta época, não foi realizado nenhum feito para concretização. (SILVA FILHO, 2008).

Foi apenas no ano de 1993, com a comissão de implantação que a UEMS ganhou força por meio da Lei nº1.461, de 20 de dezembro de 1993, publicada no Diário Oficial nº 3691, ano XV, em 21 dezembro de 1993, que autorizava o poder executivo a instituir a Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e que sancionava leis para funcionamento da universidade:

[...] em que reger-se-á por Estatuto aprovado na forma da legislação em vigor[...] A Fundação UEMS vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul [...] goza de autonomia administrativa, financeira, patrimonial, didática e disciplinar[...] terá como objetivo ministrar o ensino superior de graduação e pós-graduação, promover a extensão universitária e desenvolver pesquisa, as ciências, as letras e as artes[...] Os Estatutos da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul serão aprovados por decretos do Governador do Estado, ouvindo o conselho Estadual de Educação[...] O Governador do Estado designará Reitor e Vice-Reitor “Pró-tempore”, com a intenção de adotar medidas cabíveis para instituir a implantação da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e seus órgãos de colegiados[...] (MATO GROSSO DO SUL, 1993, p. 1)

O Decreto nº 7.585, de 22 de dezembro de 1993, publicado no Diário Oficial de nº 3993, ano XV, em 23 de dezembro de 1993, instituiu a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede-foro na cidade de Dourados, “[...] com objetivo de promover o ensino, a pesquisa e a extensão” e “[...] reger-se- a pôr Estatuto e Regimento Geral.” (MATO GROSSO DO SUL, 1993, p. 3).

No ano seguinte, publicado no Diário Oficial de nº 3731, ano XVI, em 21 de fevereiro de 1994, pelo Decreto nº 7.661 de 18 de fevereiro de 1994, ocorreu a aprovação do Estatuto da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, assinado pela Secretária de Estado de Educação, professora Leocádia Aglaé Petry Leme, e o governador, Pedro Pedrossian. Naquele tempo, a UEMS teve como princípios norteadores: “[...] o conhecimento, desenvolvimento do homem e do meio num processo de integração e participação permanente, para cumprir sua

proposta.” (UEMS, 2002 *apud* PISTORI, ALMEIDA; FIDELES, 2004, p. 2-3) e adotou três estratégias estruturais centradas em: coordenações de cursos em vez de departamentos²³; rotatividade dos cursos²⁴ e criação de unidades universitárias (PISTORI, ALMEIDA; FIDELES, 2004).

Com o desafio de implantar a Universidade e estar com os alunos em sala de aula até meados de agosto de 1994, o professor Jair Madureira²⁵, primeiro Reitor *pró-tempore* da UEMS, iniciou os trabalhos em 1º de março de 1994. Segundo o livro comemorativo da UEMS: “A partir daí, eram cerca de 150 dias para estar com a Universidade normatizada, com os professores contratados, vestibular realizado e os alunos em sala.” (UEMS, 2019, p.23). Nessa época, não havia professores nem diretores concursados, apenas cargos para os quais o governador designava pessoas de sua confiança.

Neste movimento de implantação da Fundação, iniciaram-se as publicações decorrentes do primeiro ano de funcionamento da UEMS. Até o momento foram localizadas no Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul referente a este tempo de funcionamento da Fundação UEMS, 166 publicações de diferentes determinações, a saber: Comunicados, Deliberações, Editais, Extrato de Trabalho por tempo Determinado, Leis e Resoluções.

Mapeando estes documentos e selecionando-os, organizei dados pertinentes a esta pesquisa em quadros e tabelas.

Na Tabela 1, informo o quantitativo total de publicações encontradas até o momento decorrentes da UEMS nos anos de 1993 e 1994.

Tabela 1: Publicações referentes aos dois primeiros anos de funcionamento da UEMS (1993 e 1994).

TIPO DE DOCUMENTO	ANO DE PUBLICAÇÃO	TOTAL DE PUBLICAÇÃO
Comunicados	1994	25
Deliberações	1994	02
Editais	1994	02

²³ De acordo com Pistori, Almeida e Fideles (2004), o objetivo era racionalizar recursos públicos e evitar duplicações de funções administrativas.

²⁴ Rotatividade eram cursos que, sendo permanentes em sua oferta, eram temporários em sua localização. (PISTORI, ALMEIDA; FIDELES, 2004,).

²⁵ Jair Madureira formou-se em Medicina Veterinária (UFMG), mestre em Produção Animal (UFMG). Na UFMS, foi professor por 33 anos e Reitor da Universidade entre os anos de 1984 e 1988. Faleceu em 01 de Setembro de 2014.

Extrato de Trabalho	1994	11
Leis	1993/ 1994	03
Portarias	1994	120
Resoluções	1994	113
TOTAL	-	166

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Como se pode notar na Tabela 1, em 1993 inicia-se o movimento regulador para que a UEMS fosse implantada. No ano de 1994, esse movimento continuou para que a UEMS se concretizasse.

A UEMS foi implantada em diversas cidades do estado de Mato Grosso do Sul. No Quadro 01, destaco as cidades que receberam a instalação nesta fase inicial da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e os cursos oferecidos.

Quadro 01: Nome da cidade que recebeu a UEMS e os cursos ofertados (1994)

CIDADE	CURSOS OFERTADOS
Aquidauana	Zootecnia
Amambai	Letras- Português/ Espanhol/ Zootecnia
Cassilândia	Letras- Português/ Inglês Ciências – Matemática
Coxim	Ciências –Biologia
Dourados	Enfermagem e Obstetrícia Ciência daComputação
Glória de Dourados	Matemática- Licenciatura Plena
Ivinhema	Pedagogia
Jardim	Ciências –Biologia
Maracaju	Administração Rural Ciências- Matemática
Mundo Novo	Ciências – Biologia
Naviraí	Ciências –Matemática
Nova Andradina	Letras-Português/Inglês
Paranaíba	Direito
Ponta Porã	Administração Comércio Exterior
Três Lagoas	Direito

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul.

Percebe-se que na formação inicial da universidade, foram implantadas unidades em 15 municípios do estado de Mato Grosso do Sul. Nota-se, também, a variedade de cursos ofertados por unidades. Mazini e Rosa (2019) afirmam que foram implantados 12 cursos, com 18 ofertas, das quais 11 eram licenciaturas e nestas propostas ofertadas havia rotação dos cursos.

[...] de forma inédita no país, a proposta era que as Licenciaturas fossem rotativas, ou seja, abria-se o vestibular para um curso, por quatro ofertas consecutivas e, quando a demanda da região estivesse atendida, o curso iria para outra Unidade Universitária. (MAZINI; ROSA, 2019, p. 17)

É preciso informar que, até 1997, para lecionar na UEMS ocorreram três formas de movimento de regime de trabalho, a saber: contrato por prazo determinado, cedência de professores da Rede Estadual de Ensino e Processo Seletivo, por meio de Curriculum Vitae. Naquele momento, houve ingresso das primeiras mulheres professoras contratadas para lecionar e posteriormente ocupar cargos administrativos. Na Tabela 02, destaco as formas de contratos e quantidade dos profissionais da educação.

Tabela 02: Formas de regime de trabalho de professores e professoras na UEMS (1994)

FORMA DE REGIME DE TRABALHO	QUANTITATIVO
Professores homens contratados por prazo determinado	57
Professores homens cedidos da Rede Estadual de Educação de MS para a UEMS	28
Professores homens contratados e cedidos	04
Professores homens que entraram pelo processo seletivo	38
Professoras contratadas por prazo determinado	62
Professoras cedidas da Rede Estadual de Educação de MS para a UEMS	34

Professoras que entraram pelo processo seletivo	44
TOTAL	267

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Como se pode notar na Tabela 02, o quantitativo de professores contratados foi de 267, sendo 57 homens contratados por prazo determinado; 28 cedidos da Rede Estadual de Educação de MS para a UEMS; quatro professores contratados e cedidos; 38 professores homens que entraram pelo processo seletivo, totalizando 127 homens; e, 62 professoras mulheres contratadas por prazo determinado; 34 professoras mulheres cedidas da Rede Estadual de Educação de MS para a UEMS; 44 professoras mulheres que entraram pelo processo seletivo, totalizando 140 mulheres. O que se pode observar é que a presença de mulheres na UEMS, em 1994, é maior do que dos homens e, por isso, se destacar que elas foram essenciais para o desenvolvimento da UEMS nesse período.

A UEMS em seu primeiro tempo (1994) fixou-se da seguinte forma: três Pró-reitorias e uma Gerência Geral de Bibliotecas. A Pró-reitoria de Administração e Desenvolvimento era constituída pelo Pró-Reitor de Administração e Desenvolvimento, Secretaria, Gerência de Administração e Finanças, Divisão de Recursos Humanos, Divisão de Contabilidade e Finanças, Divisão de Serviços Gerais, Divisão de Desenvolvimento, Divisão de Planejamento Orçamentário e Divisão de Planejamento Institucional; a Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos era constituída pelo Pró-Reitor de Assuntos Acadêmicos, Secretaria, Comissão de Vestibular, Divisão de Controle Acadêmico, Gerência de Ensino de Graduação, Secretaria, Divisão de Currículos e Programas, Divisão de Legislação e Normas, Gerência de Pesquisa de Pós-Graduação, Secretaria, Divisão de Pesquisa e Divisão de Capacitação Docente; e a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Acadêmicos era constituída pelo Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, Secretaria, Gerência de Extensão, Divisão de Análise e Controle de Projetos, Gerência de Assuntos Comunitários, Secretaria, Divisão de Assistência ao Estudante, Divisão de Assuntos Comunitários e Divisão de Cultura e Desportos. Na Gerência Geral de Bibliotecas havia Gerente Geral de Bibliotecas, Secretaria, Divisão de Desenvolvimento de Coleção e de Processamento Técnico e Divisão de Obras Gerais, Referência e Circulação.

Nesta movimentação inicial da Fundação Estadual de Mato Grosso do Sul, as mulheres ocuparam papel importante: função Docente, função de Assistente do Reitor “A”, função da Divisão de Legislação e Normas, função de chefe da Divisão de Planejamento Institucional, da

Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento, função de chefe da Divisão de Assuntos Comunitários, da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, função de Secretária, função de Gerente Geral de Bibliotecas, função de Chefe de Gerente de Unidade “B”, função de Chefe da Divisão de Análise e de Controle de Projetos da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, função de Gerente, função de Assistente da Gerência de Pesquisa e Pós-Graduação, da Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos, função de Assistente da Gerência de Ensino de Graduação da Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos e, em dezembro de 1994, a professora Leocádia Aglaé Petry Leme tornou-se a primeira Reitora da UEMS.

De acordo com a Portaria da UEMS de nº 077, de 17 de agosto de 1994, publicado no Diário Oficial Eletrônico de Mato Grosso do Sul, de nº 3856 de 19 de agosto de 1994, as mulheres assumiram as Diretorias de Ciências Biológicas e da Saúde Agrária, nos seguintes Departamentos²⁶, a saber: Departamento de Administração, Departamento de Ciências da Computação Departamento de Enfermagem e Obstetrícia, Departamento da Matemática, Departamento de Zootecnia; assumiram também as Diretorias de Ciências Humanas e Sociais, nos seguintes departamentos: Departamento de Administração, Departamento de Ciências, Departamento de Direito, Departamento de Letras e o Departamento de Pedagogia. Houve ainda mulheres que compuseram o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Instituição.

Percebe-se que em todo tempo, as mulheres professoras contribuíram para que a instituição conseguisse manter o objetivo de conseguir abrir as primeiras turmas no ano de 1994 e conseqüentemente manter a universidade em seus objetivos.

O estado de Mato Grosso do Sul estava passando por reformulações administrativas, principalmente na educação com aberturas de concurso público para o magistério, abertura de 1º e 2º grau nas escolas estaduais e abertura da universidade para formação de professores. A Portaria UEMS nº007, de 13 de julho de 1994, publicada no Diário Oficial de nº3832 de 18 de julho de 1994, trouxe a publicação em que alterava a redação da Estruturação Organizacional da UEMS. Desta forma, resolveu-se:

Art.1º- Incluir na Estrutura Organizacional da Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento, Gerência de Administração e Finanças, a Divisão de Protocolo e Arquivo, Símbolo DAI-2. **Art.2º** Incluir na Organizacional da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, Gerência de Extensão, a Secretaria, Símbolo DAI-

²⁶ Segundo o Decreto nº7.661, de 18 de fevereiro de 1994, publicado no Diário Oficial Eletrônico de Mato Grosso do Sul de 21 de fevereiro de 1994, no art. 28 os departamentos são "[...] órgão de ensino, pesquisa e extensão, é a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa, didático/científica, de distribuição pessoal e de coordenação de curso" (MATO GROSSO DO SUL, 1994, p.04), entretanto, não foi possível saber até quando vigoraram departamentos na UEMS, uma vez que eles não estavam previstos na estrutura inicial, conforme já informado, e não permaneceram nos dias atuais.

2. Art.3º Incluir na Estrutura Organizacional da Reitoria, a secretaria de Órgãos Colegiados, Símbolos DAI-4. Art.4º - Esta Portaria entra em vigor na data da sua publicação, revogando-se as disposições em contrário. (MATO GROSSO DO SUL, 1994, p.6)

Neste ano inicial da UEMS, ocorreram movimentos em prol do seu funcionamento. Da mesma forma, ocorreram mudanças na vida profissional de mulheres professoras, que ingressaram na UEMS para ocupar cargo de docência e devido às necessidades institucionais então presentes ocuparam outros cargos de suma importância, e conseqüentemente foram aprimorando seus conhecimentos, tendo a formação continuada para atender a demandas de seu cargo.

Ao realizar mapeamento em busca de vestígios sobre a universidade foi possível notar que algumas mulheres que ingressaram na UEMS em 1994, permaneceram após o concurso de 1998; outras mulheres ingressaram na UEMS apenas após o concurso de 1998.

E com tratamento das informações recolhidas no Diário Oficial Eletrônico de Mato Grosso do Sul, organizando em quadros e tabelas, no tópico seguinte descrevo o quantitativo de aprovados no primeiro concurso público de professores na UEMS (1998), por gênero; a aprovação de mulheres no concurso público de 1998, por áreas; números de mulheres que atuaram na UEMS (1994-1998); número de mulheres que atuaram na UEMS por regime de trabalho (1994-1998); o nome de professoras aprovadas no Concurso Público da UEMS (1998); os nomes das professoras que entraram na UEMS em 1994 e mantiveram-se por concurso público em 1998 e, por fim, os nomes das professoras que ingressaram na UEMS apenas em 1998.

1.3 Com o concurso, a primazia das mulheres professoras

A UEMS abriu concurso público para professores em 1998, após quatro anos de contratos por prazo determinado, cedência e processo seletivo. No Quadro 02, verifica-se o quantitativo de professores separados por gêneros aprovados no concurso público de 1998.

Quadro 02: Aprovados no concurso público de 1998 (UEMS)

GENÊRO	QUANTITATIVO
Homens	58
Mulheres	69
TOTAL	127

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Como pode notar no Quadro 02, foram aprovados o total de 127 candidatos, sendo que foram aprovados 58 candidatos homens e 69 candidatas mulheres. Percebe-se que, no caso específico, mais uma vez as mulheres foram maioria, e ocuparam os cargos docentes em maior quantitativo.

No Quadro 03, apresento o quantitativo de mulheres aprovadas em suas respectivas áreas do saber.

Quadro03. Aprovação de Mulheres no Concurso público de 1998, por área

AREA	QUANTITATIVO
Administração	02
Agronomia	00
Biologia	06
Ciências Contábeis	01
Ciências da Saúde	02
Computação	01
Direito	03
Economia	01
Educação Física	02
Enfermagem	07
Engenharia e Arquitetura	00
Engenharia Elétrica	00
Língua Inglesa	03
Língua Portuguesa	09
Matemática	03
Metodologia e Técnica de Pesquisa	04
Nutrição	01
Pedagogia	13
Psicologia	01
Química	06
Zootecnia	04
TOTAL	69

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Nota-se a aprovação de mulheres em diferentes áreas, a saber: duas na Administração; seis na Biologia; uma na Ciências Contábeis; duas na Ciências da Saúde; uma na Computação;

três no Direito; uma na Economia; duas na Educação Física; sete na Enfermagem; seis em Química; três na Língua Inglesa; nove na Língua Portuguesa; três na Matemática; quatro na Metodologia e Técnica de Pesquisa; uma na Nutrição; 13 na Pedagogia; uma na Psicologia; seis na Química; quatro na Zootecnia.

Percebe-se que a maior quantidade de aprovação de mulheres foi em cursos de licenciatura tradicionalmente destinados a mulheres, na área de Humanas, e que em algumas áreas como a de Exatas não houve aprovação de mulheres, como nos cursos de Agronomia, Engenharia e Arquitetura, Engenharia Elétrica e Física.

Na Tabela 05, há os números de mulheres que atuaram na UEMS em 1994 e em 1998.

Tabela 03. Números de mulheres que atuaram na UEMS por regime de trabalho (1994-1998)

REGIME DE TRABALHO	1994	1998
Cedidas	34	-
Concursadas	-	69
Contratadas por prazo determinado	62	-
Contratada pelo processo seletivo	44	-
TOTAL	140	69

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Nota-se que em 1994 havia 34 mulheres cedidas e não havia mulheres concursadas; 62 contratadas por prazo determinado; 44 mulheres contratadas por processo seletivo, totalizando 140 professoras; já em 1998²⁷, havia o total de 69 mulheres concursadas. Até o momento, não consegui dados para compreender os motivos da diminuição do quadro de professoras na UEMS de 1994 para 1998, provavelmente cabem hipóteses: algumas não prestaram o concurso e outras não foram aprovadas, porém se percebeu que, dentre as aprovações, havia aquelas que não faziam, ainda, parte do corpo docente da UEMS.

²⁷ Não encontrei documentos até o momento para confirmar se havia mulheres cedidas ou contratadas na UEMS, em 1998.

No Quadro 04, apresento o número de mulheres que permaneceram na UEMS, após concurso público de 1998, o número de mulheres que não prestaram ou não foram aprovadas no concurso público, e o número das que foram aprovadas somente em 1998 para exercer a docência na universidade.

Quadro 04: Números de mulheres que atuaram na UEMS (1994-1998)

MULHERES QUE PERMANECERAM NA UEMS APROVADAS POR CONCURSO PÚBLICO	MULHERES QUE NÃO PRESTARAM OU NÃO FORAM APROVADAS EM CONCURSO PÚBLICO	MULHERES QUE ENTRARAM NA UEMS, PELA PRIMEIRA VEZ POR CONCURSO PÚBLICO
19	132	50

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Nota-se que, com o concurso realizado no ano de 1998, 19 professoras que ingressaram em 1994, tiveram aprovação, contabilizando 69 aprovadas. Não é possível afirmar, entretanto, que todas as que entraram em 1994, participaram do primeiro concurso público.

No Quadro 05, apresento o nome de todas as professoras que foram aprovadas na UEMS em 1998, encontradas até o momento, e indico a área de conhecimento.

Quadro 05: Nome de professoras aprovadas no Concurso Público da UEMS (1998)

PROFESSORAS APROVADAS NO CONCURSO PÚBLICO EM 1998	ÁREA
Eleuza Ferreira Duarte	Administração
Giuliana Mendonça de Faria	Administração
Cristiane Fátima Meldau de Campos	Biologia
Cynthia de Barros Mansur	Biologia
GlauCIA Almeida de Morais	Biologia

Maria Alice Carolino	Biologia
Maria Aparecida Martins Alves	Biologia
Vera Lucia Lescano de Almeida	Biologia
Adriana Rochas de Carvalho	Ciências Contábeis
Emilia Maria Silva	Ciências da Saúde
Tania Cristina Marcheci de Freitas	Ciências da Saúde
Raquel Marcia Muller	Computação
Jussara Martins Cerveira de Oliveira	Direito
Maria Goretti Dal Bosco	Direito
Maurinice Evaristo Wenceslau	Direito
Aparecida Antônia de Oliveira	Economia
Graci Marlene Pavan	Educação Física
Lourdes Lago Stefânello	Educação Física
Ana Maria Sobreiro Maciel	Enfermagem
Elaine Aparecida MyeTakamatu	Enfermagem
Jaci Silva Martins	Enfermagem
Karina Trabuco de Lima	Enfermagem
Lourdes Missio	Enfermagem
Marília Checco de Souza	Enfermagem
Mirian Inês Pereira de Pereira	Enfermagem

Kátia Carneiro Rodrigues Fuju	Língua Inglesa
Maria Ligia de Aguiar	Língua Inglesa
Otilia Aparecida Tupan Schoenherr	Língua Inglesa
Alzira FaccoSeturnino	Língua Portuguesa
Ana Aparecida Arguelho de Souza	Língua Portuguesa
Estela Natalina Mantovani Bertolletti	Língua Portuguesa
Maria Conceição de Lima Lopes	Língua Portuguesa
Maria Helena de Queiroz	Língua Portuguesa
Maria José Toledo Gomes	Língua Portuguesa
Onilda Sanches Ninção	Língua Portuguesa
Silvane Aparecida de Freitas Martins	Língua Portuguesa
Vera Lucia Mazanatti Luti	Língua Portuguesa
Adriana Betânia de Paula Molgora	Matemática
Janete Bortolaia de Freitas	Matemática
Maristela Missio	Matemática
Maria Celma Borges	Metodologia e técnica da Pesquisa
Maria de Fátima Oliveira Mattos	Metodologia e técnica da Pesquisa
Maria de Lourdes Silva Ferreira	Metodologia e técnica da Pesquisa
Maria Evaristo Wenceslau	Metodologia e técnica da Pesquisa

Vivian RahmeierFietz	Nutrição
Alaide Pereira Japcanga	Pedagogia
Bartolina Ramalho Catanante	Pedagogia
Beatriz dos Santos Landa	Pedagogia
Celi Corrêa Neres	Pedagogia
Debora de Barros Silveira	Pedagogia
Doracina Aparecida de Castro Araujo	Pedagogia
Eliane Greice Davanço Nogueira	Pedagogia
Giana Amaral Yamin	Pedagogia
Giselle Cristina Martins Real	Pedagogia
Maria Gladis Sartori Proença	Pedagogia
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	Pedagogia
Maria José Telles Franco Marques	Pedagogia
Nívea Margaret Rosa Nascimento	Pedagogia
Edneia Albino Cerchiari	Psicologia
Ana Francisca Gomes da Silva	Química
Claudia Andrea Lima Cardoso	Química
Deizeluci de Fátima Pereira Zanella	Química
Marcelina Ovelar Solaliendres	Química
Margarete Soares da Silva	Química

Nanci Cappi	Química
Carolina da Silva Barbosa	Zootecnia
Elis Regina de Moraes Garcia	Zootecnia
Giovanna Padoa de Menezes	Zootecnia
Luisa Melville Paiva	Zootecnia

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Percebe-se que o maior número de aprovação de mulheres foi em Pedagogia: 13, seguido de Língua Portuguesa: 9. Embora não se tenham dados sobre a concorrência nas áreas, nota-se que esses cursos são tradicionalmente destinados a mulheres, na área de Humanas; em outros cursos de outras áreas consideradas de Exatas, não houve aprovação de mulheres como nos cursos de Agronomia, Engenharia e Arquitetura, Engenharia Elétrica e Física, apresentado no Quadro 03.

Como se pode perceber, com o Concurso Público, entre o ano de 1994 a 1998 ocorreram mudanças no quadro de professores na UEMS. No Quadro 06, apresento o nome das mulheres professoras que entraram na UEMS em 1994, e as professoras que entraram na UEMS em 1994 e foram aprovadas por concurso público em 1998.

Quadro 06. Nomes das professoras que entraram na UEMS em 1994 e mantiveram-se por concurso público em 1998

PROFESSORAS QUE ENTRARAM NA UEMS EM 1994 E FORAM APROVADAS POR CONCURSO PÚBLICO EM 1998
Edneia Albino Nunes Cerchiari
Eleuza Ferreira Duarte
Estela Natalina Mantovani
Giana Amaral Yamin
Giselle Cristina Martins Real
Jaci Silva Martins

Lourdes Lago Stefânello
Lourdes Missio
Maria Conceição de Lima Lopes
Maria Helena de Queiroz
Maria José de Jesus Alves Cordeiro
Nanci Cappi
Otilia Aparecida TupanSchoencherr
Raquel Marcia Muller
Silvane Aparecida de Freitas Martins
Tania Cristina Marcheci de Freitas
Vera Lucia Lescano de Almeida
Vera Lucia MazanattiLuti
Vivian RahmeierFietz

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Percebe-se que do período de 1994 ao concurso público de 1998, houve um número significativo de redução de mulheres professoras na UEMS; apenas 19 professoras conseguiram permanecer do início do funcionamento da UEMS até a efetivação no Concurso Público.

Desta forma, tem-se a presença de mulheres que não estiveram no ano de 1994, mas que passaram no concurso de 1998. No Quadro 07, vemos os nomes de “novas”²⁸ professoras que ingressam na UEMS pelo concurso de 1998.

Quadro 07. Nomes das Professoras que ingressaram na UEMS em 1998

PROFESSORAS QUE INGRESSAM NA UEMS DE 1998 E QUE NÃO ESTIVERAM NA UEMS NO ANO DE 1994
Adriana Betânia de Paula Molgora
Adriana Rochas de Carvalho
Alaide Pereira Japecanga
Alzira FaccoSeturnino
Ana Aparecida Arguelho de Souza
Ana Francisca Gomes da Silva
Ana Maria Sobreiro Maciel
Aparecida Antônia de Oliveira
Bartolina Ramalho Catanante

²⁸Até momento não foram encontradas informações em que essas novas mulheres que ingressaram na UEMS em 1998, estivessem exercendo algumas funções na UEMS nos anos, a saber: 1995,1996,1997.

Beatriz dos Santos Landa
Carolina da Silva Barbosa
Celi Corrêa Neres
Claudia Andrea Lima Cardoso
Cristiane Fátima Meldau de Campos
Cynthia de Barros Mansur
Debora de Barros Silveira
Deizeluci de Fátima Pereira Zanella
Doracina Aparecida de Castro Araujo
Elaine Aparecida MyeTakamatu
Eleuza Ferreira Duarte
Eliane Greice Davanço Nogueira
Elis Regina de Moraes Garcia
Emilia Maria Silva
Giovanna Padoa de Menezes
Giuliana Mendonça de Faria
Glauca Almeida de Morais
Graci Marlene Pavan
Janete Bortolaia de Freitas
Jussara Martins Cerveira de Oliveira
Karina Trabuco de Lima
Kátia Carneiro Rodrigues Faju
Luisa Melville Paiva
Marcelina OvelarSolaliendres
Margarete Soares da Silva
Maria Alice Carolino
Maria Aparecida Martins Alves
Maria Celma Borges
Maria de Fátima Oliveira Mattos
Maria de Lourdes Silva Ferreira
Maria Evaristo Wenceslau
Maria Gladis Sartori Proença
Maria Goretti Dal Bosco
Maria José Telles Franco Marques
Maria José Toledo Gomes
Maria Ligia de Aguiar
Marília Checco de Souza
Maristela Missio
Maurinice Evaristo Wenceslau
Mirian Inês Pereira de Pereira
Nívea Margaret Rosa Nascimento
Onilda Sanches Ninção

FONTE: Elaboração própria do autor, a partir de consultas ao Diário Eletrônico Oficial de Mato Grosso do Sul

Nota-se outras mulheres interessadas em exercer a docência na Universidade e observando o resultado do mapeamento realizado por mim, concluo reafirmando que a UEMS,

entre o período de 1994 e 1998 teve um número significativo no quadro de professores majoritariamente formado por mulheres.

Para a escolha das professoras eleitas foi necessário analisar os dados obtidos no levantamento de informações após resultado final dos nomes das professoras que atuam(aram) na UEMS entre 1994 e 1998, Como escolha consciente do pesquisador sobre a importância deste trabalho científico, analisei o currículo lattes das 19 professoras que ingressaram na UEMS no ano de 1994 e permaneceram após a realização do primeiro concurso para professores efetivos no ano de 1998 e das 50 novas professoras que ingressaram na UEMS pelo concurso público pela primeira vez.

A seguir, informo como foi a escolha das professoras para compor o quadro de sujeitos desta pesquisa descrito na Introdução desta dissertação.

1.4 As professoras eleitas

A escolha das professoras para compor os sujeitos da pesquisa desta dissertação, foi aliada à teoria de Desenvolvimento Profissional Docente de Marcelo Garcia (2009). O perfil para a seleção das professoras teria que estar em consonância com a formação e a sua profissionalização docente atrelada ao desenvolvimento e à evolução da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. As professoras além de possuir formação múltiplas teriam que ter em sua trajetória ações profissionais em prol da constituição e desenvolvimento da UEMS, como ocupação de cargos administrativos, coordenação de projetos de pesquisa, ensino e extensão, participação na abertura de cursos e pós-graduação, além de assumir a docência.

Desta forma, foram escolhidas a professora Doutora Silvane Aparecida de Freitas e professora Doutora Maria José de Jesus Alves Cordeiro, professoras que ingressaram na UEMS no ano de 1994 e permaneceram após concurso público de 1998; professora Doutora Doracina Aparecida de Castro Araujo e professora Doutora Celi Corrêa Neres que ingressaram na UEMS após o concurso público, em 1998. Estas mulheres professoras, segundo Pinto; Silva e Alves (2019, p.12) tiveram “[...] importante destaque em sua época e merecem ser reconhecidas, estudadas e lembradas por todos os seus feitos.”

Contudo, é preciso reafirmar²⁹ e destacar que muitas foram as mulheres professoras que estiveram na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em seus primeiros tempos. Do mesmo modo, é preciso salientar que existem outros sujeitos que fizeram história nesta instituição, mas que não foram selecionados para compor o quadro de sujeitos desta pesquisa

²⁹ Comprovado no mapeamento realizado e descrito no tópico anterior.

devido aos critérios estabelecidos por mim mencionados já na Introdução deste texto e a minha aproximação com a instituição. Por cursar a graduação em Pedagogia e participar de eventos científicos na UEMS, Unidade de Paranaíba, estes foram nomes que foram reconhecidos por mim dadas minhas experiências como estudante. Embora eu escreva sobre a UEMS e as professoras que desenvolvem ou desenvolveram um trabalho digno de reconhecimento, é preciso mencionar que as trajetórias profissionais das professoras selecionadas não foram em “brancas nuvens”; percebe-se pela história da universidade e as falas das professoras no decorrer das entrevistas lembranças de embates, de lutas, de silenciamento de fatos e uma organização política. Estas professoras conseguiram ocupar cargos além da docência e se desenvolver profissionalmente porque souberam fazer negociações políticas.

E, por fim é preciso salientar, conforme assinala Certeau (p.77), “[...] a pesquisa está circunscrita pelo lugar que define uma conexão do possível e do impossível”. A partir deste lugar escrevo de maneira singular a trajetória das professoras Silvana Aparecida de Freitas, Maria José Alves de Jesus Cordeiro, Doracina Aparecida de Castro Araujo e Celi Correa Neres.

1.4.1 Apresentação da professora Silvane Aparecida de Freitas

FIGURA 1:Silvane Aparecida de Freitas



FONTE: Arquivo pessoal

A professora Silvane de Freitas³⁰ nasceu no dia 21 de agosto de 1960, no município de Paranaíba/MS, sendo filha do autônomo Cecílio Alves de Freitas e da costureira Marlene Borges de Freitas. Atualmente, é divorciada. É mãe do Analista de Sistema Rogério Freitas

³⁰Neste texto, denomino a professora pelo seu nome completo, ora por Freitas ora Silvane Freitas ou Silvane ou somente professora.

Martins³¹, do Engenheiro de Agricultura Leandro Freitas Martins³² e da Psicóloga Cecília Freitas Martins³³. Em 1965, iniciou seus estudos primários no Colégio Educandário Santa Clara³⁴.

Na infância, Silvane relata a dificuldade em aprender o “BE-A-BA”, pois não conseguia unir as sílabas, contudo a partir do segundo ano, tornou-se a melhor aluna da sala, sendo sempre a primeira aluna a terminar as atividades propostas. Ela não se lembra de ter tido contato com brincadeiras na escola, de ter brincado com a colega de sala de casinha, pega-pega entre outras. Casou-se aos 16 anos; denomina este como um período “difícil” e aos 17 anos cursando o então segundo grau tornou-se mãe do seu primeiro filho.

Nesta transição, mudou para a cidade de Goiânia/GO, e por não ter condição de conciliar a maternidade e os estudos acabou optando por abandoná-los, retomando-os em 1979, quando voltou a morar em Paranaíba.

Ao finalizar o segundo grau Técnico em Contabilidade, Silvane Aparecida de Freitas observou a necessidade de fazer o ensino superior, ao recordar dos incentivos do pai em sua infância. Em 1979, por não ter alternativa de cursos de ensino superior em Paranaíba, sua única opção eram os cursos de formações de professores, assim optou por fazer o curso de Letras na cidade de Pereira Barreto/SP nas Faculdades de Ciências e Letras Urubupungá (FECLU)

Na época, eu preferi escolher letras (não sei por que), eu acho que eu escrevi bem aí comecei a fazer Letras. Apesar de que eu era um excelente aluno em matemática também, mas eu preciso de Letras. Fiz o curso de letras, não fiz Pedagogia embora tivesse Pedagogia também.³⁵

Freitas, à época cursava a Habilitação Específica para o Magistério (HEM) na Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa, em Paranaíba, no período matutino e o curso de Letras no período noturno. No intervalo entre essas duas formações, começou a trabalhar na Escola Municipal Cabeceira da Vila, em classe multisseriada como “professora substituta”. A professora relata que levava seu primeiro filho para o trabalho e contava com a ajuda das alunas para cumprir o seu primeiro desafio da docência, ser mãe e professora ao mesmo tempo.

³¹Nasceu no ano de 1978.

³² Nasceu no ano de 1980.

³³ Nasceu no ano de 1982.

³⁴ Localizado na cidade de Paranaíba, atual colégio particular Prevê Objetivo.

³⁵ Ao escrever o texto, mantive o mais fiel possível das falas das professoras nas entrevistas gravadas pelo SKYPE, grafando-as em itálico.

Olha! A minha vida sempre foi muito corrida, eu fiz colegial primeiro, depois fui fazendo normal³⁶ e curso de letras. O Normal durante o dia e o curso de Letras anoite e dando aula e no outro período. Me lembro que eu dei aula numa quarta série, professora substituta e depois dei aula mais um ano na terceira série, ao mesmo tempo e então a vida me levou! Aliás, o primeiro ano que eu dei aula foi na cabeceira da Vila, uma sala multisseriada. Eu ia para dar aula e levava meu filho mais velho Rogério; as minhas alunas me ajudava a cuidar do Rogério. Então tinha alunos de primeiro até quarta série, a gente separava por filas. Então sei que não foi bem uma escolha, era necessidade; mas tudo fazia com muito gosto.

Em 1981, Silvane assumiu a docência como professora contratada pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, no município de Paranaíba, permanecendo neste cargo por um período de quatro anos. Em meados deste tempo, assumiu a docência na Rede Municipal de Ensino de Paranaíba. Com sua aprovação no Concurso de Provas e Títulos para professores em 1984, para a Rede Estadual de Mato Grosso do Sul, a professora assumiu o cargo docente na Escola Fernando Correia, localizada na cidade de Três Lagoas/MS.

A professora relata que chorou muito por não ter vaga em sua cidade natal e em outras cidades para as quais gostaria de se mudar, mas como não teve alternativa, acabou mudando para a cidade de Três Lagoas. Nesta escola onde trabalhou por dez anos como professora efetiva do estado, foi se constituindo como professora de Ensino Fundamental; aplicava seu conhecimento na quinta a oitava série, recebendo elogios por seu trabalho.

Freitas relata que corrigiu pilhas e pilhas dos “caderninhos” das produções de textos de seus alunos por um período de dez anos; no último ano foi convidada para trabalhar no Sindicato dos Trabalhadores da Educação (SINTED), como secretária. Foi neste período que viu a publicação no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul, sobre a contratação de docentes para a Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) que iria ainda entrar em funcionamento.

[...] lá eu trabalhei por dez anos, foi ali que eu iniciei como professor efetivo no estado e praticamente me fez como professora do Ensino Fundamental; dava aula de quinta a oitava série, me dei muito bem! Havia alunos e professores da faculdade, e eu era uma professora muito elogiada não sabia nem o porquê; eu apenas trabalhava, eu ia fazendo e eu me lembro que eu fazia com muito gosto, carregava muitas pilhas de caderno, levava para casa para corrigir, porque as produções de texto de meus alunos todas eram feitas nos caderninhos. Eu levava pilhas e mais pilhas de caderno para corrigir, então eu dava aula de manhã e à tarde e à noite corrigindo era uma loucura, uns dez anos assim, e no último ano foi cedida para o SINTED, eu era a secretária no SINTED e ali eu vi um edital para dar aula no primeiro ano na UEMS que ia abrir ainda ia funcionar. Mandeí meu currículo, é meu currículo foi aprovado, fui chamada para entrevista e fui aprovada e em seguida fui dar aula em Cassilândia em letras aí 1994.

Freitas, ao mesmo tempo em que ensinava, buscava ampliar seu conhecimento. Entre o período de 1986 e 1988, cursou a Especialização em Língua Portuguesa, na área de Letras na

³⁶Na entrevista gravada, a professora informa que cursou Normal Superior, mas de acordo com a nomenclatura da época, atualizei para Habilitação Específica para o Magistério (HEM).

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na cidade de Três Lagoas. Orientada pelo professor Dr. Dercir Pedro de Oliveira, o seu trabalho final foi intitulado: **As marcas de oralidade na língua escrita**. Entre o ano de 1990 a 1992³⁷, cursou Especialização em Texto e Linguagem, na mesma universidade, sob orientação do professor Dr. Roberto Castanheira. Como trabalho final foi solicitado pelo seu orientador um projeto escrito para ser enviado para algum programa *stricto-sensu*.

Ao ser questionada sobre o motivo que a fez deixar a educação básica e escolher a carreira universitária, Freitas diz não entender os motivos, observa que se dava bem com o papel, a pesquisa, mas destaca que a valorização salarial foi o que influenciou a troca.

Porque tem coisas que a gente não sabe por quê? Eu sempre tive vontade de estudar, eu me dava bem com papel, com a pesquisa e não acho que foi só por isso eu escolhi a carreira Universitária. A Educação Básica era muito pouco, eu queria mais para mim e não apenas no financeiro, lógico! O financeiro influenciava que na época era um financeiro bem diferente, hoje é quase a mesma coisa, mas era o financeiro e era vontade de estudar mais, de ser alguém mais reconhecido, eu achava que seria melhor..., mas é utopia, uma ilusão.

Silvane, ao ler o edital publicado no ano de 1994, para lecionar na futura universidade do estado de Mato Grosso do Sul, não teve dúvida de querer mudar o horizonte de sua carreira. Conforme observa-se na fala da professora, a tomada de decisão para a mudança de sua profissionalização, foi motivada a princípio pela questão financeira e ânsia de uma formação continuada, a vontade de estudar mais e que o Ensino Superior supria seus desejos pessoais e profissionais. Por estar familiarizada com os professores universitários, viu a oportunidade de ingressar na carreira acadêmica, assim, enviou seu currículo para ser analisado e tendo conseguido aprovação foi cedida da Rede Estadual para a UEMS.

A professora foi cedida, segundo informação que consta no Diário Oficial Eletrônico de Mato Grosso do Sul em 28 de junho de 1994, pelo desígnio da Secretaria de Educação para a Universidade pela Resolução “P”/SED/nº 2249/94, de 27 de junho de 1994, fundamentada no parágrafo 1º do artigo, do Decreto nº 7.775, de 12 de maio de 1994, para ficar à disposição da Fundação Estadual de Mato Grosso do Sul. Ingressou na UEMS, como Professora Especialista.

No ano de 1995, Silvane foi aprovada e foi contemplada como aluna bolsista no Programa de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES), no Instituto de Ensino de Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Concluiu

³⁷ Entrei em contato com a professora Silvane Freitas, via Mensager para confirmar a data de sua especialização. Mesmo com os documentos preenchidos por ela constam datas diferentes das citadas na ficha de cadastro e currículo lattes.

sua dissertação no ano de 1999, com o trabalho final intitulado **Análise de produções escritas de alunos de 3. Grau**, sob a orientação da professora Dra. Raquel Salek Fiad.

O doutorado, cursou no período de 1998 a 2002, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Assis, na área de Letras, orientada pela professora Doutora Célia Gil com a tese: **O professor iniciante: seu trabalho com o texto**.

No período de 2007 a 2008 realizou estágio de Pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Linguística Aplicada sob supervisão da Professora Dra. Raquel Salek Fiad. O seu trabalho final foi aprovado e intitulado como **A prática de análise linguística: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal**.

Silvane Freitas foi a primeira professora eleita nesta pesquisa por estar na UEMS desde seus primeiros tempos e possuir uma trajetória de mulher, mãe, que buscou a formação sonhada mesmo com pedras em seu caminho. Como professora universitária possui um currículo de produção científica que envolve pesquisa, ensino e extensão. Assumiu docência e cargos de gestão na UEMS, a ser dissertado na segunda seção.

1.4.2 Apresentação da professora Maria José de Jesus Alves Cordeiro

FIGURA 2: Maria José de Jesus Alves Cordeiro



FONTE: Arquivo pessoal

Maria José de Jesus Alves Cordeiro³⁸ nasceu em 15 de maio de 1962, no município de Sandovalina, interior de São Paulo, sendo filha do aposentado José Leonildo Alves e da aposentada Nátalia de Jesus Alves. Divorciada, é mãe da Brenda Cordeiro e Carlos Eduardo Cordeiro.

³⁸Ora denomino Maria José Alves de Jesus Cordeiro, ora apenas Maju, professora ou apenas Cordeiro.

A história escolar desta professora teve início quando seus pais e avós decidiram, nos tempos do Governo Vargas³⁹, mudar-se de sua cidade natal e ir para o interior do estado de Mato Grosso (MT), no qual adquiriram um terreno. Maju morou nesta propriedade da família por dez anos, na cidade de Fátima do Sul, ali iniciando sua vida escolar nas escolas das fazendas na zona rural.

Em julho de 1979, aos sete anos de idade, ingressou na pré-escola, localizada na zona rural do município de Fátima do Sul, onde aprendeu a ler e escrever. Como as salas eram multisseriadas, Maju iniciou seus primeiros comportamentos aos seus olhos de indisciplina:

[...] eu ficava na fila do primeiro ano e aí eu fazia as minhas atividades e começava a fazer as demais atividades que não eram minhas, copiava de segundo e eu estava no primeiro. Então no ano anterior eu dei trabalho quando queriam que eu fizesse aquela coisinha de coordenação motora, fazer bolinhas, mas eu não queria fazer aquilo.

E permaneceu com estas atitudes até a quarta série quando Maju e sua família se mudaram para a cidade Glória de Dourados/MS. A partir da quinta série, Cordeiro relata que ganhava prêmio de “melhor aluna da sala”, tornou-se competidora nos eventos esportivos, o que lhe rendeu muitas inimizades. Em 1973, mudaram para a cidade de Campo Grande e começou a estudar na Escola Municipal Coronel Sebastião de Lima, onde sofreu o que é considerado racismo em nossos dias. Segundo a professora Maria José, o fato de ser negra e pobre não lhe permitia, aos olhos de muitos, o mérito de ser a melhor aluna da sala, então isso era motivo para seus colegas zombarem, xingar e desmerecer seu esforço.

Eu sofri pela primeira vez na minha vida, o que seria o racismo e o que ele faz a todos nós hoje. Então era assim, muitas vezes eu saía da escola porque me tornava de novo a melhor aluna da turma, no quarto ano e a aquelas e aqueles alunos não conseguiu engolir o fato de uma menina negra de cabelo pixaim, ser considerada a melhor aluna da sala. Tudo né? Roupas assim super velha, porque minha mãe não tinha condição de comprar e as que comprava era na Pechincha para gente usar.

Por este motivo, mudava de escola. Tornou-se aluna da Escola Estadual Severino de Queiroz, matriculada na sexta série. Neste período, passou por várias situações em que teve que mudar de casa e conseqüentemente mudar de escola.

Nesta movimentação, finalizou a sexta série na nova escola inaugurada na vila Margarida, na qual finalizou a sexta série e cursou a sétima série, em 1975.

³⁹ Segundo Othon Jambeiro et al (2004, p. 182), este governo foi responsável direto por tudo que ocorria no país, o Poder Executivo, materializado na pessoa de Getúlio Vargas, como Presidente da República, assumiu o papel de organizador da sociedade e interveio amplamente na economia, política e cultura brasileiras.

Na Escola Estadual Maria Elisa Bocaiúva Correa da Costa, por onde estudou até a oitava série, Maju percebeu que não houve mudanças no modo como seus colegas a enxergavam: “as coisas tornaram um pouco pior”.

As coisas pioraram pouco mais, né porque era uma escola muito grande muitos alunos e aí além de eu ter a melhor nota e continuar sendo a melhor aluna da sala eu ainda era uma atleta de competição, então eu trazia muitas medalhas, eu era competitiva, eu jogava basquete, eu jogava vôlei. Nessa época o meu pai caiu machucou a coluna, meu pai começou a ficar de licença.

Concluiu a oitava série, em 1976. No ano seguinte optou por fazer o curso profissionalizante, o Magistério na Escola Estadual Joaquim Murtinho, finalizando-o em 1979. Estudava no período noturno e trabalhava durante o dia de empregada doméstica⁴⁰ para ajudar no sustento da família. Seus pais, por perceberem sua necessidade de ter um emprego melhor, incentivaram Maju a fazer o curso da Datilografia.

Mesmo frente às dificuldades, Maria José continuava competindo nos jogos esportivos e começou a lecionar como professora substituta na Escola de Primeiro Grau Professor Henrique Cirilo, localizado na cidade de Campo Grande e em períodos vagos trabalhava com corte e costura. Nesta escola, em uma de suas substituições, viu sua mãe ser discriminada:

[...] lá eu consegui ver a primeira vez que a minha mãe foi discriminada; vi ela chorando e; um dia eu fui perguntar para ela o motivo pela qual ela estava chorando. E ela me disse assim “é a vida, minha filha; é assim mesmo a vida nós somos pretas. Nós temos que nos conformar com isso aprender”.

Nesta mesma escola, conseguiu o primeiro contrato temporário de professora. Lecionava juntamente com uma colega de profissão na mesma sala, onde combinavam que enquanto uma ensinava o abecedário a outra ficava escrevendo para não haver desavenças. Neste tempo, se inscreveu no concurso para professores do estado de Mato Grosso do Sul, foi aprovada em 1980 e assumiu na Escola Estadual Professora Isaura Higa, em 1981, para o cargo de professora de séries iniciais e séries finais do Ensino Fundamental permanecendo até o ano de 1983.

Neste período, ingressou no curso de Pedagogia nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), na cidade de Campo Grande. À época, era o único local que oferecia o curso no período noturno; ela precisava trabalhar e sustentar a casa, pois seu pai havia sofrido um acidente em seu trabalho e estava impossibilitado de trabalhar e o dinheiro que recebia do auxílio doença do Instituto Nacional

⁴⁰ A professora relata quando exerceu este trabalho foi assediada e tendo ficado indignada pediu demissão do emprego.

do Seguro Social (INSS), não era suficiente para pagar a despesa da casa. É pertinente comentar que sua primeira opção de curso era a Licenciatura de Educação Física, mas por ser diurno, optou pela Pedagogia.

Durante a graduação, competia como atleta para a FUCMT, e com isso ganhava desconto nas mensalidades. Assim que finalizou o curso, em 1983, seus pais tiveram que vender o terreno da família para quitar a faculdade e Maju pegar o seu diploma. Neste intervalo de estudo e início de vínculo com o estado de Mato Grosso do Sul, a professora lecionou como professora de Pré-escola, na Escola Particular Nossa Senhora Aparecida, localizada no município de Campo Grande, no ano de 1990.

O curso de Pedagogia, segundo Maria José de Jesus Alves Cordeiro, não era um sonho; ela queria fazer um curso superior, “precisava ter”, porém foi o curso que lhe deu ferramenta para passar no concurso público de 36 horas e assumir cargos na Escola Estadual Arlindo Sampaio Jorge como professora de séries iniciais e supervisora – Sala Especial (1985-1986); Vice-diretora (1985-1986) e Diretora (1986-1990).

Cursou o *Lato sensu*, em 1988, em Metodologia e Didática do Ensino Superior, na UCDB. Como trabalho final apresentou o trabalho intitulado **Colegiado de Curso**: uma experiência na Escola Arlindo Sampaio Jorge, sob orientação do professor Jesus Eurico Miranda.

No ano de 1990 a 1991, trabalhou como professora nos cursos de Formação para o Magistério⁴¹ e supervisora na Escola Estadual Filinto Muller, na cidade de Angélica/MS. De 1991 a 1994 trabalhou como professora no curso de Formação para o Magistério na Escola Estadual Célia Maria Naglés; e como supervisora na Escola Estadual Professora Izaura Higa, no município de Campo Grande. No final de 1994, Maju foi cedida para a Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, segundo ela, a convite da secretária de Educação da época, a professora Leocádia Aglaé Petry Leme para assumir a docência e a Chefia do Setor de Normas e Legislação da instituição.

A professora foi cedida para a UEMS, segundo a informação que consta no Diário Oficial de 24 de novembro de 1994, fundamentada no parágrafo 1º do artigo do Decreto de nº 7.775, de 12 maio de 1994, à disposição da Fundação Estadual de Mato Grosso do Sul, com validade a partir de 10 de novembro de 1994.

Devido a nova organização interna na UEMS, no ano de 1995, a professora Maria José foi devolvida para a Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, tendo sido cedida para a

⁴¹ Estes cursos eram destinados a formar profissionais para atuarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-CEUD), em Dourados. Nesta transição, ingressou no Mestrado em Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1997, como bolsista da Capes e retornou para UEMS, após sua aprovação no concurso público de provas e títulos de professores, em 1998.

Em 1999, a professora defendeu a sua dissertação intitulada: **Violência na Escola e Medidas Socioeducativas**. Desvio entre intenções e resultados: um estudo de caso no Mato Grosso do Sul sob orientação do professor Doutor Alípio Marcio Dias Casali.

Ingressou no doutorado no ano de 2005, orientada pelo seu orientador do Mestrado e na mesma universidade na área da Educação. Defendeu a tese intitulada **Negros e Indígenas Cotistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**: desempenho acadêmico do ingresso à conclusão de curso. Já o Pós-doutorado deu-se pelo Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), de 2015 a 2016, como bolsista do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico (CNPq).

Maria José Alves de Jesus Cordeiro, conhecida como Maju, foi a segunda professora escolhida para esta pesquisa; em sua trajetória enfrentou preconceito racial; é perceptível e notório que ela, compreendendo a importância da formação, buscou estudar e aprofundar -se no campo da diversidade e assim tornar-se uma professora Doutora na área da educação. Mesmo com a empecilho de continuar na docência na UEMS em 1995, procurou meios de ingressar como efetiva nesta instituição e assim contribuir pelo seu desenvolvimento, descrito com detalhes na próxima seção.

1.4.3 Apresentação da professora Doracina Aparecida de Castro Araujo

FIGURA 3: Doracina Aparecida de Castro Araújo



FONTE: Arquivo pessoal

A professora Doracina Aparecida de Castro Araújo⁴² nasceu no dia 01 de maio de 1962, no município de Inocência/MS. Filha da costureira Eremita Garcia de Castro e do agricultor Agenor Luiz de Castro, é casada com o professor universitário aposentado Élson Luiz Araújo e mãe da Psicóloga e mestranda em Educação Carla Cristina Castro de Araújo e do Engenheiro de Computação e graduando do curso de Medicina, Felipe Castro Araújo.

A história de escolarização da professora Doracina Araujo iniciou após sua família mudar da zona rural, “com uma curta passagem” pelo município de Inocência e ir morar na cidade de Três Lagoas. A professora nos relata que a sua primeira entrada na escola deu-se em 1968, quando cursou a pré-escola de Rede Pública Estadual de Mato Grosso do Sul, na cidade de Três Lagoas. Segundo a professora, por existir uma norma vigente de perfil de alunos para avançar para a primeira série naquele momento, teve que repetir a pré-escola, deixando seus pais um pouco chateados, porém conscientes do motivo da repetência. No ano seguinte, retornou a Escola Estadual de 1º e 2º Grau “Afonso Pena”, localizada na cidade de Três Lagoas e permaneceu estudando na instituição até a finalização da terceira série, em 1972.

Por morar de aluguel, os pais de Doracina mudaram-se de bairro na cidade de Três Lagoas. Neste período, Dora ingressou em uma nova instituição pública, na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor “João Magiano Pinto” (JOMAP), e cursou a quarta e quinta série. A professora nos relata que nesta fase já lhe despertava o interesse em trabalhar em coletivo, “[...] *especialmente com amigos e vizinhos*”; dirigia peças de teatros para apresentar em reunião com familiares no final de ano, momento em que denomina “[...] *interessante, de união e poucas brigas entre as crianças*”.

A sexta e sétima série cursou na Escola 1º e 2º Grau “Fernando Corrêa da Costa”, do ano de 1975 ao ano de 1976. A sua mãe a matriculou nesta escola por achar que era melhor em termos de ensino, pois havia parentes que atuavam na instituição. No ano de 1977, Doracina ingressou em uma nova unidade escolar, a Escola Estadual de 1º Grau “Bom Jesus da Lapa”, no período noturno, por começar a trabalhar durante o dia: a princípio era comerciária em uma boutique e depois em loja de sapato. A professora relata que o trabalho era cansativo, mas quando chegava o período noturno ficava entusiasmada, principalmente nos dias de aula da professora de Matemática, que lhe cativava muito. Era entusiasta pelas discussões de formatura da qual se tornou a presidente de comissões de festa, ano este que lhe deu emoções fortes, mas também decisões de qual curso escolher.

⁴² Denomino-a como professora, Araújo, Doracina Araújo ora apenas Doracina.

Este ano passou muito rápido, foram emoções fortes e muito trabalho com promoções em boates, venda de rifas, enfim atividades para angariar fundos para nossa festa de encerramento do 1º grau, que foi muito especial. Mas também momento de definição, qual curso faria no 2º grau, o que seria melhor para dar continuidade aos estudos⁴³.

No ano seguinte, escolheu matricular-se no curso profissionalizante de Patologia de Análises Clínicas (PAC), na Escola JOMAP, concluindo-o em 1980. Quanto ao curso: achava as disciplinas de preparação para o vestibular, interessantes, em especial, a professora da disciplina de Inglês, que era amável e em sua concepção a melhor que já conheceu na área. Na disciplina de Estágio Supervisionado detestava ir para o laboratório de análises clínicas e fazer exames laboratoriais. Percebia que a área de seu interesse não era a da saúde, pois não gostava das disciplinas que estava cursando. No momento apareciam muitas indagações sobre o que cursar no Ensino Superior, pois tinha interesse na Matemática, entretanto à época fazer este curso tinha que passar por duas disciplinas⁴⁴ básicas de que não gostava.

Doracina Aparecida de Castro Araujo define esse período de formação da infância a adolescência de

[...] poucas certezas e muitas dúvidas, como o fragmento do pensamento de Francisco Bugalho (Dúvida): “Eu corro atrás da memória. De certas coisas passadas. [...] Tão longe do que hoje sou. Que nem sei se quem recorda foi aquele que as passou, ou se apenas as sonhou. E agora, súbito, acorda”

Ao observar os ensinamentos de sua mãe, Doracina prosseguiu lutando pela sua formação. Ingressou no curso de Pedagogia na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Centro Universitário de Três Lagoas (CEUL), no ano de 1982 a 1984. No ano de 1983, concomitantemente ao curso de Pedagogia, matriculou-se no curso de Habilitação Específica para o Magistério, na Escola Estadual Dom Aquino Corrêa, em Três Lagoas, que tinha como objetivo formar professores para ministrar aulas na Educação Infantil e anos iniciais do primeiro grau. Finalizou este curso em dois anos, pois eliminou várias disciplinas por ter realizado o curso do 2º Grau, o PAC.

Cursou o *Lato sensu* (1985-1986) em Didática pela UFMS, CEUL- Três Lagoas, por sentir necessidade de verticalizar seus estudos; seu trabalho final foi intitulado: **A realidade do ensino profissionalizante em Mato Grosso do Sul**, sob a orientação do professor Doutor Odair Dornelas.

Em 1985, iniciou sua primeira experiência em sala de aula, quando foi convidada pela professora Terezinha Burato para trabalhar na Escola Dom Aquino Corrêa, não qual

⁴³ Estas falas foram retiradas do questionário respondido pela professora Doracina Aparecida de Castro Araujo para o trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, no ano de 2018, sob a orientação da professora Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti.

⁴⁴ As disciplinas são: Química e Física

permaneceu por apenas uma semana. Neste período, foi informada sobre a abertura de um edital para docência em uma Unidade do CEUL-UFMS em Paranaíba. Inscreveu-se na disciplina de Didática e Estrutura e Funcionamento da Educação Nacional, nos cursos de Letras e Ciências, permanecendo até o ano de 1989.

Em 1989, foi convocada para assumir o concurso de Didática e o concurso para Orientadora Educacional na Rede Estadual de Mato Grosso do Sul, cuja aprovação foi em 1984. Escolheu a Escola Aracilda Cícero Correa da Costa, na cidade de Paranaíba/MS, onde já ministrava aula no primeiro ano do Ensino Básico, e com a implantação dos Centros Específicos de Formação para o Magistério (CEFAM), Doracina Araújo foi convidada para ser docente e orientadora educacional e como gostava de desafios, aceitou, permanecendo até o ano de 1995, quando o governo desativou todos os CEFAM do estado de Mato Grosso do Sul.

Em 01 de junho de 1998, Doracina ingressou na UEMS como Professora Especialista de Educação, por meio de aprovação em Concurso Público de Provas e Títulos de Professores, pedindo exoneração de seus dois cargos do estado. Segundo ela, acreditava que “[...] *no Ensino Superior eu poderia trazer mais contribuições para a Educação.*” (SILVA, 2018, p.50)

O *Stricto Sensu* (1999-2001) ingressou em um Minter,⁴⁵ entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a UEMS, em Engenharia de Produção, ênfase em Mídia e Conhecimento, com aulas semi-presenciais. O título de seu trabalho final foi **TV ESCOLA: uma estratégia para a melhoria da qualidade da educação**, sob a orientação da professora Dra. Vânia Ribas Ulbricht.

No doutorado (2003-2005), ingressou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Conclui sua tese intitulada **A Educação escolar no Sistema Penitenciário de Mato Grosso do Sul: um olhar sobre Paranaíba**, sob a orientação da professora Dra. Maria da Glória Marcondes Gohn.

O Estágio Pós-Doutoral, cursou entre o período de 2015 e 2016, na Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Araraquara), como bolsista CAPES, sob a supervisão do professor Dr. Newton Duarte. A pesquisa teve como resultado o trabalho intitulado: **Ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural.**

⁴⁵ Turmas de Mestrado e Doutorado acadêmicos, que são conduzidas por uma instituição que promova a oferta e uma instituição que seja receptora do ensino e pesquisa.

Neste período de formação, Doracina ficou incumbida de preencher dados do Programa na Plataforma Sucupira⁴⁶. Como não teve que cursar nenhuma disciplina nesta etapa de formação, optou por cursar uma disciplina ministrada pela docente Lígia Márcia Martins, para ampliar suas análises em seu relatório de pesquisa.

A professora Doracina Aparecida de Castro Araujo, conhecida como Doracina Araujo foi a terceira professora escolhida para compor o quadro de sujeito desta pesquisa. Nota-se que possui uma formação interdisciplinar e ao ingressar na UEMS, já possuía experiência no Ensino Superior a qual facilitou suas ações e atribuições nesta universidade, detalhado na segunda seção.

Correa

1.4.4 Apresentação da professora Celi Correa Neres

FIGURA 4: Celi Correa Neres



FONTE: Arquivo pessoal

A professora Celi Correa Neres nasceu no dia 12 de janeiro de 1968, no município de Campo Grande. É a sétima filha da agricultora Air Correa Neres e do agricultor Universino Neres; é casada com o administrador de empresa Aloiso Rodrigues dos Santos, mãe do estudante do curso de Direito João Pedro Neres e do estudante do curso de Psicologia André Neres Rodrigues.

Na infância morava na zona rural e quando Celi completou sete anos teve que se mudar para a cidade e morar com suas irmãs para ingressar na escola; nos finais de semanas e férias voltava para o sítio de seus pais. No ano de 1975, ingressou na Escola Estadual Arlindo de Andrade Gomes, localizada na cidade de Campo Grande, na qual cursou a Educação Básica, o Ensino Fundamental e o curso profissionalizante do 2º grau, o Magistério.

⁴⁶Segundo o Ministério da Educação (2007, *online*) o MEC; a Plataforma é uma ferramenta *online* que coleta informações dos Programas de Pós-Graduação em tempo “real”, e “[...]estabelecer os procedimentos de avaliação com transparência para toda a comunidade acadêmica.”

Neste período de formação, contou com a professora Beatriz que lecionava na primeira série. Esta professora a acolheu de tal forma que ajudava a amenizar as saudades de seus pais, ensinando-a a ler e a escrever; criaram um laço afetivo que fez com que esta professora fosse responsável por incentivar Celi a gostar da escola. Quando voltava da fazenda onde passava os finais de semana, Celi sempre levava lembranças para a professora Beatriz, como queijo e rapadura.

Suas brincadeiras com as colegas eram de ser professora, pois era encantada com a profissão que se tornou um objetivo de Celi. Desta forma, ao chegar ao Ensino Médio optou pelo curso do Magistério na mesma escola e aos 17 anos, já era professora. Finalizando o Magistério havia dois cursos do Ensino Superior que gostaria de cursar: Pedagogia e Psicologia.

Devido às condições existentes da professora naquele momento, optou por cursar Pedagogia na Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMAT), em 1987, no período noturno, finalizando-o em 1989.

[...] então fiz isso, eu estudei Pedagogia, na FUCMAT, à noite e trabalhava durante o dia como professora da Educação Infantil. Então terminei o magistério e já fui dar aula educação infantil de aula na educação infantil dois anos. Depois eu fiquei cinco anos como alfabetizadora e também dava aula para o magistério, formando professora numa escola particular aqui em Campo Grande, concurso de início eu fazia para a Pedagogia e terminei pedagogia, eu tinha 20 anos para 21

Celi iniciou a docência como professora alfabetizadora durante cinco anos nas escolas Escola Curumim (1986-1887) e Escola Cesm (1987-1890). Neste período, prestou concurso público do estado de Mato Grosso do Sul, para ser Orientadora Educacional e Especialista de Educação; *“[...] eu fiz um concurso público para orientador Educacional, eu passei neste concurso ainda, estava no último ano da faculdade. ”*

Com estabilidade financeira dos dois concursos realizados no estado de Mato Grosso do Sul, Celi ingressou na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), localizada na cidade de Campo Grande para cursar Psicologia em 1990, concluindo-o em 1993:

E casou que, eu tive oportunidade e condições de pagar o curso; o curso passou a ser no período matutino, então eu trabalhava a tarde lá na escola e algumas noites para completar as 36 horas de especialista de educação.

Para a professora, os cursos de Pedagogia e de Psicologia lhe deram bagagens importantes como profissional, em especial, o curso de Psicologia, no qual se apaixonou pela área da Educação Especial.

Primeiro porque eu tinha interesse pela área, depois eu comecei a alfabetizar e eu percebi eu tive uma aluna, eu era assim excelente alfabetizadora, dedicada e todos os alunos que passaram por mim aprendiam a ler rapidinho e teve uma aluna que não consegui aprender de jeito nenhum e eu não sabia o que eu fazia mais para aquela

aluna aprender. Então eu, aquela aluna (ela) me desafiou a querer a pensar cada vez mais afazer uma psicologia, para poder conhecer o comportamento a pensar cada vez mais a conhecer a aprendizagem, e aí eu fui fazer Psicologia para isso, também depois de um tempo mais tarde eu acabei descobrindo que essa aluna era; tinha deficiência mental na época, se falarmos hoje é deficiência intelectual e aí eu comecei a me apaixonar pela educação especial;

Neste sentido, a professora no ano de 1996, ingressou no Mestrado em Educação, no ano de 1996, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Durante sua trajetória acadêmica no *stricto sensu*, Celi ouviu de seus colegas sobre o concurso para professor aberto da UEMS. Juntamente com alguns colegas, Celi prestou o concurso na área da Psicologia da Educação e foi aprovada em junho de 1998 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

No ano seguinte, defendeu a dissertação denominada **Educação Profissional do PNE Portador de Necessidades Especiais, Para Quê? O caso de Campo Grande – MS**, sob a orientação da professora Dra Elcia Esnarriaga de Arruda. Segundo o relato da professora, o processo de formação foi muito importante, pois foi orientada pela professora Arruda que não atuava na área da Educação Especial, e que a fez compreender do lado de fora do campo a sua totalidade.

O doutorado cursou no período de 2006 a 2010, na área da Educação, na Universidade de São Paulo (USP). Foi orientada pela professora Dra. Maria Luisa Sprovieri Ribeiro e seu trabalho final foi intitulado **As instituições especializadas e o movimento da inclusão escolar: intenções e práticas.**

O Estágio de Pós-doutoramento deu-se na UFMS, *campus* do Pantanal de 2014 a 2015, sob a supervisão da professora Mônica Carvalho de Magalhães Kassar. O trabalho realizado na área da inclusão escolar, intitulado **A escolarização dos alunos com deficiência e a inclusão escolar: aproximações com as práticas escolares.**

A professora Celi Correa Neres dedicou-se integralmente à educação especial a ser dissertado na segunda seção deste trabalho. Embora o fato de ter se tornado mãe tenha paralisou seus estudos para apropriar-se deste direito amamentação, ao retornar-se a sua função profissional na UEMS, debruçou-se em dedicar e alinhar a pesquisa e extensão em prol da educação especial, além de assumir cargos referentes à gestão e à docência.

É preciso considerar que o lugar de onde eu falo, vivo e no qual ocorre a interação social e profissional são fatores determinantes para as escolhas tomadas. Logo, o fio condutor deste texto de dissertação são as escolhas profissionais dessas professoras para tornarem-se professoras de Ensino Superior no *status* de professoras universitárias. Os fatos narrados são

construídos e constituídos devido à "objetividade" dos fatos históricos e à "subjetividade" do autor. (CERTEAU, 1982).

Entretanto para compreender este lugar, é preciso saber como funciona; o que é permitido e o que é silenciado, "[...] esta instituição se inscreve num complexo que lhe permite apenas um tipo de produção e lhe *proíbe* outros" (CERTEAU, 1982, p.76). A função deste lugar é, segundo Certeau (1982, p.77)

[...] *tornar possíveis* certas pesquisas em função das conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras *impossíveis*; exclui do discurso aquilo que é da condição num momento dado; representa o papel de um censura com relação ao postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise.

Portanto, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul é o lugar que valida as representações das práticas das professoras para serem e tornarem-se professoras universitárias, do ponto de vista científico dos fatos (CERTEAU, 1982). É deste lugar que surgiram as indagações para representar o real. Esta operação consiste, pois, em construir uma história de professoras que configura ao mesmo tempo a história de uma instituição pública.

2 NA UEMS, O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE MULHERES PROFESSORAS: DO INÍCIO DA CARREIRA AO COMPROMISSO COMO AGENTES DE MUDANÇAS

Observando o processo de formação das professoras Silvane Aparecida de Freitas, Maria José de Jesus Cordeiro, Doracina Aparecida de Castro Araújo e Celi Correa Neres na seção anterior, neste capítulo, apresento o conceito de Desenvolvimento Profissional Docente (DPD), e como este se deu na carreira destas professoras para entender os motivos que as levaram a desempenhar funções pedagógicas oriundas da docência, da pesquisa e da extensão e atividades profissionais na UEMS de cunho administrativo nas quais aceitaram o compromisso como agentes de mudanças, impactando positivamente a constituição da universidade.

2.1 A História da Formação de Professores e o Desenvolvimento Profissional Docente (DPD)

O campo de formação de professores nas últimas décadas tem buscado encontrar novos sujeitos profissionais. As pesquisas realizadas nesta área, cada vez vêm destacando e legitimando as ideias pedagógicas, os sujeitos profissionais docentes e a sua profissionalização. A história da formação de professores no Brasil tem como um dos objetivos recuperar registros de como o ensino foi interpretado e aplicado ao longo do tempo e em debates teóricos observar os conceitos que definem este campo e suas reelaborações ao longo dos anos.

De acordo com os estudos de Evangelista de Oliveira (2016), que baseia seus estudos em Alvorado Prada (1997), a formação de professores, até o momento, é referenciada em 16 expressões: Capacitação, Qualificação, Aperfeiçoamento, Reciclagem, Atualização, Formação Continuada, Formação Permanente, Especialização, Aprofundamento, Treinamento, Retreinamento, Aprimoramento, Superação, Desenvolvimento Profissional, Compensação e Profissionalização. Nesta pesquisa, foi adotada a expressão Desenvolvimento Profissional que melhor define as trajetórias das professoras universitárias, sujeitos deste estudo.

É pertinente destacar que no século XIX, percebe-se o início de uma “atenção” à formação de professores no Brasil. Após alguns acontecimentos históricos que influenciaram o repensar sobre o ensino (TANURI, 2000), criaram-se as primeiras escolas normais, a princípio ocupadas por professores do sexo masculino para capacitar os profissionais do ensino. (TANURI, 2000). Neste momento, às mulheres foi negada a entrada e a capacidade de atuarem neste modelo de escola.

As escolas normais implantadas no país neste período imperial seguiam o modelo das escolas normais europeias e francesas, resultado “[...] de nossa tradição colonial e do fato de que o projeto nacional era emprestado às elites, de formação cultural europeia” (TANURI, 2000, p.63). Percebe-se então a partir dos estudos de Tanuri (2000, p.63) que, com a criação das escolas normais ocorreu concomitantemente a hegemonia de grupos conservadores, “[...] resultado das ações por ele desenvolvidas para consolidar sua supremacia e impor seu projeto político”.

Com a falta de alunos e descuido administrativo (TANURI, 2000), as escolas normais chegaram ao fim, sendo reelaboradas no século XIX, a partir de 1870, com o “[...] enriquecimento de seu currículo, ampliação dos requisitos para o ingresso e sua abertura ao elemento feminino.” (TANURI, 2000, p.66). A partir daquele momento ocorreram modificações para aprimoramento das escolas normais e do ensino com objetivo de aprimorar a formação de professores. Ao longo do tempo ocorreram mudanças no cenário da educação como a reforma paulista por meio da qual aconteceu a expansão das escolas normais no território brasileiro, em sequência, houve a organização dos Institutos de Educação (1932-1939), período este conhecido pelas reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal (1932) e Fernando de Azevedo em São Paulo (1939). Em seguida, houve a implantação dos cursos de Pedagogia e de Licenciaturas e consolidação das escolas normais (1939-1971), a extinção das escolas normais e a inserção do curso do Magistério (1971- 1996) e a chegada dos institutos superiores de educação, as escolas normais superiores e as novas propostas do curso de Pedagogia (SAVIANI, 2009).

Desta forma, Roldão (2017) explica que para estudar o campo de formação de professores ou de “qualquer profissional de ensino” é preciso “uma visão articulada coerente” para entender a formação inicial e sua trajetória dentro do conhecimento científico. Já Evangelista de Oliveira (2018, p.67) verifica que se trata de uma área em “processo de independência”, pois

[...] possui um forte potencial de Matriz Disciplinar, por possuir um objeto de estudo, isto é, a preparação profissional; uma metodologia: e, pessoas que se envolvem e se preocupam com a área (cientistas, governantes e os próprios professores).

Atualmente, o conceito de formação de professores está “assentado” na reflexão, na construção do saber contextualizado da prática docente de profissionais atuantes, que poderá ser um processo de desenvolvimento contínuo, no qual é preciso “[...] articular teoricamente e reinvestir em práticas e produtoras de novos saberes.” (ROLDÃO, 2017, p. 196). Segundo Roldão (2017), a ideia de formação tem girado em torno da formação inicial e formação

continuada, pois a primeira é a peça fundamental para a efetivação da segunda; a evolução profissional do sujeito está ligada à ausência de atualizações preponderantemente escolares de sua formação e que estabelece um processo contínuo de aprendizagem. (ROLDÃO, 2017).

Neste sentido, percebe-se, de acordo com Roldão (2017), duas visões sobre formação: a primeira entende a formação inicial como a “etapa chave do processo formativo”, de uma lógica aplicacionista que será preenchida ao longo do percurso profissional, com atualizações pertinentes a profissão docente, que integram o processo de formação continuada. A segunda visão entende que a formação é um “processo contextualizado”, de “[...] construção contínua e gerido pelo próprio sujeito ao longo do seu percurso profissional” (ROLDÃO, 2017, p.194). A segunda visão é que está em vigor por estudiosos do campo, pois “[...] reflete as novas exigências do profissional de ensino, num tempo de reconhecimento do direito de todos à educação, bem como a incorporação de importantes contributos teóricos [...]”⁴⁷ (ROLDÃO, 2017, p.194).

A autora salienta que as visões citadas não devem ser observadas como “pedagogicamente correto” e nem serem reducionistas. É notável, quer seja pelos documentos norteadores, nível de discurso ou lugar de formação que há uma “resistência a mudança”. Roldão (2017, p.195) justifica que esta resistência “[...] existe em todos os processos de crescimento e/ou mudança, não restam dúvidas; mas que ela⁴⁸ explique todas as dificuldades e comodamente dispense mais reflexão sobre as mudanças ou melhorias [...]”

E por último destaca que o Desenvolvimento Profissional é uma expressão mais rigorosa do que a formação de professores, uma vez que “[...] implica um processo de crescimento profissional, por ele gerido e direcionado na interface das fontes e contextos geradores do saber profissional” (ROLDÃO, 2017, p.201). Já Menezes et al (2014) apresentam a ideia de crescimento e possibilidade de ação do professor e que a formação de professor é um componente para que ocorra seu desenvolvimento.

Há uma íntima relação entre Desenvolvimento Profissional e formação de professores. Menezes et al (2014, p. 03741) prescrevem que, para que ocorra o desenvolvimento profissional é “[...] necessário a integração do docente a uma formação com profissionalização. A íntima relação entre desenvolvimento profissional e formação docente traduz o elo entre a formação do professor, a profissão e a construção da sua identidade de educador ao formalizar a dinâmica social do seu trabalho docente. ”

⁴⁷ Estas contribuições teóricas são de estudos pertinentes sobre o campo como prática reflexiva, saber profissional contextualizado e outros. (ROLDÃO, 2017)

⁴⁸ Refere-se ao ato de resistência dos atores-professores.

É preciso frisar que este conceito de Desenvolvimento Profissional Docente é discutido em Portugal desde 1980 e no Brasil desde a década de 1990 (MENEZES, et al, 2014). Costa e Pavanello (2013, p.02) enfatizam que é um campo de pesquisa que vem se formando desde 1980 e é “[...] bastante promissor para o levantamento, análise e reflexão acerca de aspectos inerentes à atuação profissional do professor”, e pode ser entendido como “[...] uma atitude permanente de indagação, de formulação de questões e procura de soluções.” (MARCELO GARCIA, 2009, p.9).

O termo tem evoluído nas últimas décadas o que tem suscitado nova percepção do processo do “aprender a ensinar”. O professor é visto como o sujeito detentor do conhecimento, sujeito que reinventa a sua prática diante dos novos desafios, está em constante movimento de aprendizagem ao longo dos anos “[...] que está implicado em tarefas concretas de ensino, avaliação, observação e reflexão” (MARCELO GARCIA, 2009, p. 10).

O conceito de Desenvolvimento Profissional Docente é observado por Marcelo Garcia (2009) como *processo*, individual e coletivo de professores que se “deve” consolidar no local de seu ofício; na construção do “eu” profissional ao longo de sua evolução em sua carreira e que demanda compromisso pessoal, disponibilidade para aprender a ensinar, crenças, valores pessoais, conhecimento prévio dos conteúdos que “ensinam” e “como ensinam”.

Segundo Marcelo Garcia (2009), o termo Desenvolvimento Profissional melhor descreve o “profissional do ensino”, pois este conceito supera as concepções já existentes, como formação inicial, formação continuada, formação em serviço, formação de aprendizagem entre outros termos e tem sentido de “evolução” e “continuidade”. Em questão, Rogério (2008, p.103) entende por Desenvolvimento Profissional o “[...] processo que o profissional está em certo patamar em sua profissão, que por sua vez está inserida em um contexto social e alcança outro patamar de sua profissão que pode ou não estar inserida no contexto social anterior.”

Costa e Pavanello (2013, p.06) descrevem que o desenvolvimento profissional

[...] leva em conta importantes elementos coletivos e individuais e é favorecido por contextos colaborativos, em que o professor tem a oportunidade de interagir com outros colegas de profissão e sentir-se apoiado, por outro lado o desenvolvimento profissional de cada professor é algo pessoal, de sua inteira e total responsabilidade.

Outros autores definem o conceito de desenvolvimento profissional docente como Day (1999, p.4 *apud* MARCELO GARCIA, p.10): “[...] a inclusão de toda aprendizagem natural, planificada ou consciente que ‘directa ou indirectamente’, beneficiam o grupo, indivíduo ou a escola contribuindo diretamente na melhoria da qualidade da educação.”. Já para Marcelo Garcia (2009, p.15), o Desenvolvimento Profissional “[...] procura promover a mudança junto

dos professores, para que estes possam crescer enquanto profissionais e também como pessoas”. Villegas-Reimers (2003, *apud* MARCELO GARCIA, p.10) define o Desenvolvimento Profissional Docente como crescimento profissional “[...] que o professor adquire como resultado da sua experiência e da análise sistemática da sua própria prática”.

Enfatizo que Desenvolvimento Profissional Docente, baseado em Marcelo Garcia (2009), é processo de construção da identidade profissional do professor, à medida de suas experiências, sabedoria e consciência profissional de como o professor define a si e ao outro, na construção do *eu* profissional, que evolui ao longo de sua carreira docente e que é influenciada pelo seu histórico de aprendizagem.

Vale destacar que as experiências de aprendizagens estão relacionadas às oportunidades pessoais. Nota-se que os espaços institucionais valorizam o histórico de titulação do capital cultural e não a aprendizagem que seus agentes profissionais possuem e suas respectivas formações. Por que, então, a rigorosidade nos processos formativos das professoras mulheres? Isso também acontece com relação ao desenvolvimento profissional docente e profissionalidade masculina?

Concordando com Marcelo Garcia (2009, p.12), a identidade docente não é natural do sujeito profissional, é desenvolvida individual e coletivamente, de acordo com as experiências de cada um, caracterizando-se “[...] como sendo um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo enquanto indivíduo enquadrado em determinado contexto.” Logo, a identidade docente é um fenômeno relacional que ocorre no “terreno do intersubjetivo” (MARCELO GARCIA, 2009) e que precisa de reelaboração, interpretação de si enquanto sujeito de um determinado lugar. A existência desta identidade contribui para auto eficácia do *eu* profissional, conforme destaca Marcelo Garcia (2009, p.12):

A existência de uma identidade profissional contribui para a percepção de auto eficácia, motivação, compromisso e satisfação no trabalho do professor e é um factor importante para que este se converta num bom professor. A identidade é influenciada por aspectos pessoais, sociais e cognitivos

Saliento e concordo com Evangelista de Oliveira (2018, p.71-72), que a formação inicial e a formação continuada “[...] compõem parte do Desenvolvimento Profissional Docente (DPD); o que poderá ocorrer ao longo de sua carreira como professor; caracterizada por sempre estar em movimento dialético e em constante aprimoramento.” Percebe-se então que a formação de professores é *locus* para o desenvolvimento da identidade docente, que está inserida no conceito de Desenvolvimento Profissional. Nota-se, portanto, que esta identidade é construída

ao longo da carreira do educador dentro e fora da área do saber, provocando desenvolvimento de si e do outro.

Portanto, questiona-se: assumir funções (como gerência, coordenação de curso), à revelia dos processos formativos acadêmicos faz parte do desenvolvimento profissional docente (ensino-pesquisa-extensão)? A busca por essa resposta encontra-se no próximo tópico.

2.2 As professoras e sua carreira na UEMS

É possível afirmar que as professoras eleitas como sujeitos nesta pesquisa ingressaram na UEMS por sentirem necessidade de evoluir profissionalmente. A professora Silvane Freitas, atuante na Educação Básica e especialista em Língua Portuguesa, ao ver a publicação no Diário Oficial de Mato Grosso do Sul, sobre o recebimento do *Curriculum Vitae*, observou os critérios para assumir as aulas na instituição, enviou seu currículo para análise, e tendo sido selecionada, foi cedida para a UEMS, Unidade de Cassilândia, para ficar à disposição da Universidade desde 1994. A docente Maju, professora especialista em Educação, por fazer um trabalho em que, segundo ela, se destacava, foi convidada pela Secretária de Educação para trabalhar no núcleo de legislação e normas no ano de 1994, na UEMS, Unidade de Dourados. A professora Doracina Araujo, professora especialista em Didática, foi professora universitária contratada, coordenadora e professora do CEFAM e ingressou na UEMS, Unidade de Paranaíba, após o concurso público para professores em 1998. Também a professora Celi Neres, alfabetizadora, coordenadora e técnica da Educação Especial de Mato Grosso do Sul, ingressou na UEMS, na Unidade de Jardim, com o concurso público de 1998. Desta forma, busco compreender na trajetória destas professoras na UEMS seu desenvolvimento profissional.

2.2.1 A entrada na UEMS e os primeiros desafios: a mudança de professora de ensino fundamental para professora universitária

Ao ingressarem na Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), no primeiro ano de criação (1994), como professoras especialistas cedidas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, Silvane Aparecida de Freitas assumiu as disciplinas de Língua Portuguesa, Linguística Aplicada I e II, Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado, Literatura Portuguesa e Teoria Literária, no curso de Letras da UEMS/Cassilândia e Maria José Alves de Jesus Cordeiro, o Núcleo de Legislação e Normas na UEMS, Dourados. Nota-se que as professoras ingressaram na universidade, cedidas pela Rede Estadual

de Ensino de Mato Grosso do Sul e assumiram a docência. A hipótese é de que ambas buscavam melhoria salarial devido à desvalorização do trabalho docente do Ensino Básico. As professoras Doracina Aparecida de Castro Araujo e Celi Corrêa Neres, não ingressaram na UEMS, neste primeiro momento.

Nos anos seguintes (1995-1997), Silvane atuou na docência, criou projeto de extensão na UEMS/Cassilândia, ingressou no Mestrado em Linguística Aplicada, buscando constituir sua identidade profissional de professora de Ensino Superior. Embora tivesse experiência na docência na rede pública de Ensino de Mato Grosso do Sul, percebeu que a metodologia adotada não preenchia as lacunas presentes nesta nova etapa profissional e os conteúdos não eram os mesmos. Desta forma, optou em reelaborar seus conhecimentos ingressando no Mestrado. Já a professora Maju, no ano de 1995 não pôde atuar na instituição (devido à reestruturação da UEMS designada pelo novo governador do estado de Mato Grosso do Sul, Wilson Barbosa Martins⁴⁹), o que a levou a atuar em outra instituição no estado de Mato Grosso do Sul, até o ano de 1998, quando foi aprovada no Primeiro Concurso de Provas e Títulos para professores da UEMS.⁵⁰

De acordo com Silva Filho (2008, p.130), o governador Wilson Barbosa Martins não concordava com a instalação da UEMS, uma vez que em sua "concepção" o estado devia esforçar o seu olhar ao Ensino Fundamental; "[...] principalmente no que concerne ao ensino público." Como tema de sua candidatura, o governador desmerecia a criação da universidade e informava ao povo, que enquanto governador de MS, iria assim "mostrar verdades sobre a UEMS" e em 1995, começou a reestruturação administrativa da instituição, tendo como primeira ação a destituição do cargo de reitora da professora Leocádia Aglaé Petry Leme e empossamento da professora Sandra Luisa Freire à reitoria da universidade.

Silva Filho (2008, p.131) observa que esta ação foi uma "artimanha política", na qual o intuito era mostrar a má estruturação da UEMS, além de usar uma retórica contra a formação de professores que atuavam neste período na universidade. Em suas falas, apresentava uma insatisfação com o salário de professores que atuavam na UEMS. Mazini e Rosa (2019) enfatizam que esta ação do governador Wilson Barbosa Martins, foi realizada a pedido do Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, para que não autorizasse o funcionamento da instituição até o momento de uma avaliação da estrutura administrativa, do projeto pedagógico

⁴⁹ Nasceu em 21 de junho de 1917 em Campo Grande. Formou-se em Direito na Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo. Em 1946, exerceu cargo de Secretário Geral pela Prefeitura de Campo Grande e em 1958, tornou-se prefeito da capital do estado de MS. Em 1963, foi eleito como deputado federal de Mato Grosso do Sul, e em 1982, pelo voto direto tornou-se governador de MS, por dois mandatos seguidos. Faleceu em 13 de fevereiro de 2018, aos 100 anos de idade.

e da qualificação dos profissionais do ensino. Consequentemente a "[...] a UEMS foi fechada [...]" e "[...] o vestibular de 1996, por este motivo, foi adiado" (SILVA FILHO, 2008, p.132)

Nota-se que estas primeiras atuações das professoras na Fundação UEMS, foi o início da construção de uma identidade de professora de Ensino Superior, e a longo prazo contribuiu para o desenvolver-se profissionalmente como professoras universitárias, na construção do *eu* profissional (MARCELO GARCIA, 2009), no processo de transformação de professoras da Educação Básica e Ensino Fundamental para professoras universitárias. Diferentemente da professora Silvane Aparecida de Freitas que continuou no ano seguinte na instituição, a professora Maria José estava fora da UEMS e mesmo assim buscou continuar seus estudos ingressando no mestrado em educação em 1997, para tornar-se professora universitária efetiva da UEMS⁵¹, e enquanto não abria o concurso para professores, atuava no Ensino Superior em outras instituições.

Nas falas destas professoras, percebe-se a responsabilidade e o compromisso em estar na Fundação UEMS, a preocupação de como exercer o trabalho de qualidade na universidade, de como ser professora universitária. Como relata a professora Silvane Freitas, neste primeiro tempo buscou ajuda de seus professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para lhe orientar em como exercer a docência no Ensino Superior e, como havia ausência de funcionários no setor administrativo, por um período, assumiu a coordenação do curso de Letras, em 1997, e no mesmo ano elaborou juntamente com outros docentes a I Semana de Letras, na UEMS/Cassilândia. (LATTES, 2021).

Estas ações confirmam que há nas primeiras falas e atitudes o conceito desenvolvido por Marcelo Garcia (2009, p.01), o desenvolvimento profissional como

[...] um processo individual e colectivo que se deve concretizar no local de trabalho do docente: a escola; e que contribui para o desenvolvimento das suas competências profissionais, através de experiências de índole diferente, tanto formais como informais.

Após o Concurso de Prova e Títulos para Professores, em 1998, há a entrada de novas professoras como da professora especialista Doracina Aparecida de Castro Araujo e da Pedagoga, Psicóloga e Mestranda em Educação Celi Correa Neres; também houve a permanência da professora especialista e Mestre na área de Letras, Silvane Aparecida de Freitas e reingresso na universidade da professora especialista e Mestranda em Educação Maria José Alves de Jesus Cordeiro, já informado. A professora Silvane Freitas assumiu concurso na

⁵¹ Na entrevista a professora relata que queria ser professora da UEMS efetiva e por isso esperava o concurso público para professores.

UEMS, de Cassilândia, Maju na UEMS, de Dourados, Doracina Araujo na UEMS de Paranaíba e Celi Neres, na UEMS de Jardim.

Nesta nova fase, Silvane tornou-se doutoranda na área de Letras (1998-2002) e professora no curso de Letras da UEMS; Maria José Alves de Jesus Cordeiro cursava o Mestrado em Educação (1997-1999) e lecionava no curso de Pedagogia da UEMS de Dourados; Doracina Aparecida de Castro Araujo lecionava no curso de Direito na UEMS de Paranaíba e Celi Corrêa Neres assumiu a docência no curso de Letras e Biologia na UEMS de Jardim.

As novas professoras, ao ingressarem na Fundação UEMS, após o concurso público, se desafiaram para buscar recursos para a Fundação. Desta forma, Celi e Doracina assumiram funções além da docência com a finalidade de melhorar a estrutura interna e externa dos lócus em que atuavam.

Doracina assumiu a Gerência da UEMS/ Paranaíba (1999-2003) e a coordenação *Pró-tempore* do curso de Direito (1998-1999) e ingressou no Mestrado em Engenharia de Produção (1999-2001); ela também atuava no projeto de extensão **UEMS na comunidade**. Em seus relatos afirma que havia muito trabalho a ser realizado na universidade, grandes desafios “[...] a biblioteca era muito frágil[...] tinha que fazer quase tudo, levava a gente a desafios, a querer trabalhar mais[...]”. Já na fala da professora Celi Neres, que tinha experiência apenas na educação básica, tudo era novo para ela, mas sabia que necessitava ser desafiada para conseguir trabalhar e compreendia que esta transição de professora da Educação Básica a professora de ensino superior era um investimento, embora ganhasse bem menos neste primeiro período na Fundação por ser professora graduada. Mesmo com a distinção de salário⁵², aceitou assumir o Núcleo de Pesquisa em Educação e esteve à frente da criação da primeira especialização na área da educação *Lato Sensu*, na universidade.

De acordo com Marcelo Garcia (2009, p.11), estas ações das professoras podem ser entendidas como a busca do desenvolvimento profissional, pois “[...] está directamente relacionado com os processos de reforma da escola [...]”, neste caso, da Fundação UEMS, “[...] na medida em que este é entendido como um processo que tende a reconstruir a cultura escolar e no qual se implicam os professores enquanto profissionais”.

É preciso mencionar que algumas professoras, ao ingressarem na UEMS, não haviam iniciado seus estudos em um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*. Esta formação foi se consolidando de acordo com a atuação na instituição; as professoras trabalhavam e estudavam

⁵² A professora Celi Correa Neres na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul atuava como professora especialista concursada. Ao passar no concurso de professores da Fundação UEMS, a professora iniciou a carreira universitária recebendo apenas como professora graduada e isso afetou diretamente em seu salário.

ao mesmo tempo e com estes estudos aproximaram-se das linhas de pesquisas que perpetuaram na carreira universitária, como por exemplo, a professora Silvane Aparecida de Freitas pesquisa na área de Linguística, Letras e Artes; a professora Maria José Alves de Jesus Cordeiro orientava os trabalhos acadêmicos na linha de pesquisa de Formação de professores para a educação das relações étnico-raciais, Construção e re-construção de identidade, Acesso e Permanência de negros e indígenas na educação superior, Estado e Políticas Públicas de Educação Superior, Teorias e Práticas Educacionais e Currículo, formação docente e diversidade. (LATTES, 2021).

A professora Doracina Aparecida de Castro Araujo atuou na área da Educação Escolar Inclusiva, Currículo, Formação Docente e Diversidade, Teorias e Práticas Educacionais e Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade e a professora Celi Correa Neres, na área da Educação Especial e Processos de Escolarização, Gênese e desenvolvimento da educação escolar, Educação especial, história e políticas públicas de inclusão. (LATTES, 2021).

É possível verificar que as professoras não assumem mais a identidade de professoras de Educação Básica, cada vez mais que estão no novo espaço e que possuem outras demandas; as professoras vão se transformando, se adequando a nova organização, assumindo uma nova identidade devido às novas experiências, como se verifica, a de professora universitária pesquisadora que, de acordo com Marcelo Garcia (2009), são dados que assumimos de forma consciente e que reelaboramos nas práticas profissionais na medida em que ganhamos “experiência”, “sabedoria” e “consciência profissional”.

Na medida em que ganham experiências, as professoras assumem outras ações não sendo mais as mesmas professoras de antes, se transformam em um movimento que pode ser concebido como “em vórtice”. Neste sentido, é possível analisar nas entrevistas concebidas que estas professoras após o concurso de professores dedicaram-se a ações para consolidação da UEMS, no tripé ensino, pesquisa e extensão, já não mais sendo professora de Educação Básica e sim professoras universitárias.

É prudente ressaltar que as experiências e aprendizagens estão relacionadas também às oportunidades pessoais que as professoras tiveram.

2.2.2 A atuação das professoras

Ao ser criada no estado de Mato Grosso do Sul, a Fundação UEMS tinha como objetivo principal, segundo Pistori, Fideles et al (2004), analisar o cenário educacional no estado de

Mato Grosso do Sul e sanar a precariedade do Ensino Básico e Médio e qualificar os profissionais de ensino, ofertando um ensino que não precisasse deslocamento para outros lugares fora do estado. Já Guedes e Pinto (2019) informam que o objetivo da UEMS era o de formar professores para o Ensino Básico de acordo com cada região do estado de Mato Grosso do Sul.

De acordo com Guedes e Pinto (2019, p.08), a UEMS adotou três formas de funcionamento: a rotatividade dos cursos, a criação de unidades e a criação de coordenação de cursos:

[...] a rotatividade dos cursos, sendo permanentes em sua oferta e temporários em localização; a criação de Unidades de Ensino, em substituição ao modelo de campus e, a estrutura centrada em coordenação de curso, ao invés de departamento. O projeto de rotatividade de cursos era algo diferente das outras universidades; a oferta de um curso seria temporária em uma unidade, atenderia a necessidade local, até supri-la e, depois, seria transferido para outra unidade. Para a reitora da UEMS da época, Leocádia AglaéPetry Leme, esse rodízio evitaria o desinteresse do local pelos cursos e a falta de mercado para os profissionais formado.

Ainda com os autores, a rotatividade permitia “[...] que os professores residissem em uma cidade diferente da que lecionavam e podiam lecionar em mais de uma unidade, tendo o deslocamento descontado em sua carga horária.” (GUEDES, PINTO, 2019, p.08). Este projeto foi extinto em 2000, permanecendo a oferta dos cursos nas mesmas unidades.

Com a permanência dos cursos nas mesmas cidades, as professoras – sujeitos desta pesquisa - lotaram-se nas Unidades Universitárias das cidades de Cassilândia, Paranaíba, Dourados e Campo Grande e atuaram⁵³ de diferentes formas na UEMS.

A professora Silvane Aparecida de Freitas além de lecionar no curso de Letras, na UEMS de Cassilândia, atuou na Unidade de Paranaíba, na Unidade de Dourados e assumiu funções além da docência relativas a ensino, pesquisa e extensão. Após o concurso público, pode se considerar que a professora foi se transformando e reelaborando suas práticas, uma vez que, tornou-se Consultora Científica do Comitê de Pesquisa da UEMS (1998-2002) e membro do Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão (2000-2002), atuou no projeto de extensão intitulado **Linguística e Alfabetização**: campos que se somam (2002-2003) e assumiu a coordenação do Projeto de Extensão: **Políticas Ações Afirmativas para Afrodescendentes** (2004). Foi consultora Científica do I Encontro de Iniciação Científica da UEMS (2004) e colaboradora no Projeto de Extensão intitulado **Fundamentos Metodológicos de Pesquisa em Letras** (2004), tornou-se membro da Comissão de Reestruturação do Projeto Pedagógico do

⁵³Informo que destaquei algumas atividades das professoras eleitas desenvolvidas na UEMS. Isso não significa que outras professoras e também professores não atuaram em mesmas frentes, mas sim, que em virtude das escolhas feitas nesta pesquisa, foi necessário delimitar estes destaques.

Curso de Letras da UEMS (2004), criou e coordenou o I Simpósio Científico-Cultural da UEMS de Paranaíba (SCIENCUT) (2004), neste período assumiu a função de coordenadora do Curso de Especialização em Letras, na Unidade de Cassilândia (2003-2004) e lecionou as disciplinas do Discurso do Ensino e Linguística e Teoria Linguística II. (2003-2005) (LATTES, 2021)

Freitas fez parceria com as Faculdades Integradas de Paranaíba (FIPAR) e participou como membro do conselho editorial da **Revista Inter Ação** (2003-2005); assumiu a Gerência da Unidade de Paranaíba (2004-2007) e ao mesmo tempo foi professora na graduação em Direito (2001-2007), em que ministrou a disciplina Língua Portuguesa e Linguagem Forense.

Como era uma professora presente em projetos de extensão, coordenou o projeto intitulado **Amigos da Leitura**, na UEMS, Unidade de Paranaíba (2005), colaborou no projeto intitulado **Grupo de Canto: Coral UEMSOL Maior** e em projetos de formação de professores da Educação Básica, na Rede Municipal de Ensino de Paranaíba. Foi uma das elaboradoras das Diretrizes Gerais da Pós-Graduação da UEMS (2005) e na comissão de elaboração do Projeto Pedagógico de Ciências Sociais da UEMS de Paranaíba, na qual assumiu a função de presidente (2005). Atuou no **Jornal Universitário** do curso de Pedagogia, na UEMS de Paranaíba e na Elaboração do Plano Municipal de Ensino de Paranaíba (2005). (LATTES, 2021).

Silvane Freitas foi membro da equipe do Conselho Municipal de Cultura de Paranaíba (2005-2007) e com a abertura do Programa de Pós-Graduação *lato Sensu*, em Educação, na UEMS de Paranaíba (2011), a professora assumiu as disciplinas Introdução e Análise do Discurso e Semiótica Aplicada ao Ensino concomitantemente à coordenação do curso de Ciências Sociais, da UEMS, Unidade de Paranaíba. Lecionou no Mestrado em Educação, da UEMS, Unidade de Paranaíba (2011-2021) e assumiu a Pró-Reitoria de Ensino na UEMS, (2011-2015). Aposentou-se em 2017. Atualmente é docente sênior⁵⁴ no Programa de Pós-Graduação em Educação stricto-sensu, nível Mestrado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. (LATTES, 2021).

A professora Maria José Alves de Jesus Cordeiro após a sua aprovação no concurso de professores da UEMS, em 1998, assumiu a docência em duas instituições universitárias, a saber: na UEMS de Amambai, no curso de Matemática, assumiu a disciplina Psicologia da Educação (1998-2001), na UEMS de Ivinhema, no curso de Pedagogia ministrou as disciplinas de Fundamentos da Alfabetização, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, e na UEMS, de Dourados no curso de Letras, a disciplina Psicologia da Educação (2001-2010) e ao mesmo tempo cursava o Mestrado em Educação e concomitantemente tornou-se chefe do Núcleo de

⁵⁴ Professores aposentados que continuam a desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão em Programa de Pós-Graduação dentro da instituição.

Pesquisa em Educação. Entre os anos de 1999 a 2004, coordenou o projeto de extensão intitulado **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária e Tereré- alfabetização de jovens e adultos**, ambos interinstitucionais (PRONERA) (1999-2001) e o **Projeto Institucional de Alfabetização de Jovens e Adultos em Assentamentos de Reforma Agrária**, com recursos do PRONERA- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária em parceria com os Movimentos Sociais (2002-2004). (LATTES, 2021).

Neste tempo, Maria José assumiu a Pró-Reitoria de Ensino e Pós-Graduação da UEMS (2002-2005), a Presidência da Câmara de Ensino (CEPE) (2000-2005) e a coordenação do projeto de extensão denominado **Projeto de Capacitação da Comunidade Universitária da UEMS em Ações Afirmativas**, em parceria com a Fundação Palmares, Coordenadoria de Políticas da Promoção da Igualdade Racial (CEPPIR/MS) e a Fundação de Apoio à pesquisa (FAPEMS) (2005) e ingressou no doutorado em educação. (LATTES, 2021)

Em 2008, assumiu as disciplinas Psicologia da Educação, Tópicos em Educação Especial, Educação e Diversidade Cultural, Estágio Supervisionado em Gestão Educacional, no curso de Pedagogia, da UEMS de Dourados. Tornou-se coordenadora do curso de Pedagogia da UEMS, de Dourados (2009-2013), e membro do comitê de pesquisa da Pró-Reitoria de Ensino (2010-2013). Entre o período de 2010 a 2012, foi consultora de pesquisa na área de Ciências Humanas, em Dourados (2010), Suplente da Área de Ciências Humanas no Conselho de Ética (2012), Coordenadora Geral do Programa Mais Educação (2012), Coordenadora do Projeto Fortalecimento do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero, Raça e Etnia (GEPEGRE/CNPq/UEMS) para Criação do Núcleo de Estudos em Gênero (2012-2019). Lecionou na Pós-Graduação em Educação nível Mestrado, na UEMS de Paranaíba (2011-atual), as disciplinas Currículo, Cultura e Diversidade para o Ensino Superior (2011), Currículo em Saúde (2013). Atualmente é Pró-Reitora de Ensino e leciona no Mestrado em Educação, na UEMS de Paranaíba. (LATTES, 2021)

Ao assumir o concurso de 1998, a professora Doracina Aparecida de Castro Araujo ingressou na UEMS, de Paranaíba, assumiu a gerência da instituição (1999-2003), a coordenação Pró-tempore do curso de Direito (1998-1999), a disciplina de Sociologia Jurídica e tornou-se membro do projeto de extensão intitulado **UEMS na comunidade** (1999- 2001) e concomitantemente ingressou no Mestrado em Engenharia (1999-2001) (LATTES, 2021)

Entre o período de 2003 a 2005, ingressou no doutorado em educação e quando retornou de seus estudos, em 2006, iniciou as atividades na universidade como membro da comissão científica do SIENCULT, participou do projeto de extensão intitulado **Grupo de Estudo de Séries Iniciais II** e lecionou no curso de Pedagogia nas disciplinas Didática I e II e Educação

Inclusiva. No ano seguinte participou como membro da Comissão Preparatória e Executiva da 1ª Conferência Municipal das Cidades realizada em Paranaíba em 2007 e secretária da Comissão Eleitoral para eleição de Reitor - Portaria: UEMS nº 236 de 26 de abril de 2007. (LATTES, 2021)

No mesmo ano, participou novamente como membro da comissão científica do SCIENCULT, do projeto de extensão denominado **Projeto de Ensino O Processo de Produção Científica: ação/reflexão/ação**. Foi nomeada como presidente da comissão de elaboração do projeto político do curso de especialização e, na sequência, após aprovação, tornou-se coordenadora (2007-2011). Com a especialização *lato sensu* em Educação criou o grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educacional (GEPPE), em 2007, e ministrou a disciplina de Didática (2007-2013). (LATTES, 2021)

Em 2008, participou da comissão do SICENCULT; em 2009 lecionou no curso de Pedagogia, da UEMS de Paranaíba, a disciplina Educação Especial e Educação Inclusiva e do projeto de extensão intitulado **Formação de professores: compartilhando saberes sobre inclusão social** (2009-2011). Entre os anos de 2010 e 2011 lecionou na especialização em Direito as disciplinas de Didática e Metodologia do Ensino Superior e Educação Inclusiva e Direitos Humanos, na UEMS/Paranaíba, tornando-se conselheira do CEPE (Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão) (2011-2013) e elaborou a proposta para criação do Programa de Pós-Graduação *stricto-sensu* em Educação, nível Mestrado, aprovada pelo CEPE/UEMS, em 2010 e pela CAPES, em que foi coordenadora entre o período de 2011 a 2015.

Neste período de 2011 a 2015, Doracina exerceu cargo de Presidente da Comissão de Planejamento e Acompanhamento das Ações do Programa de Pós-Graduação em Educação (2012-2014), Presidente da Comissão do Processo Seletivo (2011 a 2014), Presidente da Comissão para análise e reformulação da Proposta de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (2013-2014), Presidente da comissão de Reformulação do Projeto Pedagógico da Especialização em Educação (2014), criou as linhas de pesquisas Educação Escolar Inclusiva (2007-2015) e Teorias e Práticas Educacionais (2011-2014) e membro da comissão para credenciamento e recredenciamento de Docentes ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação e Presidente das Bolsas do Programa de Pós-Graduação em Educação – UEMS (2011-2014).

Além de ocupar cargos administrativos, no mesmo período, a professora lecionou no Programa de Pós-Graduação em Educação *stricto-sensu*, as disciplinas de Didática para o Ensino Superior e Educação Especial e Inclusiva: Formação de Educadores e Pesquisadores para o Ensino Superior.

Entre 2016 a 2017, ocupou o cargo de Coordenadora do Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (CEPEED) da UEMS de Paranaíba. Atualmente, Doracina Araujo é professora universitária aposentada.

Celi Correa Neres, ao ingressar na UEMS, em 1998, ministrou a disciplina Organização Política e Administrativa da Escola e Psicologia da Educação, na Unidade Universitária de Jardim (1998); presidiu a Comissão de Elaboração do Projeto Pedagógico do primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação na UEMS- Especialização em Educação Infantil- na Unidade Universitária de Dourados e o coordenou(1999); ministrou a disciplina de Sociologia e Psicologia no Curso de Enfermagem na Unidade Universitária de Dourados (1999); ministrou a disciplina Tópicos Especiais na Educação Infantil na Especialização em Educação Infantil (2000); participou da elaboração do Projeto Pedagógico do Curso Normal Superior (1999); coordenou o Curso Normal Superior (2000).

Foi professora no Curso Normal Superior Indígena na Unidade de Aquidauana (2004); foi relatora da Deliberação da Resolução CEE/ MS N° 7828/2005, que dispõe sobre a Educação Escolar de alunos com necessidades educacionais especiais no Sistema Estadual de Ensino (2005); coordenadora do projeto de Pesquisa intitulado **Histórias das Instituições Escolares em Mato Grosso do Sul** (2005-2007); coordenou o projeto de pesquisa nomeado **Instituições Especializadas no contexto da educação inclusiva: intenções e práticas** (2006- 2009); no curso de Pedagogia, na Unidade de Campo Grande ministrou as disciplinas Educação Especial, Práticas Pedagógicas de Educação Especial e Estágio Curricular (2008); integrou o projeto de pesquisa denominado A participação da UEMS na construção da Educação Inclusiva em Mato Grosso do Sul (2008-2010). (LATTES, 2021)

Professora na Unidade de Campo Grande (2010), assumiu a Gerência da Unidade de Campo Grande(2010); compõe o corpo de avaliadores ad hoc do Basis- Inep na regulação de cursos de Graduação (2010- atual); é integrante do Projeto de pesquisa **Diálogos e acompanhamentos: itinerários para a formação de professores iniciantes no Estado de Mato Grosso do Sul**; coordenou o projeto de pesquisa Inclusão Escolar dos alunos com deficiência: um estudo a partir da perspectiva da Organização do Trabalho Didático (2010-2012); orientadora do Mestrado em Educação em Educação na linha de pesquisa Teorias e Práticas Educacionais, na Unidade Universitária de Paranaíba (2011); membro do corpo editorial da **Revista Educação e Fronteiras On-Line** e da **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (2011); participou do projeto de pesquisa Observatório Nacional de Educação Especial: estudo em rede nacional sobre as salas de recursos multifuncionais nas escolas comuns (2011-2014); conselheira do Conselho Universitário (2011-2013). (LATTES, 2021).

Conselheira do Conselho Estadual de Educação (2010- atual); participou do X Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul - Impactos das Novas Políticas Educacionais na Atualidade: Impasses e Desafios (2012); presidiu a Comissão de Elaboração do Projeto Pedagógico do Mestrado Profissional em Educação (2011). Como coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional Unidade de Campo Grande (2012-2019), ministrou as disciplinas Seminário de Pesquisa I e Educação Especial e Processos de Escolarização; integrou o Projeto de Pesquisa **Eu tô voltando prá casa**: narrativas sobre a formação e desenvolvimento profissional de alunos egressos do curso de pedagogia, iniciantes na docência (2013-2015); avaliadora Ad hoc de Projetos de iniciação científica (2012- 2020). (LATTES, 2021).

É avaliadora *ad hoc* dos seguintes periódicos científicos: **Revista Interfaces da Educação, Revista GEPFIP, Revista AAPE/EPAA- Arquivos Analíticos, Revista Brasileira de Educação Especial, Revista Histedbr** (2013- atual); foi professora no Projeto de Curso de Aperfeiçoamento Educação para a Diversidade e Cidadania em Mato Grosso do Sul, Brasil - UEMS/SECAD/MEC/UAB/Capes (2011).

Docente na pós- graduação lato sensu em Educação Especial (2013- 2017), coordenou os projetos de pesquisas denominados: **A escolarização dos alunos com deficiência e a inclusão escolar**: aproximações com as práticas escolares (2014-2015) e a **Inclusão Escolar de Alunos com Deficiência Sensorial**: Estudo sobre as Tecnologias Assistivas (2014-2016), membro do corpo editorial da revista **Interfaces da Educação** e **Revista de Estudos de Educação** (2014); revisora de projeto de fomento Agência de fomento: Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do MS- Fundect/MS e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal- FAPDF/ DF (2014); coordenou o projeto de pesquisa Plano de articulação para o desenvolvimento das atividades de pesquisa e formação do Programa de Pós- Graduação, Mestrado Profissional em Educação (2016); integrou o projeto de pesquisa Desenvolvimento de tecnologias de ensino acessíveis para a formação de conceitos na educação básica (2016-2018); coordenou o projeto de extensão Orientação e Mobilidade para pessoa com Deficiência Visual: Teoria e Prática (2018-2019).

A professora Celi Neres foi relatora da Deliberação CEE/MS Nº 11.883/ 2019 que dispõe sobre a educação escolar de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul (2019). Atualmente é Vice-Reitora da UEMS e integrante dos projetos de pesquisas **História e memória da educação especial em Mato Grosso do Sul**: a voz dos gestores (1981-2014) (2018); **Trajetórias desde o global ao local em políticas de avaliação**

educacional na América Latina: um estudo internacional em rede (2018) e Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: Instituições, Personagens e Práticas(2019); coordenou o Projeto de extensão **Cine Clube: Inclusão em tela (2018-2019) (LATTES, 2021).**

Embora os dados apresentados não demonstrem as lutas, os embates e os conflitos vivenciados, é possível afirmar que eles existiram. A história não é linear nem tampouco um movimento circular, mas sim de continuidades e descontinuidades; o currículo é um campo de debates.

Para a constituição do perfil universitário de professoras, como ocorreu a apropriação cultural científica e a busca pelo novo perfil docente, as mudanças do fazer e por fim de contribuir em prol da universidade pública?

2.2.3 Constituições das professoras ao perfil universitário

As professoras Silvane Aparecida de Freitas, Maria José Alves de Jesus Cordeiro e Doracina Aparecida de Castro Araujo ingressaram na Fundação UEMS, como especialistas e Celi Corrêa Neres como graduada. Ao tomarem posse no concurso público em 1998 para lecionar na UEMS, foram ocupando cargos além da docência conforme já mencionado no tópico anterior.

Com ingresso na Fundação UEMS, as professoras buscaram formar-se para contribuir para o fortalecimento de suas carreiras e de seu saber docente e, de maneira indireta, para a constituição da universidade. Segundo as professoras Silvane Freitas e Maju, naquele momento, um requisito primordial para ascensão da Fundação era o quantitativo de docentes formados como doutores e mestres e para isto a instituição realizou convênio com outras instituições para oportunizar essa formação. A professora Silvane já demonstrara esse cuidado desde a época em que ainda era cedida da Rede Estadual, as professoras Celi e Maju já estavam no Mestrado antes da aprovação no concurso, e a professora Doracina aproveitou o convênio (MINTER) com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para cursar o mestrado.

Para corresponder ao perfil universitário, Silvane Aparecida de Freitas no ano de 1995 ingressou no programa *stricto-sensu* da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como aluna bolsista CAPES e concomitantemente lecionava no curso de Letras na UEMS, Cassilândia.

Neste tempo, a UEMS passava por reformulações administrativas, já mencionadas, e algumas de suas companheiras de trabalho foram exoneradas devido à nova organização

administrativa⁵⁵. A professora Silvane Aparecida relata que não havia permissão para cursar a pós-graduação e que todas as ações realizadas pelos professores deveriam ser comunicadas à reitoria da universidade. Desta forma, contou com a colaboração da coordenadora do curso de Letras⁵⁶ e de professores para continuar em formação.

[...] então foi muito corrido, muito sacrifício e eu me lembro assim, os nossos horários de aula eram combinados com a professora Estela e a professora Maria Helena, às três que dava aula no curso de Letras em Cassilândia na época, nós combinava um horário e tinha outro horário com a coordenadora, mas que não era para mandar para Dourados, eles não poderiam saber que a gente estava fazendo mestrado escondido, não havia permissão

Silvane relata que além desse constrangimento com a instituição em que atuava, havia dificuldade da estrada, às vezes, viajava para Campinas debaixo de chuva. Após sua aprovação no concurso público em 1998 e como doutoranda a professora comenta que neste tempo não precisava mais esconder sua formação, porém era cansativo lecionar e estudar. A sua maior dificuldade neste tempo não era conciliar o trabalho e os estudos, pois eram escolhas que realizou para cumprir seu propósito de tornar-se professora universitária. Além disso, tinha que conciliar tempo para cuidar de seu pai que adoeceu neste percurso.

No pós-doutorado, estudou um tempo em Portugal por conta própria. A instituição não a afastou de suas funções e nem a remunerou. De acordo com a fala da professora, teve que “regrar” um pouco para manter a sua formação.

A professora Maria José não obteve a mesma colaboração entre os professores e coordenadores em 1995. Por atuar na gestão na UEMS de Dourados, a nova organização da UEMS decidiu exonerá-la do cargo e colocá-la à disposição do estado, como já destacado. Diferentemente das demais professoras que realizaram o processo seletivo para atuar na universidade, Maju em 1994 foi convidada pela reitora - professora Leocádia Aglaé - a estar na UEMS, para fins de contribuir no setor de Legislação e Normas. Em 1995, com a exoneração da reitora, a professora perdeu o apoio e somente retornou à instituição após o Concurso Público de Provas e Títulos em 1998, quando já era mestranda em Educação.

Maju tornou-se bolsista CAPES no Programa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e a bolsa auxiliou nos custos de suas despesas, por não conseguir afastamento da instituição UEMS para concluir esta etapa de sua formação entre período de 1997 a 1999. Ao ingressar no doutorado pela mesma instituição, a professora Maju continuou exercendo sua função docente e de gestão.

⁵⁵ Equipe organizada para ver se a instituição estava de acordo com a legislação e Projeto Pedagógico.

⁵⁶ A coordenadora do curso de Letras de Cassilândia, professora Eliane Greice compreendia a necessidade da formação e com isto optou pelo diálogo de responsabilidade entre os professores. Pelo relato de Silvane, a docente tinha uma visão de mundo ampla e muito aberta.

Já no pós-doutorado tornou-se bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre o período de 2015 a 2016. As formações obteve atuando e lecionando na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Em 1995, não houve abertura do concurso vestibular para ingresso de novos discentes na UEMS, devido a nova “organização política”, conforme mencionado no tópico anterior. Observa-se que a havia movimentação para abertura de novas turmas na universidade, devido a publicação ainda no ano de 1994, do Calendário Acadêmico-UEMS-1995, em 25 de novembro de 1994, no Diário Oficial de nº3.917 cujas datas das provas do Concurso Vestibular seriam realizadas no período de 09 a 11 de junho, do ano seguinte.

Embora a professora fosse impedida de participar deste período, a UEMS tornou-se um “calendário eleitoral⁵⁷” de debates políticos e luta de resistência para a permanência e efetivação da instituição. De acordo com Mazini e Rosa (2019, p.36), este tempo é definido como “[...] conturbados: ameaça de fechamento ou diminuição de unidades, intervenção do governo, retirada da reitora eleita e nomeação de uma reitora pró-tempore. E, o que mais marcou para as pessoas que viveram todos estes acontecimentos? A União! ”

Com ameaça de fechamento, os discentes, de acordo com Mazini e Rosa (2019, p.37), colocaram “[...] ferro nas fechaduras das portas e cadeados. Ninguém conseguia entrar na universidade, então, começaram o processo de negociação com o governo do estado.” Em 08 de maio de 1995, a professora Leocádia solicitou a palavra na Assembleia Legislativa de Campo Grande, para dialogar sobre a permanência da universidade no estado de Mato Grosso do Sul. Com apoio de alunos, técnicos administrativos e professores nesta audiência pública, foi concedido o parecer de permanência da instituição e a volta da professora Leocádia na gestão da UEMS.

Em 1996 houve a reorganização da UEMS e a continuidade “[...] ao planejamento original da instituição, com ênfase em: oferta regular de exames vestibulares, realização de concurso para docente e qualificação do corpo docente” (MAZINI et al,2019, p. 43) agora com a extinção da rotatividade dos cursos e permanência dos cursos de graduação em suas unidades, no qual a

[...] expectativa era de que as Unidades definissem sua vocação regional e concentrassem esforços no desenvolvimento e solidificação de cursos de graduação, ações de extensão, grupos de pesquisa, estrutura física e pedagógica adequada, instalações, tecnologia e recursos humanos qualificados, comprometidos em produzir e disseminar conhecimentos em determinada área [...] (MAZINI et al,2019, p.45)

⁵⁷ De acordo com Silva Filho (2008), a UEMS durante período de 1979 a 1995 foi palco para debates políticos, pois sempre apareceu nos “debates políticos” e foi esquecida logo após.

Após concurso público de 1998, a UEMS iniciou uma estruturação para firmar-se como universidade. Para atender essa demanda era necessária uma porcentagem de professores com titulações de mestre e doutores. Com a permanência de alguns profissionais que já atuavam na UEMS e ingresso de novos profissionais, a Universidade realizou um convênio com outras instituições para atribuir a formação precisa para consolidação da instituição, como mencionado. Neste sentido, em 1999, a universidade concedeu aos professores ainda não titulados, um convênio entre instituições que ofertava vagas para cursar mestrado e doutorado para preencher a demanda da instituição.

A professora Doracina Aparecida de Castro Araújo matriculou-se no Minter⁵⁸ entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a UEMS, tornando-se Mestre em Engenharia de Produção, ênfase em Mídia e Conhecimento (1999-2001).

No doutorado e pós-doutorado, conseguiu licença remunerada da UEMS. A professora relata que se sentia motivada nesta fase de formação e podia dedicar-se aos estudos. Na fase do doutorado participava de bancas de qualificação de mestrado e doutorado, eventos científicos para ampliar seus horizontes. No pós-doutoramento dedicou-se em aventurar na área da educação especial. Segundo Doracina, a busca pelo aperfeiçoamento em cursos de pós-graduação, vários fatores foram determinantes:

[...] conforme cito: melhorar a qualidade de minhas aulas na graduação; aprender a ser pesquisadora para trabalhar a pesquisa em minhas aulas; conhecer outras realidades educacionais no País, com vistas a realizar contatos e parcerias com outras IES do País; contribuir com as IES que eu estava vinculada, ampliando as condições para propor cursos, conseguir recursos financeiros para a IES, e, também, maior reconhecimento profissional na área da Educação (SILVA, 2018, p.49)

Já a professora Celi, ingressou na Universidade como mestranda em fase de defesa do trabalho acadêmico na área da educação especial. A professora entende que sua formação foi engatinhando conforme a instituição avançava; teve que aprender a fazer e a investir na própria formação para no futuro obter resultados.

[...] eu sabia que aquilo era um investimento no objetivo que eu tinha que era seguir a carreira acadêmica, entendeu? Eu gostava muito de estudar, de fazer pesquisa e queria continuar; então eu fiquei seis meses e assim praticamente pagando para trabalhar até eu fazer a defesa e melhorar a minha carreira minha posição enquanto da universidade; [...]

⁵⁸ “[...] Turmas de mestrado e de doutorado acadêmico, conduzida por uma instituição promotora nacional nas dependências necessariamente de uma instituição de ensino e pesquisa receptora.” (SILVA, 2018, p.20)

Uma de suas dificuldades para cursar a fase do doutoramento era decidir em manter a carreira acadêmica (profissão e formação) ou afastar-se para realizar seu desejo de ser mãe. Por não ter programa de doutoramento em Campo Grande optou pela maternidade. “[...] eu queria me dedicar ao meu filho, eu não ficar presa estudando e não tendo condição de me dedicar (a maternidade). Então, eu parei assim com a minha carreira acadêmica e 2000, o meu filho nasceu”

Quando cursou a doutorado na capital de São Paulo, a professora relata que ficou estressada e sentia medo. O seu desafio maior neste período era conciliar “coisa de mulher” com a carreira, encontrar qualificação no estado de Mato Grosso do Sul. Outro desafio enfrentado pela professora foi custear os deslocamentos devido as unidades da UEMS serem distantes uma das outras. Neste período, a professora continuou ministrando suas aulas na UEMS, unidade de Cassilândia, enquanto buscava aprimoramento intelectual.

Nota-se que as professoras buscaram perfil universitário em suas formações, que atendessem às necessidades da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Percebe-se pela trajetória de formação que a única professora que gozou das propostas de formação dada pela instituição foi a professora Doutora Doracina Araujo, as demais tiveram que arcar com os custos de sua formação além de dedicar aos cargos exercidos além da docência. Isso demonstra um desenvolvimento da própria UEMS como universidade, uma vez que passou a propiciar condições para que seu corpo docente investisse na carreira por meio de estudos e que contribuísse com a universidade em dados quantitativos de acordo com as especificidades do Ministério da Educação (MEC).

2.2.4 A consolidação dos perfis

Atuando nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, as professoras desenvolveram-se profissionalmente durante a formação nos cursos *stricto-sensu* ao mesmo tempo em que lecionavam, geriam e defendiam causas de suma importância para a sociedade e para a educação.

Silvane, ao incorporar a equipe da UEMS de Paranaíba no ano de 2004 e assumir a Gerência da Unidade, buscou juntamente com professor Ademilson Batista Paes, coordenador do curso de Pedagogia e a doutoranda à época e coordenadora do curso de Direito, professora Ângela da Cruz Duran, se desafiar. Ao analisar o cartaz da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

(FUNDECT), buscaram criar um evento de nível nacional em que pudessem ter apresentação de comunicação, cadernos de resumos, publicação de anais, parcerias de diversas instituições.

Desta forma, constituiu-se o primeiro projeto do Simpósio Científico-Cultural (SCIENCULT), em 2005. A meta era criar um evento que desse alicerce científico para criação de uma pós-graduação e que o evento não ficasse restrito apenas à comunidade UEMS. Desta forma, realizou-se o evento sobre a temática **Formação Cidadã: Desafios para uma sociedade contemporânea** e foram publicados os primeiros anais dos trabalhos aprovados pela comissão científica do evento. (FREITAS, 2021)⁵⁹

De 2006 a 2013, ocorreram outras versões do evento, a princípio era um evento anual e como a instituição foi ampliando-se, a partir de 2013, tornou-se bianual. O objetivo principal do evento mantém-se até nos dias atuais: a divulgação de artigos científicos produzidos por discentes, docentes e convidados externos.

Com a criação de outros eventos científicos, a professora Silvane juntamente com a professora Doracina passaram a pensar em um Programa de pós-graduação *stricto-sensu* na UEMS, Unidade de Paranaíba. Uniu-se um grupo coordenado pela professora Doracina Aparecida de Castro Araujo para rascunhar e desenvolver o projeto da pós-graduação nível mestrado e o mesmo grupo colaborava para a criação de uma revista científica em prol da efetivação das pós-graduação. Logo, a revista científica foi criada e denominada **Interfaces da Educação**, com publicação em quadriênio.

No ano de 2004, a partir dos anais publicados pelo VI Seminário de Educação e II Colóquio de Pesquisa, a professora relata que por saber da importância da produção científica juntamente com a comissão científica de professores internos e externos⁶⁰ selecionaram nove artigos e publicaram pela revista **Interfaces da Educação** de acordo com a exigência da CAPES (FREITAS, 2021). O primeiro volume e a revista de número um foi publicado sob a temática “Formação de Professores enquanto prática social”, o volume I da revista número II publicado no ano de 2010, foi intitulada “Educação e Sociedade”. A partir do segundo número da revista a comissão científica decidiu que as próximas publicações da revista seriam do Programa de Pós-Graduação *stricto-sensu*, em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba criado no ano de 2010⁶¹.

⁵⁹ Fala da professora Doutora Silvane Aparecida de Freitas no XXIII Seminário de Educação e VIII Colóquio de Pesquisa- Pensamento de Paulo Freire para a educação versus Projetos Brasil na atualidade: o que defendemos, na mesa redonda intitulada Do curso de Pedagogia ao Mestrado em Educação na UEMS de Paranaíba

⁶⁰ Aos professores externos convidados para comissão científica atuavam em Programas de Pós-Graduação *stricto-sensu*

⁶¹ Aprovação da proposta deu-se pelo CEPE/UEMS em 2010 e pela CAPES em 2011. As aulas iniciaram em agosto de 2011.

Por apoiar a pesquisa, a professora Silvane atuou a frente dos grupos LGBT, dos índios e de pessoas negras. Ao ser Pró-Reitora de pesquisa na UEMS, em Dourados, uniu-se ao diálogo já proposto pela professora Maria José Alves de Jesus Cordeiro no apoio dos movimentos sociais ao grupo citado, em especial, o acesso dos indígenas a universidade. Em seu olhar a professora compreende que a exclusão do indígena na universidade é maior por ter a própria cultura.

Maju, ao ingressar na Pró-reitoria de pós-graduação no ano de 2000, a sua primeira providência enquanto Pró-reitora era dar acessibilidade as pessoas negras a ingressar na universidade por meio das cotas. O seu objetivo era elevar a UEMS, ao nível nacional de pesquisas sobre a temática. Logo, tornou-se a primeira mulher negra no Fórum da região Centro-Oeste a defender ações afirmativas; pela sua dedicação e perseverança levou a universidade ao cenário nacional em se tornar a primeira instituição pública a liberar quantitativo de vagas para ações afirmativas por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Em uma de suas publicações sobre a temática, Cordeiro (2012, p.01) compreende que o Brasil é visto como o país que não pratica racismo, “[...] mas que a desigualdades raciais e sociais são visíveis, em especial na educação superior, que está fundamentada no discurso da meritocracia, da democracia racial e da negação do racismo”. De acordo com Cordeiro (2012), a partir de 2000, os espaços universitários tornaram-se lugares de discussões e “[...] concretizações de lutas de movimentos sociais, como o movimento negro e lideranças indígenas, conquistaram após o decorrer de décadas de resistência e luta com o objetivo de criar oportunidades de acesso para negros e indígenas brasileiros a todas as esferas sociais”. Como conquista sob o princípio de uma educação democrática, em sua gestão, a UEMS regulamentou e implantou leis estaduais que modificam contextos acadêmicos nos âmbitos administrativos, pedagógicos e social.

Consoante com esses princípios, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS recebeu, regulamentou e implementou as duas leis estaduais que modificaram seu contexto acadêmico nos âmbitos administrativo, pedagógico e social. Estas leis são a nº. 2.589, de 26/12/2002, que dispõe sobre a reserva de vagas para indígenas, com percentual de 10% estabelecido pelo Conselho Universitário – COUNI da UEMS, e a nº. 2.605, de 06/01/2003, que dispõe sobre a reserva de 20% das vagas para negros. As leis reservaram vagas em todos os cursos de graduação da instituição. (CORDEIRO, 2012, p.358)

Em suas falas, a professora destaca que na UEMS, sempre foi pesquisadora, extensionista, gestora e docente. Ao abrir a pós-graduação *stricto-sensu* na UEMS, Unidade de Paranaíba, foi convidada pela professora Doracina a fazer parte da equipe de professores por

ter um currículo de referência, segundo ela. Logo, criou o Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão (CEPEGRE) (2014-2015), no qual há a linha de pesquisa sobre diversidade racial.

Após retornar do doutorado em 2005, Doracina recebeu um desafio a época do coordenador do curso de Pedagogia, professor Ademilson Batista Paes, de criar o curso de especialização em educação devido ao curso de Pedagogia. Ao fazer uma análise geral e solicitar a criação de uma comissão científica exclusiva para debate sobre a proposta da especialização ficou definida como a presidente da comissão. (SILVA, 2018)

Ao escrever o projeto e defender a proposta no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, conseguiu a aprovação e tornou-se coordenadora da pós *lato sensu* em 2007 na UEMS, Unidade de Paranaíba. A docente destaca que foram momentos intensos e de muita aprendizagem conjunta, “[...] de realização de projetos de pesquisa e extensão, além de várias publicações coletivas.” (SILVA, 2018, p.51)

Com as pesquisas em andamento, criou em 2007 o Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educacional (GEPPE) com objetivo de corroborar as ações de ensino, pesquisa e extensão que se realizam na Unidade de Paranaíba. Organizou juntamente com professores que aderiram ao grupo duas linhas de pesquisa, denominadas inicialmente Educação Inclusiva e Teorias e Práticas Educacionais, sendo ampliadas para três e renomeadas para Educação e Violência, Educação Especial e Teorias e Práticas Educacionais. Em seu olhar, observa que

O GEPPE envolveu muitos pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, além de professores da Educação Básica, em projetos de desenvolvimento, ensino, pesquisa e extensão, além de estudos e reuniões que ocorriam sempre na última quinta-feira do mês, com as linhas de pesquisa se reunindo também uma vez ao mês, intercalando com a reunião do GEPPE (SILVA, 2018, p.52)

Com essas iniciativas, a proposta da implantação do Programa de Pós-Graduação *stricto-sensu* na UEMS, Unidade de Paranaíba contribuiu com o *status* de universidade da UEMS, devido a instituição ter apenas um programa *stricto-sensu* à época. Como gostava de desafios, Doracina estudou o currículo de cada docente doutor em Educação e efetivo da universidade e a maioria aderiu à proposta. Logo criou a comissão que lhe definiu como presidente da comissão e juntos elaboraram a proposta levando a aprovação pelo CEPE/UEMS em 2010 e pela CAPES em 2011 com abertura das primeiras turmas em agosto de 2011.

A docente por estar envolvida com a pesquisa, extensão e gestão, além de continuar atuando nos cursos de licenciatura e lecionando em disciplinas ofertadas nos pós *lato-sensu e stricto -sensu* em educação da UEMS, de Paranaíba, foi convidada para uma reunião em

Dourados, em 2013, com a Pró-Reitoria e coordenadores dos cursos de mestrado. Nesta reunião foi apresentada a criação de centros de pesquisas, organizados por localidades.

Na tentativa de implantar o centro de pesquisa que aproximasse os cursos da unidade de Cassilândia (Agronomia, Letras e Matemática) e os cursos de Paranaíba (Ciências Sociais, Direito e Pedagogia e as duas pós-graduações *lato sensu* (Direitos Humanos e Educação), e as pós-graduações *stricto sensu* (Agronomia e Educação), tentou juntamente com professor Edilson Costa - à época, coordenador do curso de Agronomia concorrer ao edital conjunto, financiado por Órgão de Fomento, mas não obtiveram aprovação. Em 2015, teve aprovada em Dourados a proposta do projeto ampliada como Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (CEPEED).

Em 2016, foi publicada a Portaria de criação do Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (CEPEED-Paranaíba) no qual por unanimidade tornou-se a primeira coordenadora.

A professora Celi relata, ao ingressar na UEMS, em 1998, que já pensava em colaborar com a UEMS na pós-graduação. A experiência no mestrado despertou o gosto pela pesquisa e a vida acadêmica em geral. A sua primeira atitude enquanto docente universitária era criar a especialização para formar grupo de pesquisa. Embora neste tempo a universidade estivesse “engatinhando” e tivesse um perfil de “faculdade”; Celi relata que ainda o ambiente era “[...] *tudo incipiente universitária; a UEMS foi crescendo ao longo do tempo e eu fui acompanhando isso*”. Desta forma, tornou-se a primeira coordenadora do núcleo de pesquisa e educação da UEMS e abriu o primeiro curso de especialização *lato sensu* em Educação Infantil, no ano de 1999.

Em sua gestão, trabalhou para construir o projeto de extensão de formação de professores, o curso Normal Superior, juntamente com a professora Gisele Martins Leal, à época, Pró-reitora de Ensino. O objetivo do projeto era formar professores em serviço da Rede Municipal e Estadual do Ensino Público do Estado de Mato Grosso do Sul que não tinham curso de nível superior. Com a nova Lei de Diretrizes e Bases de 93/94 de 1996 orientava transformar o curso Normal Superior em licenciaturas de Pedagogia. Desta maneira, criou-se o curso de Pedagogia e a Unidade de Campo Grande.

Celi, além de ministrar disciplinas nos cursos de graduação, realizar projeto de extensão, atuou em pesquisa na área da Educação Especial e por este motivo recebeu o convite para atuar na equipe do primeiro mestrado em Educação *stricto-sensu* da UEMS, na Unidade de Paranaíba, a convite da coordenadora de curso, professora Doracina Aparecida de Castro

Araújo. Esta experiência, segundo a professora foi o divisor de água, pois esta experiência possibilitou a abertura do mestrado profissional na UEMS, Unidade de Campo Grande.

Neste sentido, concluo que as professoras se tornaram professoras universitárias devido às experiências nos encargos de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Embora note nas falas apresentadas que aprenderam a fazer atuando nos cargos designados, com desafios e dificuldades, não se limitaram para colaborar com a constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Percebe-se que a trajetórias das quatro professoras estão entrelaçadas e ligadas em prol da universidade.

Limito-me a escrever apenas sobre os fatores mencionados por compreender que todas as professoras vivenciaram outras experiências dentro da universidade concomitantemente em que atuavam na graduação e pós-graduação. Não trago as experiências do cotidiano na UEMS, das particularidades, dos sentimentos e das tomadas de decisões e nem contra argumento as falas e os acontecimentos narrados pelas professoras, pois são histórias singulares que se entrecruzam e constroem a trajetória das professoras.

Desta forma, na terceira seção trago a constituição e o fortalecimento da UEMS na consolidação do perfil de cada professora e suas contribuições na universidade pública do estado de Mato Grosso do Sul.

3 A CONSTITUIÇÃO DA UEMS COMO UNIVERSIDADE PÚBLICA E AS CONTRIBUIÇÕES DAS PROFESSORAS

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, ao longo dos seus 28 anos de implantação foi se constituindo. A sua história pode ser contada a partir das contribuições de professoras e professores que assumiram cargos de docência à gestão, em prol de contribuir com a instituição. Neste capítulo, após reflexões sobre o que é a universidade, destaco aspectos que se ressaltaram na trajetória de cada professora - sujeito deste estudo - que, a meu ver, contribuíram com a constituição da singularidade da UEMS.

3.1 A história da UEMS por meio da história das professoras

As universidades, de acordo com Souza (1996), surgiram na baixa Idade Média denominadas "instituições medievais" ou "escolas superiores". No Brasil, as primeiras instituições foram criadas no período colonial entre os séculos XVI e XVIII, como cursos superiores para "[...] qualificação das elites agrárias e à classe dominante da metrópole exploradora da Colônia. Durante o período colonial, os núcleos educacionais importantes eram os colégios jesuítas⁶² espalhados pelo país."(SOUZA, 1996, p.46). Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, Souza (1996, p.47-78) informa que,

Os cursos de Ensino Superior foram criados para atender, predominantemente, as necessidades do Estado nascente: formação dos seus burocratas, formação de especialistas para a produção de bens de consumo das classes dominantes e a formação de um quadro complementar de profissionais liberais.

Cabe salientar que neste processo de implantação do Ensino superior no Brasil, a elite brasileira não investiu na educação, "[...] muito menos em ensino técnico, como havia ocorrido na Europa; ou seja, a elite brasileira não transplantou as ideias europeias, apenas os seus modelos" (SOUZA, 1996, p.46). Após a Proclamação da República, em 1889, iniciou-se o atual sistema universitário brasileiro⁶³, no qual "[...] as universidades brasileiras foram constituídas, fundamentalmente, pela aglutinação de faculdades isoladas." (SOUZA, 1996, p.49).

A educação começa a aparecer nesta fase como uma preocupação no cenário político brasileiro. Projetos para organização de um sistema escolar e para instrução pública são

⁶² Os ensinos destes colégios tinham três finalidades, a saber: formar padres para a atividade missionária na Colônia; prover os quadros do aparelho repressivo dominante e ilustrar os homens das classes dominantes. (SOUZA, 1996, p.46)

⁶³ Embora tenham surgido as primeiras universidades, as escolas superiores não deixaram de existir; em 1930 surge "[...] escola superior não dependente do estado" (SOUZA, 1996, p.49)

pensados neste tempo da República. Criam-se universidades por algumas regiões do Brasil, porém não se consolidam. Inicia-se em 1931, a busca pela “identidade⁶⁴” das universidades brasileiras. Influenciado pelos modelos franceses, começa a ser criada a primeira escrita do estatuto das universidades brasileiras. De acordo com Souza (1996), adota-se o modelo de universidade, mas descontextualizado das questões "políticas, sociais e econômica e social do estado".

A Universidade Brasileira não foi, em nenhum momento, concebida no seio de um projeto educacional vinculado a um projeto de desenvolvimento nacional. Mesmo em momentos que consideremos felizes e esperançosos para a Universidade Brasileira, como nos projetos de criação da Universidade de São Paulo e da Universidade de Brasília, vamos encontrar, de um lado, um projeto revanchista e circunstancial e, de outro lado, um projeto mais realista, porém sem sustentação política numa sociedade impregnada de uma ideologia populista reformista pouco discutida (SOUZA, 1996, p. 55)

O modelo de universidade que temos hoje no Brasil é oriundo desses movimentos citados e reafirmado pela Reforma Universitária em 1968. Souza (1996) avalia que a "nossa universidade" não conseguiu mudar os interesses do poder que a controla e nem a relação com a sociedade.

[...] O seu legado histórico de valores positivos continua não influenciando suas ações; ao seu fardo histórico acrescentamos outras tendências desenvolvidas por ela mesma, tais como o empreguismo, o mimetismo e a hipocrisia acadêmica a impor barreiras entre os discursos universitários e a sua prática, isolando-a cada vez mais da sociedade de cujo desenvolvimento ela é vetor fundamental. (SOUZA, 1996, p.56)

Em sua visão, Souza (1996) afirma que as universidades deveriam ser organizadas e ligadas a projetos sociais reais, ter autonomia própria, sem desviar-se de suas finalidades "[...] básicas de ensino, pesquisa (pura, aplicada e tecnológica) e assumindo seu espaço político de construção e discussão dos fundamentos de uma sociedade livre, independente e democrática."

A Universidade de Mato Grosso do Sul foi se constituindo, reconstruindo e sendo repensada ao longo dos anos em seus 28 anos de funcionamento (1994-2022). Desde a sua criação a equipe gestora, administrativa e técnica buscou fortalecer a instituição para tornar-se universidade pública autônoma.

De acordo com Ana Vendramini Reis (2016, p.75), em sua tese de doutorado, a UEMS, diferentemente de outras instituições estaduais brasileiras, foi pensada em um modelo "*Multiunidades de ensino*", "*(multicampi)*" "[...] considerando as distâncias e as dificuldades dos alunos para se deslocarem, inverteu-se a busca, seria a universidade que iria até o aluno,

⁶⁴ Segundo Souza (1996, p.56), as identidades das universidades brasileiras não foram definidas uma vez que "[...] o país ainda não encontrou sua identidade como nação, não se construiu como nação".

Desta ação, surgiu a criação da primeira revista da universidade na área da educação, a **Revista Interfaces da Educação**, em 2004, que tinha como objetivo favorecer o desenvolvimento a longo prazo da pós-graduação na Unidade de Paranaíba, por ser um "desejo" da professora e dos colegas docentes.

Entende-se que a pós-graduação, segundo Botomé (1998, p. 50), contribui significativamente para o desenvolvimento do país:

[...] é indispensável formar e capacitar cientistas que estejam aptos a produzir o conhecimento de que o país necessita de professores que estejam aptos a transformar esse conhecimento em condutas de cidadãos e de profissionais em geral. Tal formação precisa ser feita de maneira apropriada às condições do mesmo e de maneira consistente, de acordo com as exigências de uma produção científica de qualidade. Também parece ser necessário realizá-la com rapidez, com economia de recursos e em uma qualidade significativa para, de fato, enfrentar os problemas com que país se defronta no âmbito dos processos de produção Ciência e Tecnologia e de geração de acesso ao conhecimento científico, ou seja, por meio do ensino, especialmente o de nível superior, por meio de outros recursos.

De acordo com a narrativa da professora na mesa redonda do evento online intitulado XIII SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E VIII COLÓQUIO DE PESQUISA: Pensamento de Paulo Freire para a educação versus Projetos de Brasil na atualidade: o que defendemos? realizado no ano de 2021, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação *Stricto-Sensu*, nível Mestrado e o Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (CEPEED), a revista **Interfaces da Educação** foi criada pela mesma equipe coordenada pela professora Doutora Doracina Aparecida de Castro Araujo, à frente do projeto para abertura da pós-graduação *Stricto-Sensu* na UEMS, Unidade de Paranaíba, em 2010. À época, segundo a fala da professora Silvane, a criação da revista contribuiria para abertura do Programa de Mestrado em Educação, na Unidade de Paranaíba.

Silvane contribuiu de maneira significativa a pesquisa na universidade. Publicou em Revista Científica, em anais de eventos. Na UEMS, coordenou alguns projetos de extensão, como O Professor Iniciante e o Ensino de Língua Materna (1998-2000), O Professor Iniciante e o seu Trabalho com o Texto na Sala de Aula (2000-2002), As Condições de Leitura das Escolas Municipais do Município de Paranaíba (MS) (2002-2005), A Representatividade dos Gêneros Textuais nas práticas comunicativas (2005-2007), A Prática de Análise Lingüística: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal (2007-2009), Histórias de Vidas: a construção da identidade dos parceiros do assentamento serra (2006-2008), O ensino de leitura no Brasil: a formação do gosto (2008-2010), Um Estudo da Apropriação do Termo Análise Lingüística em Mato Grosso do Sul (2008-2010), Memórias de leitura de alunos indígenas: identidade e

historicidade” entre os anos de (2013-015). Atualmente coordena o projeto de extensão “Memórias da Mulher Idosa: Representações e Letramentos.

Atualmente a revista **Interfaces da Educação** é organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) /Unidade Universitária de Paranaíba.

3.1.2 A professora Maju e suas contribuições para as políticas afirmativas

Após retornar para Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), após passar no concurso público de professores em 1998, Maria José Alves de Jesus Cordeiro dedicou-se aos estudos de questões raciais e indígenas. De 2000 a 2005, segundo a professora, quando exerceu o cargo de Pró-Reitora de Ensino da UEMS, lutou em transformar a instituição em um espaço inclusivo para todos, embora já realizasse pesquisas e extensão nas temáticas étnico-raciais.

Maju, por compreender a importância das Políticas de Afirmativas e o quanto essa ação contribuiria na universidade para a “acessibilidade ao conhecimento” à minoria, e amparada pelas análises científicas como “[...] ‘medida compensatória’ no sentido de promover o princípio da igualdade em prol de minorias étnicas [...] (BITTAR, et al. 2007, p.144), lutou juntamente com as organizações dos Movimentos Negro e lideranças Indígenas⁶⁵ para que a UEMS estabelecesse critérios para a efetivação das leis “já publicadas” e que de fato regularizassem o direito a este público desfavorecido.

Em 27 de dezembro de 2002, foi publicado no Diário Oficial Eletrônico de Mato Grosso do Sul de nº5906, ano XXIV a lei de nº2.598 de 26 de dezembro de 2002 que “Dispõe sobre as reservas de vestibulando indígenas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul [...]” (MATO GROSSO DO SUL, 2002, p.01), que obrigava a reserva de vagas no curso de graduação aos indígenas. Entretanto, não foi descrito nesta lei, o número de vagas para atender a este público. Diferentemente da publicação, a lei de nº 2065, de 06 de janeiro de 2003, publicada no Diário Oficial Eletrônico de Mato Grosso do Sul, de nº5911, ano XXV de 07 de janeiro de 2003, “Dispõe sobre reserva de vagas de negros nos cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul [...]” (MATO GROSSO DO SUL, 2003, p.01), o total de 20% de suas vagas nos cursos de graduação da UEMS.

As discussões, segundo Bittar et al (2003), foram levadas a Câmara de Ensino do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), na qual os conselheiros "solicitaram" a participação e a "formação" de uma comissão científica de Movimentos Negros, do Conselho Estadual de Direito do Negro, de Lideranças Indígenas e da Coordenadoria de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial do Governo do Estado para realizar o trabalho.

Na entrevista concedida, a professora Maju relata que essas discussões e o pioneirismo na luta pela igualdade de negros e indígenas na universidade, levou a UEMS ao cenário nacional ganhando o prêmio Camélia da Liberdade⁶⁶, em 2006. A UEMS é a terceira universidade⁶⁷ a inserir o sistema de cotas para preenchimento de vagas nos cursos de graduação e pioneira no estado de Mato Grosso do Sul. (CORDEIRO, et al, 2016).

Atualmente, a professora Maria José é Pró-Reitora de Ensino na UEMS, sede em Dourados, e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação *stricto-sensu*, nível Mestrado na UEMS/ Unidade de Paranaíba. Informo que a professora contribuiu/contribui significativamente para que a UEMS se tornasse uma instituição plural. Há outras contribuições da professora como no campo de Formação de professores, mas me limito a escrever apenas sobre as suas ações na questão étnico-raciais.

3.1.3 A professora Doracina e suas contribuições para a pós-graduação

O Programa de Pós-Graduação em Educação *stricto sensu* da UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba surgiu de uma proposta apresentada em uma aula magna do Programa *Lato Sensu* em Educação da UEMS, Unidade de Paranaíba, em 2010.

Ao avaliar a possibilidade como positiva, Doracina solicitou a elaboração de uma comissão para criar um projeto e enviar aos órgãos de fomento e assim, conseguir abertura da pós-graduação na Unidade de Paranaíba. Nos estudos dos currículos dos professores da UEMS, para compor a equipe para lecionar no Programa de Mestrado em Educação, a professora selecionou os professores que se desenvolveram profissionalmente na pesquisa, por área. Entre os professores selecionados, Celi foi convidada por desenvolver pesquisa na área da inclusão e

⁶⁶ Segundo Luz (2015, *online*), o prêmio é uma "[...] manifestação cultural institucional e pública do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) de reconhecimento a iniciativas destinadas aos afro-brasileiros, que promovam Ações Afirmativas como forma de contribuição para a superação das desigualdades raciais e sociais nos campos do trabalho, da educação, do desenvolvimento econômico e do desenvolvimento cultural."

⁶⁷ A primeira universidade a inserir o sistema de cotas em seu processo seletivo para preenchimento de para vagas nos cursos de graduação foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em seguida, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) (CORDEIRO, et al ,2016)

ter projetos nesta área, Maria José por ter pesquisas consolidada na questão racial e Silvane na leitura e linguística aplicada.

De acordo com as informações obtidas até o momento, o Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Educação, nível mestrado, iniciou com duas linhas de pesquisas: "Linguagem, Literatura, Educação e Sociedade" e "Teorias e Práticas Educacionais", em 2011. Na elaboração do Projeto Político-Pedagógico em 2013, ampliou as linhas para três: "Currículo, Formação Docente e Diversidade", "História, Sociedade e Educação" e "Linguagem, Educação e Cultura" que se mantém até hoje. O objetivo do Programa compete na formação de docentes

[...] capazes de planejar seu fazer pedagógico em conformidade com as propostas educacionais construídas coletivamente, com execução, avaliação e replanejamento de suas práticas individuais e coletivas, para ser incentivador do discente na busca do saber por caminhos e estratégias formativas próprias, instigando sua curiosidade na construção de conhecimentos; um pesquisador que busca transformar informação em conhecimento teórico-prático, que se dedica ao Ensino Superior com objetivo de melhorar a qualidade da Educação Básica, que saiba socializar seus conhecimentos com os sujeitos da pesquisa e com a comunidade e que busque trabalhar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (UEMS, 2011, *online*)

Durante sua trajetória profissional na UEMS, contribuiu na área da Educação Especial e realizou projetos de extensão voltados à violência escolar. Juntamente com colegas de profissão, tornou-se organizadora de livros de grande maioria resultados de pesquisas em andamento ou concluídas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS, Unidade de Paranaíba. Em 2010, publicou pela Editora CRV, Editora Boreal e *Scortecci* Editora. Em 2011, pela Editora CRV, em 2012 pela Editora UEMS e pela Editora CRV, em 2013 pela Editora Pedro e João Editores e Editora CRV, em 2014 pela Editora CRV, em 2015 pela Editora Mercado de Letras, em 2015 e 2017, pela Editora Pedro e João Editores.

Em 2021, o Programa completou 10 anos de implantação sendo a primeira pós-graduação em Educação *stricto-sensu*, da UEMS (mestrado acadêmico) contribuindo para que a instituição cumpra seu propósito do ensino, pesquisa e extensão. Com a consolidação do Programa de mestrado acadêmico na Unidade de Paranaíba, a professora Celi juntamente com outros professores que estiveram nos primeiros tempos do PGEDU-UEMS, a partir da experiência obtida neste processo de colaboração entre professores, projetou o Programa profissional de Mestrado na Unidade de Campo Grande, sendo que o Programa da Unidade de Paranaíba, foi a inspiração da professora, segundo ela.

3.1.4 A professora Celi e suas contribuições para a educação especial

No processo formativo ao desenvolvimento profissional, a professora Celi Correa Neres encontrou na UEMS possibilidade de contribuir na área da educação especial. Por estar ligada a projetos de pesquisa e extensão, ao ingressar na UEMS, a sua primeira iniciativa foi a criação de uma pós-graduação *lato sensu* na área da educação, cujo objetivo pessoal da professora era conseguir tornar a instituição forte na pesquisa e assim formar grupos e linhas de pesquisa.

Embora tenha antecedentes na área da Educação Especial no tempo em que atuou na Secretaria de Educação pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, na universidade a professora não limitou apenas em realizar pesquisas científicas, criou projetos de extensão para formação de professores, docência na graduação e pós-graduação, assumiu cargos de gestão como o Núcleo de Pesquisa, a Coordenação do Mestrado Profissional, Gerência da UEMS, de Campo Grande e atualmente é vice-reitora da universidade.

Conciliando a docência e ocupando cargos administrativos, realizava pesquisas em prol da educação especial e inclusiva, por ser seu "lema de vida". A professora nota que a UEMS, tem esse caráter inclusivo "[...] *UEMS é uma unidade que ela tem um perfil inclusivo seja porque ela foi uma das primeiras para pensar as cotas raciais, depois uma universidade que sempre trabalhou com a inclusão, seja no ensino, da pesquisa e da extensão.*"

Teve publicados artigos sobre a temática na Revista Intermeio em 2001, na Revista HISTEDBR(*online*) em 2003, nos Cadernos CEDES em 2008. Com orientandos e colegas de profissão, publicou na Revista Educação e Fronteiras *Online* em 2015 e em 2019, na Revista *International Studies on Law and Education* em 2016, na Pesquisa em Debate em Educação, em 2017, na Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem, em 2017, na Revista de Educação, Arte e Inclusão em 2017, na Revista Brasileira de Educação Especial em 2018, na Revista Multidisciplinar da Universidade do Estado da Bahia (UNB) em 2019, na Revista de Educação e Cultura Contemporânea, em 2020 (LATTES, 2022). É preciso mencionar que as publicações em periódicos citados são apenas sobre as temáticas "Educação Especial e Educação Inclusiva". Informo que há outras publicações de outras temáticas como formação de professores, ensino de matemática.

Celi colaborou na elaboração do Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul⁶⁸ e na Comissão de Sistematização e Revisão Final, em 2014, da meta 4 intitulada "Educação Especial" representando a UEMS.

⁶⁸ Documento normativo que busca analisar o processo formativo e as necessidades de cada etapa de Ensino, e atender [...] as expectativas da sociedade e dos(as) cidadãos (ãs), aos quais o direito à educação de qualidade social deve ser garantida. (PNE, 2014,p.07).

Finalizo a escrita sobre o perfil de cada professora que foram destaques e reconhecidas pelo seus feitos na área da educação. Saliento que as professoras contribuíram em outras vertentes direta e indiretamente, mas que não foi possível no momento dissertar.

3.2 O olhar das professoras sobre as próprias trajetórias

Observa-se durante o percurso das professoras o desenvolvimento profissional e a busca da identidade de professora universitária. Embora tenham aprendido a fazer em atuação, muitas foram as diversidades como a busca da formação continuada, atuação em equipe, ocupação de cargos administrativos cuja finalidade era obter o *status* de universidade para a UEMS, de acordo com as orientações do Ministério da Educação (MEC).

Ao questionar as professoras sobre seu olhar para a própria trajetória percebe-se nas entrevistas transcritas o compromisso para além do trabalho, o anseio para uma educação consciente libertadora. As professoras por acreditar na educação ousaram em seu tempo, buscaram não se silenciar suas atividades deixando registros e permitindo a escrita de suas trajetórias por meio de suas memórias.

A professora Silvane defendia causas importantes como do LGBT, dos índios, dos negros (o ingresso por cotas). Já presenciou preconceito contra professores homossexuais dentro da UEMS e lutou pelo direito de ser e estar na universidade.

Ao relembrar da UEMS, no início, a professora descreve a instituição como se fosse uma máquina de escrever e com pequenas quantidades de livros em prateleiras. Quando assumiu a Pró-Reitoria, conseguiu abrir concursos para docente para todas as unidades da UEMS, financiamento em projetos científicos e aberturas de doutorados.

Ao buscar em suas memórias a sua trajetória, Silvane Aparecida descreve que ao ingressar na UEMS, era insegura, embora não apresentasse em suas ações esse comportamento de insegurança. Hoje, aposentada e contribuindo apenas como docente sênior no PGEDU-UEMS, observa que ser professor é partilhar conhecimento e sempre estar disposto em aprender, é estar sempre

[...] em busca de novos conhecimentos e novas experiências para se colocarem prática junto a seus alunos. É buscar o melhor para cada turma, para cada aluno. É o desafio de busca de soluções para cada aluno, cada ser em formação que depende do professor para crescer e se transformar. Portanto ser professor é amor ao conhecimento, é prazer por estar aprendendo sempre, é realização pelos avanços e sucessos dos alunos, é também frustração pelos retrocessos e insucessos desses seres que, assim como o professor, estará sempre em formação

Como legado educacional a professora anseia em deixar o exemplo, a dedicação e o entusiasmo de que outras gerações atuem com convicção e que lutem pela educação e que encarem a pesquisa e ensino como meta de número um para “[...] *refletir e repensar o mundo em que vivemos. O legado para novos professores seria a ciência de que os conhecimentos não são prontos e acabados*[...]”

Maju nota sua trajetória como resistência e possui como característica “olhar sempre avante”, respeitando seu passado e sua história. Observa que muitas declaram que educação é a chave da solução e ao contrário de apenas dizer, em seu olhar, “executa”; “[...] *O discurso entendeu da transformação ela tem que começar eu tenho que começar na própria pessoa, então como é que eu vou mudar alguém, eu vou transformar o mundo e ficar sonhando*”

É contra o racismo e tornou-se referência por atuar na área racial e de gênero. Considera-se como educadora e não apenas professora. Em seu olhar o ser professora é a sua profissão,

[...] você faz uma licenciatura, pega o diploma e você vira professora; agora ser educador tem que ir além disso, é saber nesta função é trabalhar essas coisas que eu já coloquei para você. Aqui em questão da transformação, a questão da formação dos nossos alunos como cidadãos como pessoas que realmente possam se sentir, pessoas né ter uma autonomia de pensamento e etc

Sobre seu legado educacional deixado para futuras gerações, é sua história, sua luta ou a mulher que não deixou os problemas dominarem seus objetivos, “[...] *deteve diante das dificuldades do racismo, preconceito, discriminação.*” Mesmo com nomes pejorativos advindos de seus colegas, lutou, brigou e fez o que era possível e impossível e “[...] *aprenderem como também superar isso na minha história uma história de superação, que atua em todos os campos, superação de mim mesmo, superação da minha história.*”

Doracina Aparecida de Castro Araujo observa que a professora que ingressou na UEMS tinha uma bagagem boa de experiência em Universidade. De acordo com a professora, a sua atuação no CEFAM foi fundamental para ingressar na UEMS. Com novas leituras, aos poucos percebeu sua melhora principalmente quando buscou os cursos de formação continuada.

Foi um crescimento impressionante e eu penso que os alunos perceberam isso também, porque os meus alunos do meu início de professora que normalmente quando se inicia vocês têm seguranças e a insegurança e te faz ser uma professora mais distante dos seus alunos; e no final a minha segurança fez com que me aproximasse muito mais lógico sempre dura na queda, mas sempre junto com meus alunos.

Aposentada, Doracina conceitua o ser professora como paixão em querer ensinar, em acreditar nas potencialidades do próximo. Como legado deseja para próxima geração, que não desista nos primeiros problemas, que observe os lados positivos e que conquiste pessoas e

aprenda a trabalhar com elas “[...] *Eu acho que eu fiz isso com muita propriedade, eu sempre me aproximei ou trazia as pessoas para trabalhar juntos, eu queria um grupo formado forte, juntos sem individualismo eu sou totalmente contra o excesso de individualismo.*”

A professora Celi observa seu crescimento dentro da UEMS; observa que ingressou como professora que tinha experiência apenas da educação Básica de Ensino e hoje após uma vivência acadêmica se constitui como pesquisadora. Em sua visão, ser professora é levar alguém a ter outros pensamentos, [...] *acho que é o maior legado de ser professora é contribuir na vida do outro, não existe outro legado maior que esse, contribuir na vida do outro.*”

Analisa que em sua trajetória educacional dentro da UEMS, pensou sempre na constituição da instituição; “[...] *o trabalho e a instituição em que você trabalha você ajuda a constituir esta instituição; mas você também é constituída por ela... são uma dialética.*”

Magnani (1997) destaca ainda que o professor se forma ou é deformado no seu processo por outros e de outros. Todo processo de formação de professores

[...] é trabalho que produz uma proposta de ensino e os sujeitos e relações neles envolvidos, enquanto objetivação de um projeto [...] é a parte do processo de formação de sujeitos, num dado momento histórico, em determinadas relações sociais de trabalho. (MAGNANI,1997, 30).

Desta forma, conclui-se que cada professora possui uma visão sobre sua trajetória devido ao processo formativo e de constituição da identidade docente universitária e da própria instituição. Neste tópico, limitei-me a não analisar as problemáticas de cada fala, da constituição do ser professor, pois a proposta é escrever a história das professoras por meio das próprias falas sem questionar outros nas relações humanas e sociais que também fizeram parte de uma trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível Mestrado, sobre o tema "Desenvolvimento Profissional Docente de professoras universitárias" na linha de pesquisa 2 "História, Sociedade e Educação", busquei analisar a trajetória profissional das professoras Silvane Aparecida de Freitas, Maria José Alves de Jesus Cordeiro, Doracina Aparecida de Castro Araujo e Celi Correa Neres e suas contribuições na constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), entre os anos de 1994, ano de abertura da UEMS e contratação de professores, a 2020, final da coleta de dados.

A problematização da pesquisa partiu da hipótese de que o desenvolvimento profissional das professoras e a constituição da UEMS foram simultâneos. O objetivo da pesquisa foi analisar a trajetória das professoras mediante a análise do conceito Desenvolvimento Profissional Docente (DPD) baseado em Marcelo Garcia (2009) para a escrita do texto.

Foi constatado até o momento que o ingresso das professoras na UEMS, embora motivado a princípio por questões financeiras devido à precarização do Ensino Básico vivenciado no estado de Mato Grosso do Sul, nas décadas de 1980 e 1990, foi uma necessidade de âmbito privado atuar no Ensino Superior. Lecionar na UEMS, nos primeiros tempos de sua implantação foi desafiador para as primeiras professoras Silvane e Maju, que ingressaram na UEMS, em 1994, pois tiveram que lutar pela sua permanência enquanto profissional de ensino a princípio e enquanto instituição universitária, e a professora Maju foi, inclusive, afastada da instituição.

Com a volta da "normalidade" e o Concurso Público de Provas e Títulos, em 1998, houve o ingresso de novas professoras como Doracina e Celi, a volta de Maju e a permanência de Silvane, logo, inicia-se a busca de meios para transformar a instituição em universidade, mediante esforço pessoal e coletivo de criação de eventos científicos, publicação de artigos oriundos de pesquisa de Projeto de Extensão e Ensino, formação continuada e abertura de cursos, inclusive de pós-graduação.

Nota-se, pela narrativas das professoras e na análise do conceito de Desenvolvimento Profissional Docente de Marcelo Garcia (2009) que a evolução das professoras deu-se a partir da necessidade da instituição em ter professores capacitados para ocupar cargos de gestão e docência na universidade; cada vez que assumiam ofícios, recorriam a formação continuada; e que estas professoras permaneceram na UEMS a fim de contribuir com a instituição, devido

aos novos desafios profissionais assumidos por elas, nos quais aprimoravam a identidade de professoras de Ensino Superior.

Atuar na UEMS não foi um processo simples e nem linear. Embora não tenha me detido no cotidiano das professoras, percebe-se nas falas um silenciamento de certos acontecimentos e informações fragmentadas, informações superficiais que implicaram em dificuldades na escrita deste texto. A hipótese pensada às questões citadas pode ser o medo de cometer o anacronismo histórico em contar o passado com as intervenções do presente ou devido a memória, que segundo Le Goff (1990, p.477), é “[...] um elemento essencial do que costuma se chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”. Pode “conservar certas informações”, mas que o homem pode atualizar informações que “representa” como passadas.

É prudente salientar que a pesquisa e a escrita foram realizadas em tempo pandêmico. No primeiro momento havia um roteiro de entrevista a ser realizado com as professoras presencialmente. Devido ao isolamento domiciliar entre o período de 2020 a 2021, as entrevistas tiveram que ser reelaboradas para um ambiente virtual, o qual ao meu ver afetou a produção da pesquisa e deste texto, inclusive as minhas evoluções enquanto sujeito em formação. Algo que eu pude notar, durante a reescrita final do texto, nos primeiros cinco meses do ano de 2022, foi que os bancos de dados encontravam-se fora do ar, outrora com informações desatualizadas. Contextualizo, que talvez os bancos de dados também sofreram com o impacto da pandemia.

Embora eu traga ao protagonismo histórico a formação de mulheres professoras e seu desenvolvimento profissional, é preciso dizer que há outras mulheres invisibilizadas que participaram destes momentos históricos e que contribuiram para a constituição da UEMS e que há outras mulheres (e homens) opostas ao perfil apresentado nesta pesquisa, opressoras, racistas, homofóbicas e machistas.

Alguns aspectos da configuração dos textos mobilizados como documentos nesta pesquisa, consegui analisar, outros, não.

A pesquisa possui suas potencialidades como o ineditismo, a análise do Desenvolvimento Profissional, trazer ao cenário histórico a história de professoras vivas. Entretanto possui lacunas a serem supridas, como por exemplo, explorar os 15 nomes resultantes do mapeamento exposto no Capítulo 1, que não foram abordados nesta pesquisa; aprimorar informações trazidas por mim até o momento das professoras e averiguar outras contribuições realizadas na UEMS; analisar o conceito de Instituições Educativas na História

da Universidade e as dificuldades da professora universitária nos afazeres domésticos entre outros.

De todo modo, concluo que as professoras aqui abordadas desenvolveram-se na profissão de docente do Ensino Superior, assumindo tal identidade, em virtude das colaborações em atividades de ensino, pesquisa, extensão, e ainda, desenvolveram-se nas atividades de gestão, para as quais aproveitaram as oportunidades que tiveram – ocupando espaços da universidade, os quais, embora distanciem da função de intelectual para as quais obtiveram formação, são importantes espaços políticos que delineiam e definem os espaços da universidade.

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, Neusa Banhara; ALMEIDA, Patrícia C. Albieri de. A Constituição da Profissionalidade Docente: Tornar-se professora de educação infantil. **30ª Reunião Anual da Anped/ GT08 - Formação de Professores**. 2007, p.01-16 . Disponível em < <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/constituicao-da-profissionalidade-docente-tornar-se-professora-de-educacao-infantil> > Acesso em jan 2023.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo. UNESP, 1998

ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro. **Currículo do Sistema Lattes**. [Brasília]. 16 de out. 2021. Disponível em < <http://lattes.cnpq.br/8083791584012105>>. Acesso em: 16 out 2021

BITTAR, M.; CORDEIRO, M. J. de J. A.; ALMEIDA, C. E. M. de. Política de Cotas para Negros na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – um estudo sobre os fatores da permanência*. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S. l.], n. 24, 2013. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/248>. Acesso em: 9 jun. 2022

BOTOMÉ, S. P. Qualificação de cientistas e professores de nível superior para o desenvolvimento científico, tecnológico e universitário do país por meio de mestrados e doutorados descentralizados: avaliação de uma experiência, **Educação brasileira**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 49-77, jul./dez. 1998

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2 eds. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008

CERTEAU, Michel de. Fazer com: Usos e Táticas In.: **A invenção do cotidiano**. A arte de fazer. 3º ed. Petrópolis, 1998. p. 91-103

CLAVIJO LOOR, Maria Alexandra. O Verdadeiro Baluarte da Universidade é o professorado! Mulheres Professoras Universitárias no Equador: Discursividade Professoral, Identidades Profissionais e Trajetórias Docentes no campo científico. 2018. 364 f. Tese (**Doutorado em Educação**) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018

CORDEIRO, Maria José Alves de Jesus. **Currículo do Sistema Lattes**. [Brasília]. 16 de out. 2021. Disponível em < <http://lattes.cnpq.br/6974467691324675>>. Acesso em 16 out. 2021

EUCLIDES, Maria Simone. Mulheres Negras, Doutoradas, Teóricas e Professoras Universitárias: Desafios e Conquistas. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, 2017

EVANGELISTA DE OLIVEIRA, A. T. Conceito de formação de professores e desenvolvimento profissional: suas diferentes expressões e concepções. **Revista Triângulo**, Uberaba - MG, v. 11, n. 2, p. 61–76, 2018. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2659>. Acesso em: 14 maio. 2022.

FABBRO, Márcia Regina Cangiani. *Mulher e Trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade*. 2006. 366 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, 2006.

FREITAS, Silvane Aparecida de. **Currículo do Sistema Lattes**. [Brasília]. 16 de out. 2021. Disponível em < [//lattes.cnpq.br/6617799934090015](http://lattes.cnpq.br/6617799934090015)> Acesso em: 16 out 2021

UEMS. História e Missão. Disponível em < <http://www.uems.br/historia>> Acesso em: 10 jan de 2020.

FREITAS, M. B. L. de; FARIA, S. C. A INTERIORIZAÇÃO DA UEMS COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL. **ANAIS DO ENIC**, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/3688>. Acesso em: 5 jun. 2022.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História e Historiografia da Educação no Brasil. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. (Org). **História da Educação e História Cultural**. Belo Horizonte, 2003. p.49-75

GORZONI, Sílvia de Paula; DAVIS, Claudia. O Conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes. *Caderno de Pesquisa*. V.47 n.166 p.1396-1413. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/cp/a/wQ9fQZq8sDY9cnSng5fxVFd/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em jan 2023

GUEDES, Tatiana Rosalina, PINTO, Thiago Pedro. O Contexto Histórico e algumas questões políticas na criação e instalação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) In: **Encontro Nacional de Educação Matemática**. XIII. 2019. Cuiabá. n.p. Disponível em < <https://www.sbemmat.orgrossosul.com.br/eventos/index.php/enem/2019/paper/viewFile/3081/704>>. Acesso em: 16 out. 2021

Lüdke, Menga e Boing, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educação & Sociedade* [online]. 2004, v. 25, n. 89 [Acessado 14 Janeiro 2023], pp. 1159-1180. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400005>>. Epub 24 Jan 2005.

MACHADO, Isabel. *Professoras Negras na UERJ e cotidianos Curriculares, a partir dos primeiros tempos do acervo fotográfico J. Vitalino*. 2011. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2011
80

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARCELO GARCIA. **Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro**. Sísifo, Lisboa: Universidade de Lisboa, n. 8, p. 7-22, 2009.

MATO GROSSO DO SUL. Lei nº 1.468, de 22 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a obrigatoriedade de filiação de entidade desportiva à federação respectivas, e de outras providências. **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul**, Ano XV , nº 3693, Campo Grande. 23 de dezembro de 1993 (Poder Legislativo). Disponível em <<http://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO3693_23_12_1993&>> Acesso em 10 jan 2020

MATO GROSSO DO SUL. Portaria UEMS nº 077, de 17 de agosto de 1994. Resolve a lotação do pessoal Docente nas Diretorias da Universidade e distribuí-los nos departamentos. **Diário Oficial de Mato Grosso do Sul**, Ano XVI, nº3856, Campo Grande. 19 de agosto de 1994 (Poder Executivo). Disponível em <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO3856_19_08_1994> Acesso em 14 maio 2022

MATO GROSSO DO SUL. **Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande. Secretaria de Educação, 2014. p. 1-130). Disponível em <<http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/pee-ms-2014.pdf>> Acesso em junho de 2022

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. **História da Educação**. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999.

_____. Apresentação. In: MORTATTI et al., (Orgs). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 11-22.

MAZINI, André; ROSA, Eduarda. **UEMS 25 anos: uma história contada por todos!** – Dourados: MS: Editora UEMS, 2019. Disponível em: <http://www.uems.br/25-anos/#livrosection>. Acesso 08 out 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história de mulheres**. Trad. Angela M.S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007.

NERES, Celi Correa. **Currículo do Sistema Lattes**. [Brasília]. 16 de out. 2021. Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/1447713278574091>>. Acesso em: 16 de out. 2021

PINTO, Raissa Nunes; SILVA, Diego Pereira da; MACHADO, Aline Alves. Protagonismo de Mulheres na História da Educação: entre uma poetisa e algumas professoras. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. XIV, 2019, **Anais Educon 2020**, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 3, p. 4-17, set. 2020. Disponível em <<https://www.coloquioeducom.com/>>

PISTORI, Milena Inês Sivieri; ALMEIDA, Carina Elisabeth Maciel de; FIDELES, Sirlene Moreira. Restrução da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul no contexto da Reforma Universitária, **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Brasil, 2004. Disponível em <<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/restruturação-da-universidade-estadual-de-mato-grosso-do-sul-no-contexto-da-reforma>> Acesso em 16 out 2021

QUADROS, Taiana Flores de. Vida de Mulheres negras, professoras universitárias na Universidade Federal do Paraná. 2015. 99 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria. 2015

REIS, Ana Tereza Ventrimini. A importância das TICS e da Educação como Processo Comunicacional Dialógico no Ensino Superior: um estudo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2016. **Tese de Doutorado**

RODRIGUÉZ, Margarita Victoria; ROCHA, Paola Rolon; VALEDEZ, Hellen Coroline. História do Sindicato Docente: Valorização Salarial do Magistério de Mato Grosso do Sul In: PINTO, Adriana Aparecida; FURTADO, Alessandra Cristina, (Orgs). **A história da educação em Mato Grosso do Sul temas e abordagens**. Dourados, MS, 2017. p.131- 155. Disponível em <http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/a_historia_da_educacao_em_ms.pdf>. Acesso em: 21 marc 2020

SANFELICE, J. L. História de Instiuições Escolares. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/quaestio/article/view/1620>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SAVIANI, Dermeval. Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (orgs.) **Instituições escolares no Brasil**. Campinas: Autores Associados, p. 3-27.

WEBESÉRIE. **UEMS 25 anos**. Disponível em <<http://www.uems.br/25-anos/>> Acesso em: 18 de out 2019

YOUTUBE. **TV Assembleia conta a história dos 25 anos da UEMS desde a criação até os dias atuais**. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=jabGYSvnj2k&feature=share&fbclid=IwAR33SPqaSutR_FZ1NP2CP9wrbR1oMALIXVrkqM8e4zb6EzHJCcPWhURc_I> Acesso em 18 out 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE –A⁶⁹**Entrevista transcrita com a Professora Doutora Silvane Aparecida de Freitas para o Desenvolvimento da pesquisa em Educação.**

Entrevistador: Diego Silva

Entrevistada: Professora Doutora Silvane Aparecida de Freitas

Entrevista realizada em 02 /07/2020

Duração: 47 min 15s

A Entrevista é separada por quatro fases; fase um: momento de escolha, fase dois: momentos iniciais na UEMS, fase três: UEMS/ seu desenvolvimento e a fase quatro: seu olhar sobre a UEMS. Esses tópicos foram organizados para que eu consiga escrever sobre a trajetória e desenvolvimento da senhora na UEMS.

Tudo bem!

1-Eu gostaria que relatasse sobre a sua infância, as primeiras projeções de estudos, o primeiro contato com a escola e se houve um incentivo de algum familiar.

Sobre minha infância até os cinco anos eu morei no sítio, aí daí em diante meu pai resolveu vir para cidade para me pôr na escola. Eu fiz a pré-escola onde é hoje a Escola Objetivo que era o Colégio das Freiras, em seguida fui estudar na escola José Garcia Leal. Eu não tenho muito o que falar da minha infância, eu acho que eu não tive muita infância; eu me lembro da minha fase escolar, não tive muita brincadeira, não me lembro de brincar com uma amiga minha de casinha, sabe uma vez assim me lembro esporadicamente; mas eu me lembro o tempo todo da minha infância na escola e inicialmente eu tive dificuldade para ser alfabetizada eu me lembro que eu soletrava beabá , Ah tá mas não sabia juntar essas sílabas, mas depois do segundo ano em diante que eu soube juntar essas sílabas eu fui i muito bem. Eu era sempre a primeira aluna da sala de aula, mas não tinha muita brincadeira como tem hoje de pega-pega, não me lembro de jogar queimada nas aulas de educação física, só por incentivo de algum familiar. Para estudar não teve, não era obrigação da gente estudar e tirar nota boa, mas aí do nada decidi ser professora.

⁶⁹ Devido à crise sanitária, não foi possível realizar a entrevista presencial. Desta forma, a professora Doutora Silvane Aparecida de Freitas, concedeu- a virtualmente pelo SKYPE e devido a oscilações da internet, perdeu –se a qualidade no áudio.

2-Neste período a senhora teve oportunidade de escolher algum curso?

Não! Eu me casei muito nova, com 16 anos fui mãe e aos 17 eu estava fazendo segundo grau ainda. Nessa época, eu morava em Goiânia quando eu tive o meu primeiro filho, as condições para estudar com criança pequena em Goiânia estava difícil. Voltei para Paranaíba já casada e aí foi assim que eu terminei o segundo grau. Eu sabia que eu tinha que fazer um curso superior, meu pai me incentivou a fazer um curso superior, mas a única opção que eu tinha era cursos para professor em Pereira Barreto. Na época, eu preferi escolher letras (não sei porque), eu acho que eu escrevi é bem aí comecei a fazer Letras. Apesar de que eu era um excelente aluno em matemática também, mas eu preciso de Letras. Fiz o curso de letras, não fiz Pedagogia embora tivesse Pedagogia também.

3-Na época, por que decidiu ser professora? Teve oportunidade de escolhe outro curso? Passou em algum concurso? Quando formou no curso de licenciatura qual era a expectativa naquele momento?

Olha! A minha vida sempre foi muito corrida, eu fiz colegial primeiro, depois fui fazendo normal e curso de letras. O Normal durante o dia e o curso de Letras anoite e dando aula e no outro período me lembro que eu dei aula numa quarta série, professora substituta e depois dei aula mais um ano na terceira série, mesmo tempo e então a vida me levou. Aliás o primeiro ano que eu dei aula foi na cabeceira da Vila, uma sala multisseriada. Eu ia para dar aula e levava meu filho mais velho Rogério, as minhas alunas me ajudava a cuidar a do Rogério. Então tinha alunos de primeiro até quarta série, a gente separava por filas. Então sei que não foi bem uma escolha, era necessidade; mas tudo fazia com muito gosto. Quando eu terminei a faculdade logo em seguida passei no concurso para professor do Estado, eu me lembro que eu chorei muito passei até bem classificada, mas não tinha vaga em Paranaíba, não tinha vaga em Costa Rica, Cassilândia nem Aparecida Taboado. A vaga que eu encontrei foi de Três Lagoas e escolhi uma escola considerada muito boa, a Escola Fernando Correia e lá eu trabalhei por Dez anos, foi ali que eu não iniciei como professor efetivo no estado e praticamente me fez como professora do Ensino Fundamental, dava aula de quinta a oitava série, me dei muito bem. Tinha alunos e professores da faculdade, eu era uma professora muito elogiada não sabe nem porque, você trabalhava você ia fazendo e eu me lembro que eu fazia com muito gosto, carregava muitas pilhas de caderno, levava para casa para corrigir, porque as produções de texto de meus alunos todas eram feitas nos caderninhos. Eu levava pilhas e mais pilhas de caderno para corrigir, então eu dava aula de manhã e à tarde e à noite corrigindo era uma loucura, uns dez anos assim e no último ano foi cedida para o SINTED, eu era a secretária no SINTED e ali eu vi um edital para dar aula no primeiro ano na UEMS que ia abri ainda ia funcionar. Mandeí meu currículo, é meu currículo foi aprovado, fui chamada para entrevista e fui aprovada e em seguida fui dar aula em Cassilândia em letras aí 1994.

4-Teve alguma frustração no início de sua carreira?

Sinceramente não me lembro. O problema é que na época a gente ficamos uns seis meses sem receber no Governo do Marcelo Miranda, mas eu estava no sindicato, a gente trabalhava muito em Três Lagoas, fazia até sopão na época do carnaval aquelas canjas para arrecadar dinheiro como fundo de greve, mas eu não me lembro de frustrações

5- Realizou alguma Pós-Graduação neste período?

Especialização na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas. Duas especializações tudo na área de Letras, uma no ensino de Língua Portuguesa a outra em Texto de Linguagem, mas tudo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e com isso eu fiquei muito familiarizada com a Universidade Federal com os professores de lá, a Emily, acho que eu me dei bem com ela com essas especializações é o que me deu é condições depois para entrar na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, como professora e em seguida no mestrado na UNICAMP.

6-Eu posso afirmar então com a sua especialização foi o motivo que a senhora ingressou na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul? Deixando de ser professora do Ensino Médio e Fundamental para ser professora universitária?

Eu não sei se foi esse o motivo, mas foi um trampolim. O último foi, eu estava em contato com os professores universitários e ao mesmo tempo veio um edital na minha mão, eu estava no Sindicato e eu lia o Diário Oficial todo dia, vi aquela publicação e decidir tentar simultaneamente, mas não foi algo planejado.

7- Conte-me um pouco sobre as formas de contrato de trabalho que teve na UEMS?

Eu só tive a cedência, eu fui cedida para a UEMS em 1994, e fiquei os quatro anos cedida do estado.

Nas publicações do Diário Oficial de 1994, o nome da senhora aparece como uma das professoras a prestar o processo seletivo para contratação de professores e assumir contrato por prazo determinado e após outras publicações e novamente o nome da senhora aparece, mas agora cedida. A senhora não assumiu o contrato por prazo determinado?

Eu tive apenas o contrato de cedência.

Então foi só o contrato de Cedência?

Sim! Eu não podia ter outro contrato, entendeu? Imediatamente já fui cedida, eu não me lembro de detalhes, eu sei que eu fui cedida.

8- Qual a sua perspectiva na UEMS? Quais era seus objetivos iniciais? Ser apenas docente, estava preparada para assumir outros cargos além da docência?

Não estava preparada para assumir outros cargos, eu estava feliz enquanto docente. Minha vontade era estudar mais, tanto é que assim que eu entrei na UEMS, eu já entrei no mestrado. Eu entrei na UEMS em 1994 -1994 e entrei no mestrado na Unicamp; em 1998 já entrei no doutorado. Foi ao mesmo ano que eu prestei o concurso de 1998; eu pensava em dar apenas

aulas, mas faltava pessoas e ao mesmo tempo a gente começava a assumir outros cargos além das aulas, mas não era a minha vontade, mas era necessário a gente lutava também para manter a UEMS aberta, porque a vontade dos governos da época, era fechar.

9- O que foi ser professora na UEMS em 1994, processo de abertura; em 1995 considerando o dia D, uma luta para manter a UEMS aberta e em 1996, com a conquista do status de Universidade?

Muito estudo! A gente estudava bastante porque primeiro lugar, você dá aula no Ensino Fundamental e quando vai para o Ensino Superior os conteúdos são outros, recorri aos meus professores da UFMS e me ajudou muito na época, o professor Roberto Castanheira. Agora em 1996, me passa muito vagamente porque eu estava fazendo mestrado ao mesmo tempo, eu ficava dois dias em Campinas e três dias em uma correria, eu me lembro vagamente de 1995-1996.

Professora, 1995 foi o ano que não abriram o concurso vestibular na UEMS, em que o novo governador vem com a proposta de querer organizar a Universidade e como luta de resistências de alunos e professores até a vitória do dia D, quando finalmente as aulas voltaram. O que foi estar sendo professora universitária e lutar pela permanência da UEMS? Qual era a sensação deste momento?

Nós andávamos praticamente armados o tempo todo, fazendo trabalho com os alunos, eu estava atuando em Cassilândia; eu me lembro que o grupo de Paranaíba era o mais mobilizado, o curso de Direito sempre foi o mais mobilizado e eu morava em Paranaíba, mas ficava na estrada todo momento, hora para Cassilândia e hora para Campinas. Nós colocamos faixas, na época alguns alunos foram para Paranaíba pegar ônibus para ir para Campo Grande no manifesto, eu me lembro desses detalhes..., mas vagamente, eu estava muito envolvida com o meu mestrado na Universidade de ponta do país, exigia muito de mim. Eu viajava para lá no domingo, segunda e terça-feira viajava pensando o dia todo a noite toda, para quarta está dando aula. Então foi muito corrido, muito sacrífico e eu me lembro assim, os nossos horários de aula era combinado com a professora Estela e a professora Maria Helena, às três que dava aula no curso de Letras em Cassilândia na época, nós combinava um horário e tinha outro horário com a coordenadora, mas que não era para mandar para Dourados, eles não poderiam saber que a gente estava fazendo mestrado escondido, não havia permissão. Então o dia eu ia para Campinas (segunda/terça) outra professora estava lá segurando as minhas aulas, aí a outra ia quinta e sexta eu ficava segurando as aulas dela e o pessoal de Dourados não sabia. Eu até li que foi uma pressão muito grande dos professores, que era tudo rígido, ficava contabilizando horário de aulas.

Como foi dar aula em relação a este episódio? Como é ensinar e ao mesmo tempo ser coagido pelo sistemas e burocracias?

Na época, nós tínhamos uma coordenadora muito boa, a coordenadora do curso chamava Eliane Greice, ela já deu aula aí no mestrado de Paranaíba, ela era sensacional... não seguia essas normas e a gente vivia no diálogo e com muita responsabilidade, todo mundo com muita

responsabilidade e por conta dela e a visão de mundo muito aberta a gente conseguia fazer o mestrado; se não a gente não teria feito. Não tinha essa de controlar horário, está certo de estar na universidade nos dias, porém não tinha ninguém controlando o nosso horário, apesar que era o dever dela; mas ela não fazia, entendia muito o que nós professores estava fazendo.

10- Com a sua aprovação no primeiro concurso de professores na UEMS, em 1998. O que mudou em sua visão professora?

Olha, absolutamente nada! Eu continuei com as mesmas aulas, eu fui bem classificada, então eu fiquei em Cassilândia, no curso de Letras e com as mesmas aulas que eu tinha anteriormente. A única diferença é que eu já estava fazendo doutorado, viajando do mesmo e não precisava fazer mais escondido, o horário era adequado e eu me lembro que agora nós tivemos licença parcial para fazer o doutorado, dar aulas e não precisava ministrar projetos de pesquisa ou extensão, foi mais ou menos assim. Na unidade de Cassilândia antes era na escola, no centro da cidade e nessa época ela foi para sítio, assim que conseguiu o curso de Agronomia, porém o curso de Letras diminuiu um pouco movimento por ser no sítio; a circular que ia para lá era só de manhã e então se os alunos quisessem ir para lá anoite tinha que ser de carro próprio, porque se não tinha que ser de manhãzinha; então fluxo de alunos na biblioteca e para o curso de Letras não foi bom. Quando era no centro da cidade os alunos estavam constantemente frequentando a biblioteca e conversar. Então foi uma boa o doutorado, nós continuamos estudando as três que começamos juntas no curso de Letras, terminamos o nosso doutorado, desenvolvemos pesquisa e logo em seguida consegui ficar só em Paranaíba, deixei o curso de Letras. Assim, eu terminei o doutorado fui chamada para assumir a gerência, não tinha ninguém que desejasse assumir a gerência da unidade, onde eu fiquei até o meu próximo doutorado, o pós-doutorado.

11- A senhora enfrentou alguma dificuldade no início de sua carreira de ordem pessoal ou profissional? Quais foram e como superou?

Olha, eu não me lembro... sim! Eu me lembro das nossas dificuldades na estrada para ir de Paranaíba para Cassilândia, às vezes chuva na estrada,

Mas dificuldade de ordem física...?

Mesmo que estivesse, para nós era tudo novo e muito bom os desafios, tudo novidade. Era muito cansativo, viajava para um lado e para outro, eu achava tudo muito normal porque foi uma escolha que eu fiz e essas coisas a gente tem que assumir com muito compromisso e eu assumi sempre com muito compromisso. Relembrando, não consigo achar grandes dificuldades, que eu tive pessoais Meu pai doente, eu tinha que dar aula e voltar, cuidar do meu pai, mas assim são coisas a gente tinha que superar.

12- Porque que a senhora escolheu a carreira Universitária?

Porque tem coisas que a gente não sabe por quê? Eu sempre tive vontade de estudar, eu me dava bem com papel, com a pesquisa e não acho que foi só por isso eu escolhi a carreira

Universitária. A Educação Básica era muito pouco, eu queria mais para mim e não apenas no financeiro, lógico. O financeiro influenciava que na época era um financeiro bem diferente, hoje é quase a mesma coisa, mas era o financeiro e era vontade de estudar mais, de ser alguém mais reconhecido, eu achava que seria melhor..., mas é utopia, uma ilusão.

13- Quais foram os cargos assumidos na UEMS?

Olha, eu fui uma vez coordenadora do curso de letras em Cassilândia por pouco tempo, mas fui. Eu fui gerente na unidade de Paranaíba, eu fui coordenadora do curso de Ciências Sociais por duas vezes seguida, Eu fui também Pró- reitora de ensino e terminei quase a minha carreira como professora de Ensino, assim que terminou meu mandato na Reitoria de Ensino, aí eu tive que ir para Dourados, eu fiquei mais um ano e pedir aposentadoria e estou aposentada hoje e continuo na universidade dando aula no curso de Mestrado. Eu atuo por opção e não recebo nada por isso, aliás a gente tem até alguns prejuízos. Eu saio daqui de Santa-Fé e vou para Paranaíba, essas estradas são boas (risos), você sabe disso, estoura pneu, pedra acerta no carro e fica tudo por sua conta mesmo; mas é uma relação gostosa que me revitaliza cada vez que eu vou lá ministrar minhas aulas e contato com os professores e alunos e isso é muito bom! Eu gosto de orientar incentivo muito meus alunos a publicar, tanto é que eu vejo alguns colegas professoras reclamando “Por que os alunos não cumpriram os créditos de publicação ou de evento? ”. As minhas cumpriram todos os créditos, publicando em revista e o incentivo ajudo elas publicarem. É algo que eu gosto, mesmo não recebendo por isso; é uma questão eu penso assim, fiz o mestrado e o doutorado professora, eu acho que ainda estou jovem mesmo chegando aos 60 anos, acho que eu tenho alguma coisa ainda para contribuir orientando poucos alunos. Hoje eu tenho três orientados, mas é uma coisa que eu faço com prazer.

14- Pelo fato de a senhora ser mulher, houve enfrentamentos na UEMS, quando assumiu cargos de liderança?

Não, o fato de ser mulher em casa, na minha vida familiar nunca foi problema. Sempre fui chefe em casa, sempre tive liberdade para agir neste setor mesmo tendo que viajar para Paranaíba-Campinas. Tive um tempo em Portugal estudando, pouco tempo de três meses, mas eu estive sozinha. Por não ter tido afastamento e nem bolsa tudo foi bastante regrado. Chegava de madrugada na rodoviária de Campinas, na antiga rodoviária de Campinas, ficava sentada já me precavia perto do guarda até amanhecer o dia e pegava a circular para ir para Unicamp e fala tudo bem né? Então ele já me vigiava né, mas nunca tive problema nenhum. Graças a Deus!

Mas, professora eu digo sobre censuras, ou na Educação Ensino Superior os cargos de lideranças são assumidos por homens

Mas, Diego eu sempre tive compromisso com a educação, meu compromisso interior. Queria que a educação mudasse e que essa mudança tem que passar por alguém. Sempre pensei assim pelo fato de eu ter feito tudo isso, eu melhoria a educação, pensando na melhoria da educação eu me sinto ainda com esse compromisso às vezes, não estou muito bem de saúde mas eu me sinto com esse compromisso de ter que contribuir ainda, olha a gente percebe o seguinte diferente da Educação Básica você pode observar que tem mais homens que lecionam, eles

alcançam os cargos de poder, de chefia na universidade; o reitor é homem; os pró-reitores quase todos são homens salvo raras exceções, os coordenadores de curso geralmente são homens indicam os cursos de humanidade, salvo os curso de Pedagogia e Letras que a maioria são professoras mulheres- nos cursos da humanidade. Mas você vai no curso de Agronomia, você vai no curso de veterinária, você vai no curso de Matemática a maioria são só homens e poucas são as mulheres que que tem ali ocupa o cargo de chefia. Eu tive oportunidade de ocupar os cargos de chefia, fui até candidata a vice-reitora, mas na época nós não fomos merecedores de ganhar eleição; mas eu acho assim quem faz a hora faz acontecer né então nós tem algumas mulheres nessa Universidade que fizeram acontecer, eu lembro da professora Doracina assim que somos todos da mesma época e que nós ocupamos os cargos de chefia nessa Universidade.

Dentro da carreira Universitária, embora ainda mulheres ocupe cargo de chefia, mas ainda há uma barreira?

Elas, ainda estão ocupando e a gente vê isso quase meio a meio. Eu digo sim! Para nós ficar de chefe de Dourados, sempre foi mais ou menos equilibrado (homens e mulheres). Embora tenha muito mais professores universitários do que professoras se você contar todos os cursos.

Ao realizar o mapeamento em relação ao quantitativo de professores, realmente nos cursos de humanas a predominância é de mulheres e nos cursos de exatas as predominâncias são de professores homens. Na graduação, embora tenha escrito a Biografia de uma professora Universitária, meus questionamentos era e são os motivos pelas quais as mulheres desapareceram da história? Por que a história não traz as mulheres como protagonistas? Mesmo com movimento Feministas e as grandes conquistas; mas ainda há uma barreira.

Na UEMS, nós tivemos até hoje uma reitora a professora Leocádia que foi nomeada. Nós tivemos duas vezes mulheres na chefia, então parece que a mulher assume sempre no papel mais secundário do mesmo trabalho, da mesma forma que o homem nos cargos de chefia. Como tem que negociar com o governador, tem que negociar com deputados, tem que ter muita dedicação, dedicação total no cargo e a mulher continua sendo dona de casa, a mulher continua sendo mãe, a mulher abandona a casa e os filhos facilmente para entrar numa Reitoria por exemplo que é dedicação integral. Você não tem nem vida própria; mas eu de quando fui pró-reitora eu já não tinha vida própria, não tinha horário para chegar em casa, você começa a reunião você não tem horário para termina-la, era concursos, era sábado e domingo. Então você não tem mais ou você não pode ser mais dona de casa e a mulher não deixa de ser dona de casa. O problema é esse, talvez porque tem a questão do papel que o homem criou para mulher, por que que não pode ser dividido? Por que o homem não pode cuidar de casa? Entendeu? Eu tinha estrutura da sociedade de hoje, os filhos é ocupar uma função dessa que você não tem horário.

A nossa amiga Josélia está fazendo uma pesquisa no nosso programa em que ela trabalha com a questão da mãe, professora, as dificuldades dessas mulheres professora mãe, de ensinar de manter a casa, em ordem patriarcal a professora mãe ainda tem um horário lá na escola, ela faz eu me lembro como eu fui professor emãe e quando eu chegava da escola, eu cuidava da casa dos filhos, hora que eu ponho ele para dormir, eu estudava até de madrugada; é isso que a professora mãe faz realmente, agora a professora que ocupa um cargo na estrutura da

Universidade você não tem horário, dá o horário de você buscar filho na escola, se você não tem alguém para buscar como que faz ? Você está no meio da reunião do Conselho, como é que você sai? Você está no meio do governador negociando, como é que você sai? Então eu vejo que é difícil na estrutura da sociedade de hoje da mulher mãe.

16- Como a senhora Mãe professora conseguiu equilibrar e assumir os cargos de lideranças? E, quais as causas defendidas pela senhora na UEMS?

Eu procurava de forma indistinta, embora participasse do movimento feminino e de reuniões (nas reuniões eu era igual um foguete). Se fizessem ou dissessem alguma injustiça, eu defendia; mas não houve nada específico que eu me lembre.

Eu defendi as causas dos LGBT, dos índios, dos negros (o ingresso das costas). Vi também e defendi situações de professores homossexuais em algumas professoras homossexuais, doentes que a gente teve que brigar por conta do atestado deles, porque o atestado teve que ser prolongando por um problema sério de saúde a gente tem que brigar pelo direito que tem como pessoa humana. Mas eu acho que o mais atuei foi nas costas; começou a ter muito problema algumas pessoas loiras dos olhos azuis, fazia aquela declaração que era negra, aí eu professora Maju, nós adotamos a questão do questionário de fazer entrevista com os candidatos negros para realmente barrar alguns casos de pessoas que não era realmente negra e que estava abusando daquele direito, que foi uma luta para se conseguir e quando consegue algumas pessoas estava abusando. Então como fala a gente regulamentou, mas foi na minha gestão que nós colocamos as entrevistas em diversos lugares, diversas unidades para regulamentar para que não houvesse tanto abuso de algumas pessoas. Outro direito tão fundamental que eu acho a questão do indígena, não era o problema não foi problema, porque é preciso apresentar carteira que ele é indígena e o negro não tem uma carteira em quem falou eu sou negro. Então aí tinha que passar pela entrevista, mas o ingresso do indígena pela a formação dele é muito menor que do negro, não se adapta muito bem ao deixar o seu local, a sua Aldeia e vai para Universidade porque eu tenho que deixar a família e família para ele né só pai e mãe e tio primo tudo, a família então ele entra numa depressão profunda [...] Você sabe que a exclusão do indígena na universidade, eu acho que é maior que tem, porque é o indígena tem uma cultura totalmente diferente da nossa e o professor por muitos deles não aceita aquela cultura diferente não aceita aquela escrita diferente porque ele Alfabetizado nos lugar lá no seu meio e então a invasão do indígena é maior do que o do negro, se bem que o negro nós temos um outro problema é o fato dele não que às vezes querer assumir que ele entrou pelas costas cidade. Teve um aluno que fez foi fazer uma pesquisa para saber das colegas cotistas negros o que que ele sentiu ali na no curso, ele não achava colegas cotistas, embora ela tinha relação. Ela foi na secretaria acadêmica pegou a relação dos colegas cotistas, mas ali ninguém ia sumir aqui era por que não fica bem para ele falar eu sou negro eu entrei pelas costas. Você sabe que só por isso ele vai ser discriminado.

16- O que levou a senhora a continuar com seus estudos?

A partir do momento que a gente está se qualificando a gente está contribuindo para que a universidade seja Universidade. No início, eu estava em uma escola onde os professores eram no máximo especialistas; então começamos estudar e a qualificar. Já na universidade estava dando condições para que a tornasse realmente universidade, ela tinha que ter uma porcentagem de mestres e porcentagens de doutores, gente queria contribuir com isso, a gente não queria ficar fora e a gente tinha medo que a universidade não se tornasse Universidade, porque não tinha obrigação de ter pesquisapara isso a gente tem que ter o título de Doutor, não foi tudo ao mesmo tempo que eu sentia necessidade de estudar, eu tinha o nome da universidade para carregar também. Nós entramos a maioria especialista e fomos conquistando esse título, vamos crescendo junto.

17- Já quase finalizando nossa entrevista, gostaria de saber qual a sua visão sobre sua trajetória na UEMS?

Eu me lembro que quando a UEMS início era uma máquina de escrever e uma prateleira com alguns livros didáticos. Com a garra de todos os professores, também dos técnicos, lógico que não pode menosprezar os técnicos, os técnicos também vestiram a camisa da UEMS. Conseguimos financiar projetos, trazer verbas para Universidade, temos cursos reconhecidos no estado e País e muitos programas internacionais tem muitas pesquisas desenvolvidas, pesquisas de ponta, graças aos professores todos, quase todos concursados. Então isso foi muito importante nós tivemos uma época que a professora todos os sentidos depois, depois conseguimos na época que eu fui Pró-Reitora concursos para todas as unidades, tivemos abertura de alguns Doutorados. Nós podemos ser chamadas realmente de universidade e isso de acordo com as características do MEC. Então isso é muito importante é lógico que tu não tens como ficar atualizando sempre os livros direto, mas nós temos e Graças aos projetos que os professores desenvolvem maioria dos livros e de salas e de instrumentos pedagógicos que nós temos, graças aos projetos dos professores doutores né então isso é a importância de uma universidade.

18- Teve algum projeto que não conseguiu realizar na UEMS?

Teve muitos, mas o importante acho que foram os que a gente conseguiu meu primeiro projeto como doutor aprovado, projeto que eu montei para o assentamento Serra, a gente fazia pesquisa lá e a gente conseguiu diversos recursos desde data show, notebook. A gente realizou o primeiro SIENCULT, segundo e o terceiro ...são coisas importantes que a gente fez o primeiro Seminário das Ciências Sociais, foi na minha gestão. A gente lembra quem isso é que importa de projetos aprovados tem que a gente tentou e não conseguiu ao MEC não foi aprovado. Toas as aprovações de projetos são importantes junto ao Governo Federal pois traz verbas mais substanciais.

19- Qual a diferença da professora que ingressou na UEMS da professora atual?

Acho que a professora que ingressou era mais insegura, embora não demonstrasse isso porque eu fui muito bem na entrevista e os alunos nunca reclamou. Mas eu sempre acho que a sede de saber continua a mesma sempre a gente sempre acha que tem que aprender mais, tem que

estudar mais, que a gente é um sujeito inacabado, sempre em construção o dia que a gente acha que sabe tudo, a gente pode pendurar “chuteirinha”. Hoje eu estou um pouco mais acomodada não tem aquele corre-corre que eu tinha de trabalhar o dia todo cheguei em casa e cuidar de casa.

20- Qual significado de ser professora? Qual legado a senhora deixa para a UEMS e para os futuros professores?

Ser professor é partilhar conhecimentos e experiência, é aprender a aprender, é estar sempre em busca de novos conhecimentos e novas experiências para se colocar em prática junto a seus alunos. É buscar o melhor para cada turma, para cada aluno. É o desafio de busca de soluções para cada aluno, cada ser em formação que depende do professor para crescer e se transformar. Portanto ser professor é amor ao conhecimento, é prazer por estar aprendendo sempre, é realização pelos avanços e sucessos dos alunos, é também frustração pelos retrocessos e insucessos desses seres que, assim como o professor, estará sempre em formação. O legado que deixo é o exemplo, a dedicação e o entusiasmo em realizar tudo que realizei sempre com convicção e vontade de lutar por uma educação de qualidade que encara a ciência e a pesquisa como meta número um para se refletir e repensar o mundo em que vivemos. O legado para novos professores seria a ciência de que os conhecimentos não são prontos e acabados. Estamos sempre em formação, devemos estar sempre em busca de novos conhecimentos e experiências, refletir e repensar o fazer pedagógico sempre, uma vez que nunca estamos formados, nossa formação é sempre uma espiral, está sempre em movimento, é nesse movimento que nossas experiências e nosso saber podem crescer e, assim, contribuir com nossas reflexões diárias, as quais devem se dar constantemente.

APÊNDICE –B⁷⁰**Entrevista transcrita com a Professora Doutora Maria José de Jesus Alves Cordeiro para o Desenvolvimento da pesquisa em Educação.**

Entrevistador: Diego Silva

Entrevistada: Professora Doutora Maria José de Jesus Alves Cordeiro

Entrevista realizada em 11 /07/2020

Duração: 2 horas

Boa Tarde, vamos começar a entrevista?

Sim!

1-A minha pesquisa é a busca de mulheres professoras universitárias que se desenvolveram na UEMS e não apenas como professores, mas que cresceram também. Eu fiz um levantamento, um mapeamento de professoras que ingressaram na UEMS em 1994 e que permaneceram em 1998 e as que iniciaram e tiveram uma carreira Universitária. E como Certeau fala sobre tática e estratégia que o pesquisador tem que utilizar algumas habilidades e escolhas mesmo; eu escolhi três professores e a senhora é uma delas. Eu separei esse roteiro em quatro momentos, a fase um momento de escolha, a fase dois fases inicial na UEMS; a fase três que o desenvolvimento da UEMS e o seu desenvolvimento; a fase quatro que é o último momento, é seu olhar sobre o ser professora. Então gostaria de saber nesse primeiro momento, se a senhora poderia falar um pouco sobre a sua infância, as suas primeiras projeções dos estudos o primeiro contato com a escola e que houve incentivo familiar.

Ok! Bom primeiro que eu nasci na roça né, como diria. Eu nasci no Estado de São Paulo, aos dois anos de idade meus avós com meu pai e minha mãe vieram para Mato Grosso do Sul na época da colonização lá do governo de Getúlio Vargas e o meu avô comprou um terreno, depois moramos no sítio na cidade de Fátima do Sul e foi ali que eu vivi dois até 10 anos. Ali é lugar onde eu comecei a minha vida escolar, nós morávamos todos nas terras do meu avô e eu fui para escola os 7 anos de idade, por que naquela época não podia entrar na escola antes de completar sete anos. Eu fiz sete anos em maio e só pude ir para escola em Julho e aí eu entrei em Julho naquilo que hoje se chama de pré-escolar e que naquela época eu chamava de habilitação, eu fiquei de julho a dezembro como se fosse um pré-escolar e nesse período eu aprendi a ler escrever fazer tudo e aí eles no outro ano eu estava no 1º ano dando trabalho porque a sala era multisseriada de 1º ao 4º ano e eu ficava na fila do primeiro ano, uma escola que só

⁷⁰Devido à crise sanitária, não foi possível realizar a entrevista presencial. Desta forma, a professora Doutora Maria José de Jesus Alves Cordeiro, concedeu- a virtualmente pelo SKYPE e devido a oscilações da internet, perdeu –se a qualidade no áudio.

tinha uma sala né. Na construção da casa escola todos os pais da redondeza e ele chamava escola de grupo escolar o meu professor desta sala, ainda está vivo e mora em São Paulo né. Faz muito tempo que eu não vejo. No primeiro ano o que acontecia eu passei a dar trabalho porque eu ficava na fila do primeiro ano e aí eu fazia as minhas atividades e começava a fazer as demais atividades que não eram minhas, copiava de segundo e eu estava no primeiro. Então no ano anterior eu dei trabalho quando queriam que eu fizesse aquela coisinha de coordenação motora, fazer bolinhas, mas eu não queria fazer aquilo. Eu já copiei as coisas no primeiro eu fico primeiro E aí eu queria copiar, aí quando aquele professor ia explicar os conteúdos do 2º ou 3º ano eu já prestava atenção, pois eu queria. Então eu fui uma aluna problema porque eu dava trabalho, na questão de aprendizagem mais adiantado né. Mesmo assim fiz o primeiro, segundo ano obrigatoriamente tinha que fazer ficar na série mesmo que soubesse mais. Depois quando eu estava no terceiro ano no final do segundo ano; mudei para uma cidade chamada Glória de Dourado que é bem pertinho, depois de Fátima do Sul onde eu fiquei até o quarto ano escolar né antigo primário. Eu me lembro até hoje que no 4º ano eu tinha uma professora que tinha vindo da capital para Petrolina, perto de Campo Grande assumir vaga lá naquele distrito longe; uma sala de 7 alunos. Aí você pensa que ela, Professora Branca para toda embonecada, assim super chique assim, toda arrumadinha né, a gente olhava que destoava todo aquele ambiente de zona rural praticamente na Vila. Aquela escola, chamada o Pioneiro que existe até hoje funciona foi lá que eu estudei terceiro e quarto lá como eu sempre tive estive muito adiantado no processo de aprendizagem. Lá eu ganhava como melhor aluna da sala, porque naquela época, eu ouvia a “história da preta” o “melhor aluno da sala”; então todos os anos eu ganhava o melhor o prêmio de melhor aluna da sala né. Isso me rendeu muitas inimizades aí os prêmios era uma caneca colorida, era uma coisa assim. Então eu ganhei em primeiro lugar da sala de aula do primeiro até o quarto ano; tinha bolo de festa, aí eu lembro muito bem daquela professora chique que tinha ido na cidade e fazer bolo confeitado aquelas coisas que a gente não tinha no sítio nunca tinha visto não sabia; aquilo para mim era uma né uma professora diferente boa. Na minha metade do ano meu pai resolveu vir embora para Campo Grande, se mudar para Campo Grande para tentar trabalhar na cidade grande que é o que a maioria das pessoas fazem quando migra da zona rural quando as coisas estão muito ruins né. Nós somos em 5 irmãos meu caçula tinha 6 meses, eu sou a filha mais velha dos cinco e aí viemos embora para Campo Grande morar na Vila um bairro chamado Vila Eliane aquelas casinhas que você divide de parede com outras famílias; era um quarto, uma sala cozinha Então você pensa uma família com 5 filhos né e até hoje eu me lembro eu conto para meus filhos não acredita que a gente tem uma cama de casal para dormir. Eu e minha irmã dormia na cama para um lado e os meus dois irmãos mais novos para os pés; o bebê estava no quarto com meus pais então ali eu (eu) estudava numa escolinha que tinha perto da linha do trem e nessa escola que se chama Escola Sebastião Lima, escola municipal. Eu sofri pela primeira vez na minha vida o que seria o racismo faz a todos nós hoje. Então era assim muitas vezes eu saía da escola porque me tornava de novo a melhor aluna da turma quarto ano e a aquelas aqueles alunos não conseguiu engolir o fato de uma menina negra de cabelo pixaim tudo né umas roupas assim super velha porque minha mãe não tinha condição de comprar e as que comprava era na Pechincha para gente né usar. A minha mãe vendia roupa e vendia; meu pai trabalhava na construção civil depois no frigorífico. E mesmo com a dificuldade eu era melhor da sala e isso não cabia na cabeça das pessoas e como não cabe até hoje na maioria dos casos. Então na hora do intervalo, na hora que eu saía da escola me xingava, botava apelidos e até hoje eu lembro de um apelido que colocaram em mim; qual que é o nome daquele professor Lincoln Nicota? Então eu dei uma surra em uma menina e eu continuava sendo a melhor aluna da sala. Chego em Campo

Grande, em que eu espera um pouco mais né com os alunos do quarto ano e aquele ano é o ano que foi o último ano que teria admissão que aquilo que você sair do quarto ano para o quinto ano né, então eu fui depois para quinta certo na outra escola que a escola Severino de Queiroz também era que hoje está praticamente no centro da cidade na região de Campo Grande. Na escola antiga estudei ali; da Quinta série passando por também vários processos e aí mudamos de casa porque a gente vivia de aluguel morava de aluguel, mudamos para outro bairro mas para frente perto do conjunto Estrela do Sul; uma casona, uma casa de madeira e tal que meu pai alugou de uma outra pessoa que trabalhava com ele na construção. Nesse período eu fui fazer o 6º ano na Escola Henrique Cirilo né, aí eles inauguraram uma escola nova no bairro mais na frente, na Vila Margarida. Meus pais perguntaram onde eu queria estudar na Escola Henrique Cirilo ou na escola Maria Eliza Bocaiuva Corrêa da Costa.

Nessa escola então quando ela foi inaugurada e eu fui para lá fazer o Sétima e terminar o Sexto. As coisas pioraram pouco mais, né porque era uma escola muito grande muitos alunos e aí além de eu ter a melhor nota e continuar sendo a melhor aluna da sala eu ainda era uma atleta de competição, então eu trazia muitas medalhas, eu era competitiva, eu jogava basquete, eu jogava vôlei. Nessa época o meu pai caiu machucou a coluna meu pai começou a ficar de licença. Eu terminei minha oitava série de novo premiado como melhor aluno; eu fui fazer o ensino médio e naquela época eu escolhi fazer magistério, só tinha magistério na escola Joaquim Murinho de Campo Grande é a única escola com magistério. Fui estudar e trabalhar durante o primeiro ano eu trabalhei de doméstica na minha cabeça na cabeça do meu pai da minha mãe eu tinha na minha cabeça eu já tinha que fazer curso datilografia para arrumar um emprego e eu fiz o curso datilografia trabalhei de empregada. Fui assediada falei que nunca mais ia trabalhar de doméstica; aí eu comecei então a estudar eu era atleta ainda continuava treinando e competindo. Comecei a fazer substituição [...] Eu também tinha corte e costura[...] costurava; eu comecei a substituir nessa escola Henrique Cirilo, que eu estudei no sexto ano e lá eu consegui ver a primeira vez que a minha mãe foi discriminada; vi ela chorando e; um dia eu fui perguntar para ela o motivo pela qual ela estava chorando. E ela me disse assim “é a vida, minha filha; é assim mesmo a vida nós somos pretas. Nós temos que nos conformar com isso aprender”. Eu tinha 40 crianças e aí a sala era dividido em duas turmas do 1º ano era meu e o segundo ano separado por uma cortina de Chitão. Então nosso combinado quando eu estava fazendo leitura do abecedário; a outra que estava escrevendo. Quando ela ia fazer leitura eu tinha que fazer outra atividade né, para poder trabalhar as duas no mesmo espaço e eu trabalhei nessa sala de aula até o dia em que me chamaram para posse de concurso. Eu assumi o concurso do magistério lá na moreninha II é onde eu também acabei começando toda uma trajetória efetiva, tenho vínculo com o estado de 1980, aí eu chego a essa escola eu já tinha feito vestibular para Pedagogia. Inicialmente ia fazer Educação física, mas o curso era diurno eu desisti e fui fazer pedagogia inclusive na Universidade Católica Dom Bosco porque era o único lugar que tinha à noite no curso porque a federal só tinha de dia também e eu precisava trabalhar né? Porque na minha casa meu pai estava encostado no INSS; e a minha mãe era vendedora e tinha mais quatro bocas pequenas para comer né então eu fui assumir o concurso aqui já deu um fresco para minha casa porque eu tinha um salário e eu fazia o curso à noite e aí tinha que pagar e como eu pagaria? De novo aluno sofria todos os casos de racismo dentro daquela turma de pedagogia onde tinha muitas dondocas, muitas mulheres madame que não tinha o que fazer; ia fazer o curso e que inclusive não seguia a profissão; e eu além de tudo eu comecei a competir pela Universidade até o último ano até o terceiro ano eu fui atleta na UCDB; tinha desconto por conta disso mas antes de terminar meu pai tinha comprado um terreno parcelado ele teve que vender esse terreno, era o sonho de construir nossa casa para quitar toda a minha faculdade atrasada para

poder tirar o meu diploma. Como no dia da minha formatura eu mesmo costurei meu vestido; eu fui só na solenidade de colação de grau sem usar Beca porque eu não tinha como pagar minha Beca eu subi para receber meu diploma sem Beca né tinha festa que foi no rádio clube de campo não participei de nada disso. E aí eu já tinha minha filha mais velha que tinha 5 meses e só eu minha mãe e a minha filha no auditório do Colégio Dom Bosco fica na Quatorze de Julho[...] E aí eu era Pedagoga e mais nesse intervalo último ano, eu também dei aula nas escolas particulares[...] eu fiz o concurso que saiu um concurso para especialista de educação supervisora e eu fiz[...]

2-Maju, eu vou fazer duas perguntas não consigo memorizar tanta informação (risos) a especialização você fez depois da pedagogia ou depois que assumiu concurso?

A especialização sim, porque aí eu terminei o assumiu o concurso como supervisora aí que aconteceu eu passei até o maior salário do Estado eu era professora 22 horas supervisora com 36 horas com o título de graduação e eu fui fazer minha especialização foi a primeira turma de especialização da CDB o que é que a aí já tinha virado o UCDB, Universidade Católica Dom Bosco; eu já tinha os meus dois filhos pequenos em 1988; eu já era também vice diretora de escola porque nessa escola da moreninha onde está toda minha trajetória minha vida, época de ditadura eu tenho história tem sido conduzida[...] tudo que eu sou ou ela que está a base está ali. Fiz a especialização e o professor que foi meu orientador de TCC na especialização me convida para fazer a parte da primeira turma de Mestrado em educação da FMS professor Jesus Eurico Miranda que faleceu agora uns dois três anos e aí eu disse para ele se você vai fazer como minha orientanda. Eu respondi para ele professora infelizmente eu não posso eu não posso porque eu tenho dois filhos Eu tenho uma gestão de escola que eu estou lá. E eu tenho que trabalhar então eu abri mão de ser aluna do mestrado né. E aí eu só fui fazer o mestrado em 1997 na PUC de São Paulo[...]

3- Maju, posso afirmar, então que a sua maior frustração é aquela que a senhora lembra de sua mãe, sofrendo preconceito?

Aquela fala da minha mãe, como uma mola propulsora para mim andar para a frente; e a partir daí eu trabalhei em mim mesmo fato de que eu ser negra, ser pobre ser, e ser mulher não me faria me sentir um ser inferior; isso é o que eu sempre quis e eu briguei no verdadeiro sentido; eu bati em colegas no sertão na sétima série, eu bati na oitava série, entendeu? Surra mesmo quebrava porrada! Na parte de fora da escola porque me xingava, eu bati no ensino médio durante o tempo em que eu estava estudando, no magistério[...] eu nunca alisei não o que eu não podia fazer no discurso, eu fazia no braço. Então eu sei como eu era atleta[...] você tira uma ideia; quando essas coisas chegavam na coordenação, na direção de escola e iam perguntar para mim e eu falava e daí? Eu sempre fui muito peituda cruzar os braços e dizer me xingou. Falou isso eu não admito isso se quiser de novo vai ter de novo, quer me expulsar pode expulsar. Eu só fui suspenso uma vez [...] na universidade eu não batia mas eu eu sabia como fazer e como fazer com que alguém fizesse sentir-se mal mas eu tinha e até hoje uma facilidade muito grande e conhecimento disso.

4- Qual a sua maior frustração em sua carreira? Aparenta que teve que teve que sobreviver a muitas situações constrangedoras.

Primeiro, Diego eu nunca fui uma pessoa de ficar com sonhos; com castelos de sonhos eu sou Taurina né, Terra Pezão no chão, teimosa. Então embora eu não ligo para essas coisas de signo mas já que as pessoas gostam de falar disso então a minha personalidade é assim eu sou muito objetiva. Mas eu também ligo com as minhas emoções, eu também sei colocar coração mas eu nunca fui de ficar chorando; eu pensava, “um dia eu vou estar lá na escola alguns alunos” não! Eu sempre olhei para a realidade a partir daquilo que eu era daquilo que eu vivia tão tudo naturalmente não foi nada é pensado. Quando eu tenho que fazer a pedagogia eu tenho porque eu precisava ter, não sei podia fazer outro curso, a não ser o curso do noturno porque eu tinha que trabalhar, então eu não poderia fazer aquilo que era o sonho que era Educação Física para seguir uma carreira de atleta. Tátá eu não via essa possibilidade. E também porque eu me encontrei no curso Pedagogia, e aí eu fiz uma pedagogia que me deu ferramentas muito boas né, bastante consistente para ser docente de ensino médio e ser diretora supervisora e etc gestão. Mas foi um curso muito bom, muito puxado eu não entendo né? Todas as coisas e aí é o fato de eu ter todas aquelas experiências de vida e assistir tudo aquilo[...] eu sempre tive muito essa percepção, muito ampla do que é realmente a vida e o que são as coisas, o que que eu posso fazer, o onde eu não posso ir; não porque está como está que eu não posso mudar o rumo das coisas. Eu não sou de ficar sentando e lamentando pelo que eu perdi eu pelo que eu não tive eu sou de pensar se o que é que eu tenho né no dia da reunião do CEP; quando eu perdi a votação da suspensão das aulas eu disse bom agora eu tenho um limão bem azedo então que eu posso fazer e vou fazer uma boa limonada, o suco está sem açúcar por quê sem eu sou diabética. Então, mas é isso que eu tenho é isso que nós vamos trabalhar e daí eu sempre fui muito nesse objetivo, neste aspecto sabe de muito objetivo e assim; também até hoje eu trabalho com os meus orientando. Afinal, o que é que você quer? Por que que você quer isso? O que que você pensa fazer com isso? Qual é a sua perspectiva para isso aqui? Então assim, a única coisa que eu lembro na no início da minha carreira que me deixou frustrado, quando eu já era efetiva de um cargo e eu assumi mais 22 horas de aula antes de eu ser especialista eu fiquei um ano sem receber salário desse cargo eu trabalhei o ano inteirinho sem o salário eu estava grávida da minha primeira filha e eu trabalhei o ano todo sem receber salário, todo mês ia pagar, todo mês. Eu, não pagava dinheiro não, o governo não pagava, enrolando dizendo ele pagou o ano de contratados convocados, que aí é um contrato a parte do salário que eu recebi só o meu conquistado e o outro eu trabalhava sem receber. Mas, eu sabia que ia receber um dia vai chegar no banco, chamava naquela época de aulas excedentes, contrato era de você. Então me lembro, porque a minha filha era um bebê eu passei um ano muito difícil tinha comprado uma casa, eu contava com dois salários eu só tive um então isso sim eu lembro; minha mãe me ajudava comprar um leite ajudar alguma coisa né tem que ver se a minha filha mais velha a gente só tinha lá batatinha, um ovo, um arroz, alguma coisa para ela continuava ali, e até hoje os atrasados, eu cheguei em casa eu fiz uma compra gigante de roupas e brinquedos para ela a primeira bicicletinha dela aquelas coisas todas, assim sabe? Cheguei em casa de noite com tudo aquilo. Porque era um ano, é um ano de muito sacrifício sofrimento né. E essa é uma das coisas que eu vejo que às vezes acontece, três meses que eu não recebi isso é muito cruel né. Você tá trabalhando, a minha filha hoje é funcionária da prefeitura. E aí trabalhando não tem salário porque ela trabalhou de graça para segurar um contrato a partir de março ou isso nada agora que vocês falaram que eles não férias e em recesso? Nem nada, entendeu? Recebe só o concursado, eu vejo ela hoje aqui no que eu vivi 1984. Então, com maior salário da rede

estadual; fui convidada pela secretária de Educação Leocádia para trabalhar na UEMS. E aí quando eu sai da direção e eu continuei trabalhando à noite numa escola e era supervisora na outra, dois turnos e ela e aí eu esperei. E numa dessas reuniões mês de outubro de 1994, ela estava presente na reunião só de coordenadores pedagógicos e ela me chamou e disse para mim aí-“ José, eu quero que você vá para Dourados, me ajudar na implantação da UEMS”. A universidade já havia começado em fevereiro; ela havia me convidado antes. –“Você tem até outubro para resolver”. Ela me chama, eu disse para ela eu não posso ir agora. Ela disse assim –“eu quero que você vai, que você trabalha no núcleo de legislação e normas porque você é uma pessoa que dá conta, tem uma experiência de gestão”. Eu era muito estudiosa, não liga muito em participar Brasil afora muitas coisas e aí ela me convidou mas agora não posso ir porque eu tenho, uma Turma de aluno em andamento eu tenho filhos pequenos meu marido é militar. Eu preciso ver a questão de transferência dele ele aí eu fiz um acordo com ela [...] Para encerrar, primeira algumas questões da escola na onde eu dava aula onde era a supervisora e mês de novembro eu queria ir para UEMS. Então eu já avisei as escolas, Adiantei as aulas magistério, para fechar as turmas que inclusive eu fui nome de Turma da formatura daquele ano da Escola Celia Maria Naglis, curso magistério. Acho que daí, eu peguei e acertei tudo minha vida para poder vir para Dourados. Em novembro a minha nomeação saiu dia 8 de novembro e eu vim sozinha deixei minha casa, os meus filhos, deixei todo mundo. Peguei meus três filhos, levei para casa da minha mãe, a minha empregada também e o marido ficou na casa e aí assim que alguém tinha que cuidar dos meus filhos; eu vim para cá trabalhar aluguei uma casa. Comecei morando sozinha, até terminar o ano letivo das crianças. O menino passou primeiro fechou as notas pai Trouxe uns dias antes do Natal; fui buscar as outras duas então a minha vida foi assim não fiquei sozinho em Dourados

5-E, aproveitando esse momento, se possível quais eram os objetivos iniciais? A senhora gostaria de ser apenas docente? Estava preparada para assumir outros cargos além da docência?

Eu fui direito para administração assumir o setor naquela época, chamava o setor de legislação e normas da cidade e os primeiros dias eu fiquei lá dentro. Eu lembro bem quando eu cheguei nessa Universidade em novembro e o convite era claro; para vir para ajudar na administração na implantação da universidade e s primeiros dias eu fiquei lá dentro conhecendo. Por que funcionava no edifício Dinho eu lembro bem, quando eu cheguei nessa Universidade novembro dia 8 de novembro e eu me apresentei lá começou um burburinho dentro do local (lembro-me de poucas pessoas naquela época); de umas conversas assim ela veio colocar o tapete vermelho para Leocádia, porque a Leocádia continuava secretária de educação mas todo mundo sabia que ela ia assumir aquela Reitoria e quem estava na Reitoria era o ex-reitor da federal às pessoas que estavam lá que era da Universidade Federal; que eu estava lá trabalhando [...] e começaram a dizer que eu estava chegando ali, como a porta-voz da Leocádia, a primeira conversa deles é assim, de muitos deles: “ O que é que essa negra veio fazer aqui? Tipo assim, ela não veio porque ela é competente ela veio como se fosse os olhos da Leocádia, para ver o que tá fazendo. “Todo mundo sabia que eu estava vindo de convite dela, é diferente eu não prestei o processo seletivo”Leocádia, torna-se reitora; muda o governo e Leocádia é afastada do cargo e entra Sandra Freire. Eu fui exonerada do meu cargo e para Sandra Freire permanecer na Reitoria era

preciso de alguém que a substituísse ela na Universidade Federal e adivinha, quem era única que poderia substituir? Eu... (risos)

Então, percebe que o único substituto que ela teria para ela continuar na reitoria seria eu, aí ela muda a conversa. Me enviou e-mail e fiquei uma semana, duas sem dá resposta para ela até o dia que eu fui o próprio seu Hud naquela época de casado com a professora é outro né! Fizeram uma enquete assim, disfarçado para ver se eu tinha competência para dar uma aula lá. Aí eu resolvi dar resolvi substituir a Sandra Freyre, Ela virou a reitora e eu dei a pra ela. E não é que ela foi embora e eu voltei para UEMS.

6-O que aconteceu em 1996? Considerando em específico o ano de 1995 e ano de 1996, quando a UEMS consegue, status de Universidade. O que foi está conquista? O que foi está dentro dessa luta e o que foi ser professora neste tempo e vestir a camisa da permanência da UEMS?

Em 1995 eu estava lá na UFMS, no seu Hud. Eu não fiquei dentro desse movimento porque eu estava substituindo, eu estava cedido pelo governo para UEMS inicialmente e me empresta para o seu Hud, para cobrir a vaga dela, para que ela pudesse ser reitora porque essa é a condição que o departamento dela tinha posto; “-você só vai ser liberada para assumir a Reitoria no dia que encontrar uma substituta aprovada por nós aqui para suas aulas”. E aí fui eu! Então, nesse movimento de 95, eu não participei porque eu estava numa outra instituição, entendeu? Para garantia permanente da Universidade eu não participei do plano de demissão voluntária, aí eu fico sem ter vínculo com ninguém e eu também dava aula à noite na UNIGRAN entendeu nesse tempo todinho de (95 96 97); aí eu assumo concurso. E, aí é outra coisa né, viro professora efetiva, assumo o núcleo de pesquisa em educação, primeira pesquisa educação no ano de 90 aí e aí eu também vou para o mestrado sem afastamento, fiz o mestrado trabalhando

7-O que muda em sua visão com sua aprovação no primeiro concurso realizado para docência na UEMS. O que mudou em sua visão? Qual foi a sua expectativa ali agora; agora a senhora é efetiva?

Eu simplesmente fiz o seguinte, eu fiz aquilo mesmo assim eu peço demissão voluntária do estado do cargo de professora, depois eu peço para o cargo de servidora pública porque eu tinha aula só não e eu fiz tudo isso aguardando o concurso do concurso, eu fiz o concurso no final de 1995, aprovada no concurso de 1998 aprovada décimo terceiro lugar, assumo em junho de 1998 em Amambai e Ivinhema e eu já estava aí fazendo mestrado que eu comecei 1997. Então, para mim era assim, era uma mudança radical. Eu sabia que eu já queria ser professora mas eu não queria ser uma professora contratada, eu não queria ser de novo uma professora cedida para alguém que chegar lá e falar agora você vai voltar para trás como a Sandra Freyre tinha feito comigo no meio do caminho, com os meus filhos na escola tudo aqui então em Junho eu tomo posse. Vou começa a viajar para dar aula em Ivinhema, professora de estágio de matemática. Trabalhava inclusive no sábado à tarde enviei não tinha problema. Eu nunca dividi despesas juntos; se existe ônibus para mandar eu ia de ônibus maioria das vezes e eu quando eu começo a trabalhar lá no 1998/1999 é um ano que eu vou descer que eu dependo do meu mestrado né trabalhando fazendo tudo isso que o mestrado ia para São Paulo voltar para mim por minha conta. E aí eu dependo do mestrado [...] para assumir o núcleo de pesquisa de educação que

estava sendo criado dentro da pró-reitoria de ensino e pós-graduação que era uma. Para Reitoria, só não tinha duas ainda não tinha uma gerência de pesquisa aí eu assumi; que lá começa devagar porque eu também não tinha muito conhecimento nessa área de pesquisa começa estruturar e logo depois começa uma série de problemas lá, com a pró-reitora da época e que eu não vou citar o nome que não interessa. Aí, eu sou convidada a assumir a pró-reitoria de Ensino em outubro de 2000, então eu assumo para Reitoria de ensino e pós a minha primeira Providência junto com **{Valeu}** pode separar o ensino da pós-graduação e criou-se a pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação [...] eu fiquei no cargo de 2000 a 2005, que é quando eu resolvo [...] Luiz Antônio eu peço para ele que eu quero sair da pró-reitoria; porque inclusive eu fui candidata na época a Reitoria e mesmo tendo perdido no segundo turno eu apoiei Luiz Antônio e depois quando terminei ele disse você continua pró-reitora e disse para ele eu continuo até você achar alguém foi em 2005 é ir para sua casa assim naquela época eu era a coordenadora da região centro-oeste no fórum para o retorno do ano 2000 até 2005 uma coloquei a UEMS no cenário nacional com as como a única professora negra que tinha no fórum inteiro. Foi para o cenário nacional para a questão indígena normal superior para nós que começamos também no Brasil foi para o cenário nacional; a primeira Universidade que usou o Enem no vestibular, nós estamos tem uma reportagem na primeira revista do ENEM a minha foto e dois alunos. “-Vamos para o cenário Nacional como a universidade que criou cotas para negros, cotas para indígenas”. Para a UEMS, deu bom; ela ganhou o prêmio da **Camélia da Liberdade**; ganhou depois também quando eu já tinha saído então dos direitos humanos na categoria individual ações afirmativas 2004, por toda a luta que eu fiz junto com Ministério da Igualdade Racial e o Ministério da Justiça, porque acompanhei o ministério para vários lugares, debate das cotas. Fui uma das pessoas que viagem muito com Doutor Ivair que era o secretário da época, ele trabalhava de direitos humanos era o Presidente do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Então eu viajei com eles para uma audiência na Assembleia Legislativa de São Paulo para discutir cotas junto com eleitor do Mb e mais duas pessoas. Eu estive na Federal de Uberlândia; na Federal de Minas Gerais; Federal do Espírito Santo; O Ministério me levava porque eu ia transformar aquelas pessoas que ia para defender cotas e mostrar que as cotas podiam funcionar realmente e o que a gente tinha uma experiência diferenciada, a gente já tinha banca de seleção de conquista, a gente já tinha o movimento negro dentro da Universidade participando ,gente cuidado indígenas participando, então era todo mundo em um contexto, além também de ter nesse mesmo período levado ao em um cenário nacional com os projetos da reforma agrária de alfabetização.

Na reforma agrária, **PROFERA** que o coordenava junto ao mesmo tempo que era pró- reitora durante muitos anos de projetos assim gigantesco de muito dinheiro. Quando eu fui para retornar aquela época de 2000- 2005, eu também fazia todo um outro processo de gestão de levar para um cenário nacional; A UEMS era uma um bebê(uma gente lá pelo menos ainda era um bebê); mas era uma universidade com mas expressão gigantesca principalmente na questão das diferenças, da questão das ações afirmativas de ter políticas diferenciadas, a gente o normal superior para indígenas normal superior para professores dos Municípios .Então esse gerenciei , defendia todas essas bandeiras como eu defendo até hoje em minha vida; é o meu é o lugar do meu ganha-pão; é o lugar da minha realização profissional, faz parte de mim Eu posso um dia sair da UEMS, mas ela jamais vai sair de mim, entendeu? Eu a vi nascer, eu estou nela todos esses anos e mesmo aqueles dois anos, em 1996 que eu fiquei na UFMS que hoje UFGD né na ufms no seu Hud; eu não participava ativamente quando eu estava sendo professora em outra instituição, mas o meu cordão umbilical tanto que quando passa tudo isso Leocádia reassume, que colocaria de volta

8-Nós podemos observar então que o seu maior enfrentamento, sua maior dificuldade no início da sua carreira de ordem pessoal e profissional, foi no ano de 1995?

Isso era assim a maior decepção de 1995 quando ela assumiu (Sandra Freyre); Me chamou lá na sala dela e disse para mim você tá fora da UEMS, e Leocádia seria a sua aprovação no concurso público. Deste momento, eu não sei se seria superação porque como eu já estava acostumada a ser concursada mesmo né? Eu sabia que eu ia passar, não tinha certeza quando que tivesse eu iria passar e eu lembro até hoje minha banca de concurso foi a professora Petrolina, estava na minha banca de concursos UFSCAR então assim eu cheguei lá eu cheguei correndo e eu lembro de uma funcionária do recurso humano que ela já aposentou. Para ela estava no portão desesperado porque eu ia chegar atrasado não ia poder entrar no concurso por uma série de razões eu estava chegando de outro lugar e eu cheguei assim correndo, correndo, com monte peso debaixo do braço e ela segurando o portão para mim entrar no bloco. Naquele bloco, onde funciona enfermagem; bloco de aí quando eu entrei venceu o tempo eu sentei num banco de Pedra, **eu sentei para respirar porque gente eu porque são 23 minutos eu faço aqui no concurso.**

9-Mas, como a senhora escolheu a carreira Universitária? Como achou que passaria no concurso da UEMS?

Porque Diego a gente nasce para andar para frente, certo? No momento em que eu soube que teria concurso na UEMS, eu já estava namorando, já tinha passado por todo aquele sufoco estava dando aula na UFGD; cobri a vaga de outra pessoa, porque ela queria eu saísse fora, aí Professora Leocádia coloca eu de volta, eu falo eu morro ou eu vou fazer o concurso eu vou ficar nessa Universidade, entendeu? Eu não volto mais para rede estadual, eu agradeço tudo que fui, foi minha base, foi! Minha escola, minha formação, a rede estadual se eu tivesse que voltar voltaria se eu não tivesse passar no concurso sem nenhum remorso e nenhum sofrimento; mas eu teria que começar do zero na rede estadual porque eu tinha pedido demissão dos dois cargos. Eu já tinha 18 anos de trabalho, eu estava decidida que eu iria para Universidade porque eu queria fazer mestrado eu queria fazer doutorado porque aí eu já sabia o que era Universidade como é que ela funciona e etc. Eu já estava participando de outras questões, eu estava dentro de uma universidade que era o UFMS, então eu começo a perceber como é que funciona o mundo acadêmico, na real mesmo e que para isso eu teria que me efetivar e teria que prosseguir meus estudos porque senão não teria futuro ali dentro, não seria uma substituta e eu não sei não nasci para ser substituta, sempre dizia. Eu nasci para estar no meu lugar, tomando conta do meu lugar fazendo as coisas; e vejo assim, quando eu sair, sairei para aposentar, vou sair para viver o resto da minha vida para mim. Quando terminar essa gestão, eu vou me aposentar e qual meu objetivo até o final[...]

Professora repete novamente, porque passou uma moto aqui e não deu para entender.

O que é que você quer que eu repita?

O final da frase aí porque todo mundo que as pessoas todas, hoje já sabem por que eu fiz[...]

Eu prometi para mim e para minha família para todo mundo que ao terminar essa gestão[...]entramos em 2019/2023 né, então eu fiz um compromisso que se tudo der certo, a gente andar todo mundo certo bem etc, eu vou até o final da gestão. Se eu estiver viva, é claro! Agora se não for possível até o final eu vou me aposentar. E se for possível, chegar ao final eu entrego a gestão até final do ano, espero que eu consiga terminar o ano e me aposento, entendeu? E aí eu vou, porque eu sempre trabalhei três horários, quando eu deixei de estudar eu passei a trabalhar para estudo,então eu não posso negar para ninguém que realmente se eu fosse contar para me aposentar assim 25 anos de carreira no turno eu já teria três aposentadoria (risos);desde 2015 eu poderia ter aposentado né, mas eu acredito que eu ainda posso ir para Universidade e quando eu disse que não ia me aposentar em 2015 e depois 2019 o reitor me convida a inicialmente para voltar para a gestão. Mas ao mesmo tempo e eu sou uma pessoa que trabalha muito com a minha intuição, com umas coisas eu percebi digamos assim que eu recebi a mensagem, Claro! (Risos)

10. Hein Maju, poderia me falar quais os cargos que a senhora assumiu ao longo de sua carreira na UEMS?

Quando eu cheguei na UEMS, eu fui chefe do Setor de Legislação e Normas; depois eu fui Chefe do Núcleo de Pesquisa em Educação; fui Pró-reitora de Ensino, depois eu fui Coordenadora do curso de Pedagogia; depois eu assumi a chefia do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão (CEPEGRE); que eu mesma criei depois de instituída eu fiquei com ele todos esses anos desde 2014 até 2019. Aí eu volto para Pró-reitoria de ensino de novo e interessante aqui eu sempre assumi essas funções dando aula, né? Aí quando eu fui para o retorno da primeira vez o primeiro ano eu estava dando aula aí as coisas se acumularam tanto com a história das costas e todas as coisas que aí sim eu saio da sala de aula e fico só na Pró-reitoria, né o restante **(sempre legal e agora comprar o retorno estou me escondendo Apresentação mas eu tinha deixado uma disciplina para ministrar que ela é mensal Tá previsto agora para Agosto né eu divido ela com a professora Beatriz Landa)** e mais uma professora que tá lá no substituindo mas é agosto quando voltar meus encontros desta disciplina de seminário em Diversidade e Educação Inclusiva e eu estarei lá;

11. Qual é a sua relação com a pós-graduação no sentido de contribuir?

Mesmo não sendo do mestrado em Educação de Paranaíba, quando for montar o mestrado em 2010/2011 a equipe de Paranaíba me convidou por conta do currículo que eu já possuía. E, claro a gente fomos fazer união, de forças. Aí, professores de Dourados, Campo Grande Paranaíba para poder formar o grupo para fundar o mestrado porque você tem que ir às vezes de acordo com a exigências da Capes; estou lá até hoje né. Eu acho que daquela época só permanece sem sair, só eu porque a Silvana está lá mas já aposentou, a Estela; a Estela eu acho que não tá não estava no grupo. No começo, era a Doracina, professor Élcio e eu.

12. Vou fazer duas perguntas: Maju, e o que é ser mulher? Eu, como mestrando busco em querer aprofundar-me um pouco sobre; por averiguar que as mulheres não estão na história dos grandes “homens”. Nós lemos livros de “homens” e cadê as mulheres?

A História da UEMS, é diferente de outras universidades porque desde o começo grande número de mulheres assumiram os cargos de liderança, exatamente porque ela nasceu no gestão de uma secretária de educação que a professora Leocádia que é uma mulher, tem um perfil diferenciado de gestão, e tudo porque tem um perfil político tem um perfil dela como secretário educação que nasceu a UEMS e ela convida outras mulheres fortes como a professora **Elisa Sexto**, era um pilar dessa Universidade até hoje ela tá com mais de 70 anos e continua dando aula. Ela é o nosso braço forte dentro do Conselho Estadual representando a UEMS, ainda né então ela é a própria história viva da UEMS. O “oi” da Elisa Sexto para muitos, mais do que eu ou qualquer outro, entendeu?

13. É, isso que eu quero entender, o que é ser mulher professora Negra, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul? O que é isso sentir na pele o preconceito?

Se você acha que a UEMS é cheia de mulheres e as mulheres negras de resistência na sociedade? Não se engane, é na UEMS que tem mais mulheres, que tem professores como eu como Cíntia, Bartolina. É um lugar onde as mulheres; mas têm muito pelo contrário negras que você daqui a pouco você é uma mulher negra só pelo fato que ela é negra, e já não me interessa, porque não é este o objetivo é só para fazer a figura política e ficar bem na fita. Não! Muito obrigado, tchau! Então assim, nem Faça o convite ainda nem tenhas e nem escuta essa questão onde você estiver porque eu jamais aceitaria isso é como carinha que tá lá na Fundação Palmares lá né o negro vai para lá para poder ocupar função política e tive que fazer um tratamento como foi porque eu imagino eu enfrentando é assim ó só você é branco e você tem competência tá ótimo ninguém vai testar se você não tem competência você vira o coitadinho.[...] qualquer coisa você fala, se você é negro mesmo você sendo mais competente as pessoas estão sempre querendo testar a sua competência. Até hoje eu tenho enfrentamento para gente coordenador de curso de professor que acha que pode vir para cima tipo assim ah porque para essas pessoas o fato de eu ser uma mulher negra não estou no lugar que convém a eles, entendeu? Então ocorre um enfrentamento[...] pode ser branco, loiro, olho azul, ser preto, e você tá lá para exercer a função; se tentar melar o meu trabalho porque eu sou a mulher negra vai perder a função, porque eu sei como fazer também alguém perder a função, desse tipo de coisa então eu não tolero. Eu sempre trabalhei com a lógica seguinte: o que é para uma é para todos não tem esse negócio de meu melhor amigo, meu sabe? Os amigos do rei e são amigos da rainha e tudo o inimigo; é para as obrigações, para todos os deveres para todos. Se tiver elogio é para todos; exalto trabalho dele o elogio parabenizo etc. Qualquer lugar sem ironias, mas pelo trabalho está sendo feito, entendeu? Então esse é o meu perfil e eu acho assim que de modo geral o mínimo é me respeitar, ninguém é obrigado a gostar de mim mas tem que me respeitar. Então sempre, fui na UEMS pesquisadora, extensionista eu sempre fiz tudo. Até hoje eu sou gestora Diego, eu tenho projeto de pesquisa [...] agora eu estou digamos assim que um pouco cansada e tentando colocar alguns limites para mim mesmo porque eu preciso disso, então não dá para ser o que eu sempre fui né, ensino, pesquisa e extensão se tem alguma coisa pessoal, que fala muito discurso do tripé da Universidade eu sempre exerci. Eu amo a sala de aula de aula, eu amo o meu trabalho que eu faço isso, as pessoas precisam entender que eu faço, eu sou assim porque eu gosto, porque eu

quero. Eu não preciso mais disso, eu poderia estar em casa sentado, viajando, fazendo tricô crochê, qualquer coisa, mas eu estou no remoto, no presidencial, eu levanto todos os dias no mesmo horário 6:30 às 6 horas da tarde. Eu levanto de manhã, eu faço tudo que eu faria presencialmente e no horário certo; eu entro aqui nesse escritório, eu entro trocada, maquiada, porque se a qualquer momento me chama na câmera eu estou em serviço, eu não estou em casa, entendeu? Então para estar aqui com você, estou no escritório, fechado, a minha filha tá lá e o meu neto sabe que não é para entrar porque eu estou trabalhando, entendeu? Então eu faço as reuniões aqui o dia todo tem reunião. De ontem mesmo, teve três às vezes quando a minha filha quer falar comigo eu fecho o microfone aqui ou a câmera fala resolver tô ouvindo as pessoas. Então eu estou no meu dia de trabalho que a minha sala lá da praia pode fechada Mas aqui tem uma outra sala na hora do almoço me dá uma folga aí depois do almoço à noite aqui todo dia até 23 horas maior olhando né porque são tanta história que eu tô aqui eu acho que vou ter que fazer três mestrados, doutorado e o 80 pós-doc né. Para dar conta de tudo isso aqui olhando né

14. Qual foi o seu maior desafio ao longo da carreira na UEMS?? Então como que é isso como que é o desafio maior levou a professora, pesquisadora, extensionista, tudo um pouco e continuar estudando?

Como eu disse no começo para você Diego, que a minha característica pessoal é andar sempre para frente, respeito todo meu passado porque ele é minha história, mas não fico mirabolando eu no futuro; mas eu trabalho muito com presente sempre olhando para frente né. Segundo que existe uma citação em que as pessoas usam muita coisa para escrever que educação é chave da transformação e eu não faço esse discurso, eu executo. O discurso entendeu da transformação ela tem que começar eu tenho que começar na própria pessoa, então como é que eu vou mudar alguém, eu vou transformar o mundo e ficar sonhando aí com as palavras de Paulo Freire? Paulo Freire morreu estudando, lendo escrevendo né? Ah fica o discurso de senta e não sai de cima do rabo, desculpa! A expressão é “viajar na maionese”, fazendo discurso. A transformação ela tem que ser real, então ela tem que começar. Se eu não leio, se eu não estudo, se eu não busco, se eu não olho para os movimentos sociais, se não me envolvo com as questões que estão ocorrendo no mundo de hoje; como é que eu posso querer fazer qualquer processo de transformação? Assim, a minha própria história de vida não me permite isso; porque quando eu vou para o Mestrado, por exemplo eu tenho lá recebo de dez a quinze projeto. Eu acabei de receber 15 projetos para avaliar a indicação de orientação, eu tenho uma vaga; aí eu vou olhar tem projeto sobre educação, tem projeto sobre transexualidade, projeto sobre negritude, tem projeto porque eu me envolvo com questões de Políticas, e não só no discurso na política. Essa coisa é o que [...] eu menos faço alguém, por exemplo assistiu alguma live minha? Não estou lá fazendo Live e não estou assistindo; eu não tenho tempo mais para fazer né? Como eu disse ontem eu rejeitei um convite que eu falei que esse povo tudo e quando não tinha ninguém tava preocupado. Então veja bem, eu posso fazer de uma outra forma, enquanto tá todo mundo fazer lá de sentado; eu estou lá trabalhando a questão das bolsas de monitoria, porque ela precisa existir. Como é que a gente pode fazer, sem ter aula presencial? De forma remota? A questão do projeto de ensino como é que eles podem funcionar e ajudar por exemplo nos processos de aprendizagem dos alunos que é diferente? Agora no momento a questão dos docentes a questão da seleção de professores? Outra situação, é o mestrado como é que eu faço para qualificar o meu aluno? [...] isso aqui outras dificuldades que eu tenho orientando dos alunos negros e eles têm suas dificuldades sim! é muito maiores do que a maioria também passaram por todo esse

processo de privação de racismo. Isso dificulta a escrita [...] então eu me envolvo com essas pessoas ao mesmo tempo, o movimento social me pede isso, pede aquilo e eu vou tentando. Tem três artigos em andamento o prazo “ta” vencendo aí eu chamo alguém para escrever junto comigo porque eu não sou egoísta, eu fui convidada para escrever, se eu posso escrever com “Fulano” chamo um da UFGD, chamou da UFMS; vamos escrever juntos porque eu não tenho tempo, mas o convite está feito; uma oportunidade. Então assim eu divido as minhas escritas dos meus artigos com meus amigos, organização de livro e etc. Chega muita coisa para mim [...] Então veja bem eu estou escrevendo com a professora Cíntia convite que veio especialmente para mim, sobre fazer uma biografia de alguém na área de história da África de povos Indígenas, mais uma que tá lá o que tá fazendo outro. Então assim, eu não dou conta se eu fosse me dedicar escrever eu publicaria todo mês. Mas, só escrevo se eu agregar outras pessoas para escrever comigo, porque isso é o mais importante acho que tem que formar quadros e eu chamo quem? Pessoas negras, para escrever comigo [...] mas a professora Bia também já escreveu comigo, ela é branca [...] mas assim aquilo que diz respeito a essas questões que envolvem a questão do racismo em tudo eu vindo de outras mulheres negras, homens negros com Professor Reinaldo [...] eu chamo os mulheres negras [...] escrevo com aluna de graduação; a gente tem que transformar é auxiliando o outro, auxiliando a outra, dando a mão para quem está atrás chamo para vir para frente e eu chego lá; em uma representatividade e essa representatividade ela incomoda as pessoas maior desafio é isso você tem que lidar com isso saber lidar com essa incomodação com essa coisa tudo que as pessoas têm; ficam muito delas fica desconfortável né eu vejo para ir para um evento, eu vou falar por exemplo vou falar na câmera lá falar sobre violência [...] então quando chama o nome você percebe que muita gente fica desconfortável porque é uma mulher negra, é uma negra que vai falar? Esse currículo que foi lido e é de uma negra? Então essas temáticas que eu trabalho para mostrar que o racismo existe, mas que eu não vou parar e não serei vencida por ele.

15. Qual sua visão sobre sua trajetória na UEMS? Teve algum projeto que não conseguiu realizar na UEMS? Qual a diferença da professora que ingressou na UEMS e da professora atual?

Devido a oscilação da internet, não foi possível transcrever. O vídeo travou exatamente 8 minutos.

16. Maju para finalizar a nossa entrevista, qual significado de ser professora? Qual legado a senhora deixa para a UEMS e para os futuros professores?

Na verdade eu nem me considero uma professora, ser professora é a minha profissão. Eu me considero uma educadora, eu sempre digo que professora qualquer um pode ser, você faz uma licenciatura, pega o diploma e você vira professora; agora ser educador tem que ir além disso, é saber nesta função é trabalhar essas coisas que eu já coloquei para você. Aqui em questão da transformação, a questão da formação dos nossos alunos como cidadãos como pessoas que realmente possam se sentir, pessoas né ter uma autonomia de pensamento e etc. Para mim ser professora invoca ir além da profissão e da função posta pelo sistema, [...] e o legado que eu deixo, eu acho que eu deixo a minha história, a minha luta ou mulher como Aquela que não se deteve diante das dificuldades do racismo, preconceito, discriminação. Imagina eu tenho um

filho homossexual, tenho uma filha bissexual e uma filha é então eu tenho na três filhos, três orientações sexuais mas ninguém até hoje se atreveu por exemplo a fazer qualquer tipo de gracinha comigo em relação a Sexualidade dos meus filhos; então assim eu eu lido com isso muito bem, a mesma forma que eu trabalho com meus orientandos e quem não é orientando, também seja negro seja branco, seja indígena, seja bissexual, lésbica homossexual [...] já tive de tudo como orientando tudo de todas as cores, de todas as raças de todas as orientações sexuais, eu já tive tanto na graduação. Então assim o que eu deixo como meu legado é a minha história [...] eu sempre com essa força de vontade essa disposição. Eu acho que isso é o legado, eu quero que as pessoas quando eu me aposentar e quando eu desencarnar lembrem de mim assim, como alguém que lutava com alguém que não retrocedia a frente dos desafios das dificuldades, entendeu? Que sempre dizia é “difícil”. É mas tem que ter alguma saída em algum lugar a gente vai encontrar uma solução gente pode impossível! Sempre me dizia para tu olha a única coisa que eu tenho certeza que eu não posso resolver a morte mas o resto a gente pode ir junto pensar discutir achar outro caminho achar outra forma entendeu? Se o caminho dá certo, vamos achar o bem. Eu sei é isso que eu quero levar para os meus filhos, para os meus alunos meus alunos, para as pessoas passaram pela minha vida que são milhares; você imagina 40 anos de profissão eu já não me lembro de quantos alunos já passaram por mim. Já educação infantil, lá nos anos 80 até os dias de hoje tem quantas pessoas já trabalharam comigo? Então assim é o que eu espero a isso, que é lembrança seja essa de alguém que não foi vencido pelo racismo que alguém que não foi vendido sob Nenhuma forma de discriminação, brigou, que lutou, que bateu, fez o que era possível e o impossível para não ser derrotado, por tudo isso e auxiliar os demais a não a não serem derrotados aprenderem como também superar isso na minha história uma história de superação, que atua em todos os campos superação de mim mesmo, superação da minha história. Às vezes eu passei por um trator, uma vez me chamaram (antigamente) um tal do mural da UEMS, um monte de coisa xingando pô, aí escreveram lá que eu era o tratorzão da Leocádia, lá vem o tratorzão da Leocádia, que bom! Eu prefiro ser um trator usado que se fosse o penico da Leocádia né? Então é isso né? É assim que eu sou eu acho que a minha história, minha vida, a do meu trabalho não é assim as coisas que vão ficar escritos artigos os capítulos de livros dissertações também é legal masela a minha própria história eu construí tudo, muito obrigado!

APÊNDICE C⁷¹

Entrevista transcrita com a Professora Doutora Doracina Aparecida de Castro Araujo para o Desenvolvimento da pesquisa em Educação.

ENTREVISTADOR: Diego Silva

ENTREVISTADA: Profa. Dra. Doracina Aparecida de Castro Araujo

DURAÇÃO: 1h10min.

[...] Vamos começar a entrevista; é eu primeiramente quero agradecer a senhora pela disponibilidade e por permitir escrever a sua história e suas contribuições na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. É para mim é um privilégio muito grande e fico muito honrado. Eu fiz um roteiro dividido em quatro fases, a primeira fase é o momento de escolha, sua infância, a primeira opção de curso; a segunda seu ingresso na UEMS; a terceira a do seu desenvolvimento profissional (cargos assumidos, os enfrentamentos) e a fase quatro é o seu olhar sobre o UEMS. Quando a senhora tiver alguma dúvida, eu posso repetir novamente a pergunta e estarei à disposição para esclarecimento; se não der para gravar tudo hoje e se ficar muito emocionada, paramos a gravação e remarcamos a entrevista.

Tudo bem!

1-Poderia me relatar sobre a sua infância, as primeiras projeções de estudos, o primeiro contato com a escola e se houve um incentivo de algum familiar?

R. Bom! A minha memória me leva lá para educação infantil. Na minha época, muito tempo atrás lá em 1970, antes um pouquinho de 70; nós tínhamos educação infantil; mas eles tinham rigor muito grande em relação ao ingresso dos alunos para o primeiro ano, então eu tive que voltar para fazer duas vezes o pré naquela época, porque eu não podia fazer ainda o primeiro ano. Lógico que isso deixou todo mundo muito chateado; mas é lógico que a gente sempre foi pelo cumprimento da legislação, minha família e eu inclusive já né, Pensa? (Naquela época de certo eu já fiquei chateado, já não existia mais na minha época o exame de admissão então eu já fui direto para a segunda série. Os professores que marcaram muito a minha trajetória, já na infância são pessoas que eu guardo, Maria de Lourdes que era muito especial, então sempre tem algumas pessoas que a gente guarda na memória e isso fez com que enquanto eu estudava eu também já me organizar em grupos já montava teatro familiar para os finais de ano com meus colegas da região os vizinhos, então uma coisa assim que eu acho que já me despertou desde ali quando eu brincava com as crianças. Lógico que eu era professora, né? (risos) e no clube ou era Presidente, [...] mania de presidente. foi uma coisa que sempre me despertou mesmo que no

⁷¹Devido à crise sanitária, não foi possível realizar a entrevista presencial. Desta forma, a professora Doutora Doracina Aparecida de Castro Araújo, concedeu- a virtualmente pelo SKYPE e devido a oscilações da internet, perdeu –se a qualidade no áudio.

meu consciente eu não sabia, estava no meu inconsciente estava isso, porque quando eu cheguei para fazer o ensino médio que naquela época era um curso profissionalizante no ensino médio, a minha mãe queria muito que nós fizéssemos magistério, mas eu optei por fazer um curso preparatório, para seguir o ensino superior; porque quem não fizesse era muito difícil de ingressar no ensino superior daquela época; com o curso preparatório eu tive mais possibilidade de ingressar e eu não pensava em ser professora, até então eu trabalhava em outras coisas em comércio e escritórios, mas em nenhum momento eu pensava em ser professora. Aí fui fazer né! Passei no vestibular fui fazer pedagogia ali. Penso que foi nesse momento em que me descobri totalmente, apaixonei pelo curso não me via fazendo outra coisa. De imediato resolvi que eu tinha que fazer o magistério, então junto e ao mesmo tempo eu fazia pedagogia e fazia o magistério. Foi assim um desafio, porque eu chegava a sabida no magistério né! Porque eu estudava eu estava recebendo tudo novo ali no curso de Pedagogia e trazia para o magistério. Então foram assim trocas incríveis. Foi um momento que eu tive muita aproximação com pessoas, mas bem mais novas que eu; a gente tinha uma relação de afinidade muito grande então eu aprendi muito fazendo essas duas coisas e foi por esse viés que eu vim parar em Paranaíba. Então por conta de estar trabalhando já lá (Magistério) e passei no concurso e na pontuação fiquei em primeiro lugar, [...] mas eu não assumi, porque eu não tinha pontuação na prova didáticae ainda estava terminando a faculdade, só que demorou para ser chamado e quando chamou a minha pontuação ficou muito baixa .Naquela época, a gente não tinha essa consciência, eu preciso fazer curso, eu preciso fazer um monte de coisa, não tinha essa consciência então eu terminei o curso e a diretora da faculdade e que era minha professora também lá no magistério ,me chamou para ser substituta dela no magistério para dar aula para ela (Terezinha). Aí fui dar aula para Terezinha e nesse meio tempo surgiu em Paranaíba uma seleção para Universidade Federal, era uma unidade de Três Lagoas aí ela me avisou se eu não tinha interesse e claro! Como eu assim que não tem muita simancol, popularmente falando lá, fui eu fui fazer a seleção e cheguei lá, meu Deus! Um susto! Porque estava meus professores na banca, que eu ia concorrer inclusive um que não era muito simpático a mim mas aí como será que está a minha sorte? Junto com algumas habilidades? As pessoas saíam da entrevista e eu perguntava o que a banca ali que tinha perguntado. Então elaborei, eu fui a última a ser chamada e passei e lá fui eu para Paranaíba e tudo foi assim fui trabalhar na Universidade Federal em Paranaíba no curso de letras e ciências com 22 anos era muito jovem ainda para dar aula no ensino superior.

2-Querida saber, quando formou disse que passou no concurso público gostaria de saber quais os desafios que a senhora enfrentou nesse período?

[...] os desafios que você pergunta aí, tive muitos desafios você imagina; eu me considerava quase uma menina de 22 anos dando aula com a turma assim já bem experiente; pessoas que nossa! Que me assustavam de verdade. Eu quase morria de tanto estudar, o que foi muito bom e junto a isso eu e mais algumas amigas pegamos os nossos carrinhos e fomos fazer uma especialização a minha primeira e a delas também em Três Lagoas, que daí eu já estava morando em Paranaíba, mesmo com a minha família ainda em Três Lagoas eu mudei para Paranaíba, para trabalhar. Aí dedicava integralmente ao curso lá, em que eu era muito nova. Então eu tinha que estudar muito e foi assim que eu fiz a minha especialização que me valeu muito na Federal foi o curso assim maravilhoso sempre com o apoio do meu esposo que me ajudava me levar porque eu engravidei fiquei numa situação de gravidez complicada e ele me ajudou muito. mas então, cursei a especialização, dando aula na federal e trabalhando no estado. é isto é na verdade eu fui contratada pelo estado e cedida para Universidade aí ,como na universidade as aulas

foram diminuindo o curso foi encerrando ,os dois cursos que a federal fez em Paranaíba ,aí eles me receberam eu fiz opção de ficar em um período em Inocência, que eu tinha toda minha família lá. Não foi mais fácil ir para uma escola na coordenação, dessa escola foi muito legal conheci muita gente nova inclusive um período de greve fortíssimo que nós ficamos lá. Então, eu tive muitas oportunidades nesse período, também fui convidada para da disciplina em Três Lagoas, tudo vinculada a Paranaíba, mas como não tinha aula então a gente acabava sendo emprestada. Já na universidade ali, tive algum embate e na escola também que eu dava aula,

3- A senhora pensou em desistir no começo de sua caminhada ou pensou “não quero mais esse trabalho, vou procurar outro.

Bom! Meu embate eu resolvo no dia a dia na harmonia e no diálogo. Jamais eu pensei Deixar aquilo que eu estava apaixonada depois que eu decidi lá no primeiro ano de Pedagogia nunca mais eu quis mudar, nunca mais.

4- Então, como que a senhora soube da criação da UEMS? E, quais motivos decidiu ingressar na Universidade?

Em Paranaíba, eu acabei assumindo dois concursos. Tinha passado em dois concursos e estava cedida para faculdade, aí encerrou a faculdade e eu acabei me deslocando assumindo meus dois concursos de didática e de naquela época orientadora Educacional. Então, assumi esses dois e fui convidada para o desafio do CEFAM em Mato Grosso do Sul. Eu como sempre gostei dessas novidades acreditei no CEFAM, foi uma atualização do magistério e fui trabalhar no CEFAM aí eu fui coordenadora, eu comecei a ser orientadora, depois mudou a lei do Estado eu passei a ser coordenadora pedagógica. No CEFAM, eu fiquei no CEFAM até encerrar no Estado de Mato Grosso do Sul, alguma frustração teve. Mas o que eu aprendi no CEFAM, jamais vou poder esquecer, foi assim a melhor aprendizagem da minha vida com alunos, com professores, nós trabalhamos tudo junto, estudávamos juntos, tão ali eu acho que foi minha maior experiência de como desenvolver um trabalho em grupo no coletivo, ali foi coletivo mesmo! CEFAM, foi de um coletivo impressionante e nenhum momento eu quis desistir disso, sempre amei eu fui apaixonada. Foi muito desafio para nós coisas muito boas aí nós vamos para onde? Vamos numa das brigas que nós gostamos de comprar. Nós fomos! Ganhamos aquele prédio Walmir Lopes Caçado, para ser Aracilda e passou para lá então, estava eu professor Elson e vários professores, a gente se dava muito e juntos nós lutamos. Depois começou a funcionar a UEMS no mesmo espaço físico e no meio o CEFAM também foi acabando diminuindo o número de aulas com essa redução do número de aulas a gente tinha que ver agora o que vou fazer, como coordenadora tudo bem? Eu estava garantida né mas a minhas outras 22 aulas eu ficaria sem aí em 1997 o professor Élcio foi chamado para trabalhar na universidade estadual e ele foi um ano depois saiu concurso então eu ficava sabendo né que ter concurso tudo me dediquei se for sem pra danar ingressei no primeiro concurso da Universidade Estadual foi pela proximidade no prédio de estar trabalhando junto e do Élson estar lá e passando as informações

5-Quais foram as formas de contrato de trabalho que a senhora teve na UEMS?

Entreí como concursada eu não tive nenhum tipo de contrato, nunca fui convocada.

6-Quais eram a sua perspectiva e seus objetivos iniciais na UEMS? Ser apenas docente ou estava preparada para assumir outros cargos além da docência?

Na verdade, eu entrei para ser docente, tem estágio probatório tem tudo isso; então entrou eu e o Élcio para ser docente só que ninguém mais passou no concurso de Paranaíba, ninguém do direito. Então após o resultado o Élcio assumiu a gerência em seguida eu assumi a coordenação do curso. Então não é porque nós queríamos assumir os cursos; é porque não tinha outra pessoa e ele estava exigindo que fossem pessoas concursadas então eu e ele assumimos, mas em seguida o Élcio saiu para fazer o mestrado dele e nessa saída dele eu assumi a gerência.

Então por um tempo, acho que uns seis meses eu fiquei na gerência e na coordenação do curso de Direito. Então ali sim, teve embates fortíssimos porque quando você une direito e ideias pedagógicas nem sempre funciona bem, porque as pessoas não entendem a seriedade de cumprimento das coisas. Um juiz e um promotor, eles não conseguem entender isso; eles não pensam que a se eu dei uma ótima aula 20 minutos porque que eu tenho que trabalhar 50? Os embates foram fortíssimos, quando eu estava na gerência e na coordenação teve processo, rolou muita coisa pesada que até seria motivo de eu me desestimular, mas em nenhum momento pensei em desistir; eu fiz o meu mestrado viajando, eu viajava a noite toda, estudava o dia todo e viajava de volta a noite toda e trabalhava no dia seguinte então; foi assim período muito puxado a coordenação e a sala de aula. Sim! Nesse momento aí a gente tinha direito à redução de aulas, então eu tinha só uma disciplina e foi quando eu trabalhei sociologia jurídica no curso de Direito; ainda não havia a criação do curso da Pedagogia.

7-Com sua aprovação no primeiro concurso realizado para Docente em 1998, como foi sua chegada na UEMS? E, o que mudou ao longo do tempo?

Para o professor que estava contratado antes olhar os professores que estavam aprovados, considerando que alguns não passaram no concurso ele desiste, eles saíram da UEMS, professores bons inclusive. Acharam um absurdo eles não ter passado no concurso e então eu senti que muita coisa tinha para fazer, especialmente conquistas; nós não tínhamos biblioteca. A biblioteca era muito frágil! Então tinha que fazer quase tudo, levava a gente a desafios, a querer trabalhar mais e nós desse momento também, a professora Silvane que veio de Cassilândia para Paranaíba; então a gente sempre trabalhou no grupo de apoio muito forte.

8- A senhora já me disse, que a “dificuldade” assim pode dizer, foi quando era gerente e coordenadora do curso de Direito. Mas, na sala de aula do curso direito nesse momento específico teve mais algum enfrentamento de ordem pessoal ou profissional? E como superou?

De ordem pessoal eu não tenho, não porque não tive! Porque não tem como justificar quando você gosta do que faz, você envolveu o pessoal. Mas tipo vários embates especialmente com professores que seguem uma linha assim do “gosta pouco de trabalhar”. Então para quem gosta pouco de trabalhar no local que precisa muito de trabalhar[...]o curso ainda estava fragilizado e ainda estava iniciando e precisava de muito esforço coletivo; aí tive os embates fortes comigo; mas assim sempre observava que eu tinha muito respeito pelas as pessoas e das pessoas. Quando você tem respeito pelo próximo normalmente você é respeitado mesmo que de vez em quando assim você dá vontade de socar.

9- Porque escolheu a carreira Universitária?

Eu acho que foi a carreira Universitária que me escolheu, porque eu estava disposta. Meu sonho assim, eu queria muito trabalhar no magistério aqui para mim foi a realização, quando a professora me chamou para dar aula no lugar dela, mas aí quando eu passei para ir para Federal

eu já comecei a simpatizar muito com o público daquela faixa etária e eu lembro também no final do CEFAM, eu trabalhei com criança. Então, não trabalhei não dei aula só para adultos, eu dei aula para os pequenininhos, uma disciplina de Educação Física. Eu sinto assim, que é muito fácil de dar aula porque que as crianças são apaixonadas por Educação Física, então passei ileso por todos os níveis de ensino, eu não tenho fatos a citar sobre problemas com alunos se eles tiveram comigo eu não tive com eles.

10. Quais foram os cargos assumidos pela senhora ao longo de toda essa carreira?

Eu assumi a coordenação do curso de Direito, assumir a Gerência da unidade de Paranaíba por quatro anos, eu assumi a coordenação da Especialização em Educação por quatro anos, depois eu assumir a coordenação do mestrado por quatro anos, teve um ano que eu não assumi nada, quando eu voltei do doutorado, que daí eu fiquei preparando a proposta para especialização que eu lembro que o professor Ademilson me pediu. Então nesse período eu não tive nenhum cargo e o período que eu saí e fiquei licenciada para o doutorado e depois, vem um período mais curto e eu fiquei também na coordenação do CEEPED, do centro de pesquisa já quase passando para aposentadoria.

11. Qual sua relação com a Pós-Graduação?

A minha relação com a pós-graduação especialização ou tudo? Porque eu entendo que o Mestrado ele se deu pela especialização. O grupo que se formou na especialização, foi que levou esse mestrado, porque os professores que trabalhavam na especialização que eram da Educação foram os que se organizaram nesse projeto. Nessa proposta corajosa de submeter o Mestrado, então eu assim eu entendo e que nós tivemos em nenhum momento eu posso te dizer eu tive um trabalho sozinha, nós tivemos sempre um trabalho coletivo mas muito forte mesmo, coletivo daquele assim eu estou morrendo, mas o outro está me puxando, está me segurando. Nós vamos juntos! Então cada conquista que nós tivemos nas pós-graduações foram todas coletivas, cada um aquele verdadeiro ditado né “ninguém solta a mão de ninguém”; “vamos de mãos dadas.

12. Quer dizer que a senhora sempre assumia a liderança dos projetos?

Eu não vou dizer que eu não era a liderança, eu estava junto com a liderança. Nós éramos quase sempre em quatro professores que faziam essa liderança, eu no início, eu a Silvana, a Estela e o professor Elson e depois nós tivemos o José Antônio que veio de Cassilândia, aí já não é no Mestrado também, é no Mestrado também esses professores, mas José Antônio não! José Antônio ele ajudou inclusive a elaborar a proposta do mestrado, mas ele ainda não era professor da especialização.

13. Quais enfrentamentos teve na UEMS, quando assumiu cargos de liderança e o que é ser mulher professora Universitária nesta Universidade?

Enfrentamento são os cotidianos, dia a dia. Há necessidade de material aí a gente cobrando a universidade com muita frequência, porque o que nós queríamos é ter condições de ofertar mais para os nossos alunos e o que nós recebíamos, já no mestrado ainda era muito pouco que nós precisávamos. Nós não tínhamos investimento para publicações, era tudo do nosso bolso, nós publicamos vários livros dividindo, cada um pagava sua parte e não quer dizer foi ali uma luta árdua e, o legal é que ninguém falava não, eu não vou fazer isso! A gente fazia com prazer, a gente tirava as fotinhas para pôr no livro. Era um negócio assim, bem legal que nós fizemos juntos eu não vejo que para mim foi nenhum prejuízo eu ter tirado do bolso eu fui para tipo eventos na Europa foi tudo bancado por nós, a universidade nunca deu nenhum centavo para

nenhum evento que eu participei fora; então todos os eventos fora, eu professor Élcio, Estela Silvani, todos os que viajaram bancaram sua viagem. Agora mais recente é que o MEC começa a investir mais nos professores, mas até então a gente entende porque realmente não tinha de onde tirar, depende do Governo do Estado e esse dinheiro não chegava para a universidade e nós queríamos um mestrado forte tanto é que nós temos condição de ter, o doutorado na época que nós temos uma proposta duas vezes duas vezes proposta de doutorado e não conseguimos exatamente por falta de publicação. Nossa! O a gente não conseguia fazer além do que fazia porque ainda tinha que cumprir várias atividades na questão da docência, da pesquisa, da extensão. Então a gente não era só professor do mestrado, a gente acumulava muitas atividades o que dificultava nossas publicações

14. Vou unir três questões agora e a senhora me responde; acho que uma pergunta é continuidade da outra. O que é ser professora Universitária, na universidade? Quais as causas defendidas pela senhora na UEMS e Qual foi seu maior desafio ao longo de sua carreira?

Não! Eu penso que é igual, em todas. Não tem diferença e eu não vejo a desvalorização da mulher dentro da Universidade, eu não consigo ver isso; eu devo ter um olhar muito otimista e romântico porque eu vejo que nós mulheres conquistamos os mesmos espaços que os homens dentro das Universidades. Você fizer um levantamento hoje na UEMS deve ter mais mulheres ministrando aula do que professores, não existe diferenciação instalado por ser mulher, por ser homem. Nós somos respeitadas da mesma forma eu nunca tive nenhum problema por ser mulher dentro da Universidade, respeito total.

[...] Quais as causas defendidas pela senhora?

Melhorias de condições para os nossos alunos e para o corpo docente sempre foi essa causa eu lutei incansavelmente. Para que a gente tivesse melhores condições de trabalho e assim ter uma oferta melhor de ensino para os nossos alunos para que eles pudessem de verdade ter uma boa aprendizagem, fazer como você tá fazendo hoje seguindo a vida com seu mestrado.

[...]Qual foi o seu maior desafio olhando para a sua carreira?

Não entendi

[...] Tipo, olha meu maior desafio que eu senti medo ou alguma coisa assim, uma pressão que a senhora sentiu falou, olha foi por pouco, vou parar por aqui eu não quero fazer isso mais.

Ah! Eu não lembro de ter tido nenhuma não hein! Se tive aquelas nossas encrencas normais que tem entre seres humanos, mas assim a ponto de querer desistir de alguma coisa nunca, quanto mais me desafio mas eu fico corajosa, aí eu quero mais aí de verdade eu luto por aquilo e nenhum momento eu falei vou desistir, muito pelo contrário eu posso buscar outras alternativas para resolver determinado problema; mas desistir nunca!

15. Então a senhora pode confirmar para mim, o que levou a senhora continuar seus estudos na pós-graduação era porque a senhora estava envolvida nesse processo de contribuição e desenvolvimento na UEMS?

Quando você vai para a pós-graduação é igual a especialização na época que eu fiz 1986, já não era muito fácil ingressar porque eu não consegui me ver fazendo algo numa instituição privada eu queria fazer sempre nas públicas, porque aquela ideia antiga de que a pública é melhor, não que eu acredite. Hoje finalmente nisso, eu sei que hoje tem instituições privadas que são tão boas quanto as públicas, mas eu queria era uma meta minha como eu sempre quis

para os meus filhos também buscar instituições públicas. Eu fiz a especialização na UFMS de Três Lagoas, eu senti que eu tinha possibilidade; mas até então eram pouco porquê naquela época professores que fazem mestrado quando eu fui aluna da Pedagogia, era aqueles assim que no meu conceito eles eram excelentes, eles eram bons demais e um excelente ainda desistiu no meio do caminho. Então eu pensava que aquilo era um pavor né? Só que a universidade ela abriu possibilidades para gente, ela fez um como é que eu vou falar um convênio com instituições do país inteiro de três localidades; na Federal de Santa Catarina e Universidade de São Carlos e deu oportunidade; um quantitativo de vagas para os professores da UEMS (não foi só para os professores da UEMS). E aí o Élcio entrou primeiro na Universidade Federal de São Carlos, eu lembro né que ele foi fazer e eu entrei na Federal de Santa Catarina. Foi quando eu fiz o meu Mestrado em Engenharia de Produção com ênfase em Mídias Conhecimento. Então, ali já foi uma batalha e posso entender que o processo foi mais simples considerando que o número de concorrência era menor, mas lógico a luta foi grande para terminar porque daí nós tivemos que fazer aulas lá em Santa Catarina, viajar para muito longe; então posso dizer que não foi muito fácil não! Sempre pensando que a gente tem que se aperfeiçoar para melhorar nossas qualidades de aula e aí para mim a realização total veio Doutorado rápido, porque daí passei no doutorado na Unicamp, não foi o primeiro que eu fiz; eu passei não foi se não me engano quinto que eu prestei. Passei, passei na UNICAMP. E aí sim me dediquei ali, eu entendi o que que era ser um aluno que só estudava que daí a universidade me deu licença para estudo e eu fiquei sem por cento dedicada no doutorado, por isso que em tão pouco tempo eu terminei menos de 3 anos eu conclui o doutorado e retornei as minhas atividades. Tenho muito agradecer nesses pontos por eu ter saído para fazer o pós-doutorado, que ali eu conheci pessoas que eu nunca imaginei; inclusive o meu supervisor que foi o Newton Duarte que não imaginei, nunca! Que eu ia trabalhar com ele, ser supervisionada por ele. Então foram assim momentos que eu posso te falar que foram maravilhosos e pensa que já bem final de carreira, mas contribuíram muito para a minha formação; ainda para trabalhar com meus alunos.

16- Sobre a escolha de estudar, eu não entendi muito bem devido a falha na internet a senhora fez a pós-graduação pelo que tinha no momento ou porque a senhora queria? Haja visto que tem uma formação interdisciplinar.

Na verdade a especialização eu fiz no que eu queria, educação. O Mestrado foi aquilo que eu tinha possibilidade de fazer naquele momento, Engenharia de Produção. Eu queria muito fazer o mestrado e tinha muita dificuldade de sair, de viajar, e essa proposta é uma oportunidade ímpar para as pessoas que trabalhavam na UEMS e sem dúvida nenhuma, a Unicamp foi a coroação total do meu sonho que foi fazer o doutorado lá eu nunca me imaginei fazendo um doutorado na Unicamp. Então para mim foi maior ganho de toda minha carreira profissional.

17- E já passamos para as últimas perguntas e olha foi bem rápido! Mas, professora é a sua visão sobre a sua trajetória de professora?

Não, eu posso dizer que me realizei tentei ajudar o próximo, busquei sempre fazer o melhor dentro das minhas limitações porque sem dúvida nenhuma, se tem plena consciência que sempre tive muita limitação. E essas limitações me fizeram e ir além e atrás querer mais buscar mais então eu vejo que dentro da UEMS eu só tive a ganhar[...] só tive a ganhar, aprendi demais e não seria hoje a professora Doracina se não tivesse aprendido com alguém.

18- Teve algum projeto que não conseguiu realizar na UEMS?

Um projeto que não conseguiu realizar, o grupo estava muito empenhado e tentamos a proposta do doutorado e aí quando veio assim, a justificativa deles, deixou um pouco frustrados com aquilo porque pela produção, mas no resto a gente tinha requisitos positivos em praticamente

tudo, então foi a única eu entendo, porque assim consegui ter projeto aprovado pelo CNPQ, pela CAPES e FUNDECT. Então, por onde eu tinha que passar eu passei em todos os locais,

19- Qual é a diferença da professora que ingressou na UEMS e da professora que finalizou sua carreira ali é, porque hoje a senhora não atua mais, qual a diferença da professora efetiva que teve que assumir cargos e à docência, correr atrás para transformar a UEMS e se mobilizar e buscar outras possibilidades que a senhora mesmo fala; alternativas e hoje a professora que se aposentou. Qual é a sua visão destas duas professoras?

A professora que entrou na UEMS, já tinha uma bagagem boa que ela teve tanto na Federal e muito mesmo no CEFAM; então ali no CEFAM foi a minha base geral para eu me informar e entrar na UEMS, eu me sentia bem preparada, estudei muito para o concurso que me preparou um pouquinho mais, porque nada melhor do que a leitura. Se para gente se preparar então é três e eu percebi assim o meu desenvolver, a minha melhoria é quando eu fui fazer uns cursos de pós-graduação, cursos de formação continuada [...] nossa! Apresentação em eventos, então a gente aprende demais, você ali é forçada a questionar e eu cresci muito com essas participações. Eu tinha participação internacional, você chega lá sua cabeça quase dá um “block”; você está escutando a pessoa falar inglês ou espanhol, o negócio assim que me fez crescer demais e eu não pensava que eu ia ter coragem de pegar um avião e ir para a Europa, para ir para outros locais apresentar trabalho, nunca imaginei isso. Foi um crescimento impressionante e eu penso que os alunos perceberam isso também, porque os meus alunos do meu início de professora que normalmente quando se inicia você tem seguranças e a insegurança e te faz ser uma professora mais distante dos seus alunos; e no final a minha segurança fez com que me aproximasse muito mais lógico sempre dura na queda, mas sempre junto com meus alunos. Como você sabe muito bem disso

20- Qual é o significado de ser professora?

Significado de ser professora[...] é a minha paixão; é a paixão para mim. É querer ensinar o próximo, acreditar no outro e ver que as pessoas têm habilidades, tem possibilidades que só falta nós trabalhar com essas pessoas e desenvolver tudo isso. Por isso que eu gosto tanto do Marx e Vygotsky; eu acho que eles contribuem muito com isso e aquela frase básica né eu compreendi e eu aprendi nessa minha trajetória toda, que tudo deve ser realizado junto no coletivo e isso aprendi com Marx; e na vivência.

21- Para encerrar a nossa entrevista, eu queria que a senhora falasse qual o legado que a senhora deixa para a UEMS e para os futuros professores?

O meu legado é sempre acreditar, sempre não desistir nos primeiros problemas; guardar sempre o que tem de positivo e acreditar que nós podemos vencer e não simplesmente ficar batendo de frente com os outros, mas é para trabalhar juntos. É conquistar as pessoas que estão ali próximo a você e não tirá-las da sua vida, do seu convívio do seu meio; é aprender a trabalhar com elas. Eu acho que eu fiz isso com muita propriedade, eu sempre me aproximei ou trazia as pessoas para trabalhar juntos, eu queria um grupo formado forte, juntos sem individualismo eu sou totalmente contra o excesso de individualismo. Essa sou eu.

Eu fico muito feliz pela entrevista, é claro que dá daqui um tempo eu entrarei em contato novamente com a senhora e espero poder fazer a “nova” entrevista presencialmente. Levo a senhora para minha vida, de mãos dadas, eu estava quase desistindo do curso, e uma simples foto ao lado da senhora, me conquistou. Obrigado e até a próxima.

Com certeza vamos nos falando precisando alguma dúvida tá bom beijo

APÊNDICE D⁷²**Entrevista transcrita com a Professora Doutora Celi Correa Neres para o Desenvolvimento da pesquisa em Educação.****ENTREVISTADOR:** Diego Silva**ENTREVISTADA:** Profa. Dra. Celi Correa Neres

Entrevista realizada dia 19/02/2020

Duração: 1h13min.

Professora a minha a minha pesquisa de Mestrado ela tem como proposta, entrevistar as professoras universitárias pioneiras no sentido de que contribuiu na UEMS de alguma forma, que trabalhou, que fez projeto, que atuou e assumiu cargos e colaborou para que a UEMS conseguisse status de universidade. Dentro dos critérios da minha pesquisa, do resultado obtido até o momento tenho 19 professoras que enquadra nos critérios estabelecidos. Porém no campo da História da Educação, baseando em De Certeau, posso fazer escolhas próprias e assim preencher a minha pesquisa. O sujeito de minha pesquisa são, a professora Silvane Freitas, a professora Doracina Araújo, a professora Maju e a senhora no qual observei, analisei o currículo Lattes de cada uma.

Podemos começar?

Sim !

1-Professora, eu gostaria que a senhora relatasse um pouco sobre infância, as primeiras projeções de estudo, do primeiro contato com a escola e se houve incentivo de algum familiar.

Diego, eu sou a sétima filha do meu pai, da minha da minha mãe em uma família de oito filhos, né. Então eu sou a sétima filha e sua sexta mulher, da minha família, somos em oito sendo seis mulheres e dois homens. Eu sou a filha de agricultores, meu pai e minha mãe eram agricultores e eu morava numa chácara, na zona rural; nasci lá. Nesta chácara, todos meus irmãos nasceram lá. As minhas irmãs estudaram numa escolinha rural que tinha lá perto, mas quando chegou a minha idade de estudar como eu era sexta filha, sexta mulher e a sétima na sucessão de filhos, é meus pais compraram uma casa na cidade e as minhas irmãs mais velhas vieram continuar seus estudos, porque na escolinha rural só tinha só o quarto, a 4ª série daquela época, dizer assim do Ensino Fundamental. Então elas vieram estudar e aí eu quando eu completei sete anos, eu vim junto com ela, vim para estudar com elas. Então meus pais ficaram lá na chácara e eu e minhas irmãs moravam na cidade para estudar. Quando chegava final de semana e férias

⁷²Devido à crise sanitária, não foi possível realizar a entrevista presencial. Desta forma, a professora Doutora Celi Correia Neres, concedeu- a virtualmente pelo SKYPE e devido a oscilações da internet, perdeu –se a qualidade no áudio.

escolares a gente ia de volta para o sítio, de volta para chácara. E sempre um sonho meu era ser professora, porque eu achava uma profissão muito bonita. Então quando eu era criança eu brincava de escolinha com as minhas amigas, era minha brincadeira preferida e por afastar dos meus pais com sete anos, eu era muito e eu sou muito apegada aos meus pais. Eu chorava, vinha chorando toda vez para a cidade, por deixarem meus pais lá. Eu fui estudar primeiro ano na Escola Estadual Arlindo de Andrade Gomes que é aqui em Campo Grande nessa escola, eu entrei com sete anos e sai com 16 anos, no ensino médio, professora. aos 17 anos como professora já sai então saí de lá aos 17 anos e toda minha formação básica e se deu nessa escola, e fica aqui em Campo Grande. Então quando eu vim estudar, minha professora da primeira série, a professora Beatriz, ela me acolheu de tal forma que ela me ajudava a sentir menos saudade da minha mãe, vamos dizer assim; porque eu sou pequenininha, eu não sei se você me conhece pessoalmente, mas eu sou bem baixinha e eu era então, era menorzinha da turma, tinha um cabelo comprido, loiríssimo, olhos azuis e a professora Beatriz, ela se apaixonou por mim, me acolheu e ela me colocava no colo, ela me ensinava a ler e a escrever. Então quando eu ia para chácara, eu sempre trazia uma lembrancinha para ela, quais eram as lembrancinhas? Um queijo, uma rapadura. Então eu fui a gente foi desenvolvendo um laço afetivo um vínculo afetivo então assim, eu também acho que isso contribuiu para eu gostar muito da escola é para eu inspirar naquela professora que ajudava o outro e estendia a mão para aquele que precisava, era uma professora muito afetiva. Depois, eu continuei, estudei nessa escola do primeiro ano ao terceiro ano do magistério. E então como eu te falei, eu entrei lá com sete anos, sai com 17 e professora, eu concluo o magistério com 17 anos. Depois que eu terminei o magistério, eu queria duas profissões que eu queria fazer uma era Psicologia e a outra era Pedagogia para ser professora e naquela época a psicologia só tinha na UCDB, na época era FUCMAT aqui em Campo Grande e eram curso integral e eu não tinha condições de pagar a faculdade, não tinha na Federal. Então, eu optei naquele momento por fazer a Pedagogia, que era noturno e eu tinha condições de trabalhar e pagar a faculdade, então fiz isso, eu estudei Pedagogia, na FUCMAT, à noite e trabalhava durante o dia como professora da Educação Infantil. Então terminei o magistério e já fui dar aula educação infantil de aula na educação infantil dois anos. Depois eu fiquei cinco anos como alfabetizadora e também dava aula para o magistério, formando professora numa escola particular aqui em Campo Grande, concurso de início eu fazia para a Pedagogia e terminei pedagogia, eu tinha 20 anos para 21. Aí eu fiz, antes de terminar mesmo a pedagogia, eu fiz um concurso público para o estado, é para ser especialista de educação, eu fiz um concurso público para orientador Educacional, eu passei neste concurso ainda, estava no último ano da faculdade. e estava no último ano da faculdade aí terminando o concurso. Eu tomei posse como professor especialista em educação, quando eu tomei posse, acho que em fevereiro/março veio aquele decreto do da professora Leocádia, aqui na época era secretária de Educação do governo Pedro Pedrossian e transformou curso a função de especialista, em coordenação pedagógica, então eu fiquei como coordenador de escola por um tempo. E aí nesse concurso, me deu oportunidade de fazer Psicologia porque eu ganhava um bom salário, naquela época de 10 salários mínimos as 36 horas de trabalho. E casou que, eu tive oportunidade e condições de pagar o curso; o curso passou a ser no período matutino, então eu trabalhava a tarde lá na escola e algumas noites para completar as 36 horas de especialista de educação. Então, eu terminei o curso de psicologia em 1989, é, não em 89 não! É, 1989, terminei Pedagogia, é Psicologia eu terminei é em 1990...91,92,93, é em 94; acho que eu terminei psicologia, acho que é isso. 93 ou 94...acho que foi em 1993 que economizei, é abati algumas matérias e acabei avançando um pouco mais! Sou da turma de 93; e aí essas duas formações elas me deram assim uma bagagem importante e eu tinha muito interesse, por que eu tinha

muito interesse de fazer psicologia? Primeiro porque eu tinha interesse pela área, depois eu comecei a alfabetizar e eu percebi eu tive uma aluna, eu era assim excelente alfabetizadora, dedicada e todos os alunos que passaram por mim aprendiam a ler rapidinho e teve uma aluna que não conseguiu aprender de jeito nenhum e eu não sabia o que eu fazia mais para aquela aluna aprender. Então eu, aquela aluna (ela) me desafiou a querer a pensar cada vez mais a fazer uma psicologia, para poder conhecer o comportamento a pensar cada vez mais a conhecer a aprendizagem, e aí eu fui fazer Psicologia para isso, também depois de um tempo mais tarde eu acabei descobrindo que essa aluna era; tinha deficiência mental na época, se falarmos hoje é deficiência intelectual e aí eu comecei a me apaixonar pela educação especial também na psicologia e com os meus alunos; então quando eu estava de especialista de educação é que eu tinha sumido o concurso em 90 né, 1990; eu fui convidada aí 93, é 92 eu já estava terminando a psicologia já em 93, eu fui convidada para compor a equipe de Educação Especial da secretaria de educação daí eu fui trabalhar na educação especial e de lá nunca mais sai, né! Fiquei trabalhando na Educação Especial, naquela época era AGUIAR, é nós estamos estudávamos muito na época da Aguiar recebíamos muita capacitação de fora, o governo investia muito no serviço Educação Especial na época. E aí, eu fiquei na Educação Especial trabalhando ela eu conheci a professora Alexandra Anache, da Universidade Federal e ela estava fazendo a pesquisa de doutorado dela na educação especial e aí a professora Alexandra Anache, me disse “Celi, você gosta muito de estudar, você é muito interessada [...] você tem que ir para a vida acadêmica, você tem que contribuir mas; tem para formação de professores profissionais e tal” ele tinha seleção ela faz o mestrado na Universidade Federal aí eu fiz o processo seletivo na Universidade Federal em 1996, entrei no mestrado e fui orientada pela professora Elcia Esnarriaga de Arruda que não é de educação especial, mas que me ajudou muito a fazer uma leitura da Educação Especial de fora do campo né, o que eu acho que é muito importante porque quando você discutir questões sobre no interior do campo de pesquisa você acha, eu avalio assim fica um pouco sem noção de totalidade, então aí eu fiz entrei no mestrado em educação tá quando eu estava já para qualificar, quando eu qualifiquei abriu o primeiro concurso da UEMS em 1000 em 1998 e eu fiz o primeiro concurso da UEMS, e aprovei [...]

A UEMS tinha quatro anos de existência, né? Comecei e fui trabalhar em Jardim.

2- Celi, então a senhora decidiu ser professora desde pequena, né? Aí, quando teve oportunidade de fazer outro curso, o Magistério e a Pedagogia foi a Psicologia. Quando a senhora formou no curso de licenciatura, qual era sua expectativa naquele momento?

A minha expectativa era, era, a minha expectativa era trabalhar na educação como você vê, como especialista.

3- Teve alguma frustração no início da sua carreira?

Nenhuma!

4- Mas a sua expectativa era de trabalhar?

Naquele momento era de trabalhar na Educação, é de contribuir para educação das crianças. Eu gostava muito do que eu fazia e gosto até hoje. Quando eu entrava na escola parece que tudo aquilo que os problemas a aquilo tudo o que tinha lá fora, ficava lá fora, entendeu? E a minha convivência com a escola era uma muito prazerosa, eu me envolvi a muito com a vida dos alunos é a minha expectativa era essa, eu não tinha nenhuma dificuldade né? Não tive nenhuma

“frustração”; eu me incomodava muitas vezes, com [...] eu vou dizer para você? Eu vou dizer para você o que me incomodava um pouco ...me incomodava um pouco, assim era alguns colegas, que não sei; por às vezes por não ter o perfil ou por se sentir frustrado da profissão, é desmerecer a profissão, é não gostar de trabalhar como é que de acordo com aquilo que eu acreditava que tinha que ser, entendeu? É aquela dedicação que eu esperava do docente outro colega docente, às vezes eu não via, então assim essa era assim alguma coisa que me incomodava um pouco. Como eu entrei no estado como especiarista de educação, eu me dediquei muito a formação continuada dos meus dos professores da escola e quando eu entrei para trabalhar como especialista, eu tomei posse juntamente com a minha colega Terezinha que assim, já era mais velha do que eu na época; ela tinha sido minha colega de faculdade que era uma pessoa muito interessante ela trabalha muito com formação de professores na Renner aqui, tá... no estado. Eu e ela fazemos uma dupla perfeita, então nós trabalhávamos muito com tudo na escola, fazendo sessões de estudos na escola os professores, discutimos textos, trabalhávamos muito em conjunto eu e ela; ela era coordenadora e eu também. Então nós trabalhávamos muito, eu fui trabalhar numa escola, em um bairro de periferia aqui em Campo-Grande, [...] era uma escola enorme e hoje era uma escola de autoria aqui no estado, era uma escola enorme que tinha, que tinha assim sim cinco primeiras séries, cinco quinta série que era uma série bem complicado assim para a gente trabalhar. Então, assim eu tive muitas boas experiências nessa escola por exemplo de um professor de matemática que era extremamente resistente para estudar para mudar prática dele sala de aula e a gente conseguiu que esse professor gostasse da, esse professor mudasse as práticas dele então assim eu tenho outras boas memórias, boas lembranças da Educação Básica, entendeu?

5- Então, a senhora não teve nenhuma frustração, passou no concurso. Qual foi o ano que a senhora passou no primeiro concurso?

O primeiro concurso que eu fiz, eu passei em 1990, o primeiro concurso do estado, como especialista de educação.

6- A senhora cursou o mestrado direto, não fez nenhuma pós-graduação (especialização)?

Não, eu fiz a graduação e eu já fui para o mestrado direto.

7- É, quando a senhora soube da criação da UEMS e quais os motivos que fizeram a senhora querer ingressar na universidade?

Assim, quando eu estava fazendo mestrado... aí quando você entra no mestrado, você começa a pensar numa carreira acadêmica né? Eu por exemplo, aconteceu comigo; eu entrei assim mas para estudar, para mim qualificar e tal, mas depois eu comecei a gostar da pesquisa, da vida acadêmica, aquilo me atraiu muito. Aí eu fiz um mestrado em educação e pesquisei a Educação de pessoas com deficiência; eu tinha formação em psicologia também, então aí eu fiquei sabendo do concurso da UEMS, entendeu? EU sabia que o eles não tinham unidade aqui em Campo -Grande, e eu morava em Campo -Grande.

8- A senhora fala que ficou sabendo...como? Por intermédio do Jornal?

Eu fiquei sabendo, acho por meios dos colegas do Mestrado; “Há, vai ter o concurso”. É e eu fiz, alguns colegas meus também fizeram, alguns passaram e outros não, na primeira eleição do primeiro concurso e aí e aí eu fui fazer a prova do concurso. Eu sabia que eu tinha que ir para o interior do estado porque não tinha UEMS em Campo-Grande na época. Eu fiz a minha inscrição do concurso e fui fazer a prova lá em Dourados, inclusive eu fiz prova na disciplina de psicologia da educação e quem era minha companheira, era a minha companheira de sala foi professora Maju, nós fizemos a prova junto, mas assim na mesma sala e prova escrita né? depois eu fui para prova de didática, que outra banca. Eu acho que a professora Maju não fez comigo

a prova na psicologia não; quem fez comigo professora Eliane Greice também já tá aposentado até!

9- A senhora então, trabalhou apenas com o contrato de efetiva na UEMS?

Isso, eu já entrei na UEMS, como efetiva.

10- Qual era sua perspectiva na UEMS? Quais eram seus objetivos iniciais; ser apenas docente? Estava preparada para assumir outros cargos além da docência?

Não! Quando eu entrei na UEMS, não entendi tudo aquilo, era tudo muito novo para mim. Eu entrei porque eu queria experimentar uma situação nova, eu queria experimentar na carreira acadêmica. Olha! Foi bem curioso porque assim quando eu entrei na UEMS, eu era apenas graduada, certo? Porque eu não tinha especialização, eu estava terminando o mestrado, eu já tinha qualificado, tá! e aí eu escolhi vaga em Jardim, eu não escolhi duas unidades porque eu tinha que terminar a minha dissertação, fui dar aula nas licenciaturas de Biologia e Letras. E aí o meu salário era assim, um terço do que eu recebia como especialista de educação, porque eu tinha um bom salário época como especialista em educação e na UEMS entrei como graduada só, nem deslocamento. Mas, eu sabia que aquilo era um investimento no objetivo que eu tinha que era seguir carreira acadêmica, entendeu? Eu gostava muito de estudar, de fazer pesquisa eu queria continuar; então eu fiquei seis meses é assim praticamente pagando para trabalhar, viajando (indo e voltando) porque eu tinha terminado o curso aqui, tinha casa aqui, família aqui, tudo né! Então eu fiquei, eu fiquei seis meses aí mesmo pagando para trabalhar até eu fazer a defesa e melhorar a minha carreira minha posição enquanto docente da Universidade; mas eu não me arrependo em nenhum momento e tudo para mim era novo é foi uma descoberta a carreira acadêmica a convivência Universitária, assim foi muito gratificante! Eu não tinha interesse nenhum encargo, até porque eu não conhecia a vida acadêmica, não conhecia gestão universitária, né eu fui professora por um bom tempo só professora.

11- Sabendo que a UEMS (hoje) começou a funcionar em 1994, teve a questão “Fecha ou não fecha em 1995” e o Dia -D (A luta pela reabertura da universidade) e o status de universidade em 1996; sabendo disto, como estava a universidade quando a senhora ingressou?

A universidade assim, estava engatinhando. Nós não tínhamos assim propriamente dita um perfil de universidade, a UEMS ainda tinha aquele perfil ainda um pouco de faculdade, era tudo ainda muito incipiente universitária; a UEMS foi crescendo ao longo do tempo e eu fui acompanhando isso, por exemplo quando eu tinha um ano que eu estava lá na unidade de Jardim, aliás quando eu tomei posse em Jardim, tomou posse também o professor Fábio Edir que foi o nosso reitor por oito anos e a professora Cíntia que era esposa dele; eles foram morar Jardim. O Fábio Edir era amigo do Afrânio que foi nosso pró-reitor de pesquisa e pós-graduação na época. A professora Leocádia convidou o Afrânio para ser pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, o professor Fábio e o professor Afrânio ele já tinha um amadurecimento maior de pesquisa porque eles estudaram na FAPESP, em São Paulo e a FAPESP, faz muito assim, investe muito em pesquisa. E aí o professor Fábio e o Afrânio eles eram bolsistas na FAPESP, eles assim já tinham uma experiência a mais na pesquisa. O professor Afrânio assumiu a pró-reitoria, isto em 99, o professor Afrânio assumiu a pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação e o professor Fábio assumiu a Divisão de pesquisa e pós-graduação e eu, eles me convidaram para comandar o primeiro núcleo de pesquisa de educação da UEMS. Então, eu fui coordenadora do primeiro núcleo de pesquisa e educação da UEMS. Então, o que eu fazia? Eu ia para Jardim e eu dava aula dois dias e de lá eu ia para Dourados e chefiava o núcleo de pesquisa em educação. Neste núcleo sobre a minha gestão, nós abrimos na UEMS, o primeiro curso de especialização na área de Educação, que era o curso de especialização em Educação Infantil e ali tudo

começou. A especialização da UEMS começa aí, na área da educação. Acho que também era uma das primeiras da UEMS, isso foi em 99. Em 99, nós fizemos o projeto e fizemos os convênios com as prefeituras e oferecemos este curso de especialização em Educação Infantil e até um pouco tempo ele funcionava ainda em convênio com algumas prefeituras no interior do estado. Então aí, lá no núcleo de pesquisa em Educação, eu ajudei a construir um projeto grande de formação de professores que foi o curso normal superior; eu fiz parte da comissão de elaboração desse projeto grande, junto com a professora Gisele que era na época pró-reitora de ensino, Gisele Martins Leal- pró-reitora de ensino. Eu participei do projeto político pedagógico e da implantação do curso normal superior. Nesta época, o curso normal superior foi implantado em 2000 e funcionou mais ou menos até 2010; esse curso normal superior formou mais de 1.500 professores aqui no estado de Mato Grosso do Sul e era feito convênio com as prefeituras para poder fazer o quê? Para poder cumprir com aquilo que LDB determinava em 1996, que até 10 anos todos os professores da Educação Básica tinham que ter nível superior. Então muitos professores da rede pública não tinham essa formação de nível superior, então nós vamos fazer esse trabalho de formar esse pessoal e aí a gente trabalhou no normal superior, ele teve umas duas turmas, dois polos grandes: um polo em Dourado que coordenava toda a formação de professores daquela região e um polo em Campo Grande que coordenava a formação de professores aqui em Campo-Grande. Eu fui a primeira a coordenadora desse curso aqui no Polo de Campo- Grande, coordenava toda essa região aqui inclusive tinha turma em Paranaíba e que também eu coordenava, a gente viajava para cidade de Paranaíba, Jardim, Maracaju, Coxim todas as unidades da UEMS para poder ministrar esse curso. Então, foi a minha segunda grande contribuição na área de formação de professores na UEMS. E aí, a UEMS foi ao longo do tempo amadurecendo, enquanto ela nasceu como uma universidade para levar ao interior do estado a educação superior é ela tinha esse perfil e tem este perfil e também trabalhar por basicamente por formação de professores, essa era a missão mais “assim” importante da UEMS, na época. E eu logo da história e eu, a UEMS foi amadurecendo no campo da pesquisa pós-graduação e foi também; é surgindo novas demandas na sociedade como formação de bacharéis e então começa a criar os primeiros cursos de bacharelado e também criar, depois ampliou a pós-graduação Lato Sensu e depois a criação dos mestrados. Até 2009, por exemplo, para você ter uma ideia a UEMS, não tinha nenhum mestrado.

Até 2009?

Até 2009, se eu não me engano. Ela não tinha nenhum mestrado...de 2009 para cá, que a gente em (eu acho que até 2009, a gente tinha dois ou três mestrados, eu preciso checar para te falar) Eu sei que assim, de 2009 para cá, a UEMS avançou muito na pós-graduação, por exemplo abriram vários outros mestrados em várias áreas e depois dois doutorados um que funciona em Aquidauana, na área de Zootecnia e Agronomia e um de Recursos Naturais, em Dourados. Em breve, nós vamos ter o nosso, né Diego?

(Risos) eu espero, quero fazer doutorado. (Risos)

Isso mesmo! (Risos)

12- Professora, com a aprovação no primeiro concurso realizado para lecionar na UEMS em 1998; o que mudou em sua visão?

Só um pouquinho

Tá.

Pode repetir?estou respondendo uma situação urgente, fala.

13-Com a sua aprovação no concurso para lecionar na UEMS, em 1998, o que mudou em sua visão? Já que a senhora atuava na educação, ingressou na UEMS no primeiro

concurso (imagino que deva ter sido um susto, de educação básica ao ensino superior). O que mudou e o que era está ali?

Hora, estar ali para mim era um desafio! Eu trabalhava na educação básica, tinha muita experiência na educação básica, mas não tinha nenhuma experiência na educação superior. Então, é..Tudo para mim era um desafio e assim Diego, eu gosto muito de desafio e este é um pouco meu perfil. Eu não consigo trabalhar muito tempo em uma coisa só, eu quero e preciso desafios, eu preciso me sentir desafiada para eu conseguir trabalhar. Então para você vê, quando entrei na UEMS assumi esse núcleo, criamos o primeiro curso de especialização, aí teve o projeto Normal do Ensino Superior e um projeto que foi muito questionado na época, que falava que ia precarizar a educação e hoje a gente percebe que Campo-Grande, por exemplo, nas escolas da rede, as ingressas do Normal Superior são as melhores professoras, são professores de referências, por quê? Porque fizeram uma formação em serviço, é muito diferente! Você pega um aqui, uma aluna ou um aluno que fez um vestibular para licenciatura porque não conseguiu outra profissão; você sabe que isto existe.

Sim!

Trabalhar com professor que está lá no chão da escola, é outra... Assim, trabalhar no normal superior foi muito apaixonante, tenho alunas até hoje como amigas, colegas de profissão e assim, tem compromisso com trabalho e a carreira. E, aí... Um pouco da minha trajetória na UEMS: Fiquei na UEMS de 2000 a 2010 mais ou menos, nós trabalhamos no curso normal superior e na Pedagogia por quê? Aqui em Campo-Grande, então...é, em 2006; quando o MEC publicou as novas diretrizes para o curso de Pedagogia, extinguiu o normal superior, e aí quem [...] as universidades que tinham o curso normal superior podiam transforma-lo em Pedagogia; ai nós transformamos o curso normal superior em Pedagogia (Aqui em Campo-Grande, criado aqui o primeiro curso, na unidade de campo-Grande). Com a criação da Pedagogia, nós criamos também a unidade, o primeiro curso da unidade, isto foi em 2006. De 2006, para cá a gente tem trabalhado com o curso de Pedagogia aqui, e aí, a unidade de Campo Grande nasceu voltado para as licenciaturas...nós temos a Pedagogia, em 2009, isto ...vieram para cá curso de Geografia, curso de Letras, o curso de Geografia de Jardim e o curso de Letras de Nova Andradina veio para cá, abrimos o curso de Arte Cênica (licenciatura) para formar professores de arte para as redes pública e privada e também veio o Turismo de Jardim para cá, para Campo-Grande. E aí, em 2010 eu assumi a gerência da unidade de Campo-Grande, fui gerente da unidade por dois anos, de 2010 a 2012. Em 2012, ainda na gerência nós começamos...a CAPES tinha aberto a possibilidade de mestrado profissional, nós escrevemos uma proposta de mestrado profissional em Educação para formar professores para a educação básica, em 2012. O curso foi aprovado. Em 2013, eu o coordenei... eu presidi o processo de elaboração do projeto, e assumi a coordenação...sai da gerência da unidade e assumi a coordenação do mestrado profissional. Fui coordenadora do mestrado profissional por cinco anos. Assim, então o Mestrado Profissional ele nos deu um gás, a gente conseguiu, era um outro desafio que era pensar no mestrado profissional em educação que era novidade, uma coisa que nós não tínhamos no Brasil e foi sim muito desafiante; a gerência da unidade também foi um desafio para mim, mas eu confesso para você que não gostei de ser gerente, se você me perguntar sim professora Celi, qual a sua maior frustração(Frustração não, porque eu não gosto desta palavra); mas qual cargo que você menos gostou (Foi de gerente de unidade). Porque a configuração de gerente de unidade na UEMS, é muito mais para você cuidar do espaço físico, das questões estruturais e a minha praia é o pedagógico, entendeu?Éo que lidacom o pedagógico. Eu trabalho muito como vice reitora agora, eu cuido mais das questões internas do que das questões de administração; fica mais a cargo do professor Laércio de toda a equipe nossa. Mas, eu também trabalho com as questões de administração, mas não é só isso!Então, o

cargo de gerência, eu não via sentindo naquele trabalho (ainda bem que gerente não fica só gerente, ele também da aula, faz pesquisa e tudo mais; o que ajudava muito) Eu não gostei, daquela função...e, eu saí! O que eu busquei? (Olha, eu não quero mais ficar nesse negócio), então eu busquei um novo projeto; isto tudo eu estou falando eu busquei um novo projeto, sempre com grupo muito bom, aqui em Campo-Grande, nós temos um grupo muito alinhado, muito bacana na área da educação; nós trabalhamos nesta proposta do mestrado profissional e ele foi um desafio e eu fiquei encantada com o projeto, sou encantada com o programa. Mas, antes disso, não me deixa esquecer ...em 2012, abriu o mestrado em Educação em Paranaíba e a professora Doracina me convidou para trabalhar com ela lá, para dar aula no mestrado lá. Então, eu viajava daqui lá, também aceitei, pois, era um desafio. Então eu viajava daqui a Paranaíba, para poder participar, dar aula, orientar os alunos [...] foi uma experiência muito prazerosa, muito deliciosa, e foi de lá que eu acho que a gente buscou inspiração e exemplo para montarmos nosso programa aqui. Então, o Mestrado em Educação de Paranaíba ele foi um divisor de águas assim para pós-graduação Stricto Sensu na área da Educação, porquê? Porque quase todos os professores do mestrado profissional que começaram, começaram em Paranaíba, entendeu? Então a gente já tinha uma escola, entendeu? O programa aí, já foi uma escola para nós.

14-Celi, então eu posso dizer que a sua maior dificuldade no início da sua carreira foi a gerência?

No início não; durante a minha carreira né...pois já estava em 2010.

15-Outra questão, a senhora enfrentou alguma dificuldade de ordem pessoal ou profissional?

Neste tempo?

Durante sua carreira.

A dificuldade que a gente tem, são inúmeras, são vários...mas a gente transpõe...por exemplo, eu queria fazer doutorado e não tinha doutorado em Campo-Grande. Bom! Eu terminei o mestrado em 99, aí eu queria ter meus filhos, eu queria ser mãe, entendeu? Aí, eu parei para ser mãe, inclusive quando eu terminei o mestrado, eu engravidei do meu primeiro filho, falei; “bom, agora vou dar um tempo e ter meus filhos, porque depois eu vou ficar velha e não vou ter meus filhos”- Eu queria muito ter um filho, ser mãe, né? Eu queria me dedicar ao meu filho, eu não queria ficar presa estudando e não tendo condição de me dedicar (a maternidade). Então, eu parei assim com a minha carreira acadêmica, em 2000, o meu filho nasceu; eu tinha dois anos de UEMS. Quando meu filho nasceu, abriu o normal superior aqui. Então veja, quanta coisa eu fiz de 98 a 2000, né? Nós fizemos uma especialização, abrimos um curso de formação de professores da educação básica, um projeto (mega projeto) que funcionou em todas as unidades da UEMS. Inclusive Aquidauana, teve formado Normal Superior Indígena e formou uma turma de professoras indígenas, em Aquidauana, foi muito interessante [...] foi uma experiência maravilhosa da minha vida...se eu dissesse assim, quais são as minhas melhores experiências da minha carreira acadêmica? Primeiro, foi o projeto do curso normal superior, projeto que eu aprendi muito com os professores da educação básica; esse curso Normal Superior Indígena, este para mim foi um presente e depois o Mestrado Profissional que foi assim também, alguma coisa que me deixou assim apaixonada (sou apaixonada, pelo mestrado profissional)

A senhora enfrentou alguma dificuldade ordem profissional ou pessoal?

A dificuldade (risos) eu emendei uma coisa na outra. A dificuldade de ordem profissional e pessoal foi assim; eu parei, eu tive meu filho e queria fazer o doutorado e não tinha doutorado aqui em Campo- Grande, em educação... assim era a situação no Mato Grosso do Sul. Eu tinha que viajar para São Paulo para fazer um doutorado. E aí, eu queria ter outro filho, até porque eu já ia eu já tinha quando eu tive meu primeiro filho de 33 anos é 32 anos, falava assim as minhas coisas na minha vida sou muito bem planejar eu funciona assim com planejamento eu falava não até 36 eu quero ter o meu segundo filho, porque eu não queria ter só um pelo menos dois. Então que eu fiz então: eu resolvi ir aí para eu estudar fora eu tinha que deixar meu filho pequeno eu tinha mais um filho eu fazia doutorado, entendeu? Ai que eu fiz fiquei grávida [...] então assim, a maior dificuldade foi essa de você não conseguir completar sua carreira acadêmica aqui no estado, porque não tinha curso, e a dificuldade pessoal era conciliar a vida a vida acadêmica de mulher, de mãe e a vida e entendeu? É conciliar essa vida acadêmica com a vida de mulher, mãe, dona de casa, porque a gente é tudo isso e você sabe disso! A maior dificuldade foi essa. Quando eu fiz doutorado eu fiquei muito estressada, às vezes sabe? Tinha sintomas assomatizava, tinha medo, os medos estranhos assim... quando eu fui fazer o doutorado em São Paulo; meu filho caçula tinha dois anos né; o que eu pensava? Quando ele começar a falar me contar o que aconteceu quando eu não estava em casa (risos) mais ou menos assim, a minha estratégia... espera aí só um pouquinho, eu vou ligar o ventilador porque estou com calor.

Tá.

Então, Diego a dificuldade era está... conciliar coisa de mulher com a carreira entendeu? E, a dificuldade profissional era um pouco isso, na educação básica era trabalhar com aqueles colegas que as vezes assim, não tinha aquele compromisso político com a profissão, sabe? Segundo, na universidade era um pouco com a vida acadêmica assim, no sentido da qualificação, que a gente não encontrava na época. Outra dificuldade grande, também era o deslocamento que a gente trabalhava e não tinha na UEMS, por exemplo a gente voltava muito para as outras unidades, para dar aula e assim as unidades da UEMS, são muito distantes uma das outras, né! Daqui a Paranaíba 400 e tantos quilômetros e o deslocamento era muito cansativo, a gente pode colocar assim como uma dificuldade, mas a gente quando você tem prazer naquilo que você faz, é... Quando você gosta, a gente acaba superando tudo isso, né? Não sei, se respondi sua pergunta.

Só reafirmando, o motivo pelo qual a senhora escolheu a carreira universitária... a senhora disse no começo do vídeo, mas eu gostaria que falasse novamente.

O que motivou mesmo foi o fato de eu estar no mestrado....

Então foi a partir do mestrado que a senhora gostou da vida acadêmica?

Eu comecei a viver mais a pesquisa, o ambiente acadêmico, a gente faz uma imersão nisto, né? Quando a gente está fazendo o mestrado. Aí, me despertou o interesse, entendeu? De ir para a carreira acadêmica e para entrar para a universidade.

16- Quais foram os cargos assumidos pela senhora na UEMS, durante toda a sua carreira?

Eu fui docente, fui chefe do núcleo de pesquisa em educação, eu fui coordenadora de curso de graduação;

Qual curso?

Do curso normal superior,

Fui gerente de unidade, fui Coordenadora do Mestrado em Educação, profissional em Educação... e agora, fui coordenadora de *Latu sensu*, de curso de especialização. E, agora estou vice reitora.

17- A senhora já mencionou, mas eu gostaria que desse mais detalhe sobre sua relação com a pós-graduação.

Aquilo que eu já te falei, quando eu entrei no mestrado eu já me apaixonei pela pós-graduação, pela pesquisa, pela a vida acadêmica. Quando eu entrei na UEMS, eu sempre trabalhei buscando isto, eu sempre quis ver a UEMS, forte na pós-graduação. O meu primeiro passo foi abrir o curso de especialização por que? Do curso de especialização ele já é um germe ali para você forma grupo de pesquisa... A UEMS na época, tinha pouco professores na área da educação que tinha o mestrado e doutorado, que é uma exigência para poder ter a pós-graduação. Eu sempre trabalhei com aquele objetivo de criar um curso de *stricto-sensu*, na área da educação. Ai! Só que ...como a universidade ela é muito ... a nossa configuração é multicampi, nós temos assim grupos muito espalhados, então nós tínhamos um grupo forte na área da educação em Paranaíba e um grupo forte também aqui em Campo-Grande. Então a professora Doracina foi pioneira neste sentido, ela puxou este grupo lá para Paranaíba para ofertar o mestrado em Paranaíba. Praticamente 50% do corpo docente no início do mestrado em Paranaíba, era 50% Paranaíba, 50% praticamente aqui, em Campo-Grande e tinha a professora Maju que era de Dourados, exceção da professora Maju Então assim, nós fizemos assim um trabalho, um esforço de viajar, de compor com o grupo de Paranaíba, pra gente poder iniciar a pós-graduação em educação na UEMS e deu muito certo a gente trabalhou em uma proposta legal lá e depois abrimos outro programa aqui na unidade de campo-Grande, o Mestrado Profissional; e a gente está trabalhando agora para trazer um doutorado para nossa universidade, na área da educação.

18-Quais enfrentamos que a senhora teve na UEMS, quando assumiu cargo de liderança?

Os enfrentamentos que a gente teve, é...às vezes [...] a UEMS, cresceu rápido...por exemplo, nós temos 26/27 anos, 27? De criação de UEMS, é...agora 27. A UEMS ela cresceu rápido, mas a estrutura administrativa dela não acompanhou, vamos dizer assim este crescimento. Então, por exemplo, a UEMS hoje ela é uma instituição grande, mas há muito prática ainda de instituições pequenas. Então eu acho que a maior dificuldade de cargo de gestão da UEMS, é você assim conseguir conciliar as necessidades que é a pós-graduação, pesquisa tem...com um formato de universidade que é ainda muito incipiente, vamos dizer assim? Algumas unidades da UEMS ainda são bem pequenas né, a gente tem que ter uma gestão que consiga trabalhar de maneira adequada com esse formato da UEMS, que é um formato muito interessante e muito importante que faz parte da missão da UEMS, que é levar a educação superior no interior do estado. O maior enfrentamento que a gente teve foi com isso, com a estrutura de gestão da UEMS, é uma estrutura muito enxuta e muito ainda centralizada...é uma coisa que a gente não rompeu até hoje! Então por exemplo, você pega outras universidades vamos ver o exemplo a Universidade Federal, os Institutos Federais e até algumas estaduais ...elas não têm só uma administração central. Então a gente precisa trabalhar na UEMS, com essa política de descentralização; a UEMS ainda tem uma política muito centralizada. Os maiores enfrentamentos são esses... são no sentido de romper com algumas rotinas de trabalho, com uma gestão que é muito centralizada enquanto as unidades precisam ter mais autonomias dentro das unidades, até porque o fluxo de trabalho e os projetos conseguir desenvolver com uma certa agilidade.

19-Celi, o que é ser mulher, professora, universitária nesta universidade?

Nossa, no mínimo é uma coisa assim muito complexa, porque veja bem. Hoje nem tanto..., mas pensar um tempinho atrás que os cursos da UEMS... A UEMS teve uma época que tinha os cursos eram transitórios, não era este nome... mas agora é que eu não estou lembrando.

Rotativo.

Rotativo, isto...a UEMS trabalhava com rotatividade de cursos; você imagina então a mulher, mãe, professora e tal conseguir conciliar a vida pessoal, profissional com a carreira tendo que fazer esse trânsito entre os municípios de viajar e tendo que deslocar. O maior enfrentamento da UEMS, hoje a maior dificuldade é esta, o deslocamento. Hoje melhorou muito porque a UEMS não tem essa política de rotatividade; mas ainda sim, existe sim muito deslocamento com alguns trabalhos como por exemplo alguns professores ainda viajam para dar aula em pós-graduação, ainda algumas viajam para poder trabalhar em outros municípios ...então eu digo para você ser mulher, ser professora e mulher na UEMS, é no mínimo uma coisa muito complexa e que existe muita resiliência, né? Muita vontade, muita garra e muita persistência mesmo para poder desenvolver o trabalho.

20-Quais as causas defendidas pela senhora na UEMS?

Bom, a primeira causa defendendo seja onde eu estiver é a educação das pessoas com deficiência. Está aí é o meu lema de vida e com ela a inclusão daqueles que mais precisam da educação. Tem uma coisa que eu mais me orgulho na UEMS é desse caráter inclusivo que ela tem; a UEMS é uma unidade que ela tem um perfil inclusivo seja porque ela foi uma das primeiras para pensar as cotas raciais, depois uma universidade que sempre trabalhou com a inclusão seja no ensino da pesquisa e da extensão. Eu mesmo já coordenei vários, muitos cursos de especialização para formação de professores e estamos na batalha aí para poder abrir cotas para deficientes na graduação; é uma coisa que nós estamos devendo ainda ...uma dívida que nós temos com pessoa com deficiência ainda. Já temos cota na graduação para pessoas com deficiência, de gênero, racial e indígenas. Eu ajudei a escrever esta resolução agora. Mas não estou lembrando! A UEMS tem esse perfil ne, esta identidade.

21- Celi, se a senhora olhar para sua carreira na UEMS, qual foi seu maior desafio na UEMS? O maior, este eu não esperava. Observando que nós temos vários no dia a dia, situações que não do certo, enfim.... Qual foi seu maior desafio até o momento na universidade?

O meu maior desafio está sendo ser vice reitora porque daí, a instituição...ela tem uma cultura institucional e você ajuda a construir esta cultura. Mas, quando você está à frente do processo e você precisa romper com algumas questões que você não concorda ou que não fazem parte daquilo que você acredita enquanto instituição, é. Quando você tem que lidar com isso na frente, na frente no comando é alguma coisa muito desafiadora; bom a gente está se reinventando todos os dias, repensando, revendo, retomando, é tudo (re), (re) aprendendo, (risos),

(Re) elaborando

(Re) elaborando (risos), é isso aí.

Envolve também o ser mulher

Ta bom, vou te falar o ser mulher, às vezes eu vou em reuniões no meio político e sou a única mulher, às vezes eu sento em uma mesa de cerimônia de solenidade e sou a única mulher. Então,

de certa forma é um desafio muito grande. Nós vivemos em um mundo pensado pelos homens e para os homens, então você romper com isso é muito difícil, é um exercício diário, por isso que é um desafio essa função que estou exercitando agora; porque você tem o tempo inteiro reafirmar sua posição enquanto mulher, mulher pesquisadora

Mulher pesquisadora, mulher dê conhecimento

Isto, a mulher que conhece e que quer ser ouvida e que precisa ser ouvida e que dá liberdade para se ouvir.

A senhora foi a segunda mulher que assumiu a pró-reitora....

Sim, a pró-reitoria né? Nós tivemos uma reitora mulher que foi a professora Leocádia, foi a primeira reitora, depois nós tivemos como vice reitora a professora minha amiga que foi vice do professor Fábio na primeira gestão dele. (eu estou péssima de memória Diego , eu não estou lembrando e ainda não tirei férias (risos), eu estou vendo o rosto dela, mas não lembro o nome)

22- Qual sua visão sobre a sua trajetória na UEMS?

Eu ajudei a construir muitas histórias na UEMS. Eu termino assim a minha carreira na UEMS daqui mais uns anos de consciência muito tranquila, trabalhei sempre pensando na universidade, em uma universidade em que eu acredito, em uma universidade que tem uma qualidade social, em uma universidade inclusiva, em uma universidade que contribua para cidade de forma efetiva tanto na formação inicial quanto na formação continuada, tanto na pesquisa, na extensão. Então assim, eu olho para minha carreira hoje e olho com gratidão, no sentido que eu aprendi muito e devo muito o que eu sou na UEMS, o trabalho e a instituição em que você trabalha você ajuda a constituir esta instituição; mas você também é constituída por ela... são uma dialética. Então assim, a UEMS está em mim e eu estou na UEMS e isso, nada vai mudar.

23- Teve algum projeto que não conseguiu realizar na UEMS?

Não. Todos foram aprovados. Uma outra coisa que eu queria dizer, Diego, uma luta que a gente travou foi abrir uma unidade em Campo-Grande também e eu me orgulho de ter travado está luta, por quê? Dourados, que é o maior número de cursos que é uma unidade forte inclusive porque ela é a cede, tinha muita resistência em abrir uma unidade em Campo-Grande, até por “N” questões; primeiro por política interna de achar que se abrisse uma unidade aqui a reitoria viria para cá, uma coisa que nunca vai acontecer porque a reitoria é em Dourados, está na constituição e tudo mais; mas assim tivemos um enfrentamento muito grande, tivemos que fazer muito trabalho político interno para poder conseguir o curso de Pedagogia aqui, abrir unidade aquie hoje, nós temos uma unidade forte aqui e é muito importante que a UEMS tenha uma unidade na capital, até para poder ganhar visibilidade na sociedade. Então assim, foi uma luta travada da qual eu me orgulho muito também.

24- Qual a diferença da professora que ingressou na UEMS e da professora atual?

Nossa, muita diferença, muita diferença! Eu entrei lá como professora de educação básica, que tinha vivência da educação básica e que tinha muita vontade de experimentar está outra vivência, nem melhor e nem pior; (é) outra vivência. E, hoje eu consigo e olhar para traz e perceber que tudo aquilo que eu vivi e pude viver na UEMS, me atirei em muitos projetos, trabalhei em muitos projetos e aquilo que eu te falei... me constitui como pesquisadora na UEMS, e hoje eu sou UEMS.

25- Qual significado de ser professora?

Para mim o significado de ser professora é ser útil para alguém, se é uma coisa que eu me orgulho muito é ter ajudado as pessoas a pensar diferente, a construir projeto, a acreditar nelas. Acho que é o maior legado de ser professora é contribuir na vida do outro, não existe outro legado maior que esse, contribuir na vida do outro.

26- Por último, qual legado que a senhora deixa para UEMS e para os futuros professores?

Nossa difícil esta pergunta, assim o maior legado que eu deixo para a UEMS são os projetos que construímos coletivamente e eu espero que os professores que virão continuam com este desejo e compromisso de construir uma universidade forte e que contribuía para vida das pessoas.

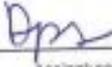
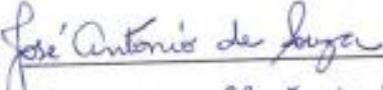
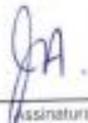
Celi, te agradeço pela sua disponibilidade e atenção comigo. Estou feliz e contemplado com sua história. Obrigado!

Eu quem agradeço.

ANEXOS

ANEXOS 1-FOLHA DE ROSTO-PLATAFORMA BRASIL

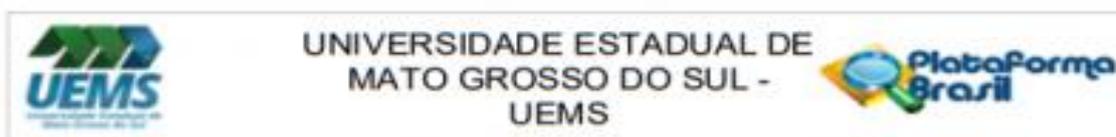
 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, DOCENTE DE MULHERES NA CARREIRA UNIVERSITÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS) (1994-2020)			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 4			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Diego Pereira da Silva Diego Silva			
6. CPF: 062.974.851-94		7. Endereço (Rua, n.º): Bruno Mariano de Farias, Industrial de Lourdes Casa PARANAÍBA MATO GROSSO DO SUL 70500000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 67951940412	10. Outro Telefone:	11. Email: dthiego.sp2@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 19 / 02 / 2020		Assinatura: 	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
15. Telefone: (67) 3503-1006		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 		CPF: 391.282.961-68	
Cargo/Função: <u>Coordenador Mestrado Educação</u>		Assinatura: 	
Data: 19 / 02 / 2020			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Prof. Dr. José Antonio de Souza Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação - UEMS/Paranáiba			

17. Nome 5525 FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP	18. Telefone:	19. Outro Telefone:
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.</p>		
Nome: <u>José Antonio de Souza</u>	CPF: <u>391.282.961-68</u>	
Cargo/Função: <u>Pres. Comissão de Bolsas</u>	Email: <u>joseantonio@uemsp.br</u>	
Data: <u>19</u> , <u>02</u> , <u>2020</u>	 Assinatura	

Prof. Dr. José Antonio de Souza
 Coordenador do Programa de Pós-Graduação
 em Educação - UEMS/Paraná

ANEXOS 2- PARECER DA PLATAFORMA BRASIL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE DE MULHERES NA CARREIRA UNIVERSITÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS) (1994-2020)

Pesquisador: DIEGO PEREIRA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 29240820.8.0000.8030

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.951.293

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que busca levantar dados pertinentes ao desenvolvimento profissional docente de mulheres na carreira universitária, tendo como aporte teórico as questões referentes a História Cultural e a História da Educação. O público-alvo são mulheres professoras que atuaram/atua em uma universidade pública do estado de Mato Grosso do Sul. A lógica proposta busca construir um arcabouço que permita perceber estas mulheres docentes enquanto protagonistas de um espaço que auxiliou a alicerçar a universidade enquanto instituição.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

- Contribuir para a produção de estudos sobre mulheres professoras e seu processo de desenvolvimento profissional na carreira universitária.

Objetivos Específicos:

Localizar professoras que se desenvolveram profissionalmente na carreira universitária no âmbito da UEMS; Realizar levantamento de bibliografia sobre o Desenvolvimento Profissional Docente de professoras universitárias e sobre a história da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS);

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx.351

Bairro: Cidade Universitária

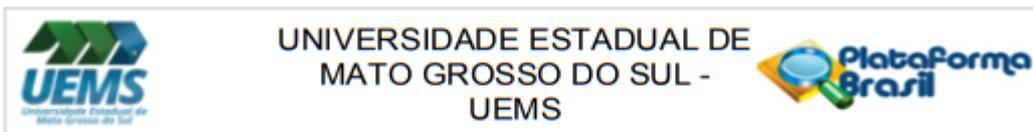
CEP: 79.804-970

UF: MS

Município: DOURADOS

Telefone: (67)3902-2699

E-mail: cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 3.951.293

Compreender a evolução, o investimento na carreira e o compromisso de professoras da UEMS como agentes de mudança, em busca tanto de aprimoramento da carreira universitária e profissional e dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, quanto da própria UEMS;

Analisar as contribuições de professoras para constituição da UEMS, como Universidade, aliada à história dessa instituição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Constatou-se a adequação deste item conforme solicitado no parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa atendeu as solicitações feitas pelo comitê conforme parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presentes e seguem o preposto na legislação vigente. A autorização para a realização da pesquisa foi assinada pela gerente da Unidade.

Recomendações:

Recomenda-se a aprovação da proposta.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

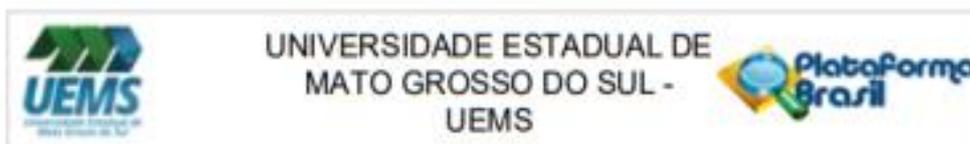
Diante do exposto, o CESH/UEMS, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO em virtude do(a) pesquisador(a) ter atendido as recomendações do parecer anterior.

Conforme orientações das resoluções vigentes que regem a ética em pesquisa com seres humanos:

* O pesquisador deve comunicar qualquer evento adverso ou alteração feita na pesquisa, imediatamente ao Sistema CEP/CONEP;

** O pesquisador deve apresentar relatório final ao Sistema CEP/CONEP, via notificação na Plataforma Brasil.

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 3.951.203

Considerações Finais a critério do CEP:

Boa pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1514210.pdf	06/03/2020 12:53:13		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/03/2020 12:52:40	DIEGO PEREIRA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Plataforma.docx	06/03/2020 12:51:46	DIEGO PEREIRA DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	19/02/2020 13:37:30	Diego Pereira da Silva Diego Silva	Aceito
Outros	ROTEIRO.docx	19/02/2020 13:36:22	Diego Pereira da Silva Diego Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLA_021021.pdf	19/02/2020 13:35:36	Diego Pereira da Silva Diego Silva	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_021022.pdf	19/02/2020 13:32:15	Diego Pereira da Silva Diego Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 02 de Abril de 2020

Assinado por:
Fabiana Perez Rodrigues Bergamaschi
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária CEP: 79.804-970
UF: MS Município: DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 E-mail: cesh@uems.br

ANEXO 3- CARTA- CONVITE

Prezada professora,

É com grande satisfação que venho convidá-la para fazer parte da pesquisa intitulada Desenvolvimento Profissional Docente de Mulheres na Carreira Universitária e suas Contribuições na Constituição da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) (1994-2020); desenvolvida por mim, junto ao Programa de Pós-Graduação (PGEDU), nível de mestrado, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, orientando da professora Dr^a Estela Natalina Mantovani Bertoletti. Sou Diego Pereira da Silva, discente do PGEDU e resido no município de Paranaíba/MS; sou Pedagogo e atuo na área de educação no projeto Tempo de Brincar e Teatro, vinculado à Secretaria de Cultura e Educação do mesmo município.

Na referida pesquisa elegeu-se o período de 1994 – ano de início do funcionamento da UEMS – a 2020 – ano de encerramento da coleta de dados. Pretendo com esta pesquisa contribuir para a produção de estudos sobre professoras universitárias e seu processo de desenvolvimento profissional na carreira universitária e compreender a evolução, o investimento na carreira e o compromisso de professoras da UEMS como agentes de mudança, em busca tanto de aprimoramento da carreira universitária e profissional e dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, quanto da própria UEMS. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista gravada em horário, local e por aparelho eletrônico de sua preferência, a partir de seu livre consentimento, sem haver prejuízos à participante, com o devido zelo pela sua integridade.

Caso a senhora aceite participar, contribuirá ativamente com narrativas acerca de sua experiência profissional na carreira universitária. As questões presentes na entrevista serão relacionadas às experiências relativas à docência, às dificuldades enfrentadas no processo de sua constituição como professora universitária e à contribuição com a UEMS. Caso a senhora queira deixar de participar em qualquer momento da pesquisa não sofrerá nenhum tipo de impedimento, sem sofrer prejuízo algum e não haverá nenhum tipo de interferência do pesquisador sobre suas respostas. A conclusão da pesquisa resultará em dissertação que terá resultados divulgados, tendo como finalidade contribuir com a área acadêmica da Educação.

O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética com seres humanos em março de 2020, sob número CAAE 29240820.8.0000.8030. A proposta do trabalho é ouvir e Registrar as vozes das professoras selecionadas e levá-las ao protagonismo de sua história, que

será transcrita e analisada. Na entrevista, farei perguntas referentes a sua história, considerando suas opções desde a infância até a vida adulta; carreira profissional e atuação na UEMS. São perguntas referentes à educação, à área profissional, ao seu olhar sobre sua história, sendo que a intenção é respeitar a mulher, a professora e a carreira construída pela senhora. Tenho compromisso com o campo de estudo e com honestidade intelectual buscarei ser mais o integro possível, dentro dos critérios estabelecidos, para selecionar as professoras para compor como sujeitos esta pesquisa.

Com ela, busco ouvir as mulheres professoras e entender os motivos pelos quais optaram por ser professoras na UEMS e como foi o desenvolvimento ao longo da carreira e formação, de modo a valorizar a profissão docente.

Encerro esta carta-convite com destacando que são as pedras no caminho que Enfrentamos que nos fazem ser quem somos.

Paranaíba, 22 de dezembro de 2020

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 4- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Fase 1 –MOMENTO/ ESCOLHA

1. Professora poderia me relatar sobre sua infância, as primeiras projeções de estudos, o primeiro contato com a escola, se houve incentivo de algum familiar?
2. Por que decidiu ser professora? Teve oportunidade de escolher outro curso?
3. Quando formou no curso de licenciatura, qual era sua expectativa naquele momento?
4. Teve alguma frustração, no início de sua carreira?
5. Passou em algum concurso neste período?
6. Realizou alguma Pós- Graduação neste período?

FASE 2- UEMS/ INICIAL

1. Quando soube da criação da UEMS? E, quais motivos decidiu ingressar na Universidade?
2. Conte um pouco sobre as formas de contrato de trabalho que teve na UEMS.
3. Qual a sua perspectiva na UEMS? Quais era seus objetivos iniciais? Ser apenas docente, estava preparada para assumir outros cargos além da docência?
4. O que foi ser professora da UEMS nos anos de 1994 a 1996, considerado o dia “D” (1995) e o status de Universidade em (1996).
5. Com aprovação no primeiro concurso realizado para lecionar na UEMS em (1998); o que mudou em sua visão?
6. Enfrentou alguma dificuldade no início da carreira, de ordem pessoal ou profissional? Quais foram? Como as superou?
7. Porque escolheu a carreira universitária?

FASE 3- UEMS/ SEU DESENVOLVIMENTO

1. Quais foram os cargos assumidos pela senhora na UEMS, ao longo de toda sua carreira?
2. Qual sua relação com a Pós-Graduação?
3. Quais enfrentamentos teve na UEMS, quando assumiu cargos de liderança?
4. O Que é ser Mulher professora Universitária nesta Universidade?
5. Quais as causas defendidas pela senhora na UEMS?
6. Qual foi seu maior desafio, ao longo da carreira na UEMS?
7. O que a levou a continuar seus estudos na pós-graduação?

FASE 4- SEU OLHAR/ UEMS

1. Qual sua visão sobre sua trajetória na UEMS?
2. Teve algum projeto que não conseguiu realizar na UEMS?
3. Qual a diferença da professora que ingressou na UEMS e da professora atual?
4. Qual significado de ser professora?
5. Qual legado a senhora deixa para a UEMS e para os futuros professores?